

Carlos Bernardo González Pecotche
RAUMSOL

COLETÂNEA DA
REVISTA
Logosofia



*Tom*o 2

EDITORA LOGOSÓFICA

“NAS ENTRANHAS DA AMÉRICA
GESTA-SE O FUTURO DA HUMANIDADE.”

RAUMSOL

ÚLTIMAS PUBLICAÇÕES DO AUTOR

Intermédio Logosófico, 216 págs., 1950. ^{(1) (2)}

Introducción al Conocimiento Logosófico, 494 págs., 1951. ^{(1) (2) (4)}

Diálogos, 212 págs., 1952. ^{(1) (4)}

Exégesis Logosófica, 110 págs., 1956. ^{(1) (2) (4) (6) (8)}

El Mecanismo de la Vida Consciente, 125 págs., 1956. ^{(1) (2) (4) (6)}

La Herencia de Sí Mismo, 32 págs., 1957. ^{(1) (2) (4)}

Logosofía. Ciencia y Método, 150 págs., 1957. ^{(1) (2) (4) (6) (8)}

El Señor de Sándara, 509 págs., 1959. ^{(1) (2)}

Deficiencias y Propensiones del Ser Humano, 213 págs., 1962. ^{(1) (2) (4) (6)}

Curso de Iniciación Logosófica, 102 págs., 1963. ^{(1) (2) (4) (6) (7) (8)}

Bases para Tu Conducta, 55 págs., 1965. ^{(1) (2) (3) (4) (5) (6)}

El Espíritu, 196 págs., 1968. ^{(1) (2) (4) (7)}

Colección de la Revista Logosofía (tomos I ^{(1) (4)}, II ^{(1) (4)}, III ⁽¹⁾, 715 págs., 1980.

Colección de la Revista Logosofía (tomos IV ⁽¹⁾, V ⁽¹⁾), 649 págs., 1982.

(1) Em português

(2) Em inglês

(3) Em esperanto

(4) Em francês

(5) Em catalão

(6) Em italiano

(7) Em hebraico

(8) Em alemão

Carlos Bernardo González Pecotche

RAUMSOL

COLETÂNEA DA
REVISTA
Logosofia



Tombo 2

3ª EDIÇÃO
EDITORA LOGOSÓFICA
2018

Título do original

Colección de la Revista Logosofía
Carlos Bernardo González Pecotche RAUMSOL

Tradução

Colaboradores voluntários da Fundação Logosófica em Prol da Superação Humana

Capa e projeto gráfico

Carin Ades

Produção Gráfica

Adesign

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

González Pecotche, Carlos Bernardo, 1901-1963.

Coletânea da Revista Logosofia, tomo 2 / Carlos Bernardo
González Pecotche (Raumsol) ; [Tradução: Colaboradores voluntários
da Fundação Logosófica em Prol da Superação Humana] – 3. ed. –
São Paulo : Logosófica, 2018. – (Coleção da revista logosofia)

Título original: Colección de la Revista Logosofia – Tomo 2
ISBN 978-85-7097-141-8

1. Logosofia I. Título II. Série.

12-03059

CDD-149.9

Índices para catálogo sistemático:

1. Logosofia : Doutrinas filosóficas 149.9

Copyright da Editora Logosófica

www.editoralogosofica.com.br

www.logosofia.org.br

Fone/fax: (11) 3804 1640

Rua General Chagas Santos, 590-A – Saúde
CEP 04146-051 – São Paulo – SP – Brasil,

da Fundação Logosófica
Em Prol da Superação Humana

Sede central:

Rua Piauí, 762 – Bairro Santa Efigênia
CEP 30150-320 – Belo Horizonte – MG – Brasil

Vide representantes regionais na última página.



EDITORA AFILIADA

Coletânea da Revista Logosofia

TOMO 2

Sumário

1. A amizade (Fevereiro 1941 – página 25)	1
2. Definição de conceitos ante as diversas formas adotadas pelo pensamento comum (Abril 1941 – página 19)	5
3. Um dilema de consciência: A liberdade como expressão de um mundo civilizado (Agosto 1941 – página 11)	7
4. As diversas vidas do homem (Outubro 1941 – página 9)	11
5. Conceito logosófico de “vontade” (Outubro 1941 – página 27)	15
6. O poder dos estímulos (Novembro 1941 – página 3)	17
7. Variações sintomáticas do temperamento humano: Movimentos mentais que delineiam interessantes quadros psicológicos (Novembro 1941 – página 9)	23
8. Caracteres peculiares da psicologia humana (Dezembro 1941 – página 13)	27
9. A suscetibilidade: Estados temperamentais – Perturbações psicológicas por ações reflexas (Dezembro 1941 – página 17)	31
10. O despotismo: Estudo crítico sobre a intemperança humana (Março 1942 – página 11)	35
11. A verdade sobre a palavra “poder”: Conceito logosófico (Abril 1942 – página 3)	39
12. O que a Logosofia chama de campo experimental (Maio 1942 – página 3)	45
13. A paciência como fator de êxito (Maio 1942 – página 17)	49

14. A confiança em sua expressão ética (Maio 1942 – página 19).	51
15. A inocência como fator de bem (Junho 1942 – página 7).	55
16. Traços científicos sobre a psicologia humana (Setembro 1942 – página 3).	59
17. O capital não existe: Cotação do esforço e soma do produto humano para a avaliação do trabalho (Novembro 1942 – página 5).	81
18. Conceito sobre a religião e os imperativos da consciência: O Templo do Conhecimento (Fevereiro 1943 – página 9)	89
19. Estudo sobre as perguntas e sobre o ato de perguntar (Março 1943 – página 3).	95
20. Concepção logosófica das palavras: Acepção do vocábulo “crer” (Abril 1943 – página 15).	101
21. A quinta-essência do pensamento original: Antes do Verbo foi a Mente (Maio 1943 – página 9)	105
22. Concepção logosófica das palavras: Acepção do vocábulo “igualdade” (Maio 1943 – página 13).	109
23. Concepção logosófica das palavras: Acepção do vocábulo “sensibilidade” (Junho 1943 – página 15)	115
24. O verbo logosófico e seu inconfundível caráter (Julho 1943 – página 5)	119
25. Concepção logosófica das palavras: Acepção do vocábulo “humildade” (Julho 1943 – página 9)	123
26. Particularidades básicas de certas reações: O amor-próprio (Julho 1943 – página 13)	127
27. A cultura: Suas três fases na vida do ser: superior, média e inferior (Agosto 1943 – página 3)	131
28. De como todos os seres humanos podem ser profetas (Agosto 1943 – página 13)	135
29. A dúvida. Seu equivalente moral e racional (Novembro 1943 – página 7).	141

30. O divino e o humano (Novembro 1943 – página 11)	145
31. Concepção logosófica das palavras: Acepção do vocábulo “simpatia” (Novembro 1943 – página 11)	149
32. A juventude no futuro dos povos (Dezembro 1943 – página 3)	153
33. Riquezas da natureza humana: As expressões do rosto (Abril 1944 – página 7)	159
34. A arte de ensinar e a vontade de aprender (Maio 1943 – página 3)	163
35. O poder de adaptação (Maio 1944 – página 9)	169
36. A personalidade ideal, o arquétipo e a edificação do conceito (Junho 1944 – página 3)	171
37. O fatalismo: Reflexões que o conceito logosófico sugere (Junho 1944 – página 9)	175
38. A vida interna e a vida de relação (Outubro 1944 – página 9)	179
39. O verbo do espírito e o verbo da matéria (Novembro 1944 – página 7)	183
40. Considerações sobre a palavra “anelo” (Março 1945 – página 25)	185
41. Aspectos da psicologia humana: A simpatia (Março 1945 – página 31)	187
42. A Lealdade (Março 1945 – página 33)	189
43. Altas finalidades da observação (Abril 1945 – página 23)	191
44. O espírito e o espiritual (Maio 1945 – página 3)	195
45. Orientações sobre a experimentação do conhecimento logosófico: A felicidade (Maio 1945 – página 15)	199
46. Concepção logosófica das palavras: Acepção do vocábulo “gratidão” (Junho 1945 – página 15)	203

47. A liberdade, princípio e fundamento da vida (Julho 1945 – página 3)	205
48. Duas tendências que fluem da psicologia humana (Julho 1945 – página 5)	207
49. O sentimento, força existencial da natureza humana (Setembro 1945 – página 3).	209
50. Verdade e sabedoria (Setembro 1945 – página 15).	211
51. A responsabilidade como expressão dos valores humanos (Outubro 1945 – página 3)	213
52. A indecisão em oposição ao livre-arbítrio (Novembro 1945 – página 11)	215
53. Deficiências do temperamento humano: Inclinação a incomodar-se (Dezembro 1945 – página 9)	217
54. As duas razões (Março 1946 – página 25).	219
55. A crise de conceitos – A verdade como norte (Abril 1946 – página 13).	223
56. A gratidão (Maio 1946 – página 13).	229
57. A colaboração, base de um futuro melhor (Agosto 1946 – página 3)	233
58. Onde começa e onde termina o tempo (Setembro 1946 – página 3).	235
59. A consciência, essência da vida (Outubro 1946 – página 3)	239
60. Os valores reais do homem (Dezembro 1946 – página 15)	241
61. Conceitos sobre política (Julho 1947 – página 7)	245
62. Particularidades psicológicas: O senso crítico. Conhecimento marginal (Agosto 1947 – página 3)	249
63. O descontentamento (Novembro 1947 – página 5).	253

A AMIZADE

Amizade! Ó sublime palavra, ante cuja invocação se desvanecem as sombras que isolam o espírito humano do diáfano esplendor que ilumina os afetos mais puros e santifica o sentimento que, pela força do vínculo, une as vidas na plenitude da confiança, do respeito e da indulgência mútua.

Excelsa expressão, que reafirma na consciência a maravilhosa concepção do princípio substancial que alenta nossa existência.

O homem que não rendeu culto à amizade poderá ter vivido como um ente bruto, mas nunca como um ser humano.



A amizade, tal como é no fundo e em sua singeleza, equivale ao afeto que, nascendo no coração dos seres humanos, emancipa-se de toda mesquinhez e interesse, enaltecendo e enobrecendo o pensamento e o sentimento dos homens.

Não se poderia conceber a amizade se ela não fosse presidida pelo ternário simpatia-confiança-respeito, indispensável para nutrir o sentir que a constitui. Se admitimos que o ódio é movido por espíritos em discórdia que as forças do mal aproveitam para ampliar sua abominação, com maior convicção ainda deveremos admitir que a amizade, encarnando o espírito de solidariedade pela compreensão do afeto, pode mover forças muito mais potentes que as do mal, pois ela é o grande ponto de apoio sobre o qual se concentram as maiores esperanças do mundo.

É pelo signo da amizade que se unem os homens, os povos e as raças, e é sob seus auspícios que há de haver paz na terra.

Se algo existe na natureza humana que demonstre de forma mais palpável a previsão do Criador Supremo ao lhe infundir seu hábito de vida é, sem dúvida alguma, a propensão de todo ser racional a estender seu afeto ao semelhante, já que nisso, poderíamos dizer, se apoia a manutenção ou perpetuação da espécie humana. A força que a amizade infunde reciprocamente nos seres sustenta a vida em meio a todas as adversidades e a perpetua, apesar dos cataclismos que o mundo já teve de suportar.

A amizade entre os homens consegue realizar o que nenhuma outra coisa consegue, por maior que seja. Não seria ousado afirmar que ela é um dos poucos valores de essência superior que ainda restam no homem, que o elevam e dignificam, tornando-o generoso e humanitário.

Quando este sublime sentimento deixa de existir como alavanca de entendimento, a humanidade despenca pela ladeira da destruição. É o que estamos vendo hoje no Velho Mundo. A cólera com frequência costuma tomar seu lugar, se ela não for arraigada profundamente na alma do ser, consagrando-se como parte incorruptível de sua própria vida.

Quem profana uma amizade lealmente forjada no crisol das múltiplas e mútuas provas que levam o selo da sinceridade comete um dos maiores pecados que mais cedo ou mais tarde haverá de purgar com merecidos castigos.

Não se violam impunemente os preceitos naturais que tornam possível a convivência humana. Toda amizade sincera é presidida pelo próprio Deus; quem traiçoa essa amizade comete, em consequência, uma inqualificável ofensa ao Supremo Juiz de nossos atos.

Embora seja certo que nem todos podem inspirar e ainda professar uma verdadeira amizade, por carecerem de sentimentos adequados que não desvirtuem o significado que substancia seu inegável mérito, ou por impedi-lo, geralmente, características mentais ou psicológicas adversas, é de todo ponto de vista admissível que possam, superando suas condições pessoais, alcançar a graça de uma amizade ou de muitas. Os néscios, sinônimo de insensatos, os hipócritas, os vaidosos e os cínicos só criam inimizades.

Mas uma coisa que não sabem os que destroem francas e nobres amizades é que a corrente de afeto altruísta bruscamente cortada por quem defrauda seu semelhante encontra sempre sólidos pontos de apoio no coração dos demais, daqueles que mais próximos estiveram dessa amizade.

Em geral, os homens esquecem em que circunstâncias nasceu esse sentimento e como foi aumentando gradualmente, até os limites do maior apreço. Daí também que apareça, na alma dos que o truncam sem justificativa alguma, o tão desprezível estigma da ingratidão.

Fácil será deduzir, pelo exposto, que a humanidade só deixará de existir como tal se a amizade se extinguir por completo no coração dos homens.

DEFINIÇÃO DE CONCEITOS ANTE AS DIVERSAS FORMAS ADOTADAS PELO PENSAMENTO COMUM



Desde muito tempo, poderíamos dizer desde que o homem começou a sentir as primeiras inquietudes a respeito das razões de sua própria existência, foi preocupação permanente encontrar ou descobrir a palavra mestra que guiasse o entendimento até os mais altos cumes do saber, acima das ciências e das crenças admitidas. Essa palavra viria a constituir-se na ciência-mãe dos homens, cuja função primordial seria a de abrir à inteligência humana as portas que dão acesso ao conhecimento das supremas verdades.

O homem inteligente, que nunca se conformou em renunciar a semelhante prerrogativa, buscou sempre por toda parte a oportunidade providencial de se pôr em contato com a dita ciência, ainda que desconhecesse sua existência ou considerasse que se achava longe de poder compreendê-la. Isto é evidenciado pelo fato de que, em todas as épocas, apareceram pensadores audazes que tentaram a empreitada, e, embora a quase totalidade tenha fracassado, deve-se reconhecer que seus esforços não foram em vão, já que inspiraram, com suas decisões e entusiasmos, não poucos acertos nas investigações que depois se seguiram sobre o particular.

A essa ciência universal e ilimitada deu-se o nome de Filosofia, porquanto de algum modo se devia chamá-la quando a ela se aludisse.

A reflexão nascente daqueles dias só levou em conta, ao produzir esse nome, o caráter familiar de seu significado, cuja ascendência na estima dos contemporâneos propiciou sua consagração definitiva.

De nossa parte, sustentamos que a Filosofia não é precisamente a ciência-mãe; mas pode ser considerada, sim, a ciência de enlace entre esta e as comuns, e diremos por quê.

A Filosofia não estabelece os princípios do ser e do saber. Não determina tampouco qual é a razão da ordem que impera na Criação nem apresenta a origem das leis que governam o espaço, o tempo e todas as formas de existência contidas no Universo. Com frequência ela precisa recorrer à Lógica para auxiliar-se em determinadas circunstâncias. Em nosso conceito, a Lógica é a ciência da sensatez.

Assim, por exemplo, quando a Filosofia tenta penetrar no campo das combinações mentais ou operações da inteligência humana, sempre se vê limitada pela ausência de noções sobre o mecanismo dominante do espírito, em estreita relação com as leis supremas que estabelecem em cada caso o mérito de suas aplicações. Além disso, essas leis supremas a que nos referimos, por serem independentes da natureza de nossos pensamentos, são a expressão mais viva das regras absolutas que regem o entendimento e alcançam também a todos os pensamentos que agem dentro da mente.

É indubitável que, quando os homens da Antiguidade designaram com o nome de Filosofia a ciência magna que haveria de abarcar todos os conhecimentos, não pensaram que poderiam existir hierarquias de conhecimentos que estivessem fora do conteúdo dessa palavra.

UM DILEMA DE CONSCIÊNCIA

A liberdade como expressão de um mundo civilizado



Não falemos do conceito que a maioria das pessoas tem sobre liberdade. Ser livre não é outra coisa, para elas, do que fazer aquilo que a cada uma mais apeteça; se está bem ou mal feito, isso não é o que importa, como tampouco é levado em conta quando lhes ocorre não fazer nada.

A liberdade se diferencia do livre-arbítrio pelo fato de que, enquanto a primeira tem sua expressão no externo, o último a tem no interno.

A liberdade de culto, de palavra, de comércio, como a de caráter político, social ou econômico, são produtos de uma manifestação que transcende o foro interno do homem. Essa liberdade é requerida por uma necessidade lógica da convivência humana e é, ao mesmo tempo, imprescindível para que as faculdades do indivíduo encontrem campo mais propício para seu desenvolvimento e função. Condená-lo a suportar uma opressão que o prive de sua liberdade é submetê-lo a um virtual embrutecimento.

O livre-arbítrio, enquanto não se projete para o externo, é inatacável e insuprimível. Pode um homem ser privado de sua liberdade, não se permitindo à sua pessoa mover-se à vontade, porém o livre-arbítrio continuará atuando internamente, já que ninguém poderá impedir a atividade que os pensamentos possam desenvolver dentro de sua mente. Cervantes, por exemplo, quando concebeu e escreveu no cárcere a famosa obra em que sintetizou boa parte das observações que havia feito sobre a psicologia humana, e que o imortalizou na alma de seus semelhantes, deu uma prova evidente de que não havia sido privado do livre uso de suas faculdades mentais.

Não obstante, o livre-arbítrio, ou seja, o exercício da razão em correspondência direta com as demais faculdades do sistema mental, pode ser eclipsado, quer dizer, reduzido ao mínimo e até anulado, se o homem é privado, desde a infância, de promover o livre jogo das funções que concernem à sua inteligência, pois é obrigá-lo a fechar sua mente a toda reflexão útil, sobrevindo em consequência, repetimos, a atrofia de suas faculdades e o debilitamento da razão até ficar anulada. Temos visto isso na Europa, nessas gerações que nasceram exclusivamente para servir a um só fim: adestrar-se como soldados e morrer nas frentes de batalha. Não houve para eles liberdade nem livre-arbítrio, já que ambas as coisas foram suprimidas, sem dúvida porque isso convinha aos planos daqueles Estados que hoje os enviam às mais horríveis matanças.

Desde um tempo que quase poderíamos dizer imemorial, a sociedade humana estabeleceu, no conjunto de suas leis, para suprimir o delito, a privação da liberdade. A delinquência, geralmente identificada na criminalidade, só foi castigada com a privação, imposta ao indivíduo, de todas as prerrogativas no uso e gozo de sua liberdade.

Pois bem, as nações e os povos dominados pela opressão dos que os submetem pela força das armas têm a mesma sorte daqueles que incorrem em falta. A inocência e a honradez recebem o mesmo tratamento. Para o conquistador, o povo vencido é qualificado como delinquente. Deixa de gozar do mínimo amparo a seus direitos e, à semelhança dos que são castigados nos cárceres por haver cometido graves infrações às leis, deve padecer os mais cruéis sofrimentos por faltas em que jamais incorreu.

Não deixa de ser um paradoxo o fato de aqueles que cometem os mais sangrentos crimes em tempos de guerra se acharem em liberdade, enquanto os que teriam preferido morrer a consumir o menor atentado contra seu semelhante – e somam milhões – se veem na situação em que deveriam encontrar-se os primeiros.

É possível, em tais condições, estabelecer uma ordem permanente no mundo? Por outro lado, pretender impor uma conduta única à humanidade é querer mecanizar o espírito e reduzir o homem à categoria de

um autômato; em outras palavras, é submergi-lo na inconsciência mais temerária e perigosa.

A liberdade humana, dentro da estrutura das leis que gravitam sobre a consciência do indivíduo, é a mais preciosa conquista da civilização atual. O dilema é claro e terminante: ou se aceita o triunfo da barbárie, com os povos se confessando culpados de todas as agressões cometidas pela delinquência, passando, por conseguinte, a ser cativos dos próprios delinquentes, ou se proclama o triunfo da civilização, que é o da sensatez, e se tomam todas as medidas para rechaçar o mal e trazer de volta aos foros da razão aqueles que, à margem dela, contam com a conquista do mundo pelo cerceamento dos atributos mais caros para a dignidade humana.

Chega-se a pensar que a opção já está feita, a julgar pela marcha dos acontecimentos. Os dias futuros dirão se as páginas que a História reservou para a nossa época haverão de ser escritas por mandado da força ou se serão ditadas pela razão das consciências livres.

AS DIVERSAS VIDAS DO HOMEM



Talvez seja necessário prevenir o leitor, ou pelo menos deixar-lhe assinalado, que, ao escrevermos o título deste artigo, provavelmente tivemos o mesmo pensamento que ele teve, já que outra coisa não poderia vir à mente senão a tão falada particularidade atribuída aos gatos de possuírem sete vidas. Entretanto, deixemos tranquilos esses felinos domésticos, que nada têm a ver com as diversas vidas do homem, cuja existência vamos demonstrar em sérios e profundos estudos.

Costuma-se ouvir muito frequentemente esta ou aquela pessoa dizer: “Em minha vida de estudante eu fazia tal coisa”, ou “em minha vida de universitário”, ou “de solteiro”, ou “de casado”, ou “de soldado”, ou “de marinheiro”, etc. Pois bem, com isso já temos a primeira confirmação de nosso tema.

O homem reconhece, quase implicitamente, que sua existência física se divide numas quantas vidas que ele recorda e às quais atribui, às vezes com bastante emoção, um significado particular e diferente do que tem o restante de seus dias. É que esses trechos ou períodos são, na verdade, como vidas que se vivem dentro do espaço que a existência engloba. E são vidas tão à parte, que inclusive têm uma característica definida, tal como ocorre à vida mesma em seu conjunto de circunstâncias e incidências próprias do indivíduo.

Até aqui mostramos o que ocorre e que é fácil de observar na generalidade das pessoas.

Vejamos agora quantas espécies de vida o ser tece durante o curso de seus dias.

Se fizermos uma prolixa discriminação dos fatos vividos, quer dizer, do caráter de cada circunstância promovida no cenário da existência, no que concerne àquilo que ocupou o tempo e a atenção individual,

observaremos que muitos acontecimentos se relacionam entre si, enquanto outros, seja por sua índole, seja por sua natureza, na verdade formam capítulos à parte, que de modo algum se coordenam com os demais. Cabe, pois, fazer uma classificação na sucessão das imagens que desde o nascimento se alternaram e matizaram o cenário a que acabamos de aludir, devendo o leitor entender que, logosoficamente, chamamos de imagens a todos os quadros ou cenas vividas aqui ou acolá, nesta ou naquela data.

Se cada um se situar como espectador de seus próprios feitos, notará que foi protagonista de inumeráveis episódios, a maioria sem nenhuma conexão com os demais; é como se fossem ligações cortadas, ou motivos caprichosos que não possuem, em muitos casos, justificativa ou razão de ser e que, em outros, apresentam sentido incoerente e não condizem com a vontade ou com o livre juízo de quem promoveu tais incidências em seu haver histórico.

Assim, por exemplo, temos o caso do homem que cuida diariamente dos seus negócios. Aqui as cenas se sucedem de forma correlata, dentro do espaço de tempo dedicado a essas tarefas; as imagens são coordenadas e aparece delineada uma vida nessa ordem de atividades. Mas esse homem, nos espaços vazios de tempo que suas ocupações lhe deixam, ou ao terminá-las a cada dia, encontra-se com amigos e dispõe-se a ocupar o tempo em outras coisas; tantas podem ser, que bastaria enumerar algumas para se ter uma ideia: jogos, festas, jantares, viagens, como também ocupações de caráter intelectual ou espiritual. Bem, nas imagens que se sucedem nessas outras atividades, o ser vincula-se a pessoas, lugares, etc., o que vai constituindo o acervo das recordações. Se essas cenas se repetem com frequência e regularmente, como no caso dos negócios, formam ou tecem, por assim dizer, uma vida decerto muito diferente, em substância ou conteúdo, da habitual. Se são interrompidas, ficam então como fragmentos de tal ou qual gênero de vida, sem vinculação com outros, ainda que possam voltar a atualizar-se em determinados casos, ao retomar o protagonista o fio dessas passagens vividas; por exemplo, o jogador que abandona o vício e um belo dia volta em busca dos ambientes da jogatina. Nestes casos, a união dos tempos é nociva e, portanto, prejudicial para o ser, pois conecta

novamente as imagens semelhantes de episódios que, ainda que aparentemente gratos, sempre acabam por produzir um debilitamento moral. Temos também o caso de velhas amizades que apareceram vinculadas a fatos ou circunstâncias ligados à própria pessoa. Seja por encontros casuais, o que é mais comum, seja por ligações de outras amizades, elas voltam a se conectar, estabelecendo-se uma nova corrente de simpatia ou de afetos que passam a pertencer à vida familiar, ou seja, a essa vida de relação circunscrita ao setor das experiências humanas.

A vida em família, a que concerne diretamente às responsabilidades íntimas, compreende outra espécie de vida em que se enlaçam os afetos, os deveres e as preocupações de ordem exclusivamente doméstica. O homem dispõe de um tempo e um espaço de existência que ele consagra à sua família, o que viria a representar, por sua vez, uma vida em que as imagens vividas ou por viver são de uma natureza diferente das demais, porém similares às que concernem a esse setor.

Temos as imagens que se promovem e se projetam na vida de um político, de um militar, etc., assumindo todas elas uma correlação de aspectos idênticos, já que cada atuação, em qualquer uma dessas vidas, se caracteriza por sua particular e inerente peculiaridade. O político falará, escreverá e se moverá dentro do campo de suas atividades, absorvido por tudo o que concerne à política; de modo idêntico, o militar, o profissional e toda pessoa que tiver uma ocupação determinada ou que, melhor dizendo, concentre a maior parte de sua atenção diária.

Mas essas pessoas também dedicam uma parte do tempo, como já foi referido em parágrafos anteriores, a estudos e a diversões, segundo sejam por um lado suas aspirações e, por outro, seus desejos.

Observe-se que tomamos, como exemplo desses casos, seres que possuem uma cultura e uma disciplina que se enquadram dentro de um tipo de vida mais ou menos regular. Mesmo assim nós os vemos levando dois, três, quatro e mais gêneros de vida em que intervêm diretamente como atores.

Também atuam naquelas que poderíamos chamar de “pequenas vidas”, quando, por causas próprias ou alheias à sua vontade, se veem

impelidos a incursionar em campos que não são de sua particular predileção, ou que, em sendo, deles permaneceram afastados por razões de diversa natureza. Ali os vemos vinculando-se, em muitos casos, a episódios isolados, a imagens que ficam na recordação e que às vezes aparecem em instantes de revivência mental, mescladas com a fumaça do charuto, e outras vezes para prevenir, nos momentos de reflexão, a repetição daqueles que não foram gratos.

Todos esses trechos de vida que, como a vida mesma, têm um princípio e um fim, têm merecido um estudo à parte, no qual a Logosofia descobre mistérios que parecem insondáveis para a inteligência humana. Em edições posteriores, voltaremos a nos ocupar deste tema, que é por demais interessante e de sumo valor para o conhecimento de todos.

CONCEITO LOGOSÓFICO DE “VONTADE”



A palavra vontade é uma das mais utilizadas para exprimir a conduta que cada um adota diante dos problemas que se lhe apresentam ou das circunstâncias que, num sentido ou noutro, o levam a agir. Esta palavra é também a que goza, por assim dizer, de um raro prestígio no léxico da moral corrente; entretanto, quantos são os que realmente possuem vontade e governam por si mesmos sua vida física e espiritual?

Quem não conheça como atuam os pensamentos e não saiba diferenciar os alheios dos próprios não poderá, a nosso juízo, alegar que é dono de si mesmo e, por conseguinte, de sua vontade, já que o governo de sua mente será sempre compartilhado – e não iríamos muito longe se disséssemos que totalmente exercido, em alguns casos – por pensamentos que não são seus.

Para ser efetivamente dono da vontade, é necessário primeiro ser dono da própria mente. O exemplo mais claro que se pode apresentar a este respeito é o de uma casa com seus moradores e com os que a frequentam, parentes, amigos, etc. O dono da casa é quem permite a entrada e a permanência destes, e cuida para que nela reinem o bem-estar e a harmonia. De modo algum admitiria que qualquer recém-chegado tomasse a batuta e dispusesse segundo seu capricho os lugares, móveis, valores, etc., nela existentes. Como se vê, na vida corrente ninguém toleraria uma situação semelhante; entretanto, no que concerne à sua “casa mental”, quase todos a toleram, e até com certa complacência.

Muitos vivem submetidos a verdadeiras tiranias impostas por sugestões derivadas do ambiente, confundindo os ditames de qualquer um desses hóspedes (pensamentos alheios), quase sempre indesejáveis,

com atuações provenientes de uma vontade cuja firmeza apregoam com ênfase a cada passo. Às vezes, essas tiranias provêm do “que os outros vão dizer”, terrível bloqueio moral que oprime o livre-arbítrio no sentido da responsabilidade individual.

Quando é que um homem dá mostras de realmente possuir vontade? Quando todas as suas palavras e atos estão vinculados e harmonizados entre si e não há interrupções, incongruências, contradições ou, simplesmente, elementos perturbadores dentro do conjunto de atividades e pensamentos que constituem sua vida.

O PODER DOS ESTÍMULOS



Nada gravita mais sobre a vida do ser do que o estímulo, e nada se mostra mais esquivo às pretensões humanas.

O homem anda, por assim dizer, às tontas pelo mundo, como a nave que sulca os mares sem direção, como as nuvens que vagam pelo espaço. Salvo raras exceções, passa seus dias imerso na maior desorientação. É visto constantemente a se queixar de sua sorte, deprimido e até enfasiado com as diversões. Poderíamos dizer que ele não encontra na vida justificativa para sua existência. E se por momentos algo satisfaz seu espírito, saturando-o de felicidade, isso é só um instante em relação à distância que medeia entre o princípio e o fim de sua vida.

O desconhecido o atrai, uma vez que tudo é mistério para ele. Seu conhecimento é ínfimo, se comparado com toda a Sabedoria que o rodeia e que, por sua limitação, não percebe; inconscientemente, porém, experimenta uma necessidade íntima de penetrar e descobrir, para tranquilidade própria, tudo aquilo que seu entendimento não discerne, que nem sua razão nem sua inteligência podem julgar, e que por um desígnio natural excita e fustiga constantemente sua natureza, convidando-a a participar da vida universal que flui de toda a Criação; a essa vida o homem permanece alheio, desconhecendo-a e até menosprezando-a em sua total intemperança, como uma prova cabal e irrefutável de sua inconsciência.

Toda a desdita do ser humano provém, precisamente, da incapacidade para organizar a vida e encarar os problemas da existência como corresponde à hierarquia de seu gênero.

É notável observar que, sendo o estímulo o que instantaneamente produz um efeito edificante, a ponto de reavivar um entusiasmo incomum no indivíduo, este se preocupe tão pouco em aproximá-lo de si, para experimentar as saudáveis reações que proporciona à alma. Pode-se dizer que o estímulo é como que uma força viva que interpenetra o ser e o satura de novas energias; mas poucos, muito poucos, são os que sabem aproveitar esta força viva e manter o máximo de tempo possível a reação benéfica do estímulo, conservando o entusiasmo que ele gera.

Quando o ser se sente animado pelos melhores anelos e empreende um labor que lhe resulta grato e propício à sua evolução, deve tratar de não desanimar em seus afãs, bem como de manter o ritmo de suas atividades, esforçando-se para que estas não decaiam ou se ressintam, a fim de não experimentar as consequências desfavoráveis da inércia mental, pois bem se sabe que ela traz consigo a indolência, o tédio e o abandono.

A atividade mental⁽¹⁾ deve representar para o ser humano o único campo favorável ao maior desenvolvimento de suas faculdades. A capacitação individual se obtém graças à intensidade da atividade e à perseverança nos objetivos. Temos, portanto, que a capacidade de produção será tanto maior quanto maior for o esforço e mais firme a vontade de produzir.

O conhecimento daquilo que cada um se propõe a fazer é o que garante a eficácia das ações e o que assegura o êxito.

A atividade é sinal de um bom estado mental. Quando o homem trabalha, não há agitações mentais nocivas nem maus pensamentos. A ociosidade procria o vírus do inconformismo e gera as ideias mais estranhas ao sentir e à moral humana.

A atividade mental cria novas necessidades para a inteligência, e esta, por sua vez, estimulada pelos acertos da razão, expande suas luzes, atende e resolve as novas situações que se apresentam, permitindo uma atividade ainda mais intensa.

⁽¹⁾ Estudo, investigações, gestão por próprias iniciativas, debates sobre o conhecimento transcendente, aperfeiçoamento, etc.

Todo labor construtivo do espírito gera estímulos que devem ser aproveitados para organizar de forma constante as energias internas. Entretanto, percebe-se na maioria das pessoas – e isto deve indubitavelmente ser atribuído à não posse dos conhecimentos básicos compreendidos no esquema da própria vida – que esses estímulos não são captados pelo entendimento, resultando disso, em muitos casos, uma diminuição do entusiasmo, um desânimo e até, se se quer, uma desmoralização.

Geralmente se espera que os estímulos sejam propiciados por terceiros ou que a sorte – fator no qual tantos confiam ingenuamente – se encarregue de prodigalizá-los com inteira liberalidade. Isto implica, é claro, correr o risco de a pessoa se ver, algumas vezes, defraudada nas esperanças e ilusões.

O que essa maioria a que nos referimos não sabe – e dizemos que não sabe porque, se soubesse, já o teria posto em prática – é que é preciso criar os estímulos e saber como podemos nos servir deles para erguer a própria vida acima de toda adversidade, elevando-a até os confins mesmos da superação humana.

Criar estímulos para que eles constituam a fonte de energias mais fecundas, aí está o segredo. É necessário que a força flua permanentemente do interno, a fim de satisfazer às exigências do externo. O sono, por exemplo, pode reparar parte do cansaço ou das energias gastas durante as atividades do dia, porém não dota o ser de novas energias, sobretudo daquelas que inflamem de alegria e entusiasmo o espírito. O estímulo tem essa propriedade. É a vida que se resolve no próprio problema de sua existência.

Os estímulos têm sua dimensão e seu caráter, e ainda podem ser classificados em positivos e negativos.

O homem que trabalha e semeia o bem cerca-se de estímulos positivos; completamente contrário é o que ocorre com aquele que se comporta mal e tem como única ocupação o ócio, caso em que os estímulos são negativos. O empregado que se empenha no cumprimento de seu dever consegue de seus patrões o estímulo da compensação, em salário e posição hierárquica, como consegue o estudante ou o militar no que corresponde às respectivas carreiras. O afeto cria o estímulo do afeto e da simpatia; a honradez e a boa conduta do jovem ou da jovem cria o estímulo da confiança; a carta de amor, o da resposta; o labor do sábio, o da glória de seus descobrimentos.

Não deixa de ser lamentável observar até que grau tão alarmante as pessoas se desalentam e sofrem as penosas alternativas de sua volubilidade, por carecerem completamente de estímulos. São como a bateria de um automóvel velho que é necessário carregar com frequência para que ele siga rodando.

A Criação, sábia e perfeita, é a fonte suprema de todas as inspirações humanas. Ela mostra ao homem o poder dos estímulos, para que os use em benefício de sua própria evolução, mas, como isto não parece ser percebido, ele espera sempre dos demais o que não sabe oferecer a si mesmo.

A necessidade costuma ser, em todos os casos, o grande acicate que induz a criar estímulos, a fim de que sejam motivo de impulsos motores da vontade para encarar atividades antes evitadas por temor ao fracasso. Porém, como a vida é luta e a luta de modo algum significa pessimismo ou derrota, mas sim a própria vida cumprindo seu papel ante os fins da evolução, a ninguém deve surpreender que muitas vezes, nos momentos de premência e angústia, surjam perspectivas de estímulos que o homem não teria sido capaz de criar para si nos momentos de sossego.

Todo esforço fecundo sempre gera estímulos que fortalecem o ânimo e asseguram a solidez dos empenhos. É lamentável ver quantos são órfãos deles, solicitando-os constantemente para terem um incentivo em que depositar suas esperanças. Falta-lhes, precisamente, aquilo que podem encontrar em todas as partes.

O abandono, a displicência, tão comuns na espécie dos usuários das calças e das saias, inibem a estes de poder desfrutar as delícias do otimismo fundado na razão dos acertos, que são, sem nenhuma sombra de dúvida, estímulos nada desprezíveis.

Uma atividade interrompida bruscamente pode malograr muitos estímulos e, até mesmo, o próprio processo da evolução em direção a um destino melhor.

A ofensa que uma pessoa dirige a outra cria um estímulo adverso, negativo, pois em vez de ter a virtude do estímulo positivo, que reanima o ser e o faz conceber dias mais felizes, o deprime e o entristece.

Os que seguem os estudos logosóficos terão podido facilmente descobrir a importância destes conhecimentos e quanto aliviam as aflições da inexperiência, saturando a alma de bem-estar.

Nas coleções da revista “Aquarius”⁽¹⁾ – anos 1935 e 1936 – existem ensinamentos de sumo valor que esclarecerão ainda mais o que foi tratado nestas linhas. Para finalizar, acrescentamos que o poder dos estímulos tem uma influência decisiva nas possibilidades humanas de superação integral.

⁽¹⁾ *Publicação dos anos 1931 a 39, que difundia os conhecimentos logosóficos.*

VARIAÇÕES SINTOMÁTICAS DO TEMPERAMENTO HUMANO

*Movimentos mentais que delineiam
interessantes quadros psicológicos*



Cumprindo com o propósito de publicar os estudos que a Logosofia apresenta sobre a psicologia humana em seus diversos aspectos e complexidades, vamos dar a conhecer, nesta exposição, uma das tantas observações realizadas no seu vasto campo experimental, e que se acha compreendida entre os numerosos pontos tratados por esta nova ciência do saber, ao enfocar e captar os mais curiosos e variados estados de ânimo que ocorrem no curso da vida do ser.

Para o observador comum, e mesmo para o logósofo não muito experiente, é difícil penetrar e compreender, em seus efetivos alcances, todos os movimentos mentais⁽¹⁾ que aparecem configurando um determinado estado de ânimo, dos tantos que caracterizam a psicologia humana. Daí que surpreendam, naturalmente, as mudanças – em relação à sua conduta anterior – de atitude, de posição e até de inteligência, de um ser qualquer com quem se manteve uma estreita amizade.

Pouco menos que inexplicáveis são sempre os desentendimentos que se produzem inesperadamente entre as pessoas animadas por um afeto sincero e pela melhor disposição de cordialidade. É que, além das palavras pronunciadas e das atitudes adotadas sob a sugestão daquilo que possa provocar esses estados de desentendimento, existem certos

⁽¹⁾ A Logosofia chama de **movimentos mentais** aqueles gestos imperceptíveis que expressam, com visível eloquência, o pensamento que se oculta para evitar que o semelhante se inteire do que realmente se pensa e das verdadeiras intenções.

movimentos mentais que só é capaz de surpreender e interpretar, sem temor a equivocarse, quem conhece a fundo o complicado sistema mental ou se acha intimamente familiarizado com os conhecimentos básicos a seu respeito. Assim, por exemplo, acontece com duas ou mais pessoas que mantêm a melhor das amizades; uma amizade que bem pode ser tida, no caso que estamos tratando, como originada de vínculos de família, comunhão de ideais, idêntica vocação, ou de afinidades de índole mental, espiritual ou artística. Por uma ou mais circunstâncias surgidas por motivos alheios à vontade de tais pessoas, uma delas, levemente a princípio e com maior intensidade depois, vai experimentando uma espécie de reação íntima, motivada por um estado de suscetibilidade já aprofundado, que se manifesta em imperceptíveis expressões de contrariedade. (Estamos considerando um episódio da vida psicológica humana em que as atitudes do ser em estudo, ainda que pretenda aparentar o contrário, em nada se justificam; muito pelo contrário, afastam-se a uma grande distância do campo franco e sincero da sensatez.)

A partir desse momento, a amizade, antes estreita e cordial, sofre os primeiros agravos pelas restrições afetivas; a cordialidade e a lealdade pouco a pouco são desalojadas, aparecendo em seu lugar a hostilidade, encoberta sob as prerrogativas que a amizade lhe havia concedido. É o rubor do aborrecimento, que o ser cuida muito de manter oculto, para que não incendeie o rosto com as labaredas da ira.

As situações costumam às vezes combinar-se tão extraordinariamente que chegam a tirar, da mente de quem foi colhido pelas malhas sutis da suscetibilidade, até o menor pensamento de dúvida acerca das conclusões a que foi chegando a respeito de seus amigos, e assim se vai cimentando, mais propriamente, uma marcada aversão que o leva à convicção sobre os movimentos mentais e as atitudes que manifesta. É que, enquanto tudo isto ocorre sem explicação para eles, na mente do dissidente, como consequência das mudanças de atitude a que a princípio nos referimos, vão surgindo inquietações e prevenções que, mesmo que cedam ante os protestos de amizade que em certas ocasiões possam mutuamente se fazer, voltam a recrudescer tão logo são

suscitadas por qualquer circunstância em que a intervenção de um ou de outro acentue, em aparência, o já delicado estado de coisas.

Há palavras que ocultam determinados movimentos mentais. As brincadeiras são dessa espécie quando nelas não se percebe o anelo puro de uma expansão espiritual, de uma alegria comum a que têm direito tanto quem as faz como quem delas é alvo. Também há movimentos mentais que não aparecem manifestados pela palavra, mas nem por isso deixam de evidenciar a predisposição e o estado daquele que é surpreendido pela penetração de quem aprofundou o conhecimento logosófico a respeito.

É fácil para o ser negar os pensamentos que o animam ou animaram em determinadas circunstâncias, pelo fato de não tê-los manifestado na palavra ou na ação; mas esse não é o caso, pois costuma ocorrer uma infinidade de alternativas que fazem variar as apreciações formuladas pela razão sobre tal ou qual coisa, não impedindo, entretanto, que tais movimentos mentais tenham existido.

Muitos, pela própria ignorância destes conhecimentos, esquecem totalmente o processo seguido em qualquer fato que por um tempo os tenha afetado diretamente, e tratam de colocar-se sempre na melhor situação, como se em todo momento tivessem agido cavalheirescamente, com justiça e equidade.

Os movimentos mentais são, na maioria dos casos, os sintomas característicos de uma reação interna que pode ser de aprovação ou desaprovação, de alegria ou desgosto, de conformidade ou violência, assim como os sintomas precursores de uma enfermidade ou os que anunciam seu desaparecimento.

Para o logósofo habituado aos estudos práticos da psicologia humana, vem a ser sumamente valioso e interessante observar estas variações sintomáticas do temperamento, reproduzidas com tanta frequência no curso da vida corrente, pois confirmam de uma maneira inequívoca o que esta ciência do saber humano ensina a respeito da complexidade do sistema mental.

CARACTERES PECULIARES DA PSICOLOGIA HUMANA



Uma das razões pelas quais o homem sente, cada dia com maior intensidade, a necessidade de mudar sua vida é a contínua prova a que o submete a adversidade. É para ele sinceramente incompreensível que ela o golpeie sem cessar, e que todas as coisas, mesmo aquelas em que põe seu melhor empenho, lhe saiam mal. Quer mudar de vida, de ambiente e também de fisionomia, pois às vezes lhe parece que até a expressão de seu rosto é pouco simpática aos demais.

Este desejo do homem, ardente em muitos, jamais se realiza, porque este pensa que tudo deve ser feito instantânea e simultaneamente. Se passasse de um mundo para outro onde ninguém o conhecesse, isto seria fácil; mas, como todos permanecem no mesmo, torna-se difícil, para quem tenta reformar-se, desaparecer como tal da vista dos demais.

Não obstante, sempre se tentou, de diversos modos e com distintos métodos, fazer essas mudanças, alcançando como resultado, mercê de ridículas posturas, o mais completo descrédito. Ninguém se convencerá de que um caráter, uma conduta e um modo de ser mudaram fundamentalmente pelo simples fato de se dizer isso. É necessário demonstrá-lo. E aí reside a dificuldade.

No calor do entusiasmo para cumprir tal objetivo, o ser se esforça para parecer diferente do que é e se surpreende se os demais não o notam e nem sequer reparam nele. Isso o perturba, o exaspera, e se ressentido com os que não o veem como ele gostaria. Cegos! – diz rancorosamente para si – Não compreendem que já não sou o mesmo de antes! E, disso dependesse seu afã de mudar de vida e modalidade, protesta e se queixa amargamente de ser incompreendido e, ferido em seu amor-próprio, volta de seu estado aparente ao estado anterior, soltando fogo pelas narinas.

Vamos estabelecer, então, onde e em que reside o erro de todos os que tentaram realizar semelhante transformação sem o conhecimento que, necessariamente, é requerido para a execução de tão importante labor interno.

O erro primordial está em seguir métodos arbitrários de autores anônimos que não têm nenhuma responsabilidade; embora tais métodos cativem com tanta promessa, não é difícil constatar, mal começamos a segui-los, o desvio e os transtornos que produzem, como consequência de práticas ruins e piores conselhos. Por outro lado, também é errado pensar que tal coisa possa ser realizada sem que exista um conhecimento claro e até específico, por assim dizer, do que cada um tenha se proposto a fazer.

A Logosofia, ao dar as bases e ensinar, de forma técnica e prática, o meio mais eficaz e único, pode-se dizer, de realizar uma verdadeira superação integral, resguarda de modo preciso os que aplicam esses conhecimentos de incorrer em semelhantes desvios; e, ao estabelecer como norma fundamental um gradual reajuste na vida, no que diz respeito ao uso que dela se fazia e à sua condução, evidencia a justa apreciação dos valores que se põem em jogo, enquanto prepara a inteligência para uma atividade que exigirá cada dia maior penetração e atenção. As condições humanas, postas então a serviço da obra interna que o ser se propõe a levar a cabo, podem render benefícios insuspeitados.

A evolução consciente começa desde o momento em que se empreende esse labor e se observa o avanço promovido pelo esforço constante em favor de altas e nobres aspirações.

Nada se faz bruscamente, e a lógica aconselha a situar-se sempre num plano de sensatez que torne impossível toda tendência capaz de acentuar-se no sentido de afastar a razão de sua estrita função de equidade.

Haverá quem assim não compreenda, a julgar pela conduta divergente que alguns adotam, em detrimento de suas próprias necessidades psicológicas e morais. As inclinações fortemente arraigadas costumam ser a causa de muitos fracassarem em seus intentos

de superação efetiva. É imprescindível um labor paciente de extirpação dessas inclinações, para não malograr os brotos da nova árvore humana, enxertada com o exemplo e as lições daqueles que melhores frutos deram à humanidade.

Finalizamos recordando o princípio logosófico que aconselha a maior seriedade e cordura ao pisar os umbrais do saber, se não se quer tropeçar frequentemente em dificuldades que às vezes podem se tornar insuperáveis.

A SUSCETIBILIDADE

Estados temperamentais – Perturbações psicológicas por ações reflexas



No estudo que vamos apresentar, a investigação logosófica surpreendeu inumeráveis casos similares que se foram reproduzindo em uns e em outros, segundo a intensidade das reações provocadas por certos estados temperamentais.

Sabe-se bem que, quando o ser está tranquilo e em paz com sua consciência, é por si só tolerante, e essa mesma placidez, que podemos considerar circunstancial, faz com que ele exteriorize certa benignidade, inclinado de modo bonachão a desculpar erros e até abusos de confiança no que diz respeito a brincadeiras ou çaoadas nem sempre bem inspiradas.

Entretanto, parece que tudo isto vai deixando nele um sedimento corrosivo, que começa por manifestar, debilmente primeiro e com persistência depois, uma ardência interna que mais tarde aparece com todas as características de um desses estados temperamentais que prontamente passam, sem nenhuma causa aparente que o justifique, do estado de placidez descrito ao de intolerância e irascibilidade. A simpatia que em seus bons momentos havia inspirado a seus semelhantes se converte em prevenção, mostrando-se, então, mais propriamente como um ser pouco simpático.

Apareceu nele o que se chama suscetibilidade.

Nada existe que predisponha mais às alterações do temperamento que a suscetibilidade, nem nada que, como ela, incite a cometer erros de apreciação e de juízo, que depois devem ser lamentados com bastante pesar. A suscetibilidade será tanto maior quanto maior for o vínculo ou o afeto que une o ser, espiritual ou moralmente, ao próximo.

O que ela primeiramente invade é a razão; é como se a embriagasse com “vinagre aromático”. Para o ser que se encontra nesse estado, tudo é feito com o propósito de contrariá-lo ou acender sua ira. O amor-próprio, até esse momento reduzido ao indispensável para tornar possível a convivência com os demais, exalta-se a graus máximos, e sem sentir o ser se vai colocando numa posição cada vez mais inacessível, como se de golpe, ou pelo menos com extraordinária rapidez, houvesse galgado níveis hierárquicos que pretende fazer respeitar.

Mas, como ninguém rende culto àquilo que não existe para sua razão e seu sentimento, ocorre que tal atitude, lógica em quem não repara em suas posturas psicológicas, provoca um aborrecimento progressivo, um ressentimento que se aprofunda dia após dia, se algo imprevisível não sacode fortemente esse estado em que, com assombrosa facilidade, se subverte a ordem dos pensamentos e se sofrem constantes ataques de insensatez.

Quantas amizades leais e sinceras se perdem por essa causa! Quantas lamentações deixam como saldo!

Pelo exposto se apreciará, sem nenhuma dúvida, que o estado de suscetibilidade deve ser considerado similar ao de convalescença. Em ambos os casos a debilidade predispõe ao ressentimento pela mínima causa, se não são cumpridas as prescrições que, em tais circunstâncias, são feitas ao paciente, coisa que não acontece quando a saúde é boa.

A suscetibilidade é também, em muitos casos, uma espécie de convalescença psicológica. Com frequência se tem visto, por exemplo, que, após um estado de ressentimento entre amigos ou parentes, mesmo depois de efetuada a reconciliação, por um tempo o ânimo fica suscetível a um recrudescimento do estado anterior, receoso e desconfiado, o que já fez malograr, mais de uma vez, muitos esforços de reaproximação afetiva ou espiritual.

Por outro lado, como vimos no princípio deste artigo, a suscetibilidade aparece inesperadamente, como um elemento perturbador da boa harmonia. Dois amigos acostumados a trocar brincadeiras que ambos aceitam de bom grado, tolerando um do outro muitos incômodos com

a maior benevolência, a propósito de um incidente que não se reveste da menor importância suprimem, quase que bruscamente, tolerâncias e condescendências de todo tipo, e um ou outro pretende exigir de imediato de seu amigo um respeito e deferência que torna impossível a continuação desse trato amistoso e despreocupado que cultivavam.

É aí que se pode observar como, produzido o incidente que os distancia, aparece a suscetibilidade fazendo o mais ofuscado ver uma dupla intenção em todas as palavras, gestos ou atitudes do outro.

Nesse estado, tão suscetível se é que, ao que parece, até o próprio ar ofende e incomoda. Já vimos muitos vociferarem, enraivecidos, quando o vento lhes arranca o chapéu, como se o tivesse feito com o propósito de incomodá-los, ou quando uma porta se fecha de golpe, no preciso momento em que pensavam passar por ela, ou quando um redemoinho de vento deposita na roupa nova um monte de folhas secas cheias de terra.

A pessoa que se acha sob o ânimo da suscetibilidade sempre está, como se diz comumente, tendo visões. Em toda conversação que mantém, encontra alusões que a exasperam; tudo quanto ouve ela toma para si, como se os demais não tivessem outra coisa a fazer do que ocupar-se dela.

Nestas condições, são feitas muitas coisas que, direta ou indiretamente, molestam ou ofendem a outros; mas quem procede desse modo jamais pensa que é justamente ele quem dá motivo para que se fale de sua conduta, direta ou indiretamente, como algo inexplicável.

Existem casos em que o ser suscetível fica tão melindroso, que se torna quase intratável. Além disso, quem se acha nesse estado não compreende que os demais, a começar por seus próprios amigos, retirem a confiança que antes lhe dispensavam, e a retiram precisamente porque, desde o momento em que adota, voluntária ou involuntariamente, essas maneiras ou atitudes discordantes, converte-se num ser distinto daquele que eles costumavam tratar com familiaridade.

A suscetibilidade é parenta muito próxima da necessidade. Ninguém pode oferecer o tributo de uma amizade sincera a quem, após fazer-se merecedor dela, se converte num insensato.

Pois bem, se cada um se desse conta de quão prejudiciais são, para o conceito que possa merecer dos demais, esses estados de suscetibilidade – geralmente temperamentais –, seguramente trataria de evitar ser considerado de uma maneira diferente daquela que, por suas condições pessoais, deveria merecer.

Vista, pois, no estudo que acabamos de realizar, a anomalia psicológica que a suscetibilidade apresenta, pensamos que quem ler estas linhas porá seu maior empenho em não apresentar aos demais uma característica tão cheia de desconfiança, capaz de ocasionar só desgostos e contrariedades, os quais melhor seria não ter.

O DESPOTISMO

Estudo crítico sobre a intemperança humana



Para os que estudam com profundidade a psicologia humana, pensamos não ser novidade o fato de que o germe do despotismo luta para manifestar-se no homem desde seus primeiros dias, quer dizer, desde quando mal balbucia as primeiras palavras. O excesso de carinho e tolerância que, mesmo com seu pouco alcance, percebe em pais e familiares, faz com que sinta prazer em suas exigências, cada dia mais extremadas, até elas se converterem em caprichos que chegam a ser intoleráveis.

Mas a questão é que, se consideramos aquelas crianças a quem se deu uma educação mais ou menos rígida, e nas quais se combateu tal tendência até com rigor, também observaremos que esse despotismo inato se mantém latente, esperando o momento propício de se manifestar com a corda toda, como vulgarmente se diz.

Seguindo a linha ascendente da infância até a mocidade, encontraremos o jovem que, entre os amigos, trata de impor aquilo que a seu juízo pensa ser superior ao que eles opinam, seja em ideias, seja em brincadeiras ou críticas sobre estudos ou professores.

Chegamos, assim, ao homem que entra na vida alheio a tudo quanto ela há de significar para sua conduta futura, e que de modo algum prevê, como é natural, as situações incômodas, os castigos e os reveses que a adversidade, sempre à espreita e jamais inativa, lhe infligirá.

Temos então que a criatura humana penetra no mundo em que há de forjar seu destino sem outras defesas além de sua candidez e suas

necessidades, as quais, justamente, temperam o espírito e aguçam a criatividade para deter as investidas do infortúnio.

É curioso observar que cada golpe que recebe por seus descuidos, cada sacudida que sua alma experimenta por sua imprevisão e inadvertência, instigam mais e mais suas ânsias de desforra, ou seja, de se converter em déspota, ou, em outras palavras, na própria adversidade, para golpear seus semelhantes e lançar sobre eles sua sanha. Assim pensa em segredo o estudante que deseja ser professor para reprovar seus alunos, mas não por justiça, senão pelo prazer de fazer os demais sentirem as angústias que ele experimentou e que, de forma geral, respondiam a suas faltas ou a sua incapacidade. Nós o vemos também se manifestar no ânimo do empregado que sonha em ser chefe para exercer sua autoridade despoticamente, fazendo o que ele tantas vezes censurou, e em todas as demais situações em que existam governos e governados. É natural que essa exaltada tendência recrudesça também no ambiente da política, onde cada aspirante aos altos cargos públicos já leva dentro de si o vírus do despotismo.

Talvez seja por isto que sempre se elege, para reger os destinos de um país, um cidadão de idade madura, pois se considera que essa tendência se tenha adormecido, ainda que muitas vezes os colaboradores que rodeiam o mandatário costumem avivá-la, ou exercê-la eles mesmos, em toda oportunidade que se apresente.

Porém, pelo próprio espírito de conservação e de iniciativa, outra tendência aparece no homem: a que enfoca seus esforços nos ideais de liberdade. Eis aqui em pugna as duas tendências que, durante séculos, foram protagonistas das maiores lutas que a espécie humana teve de enfrentar.

Em nossos dias, ante as poderosas correntes do despotismo que tanto corpo ganharam no Velho Mundo, erguem-se não menos gigantescas as forças da liberdade, num duelo de morte sem precedentes na história da humanidade. Por exemplo, vimos como reagiram governos e povos, condenando em termos claros e definitivos o despotismo, a tirania e a agressão; vimos com que fervor instituições respeitáveis, que agrupam milhares e até milhões de

almas, levantaram sua voz de protesto; e vimos, também, tal como fazem as águas enfurecidas pela tempestade quando se retiram da terra inundada, aplacar-se a fúria das paixões humanas, quando os fatos excedem e fazem estancar a tolerância do mundo.

É que a arbitrariedade dos poderes ilimitados jamais conduz os povos à grandeza ou à união. Sabe-se que o déspota é néscio por excelência e faz de sua razão a única luz que julga e castiga sem apelação. Não admite crítica nem contestação de ninguém; daí que muitas vezes faça os progressos alcançados pela civilização retroceder séculos.

Nestas horas de provação, vêm sendo vistas muitas coisas que não deixam de ter valor para nossos futuros estudos, pois o ensinamento logosófico, embora nada tenha a ver com os que fazem de sua fé um lema de absolutismo despótico, abarca todos os pontos de estudo que possam interessar ao homem, ajudando-o a cultivar seu espírito com objetivos de superação. Os preciosos direitos que cabem a cada ser livre de dedicar suas horas a eliminar seus defeitos e ilustrar-se nas altas verdades do conhecimento, a fim de ser útil e eficiente para a sociedade de cujo seio é parte integrante e inseparável, jamais devem ser lesados, caso se queira conservar a pureza nas manifestações do espírito individual, que em definitivo são expressões que culminam na obra comum de progresso e elevação humana.

A VERDADE SOBRE A PALAVRA PODER

Conceito logosófico



Na acepção corrente, e aceita como sentido vulgar, atribui-se a esta palavra a ideia de prerrogativa de dominação. Assim, por exemplo, ao ser mencionada, ela é associada ou conectada automaticamente à ideia de mando. Em nosso país, as autoridades máximas são designadas com o nome de Poder Executivo, sendo também poderes o Legislativo e o Judiciário, os quais, mesmo quando representam campos diferentes de domínio, têm faculdades limitadas ou restringidas pelo caráter quase absoluto do primeiro. Em seguida vem o poder militar e o econômico, ambos, como os anteriores, sob a égide do Executivo. E, finalmente, temos o poder constituído pelas forças morais, ao qual se deve recorrer em última instância, como já presenciamos nas nações que enfrentaram a guerra atual, pelo fato de se haverem perdido em algumas delas os demais poderes e, em outras, de estes haverem sido debilitados em grau alarmante.

Fica assim expresso, portanto, o uso corrente da palavra poder. Vejamos, agora, o que o critério comum, consultando-se o indivíduo, manifesta entender como aplicável à sua própria conduta.

Quem é estudioso e ao mesmo tempo inteligente percebe, em sua preparação, os sintomas evidentes de seu melhoramento intelectual e moral, que o habilitam a enfrentar a vida com inquestionáveis vantagens sobre aqueles que, avessos ao estudo e de escassas luzes mentais, se veem impossibilitados de atuar eficientemente e, em consequência, sujeitos a malograr as possibilidades de triunfar em qualquer empreendimento que se proponham realizar. No primeiro caso, o homem sente que pode bastar a si mesmo; que sua capacidade lhe permite encarar a vida com êxito e, ainda

que o ignore, nem por isso é menos certo que atua nele um agente gerador de potência que, mesmo que em ínfima escala, é suficiente para que experiente a sensação de segurança e confiança, sabendo que pode realizar, com as vantagens mencionadas, os propósitos que animam seu espírito. No segundo, a impotência é manifesta: o homem comprova que não pode realizar o que outros realizam.

O comerciante incipiente esmorece com frequência ante as situações que sua própria inexperiência lhe cria. Só se sobrepõe a ela quando, mercê de suas forçosas observações, surpreende detalhes e conhece atuações que adquirem fundamental importância ao serem tidas em conta nos futuros tratos dentro do que vai constituindo sua especialidade: o comércio.

Quantas vezes já não se viu que um critério bem aplicado traz tantos benefícios quanto o próprio capital? O financista habilidoso não tem, por acaso, um domínio que parece privilegiado sobre as fortunas que administra? O empregado que por suas qualidades se avanta aos companheiros, a ponto de ascender em pouco tempo ao cargo de chefe, não evidencia possuir maiores recursos de ordem mental e moral? E, em geral, todos aqueles que manifestam um quadro de compreensão mais fecundo que o vulgar, não se acham numa melhor situação, devido à diferença de suas condições (ilustração, cultura, etc.)?

Fácil terá sido perceber, ao longo desta exposição, que o que substancia o poder é o conhecimento; referimo-nos ao verdadeiro poder, e não ao falso, convertido em ilimitado, arbitrário e absoluto, que perverte o conceito de autoridade e lança num imundo lodaçal o sentimento da dignidade humana. Esse falso poder é, justamente, o que seduz grande parte dos homens: mandar com toda a crueza do déspota, do libertino e do sanguinário; fazer-se obedecido por todos, intensificando-se o gozo diabólico ao obrigar a que se submetam os que estejam, em todo sentido, acima de sua condição. Aí estão as mais vergonhosas manifestações de egoísmo, egolatria e ânsias sinistras de humilhar o semelhante até as mais agudas expressões do escárnio; nisso consiste o afã de muitos, ao buscarem por toda parte “os poderes” que os farão, pela via do milagre, situar-se em tão cobiçadas posições.

Por uma providencial sorte, parece que só em casos excepcionais os altos desígnios cedem às pretensões desses desventurados, que levam

em suas entranhas o estigma do horror e da desgraça. São aqueles casos em que os povos devem ser castigados por sua depravação.

O absolutismo do tirano encontra ali o campo propício para exercer todas as funções de suas perversas inclinações. E como não há de ter a mais tentadora oportunidade o mais contumaz dos ambiciosos, o pior, mais miserável e temerário, se o próprio povo já sucumbiu sob a nefasta influência da ebriedade concupiscente? Pode, acaso, surpreender o fato de um indivíduo assim assumir o governo de um país que, em visível decadência, tenha perdido todo o sentido moral e que, sem escrúpulos de nenhuma natureza, mostra o abismo de suas paixões como se fosse uma cratera aberta nas entranhas do mundo, pela qual são expelidas as mais espantosas deformações da inteligência, mescladas às consequências de seu estado de embriaguez psíquica? Esse tirano é quem mais tarde preside, e para castigo seu, o último instante, sempre supremo, em que ressuscitam as fibras adormecidas da alma e o gênero humano reclama, unguído por um elevado fervor de superação, o lugar de respeito e afeto que ocupou no seio de sua espécie e que em sua inconsciência abandonou. Após experimentar as desditas da obscuridade e sucumbir às tentações dos falsos reflexos da perversão, o filho pródigo volta a reintegrar-se à grande família humana que recebeu a luz de Deus.

Até aqui esboçamos, em grandes traços, o que correntemente se pode compreender da palavra poder em sua relação íntima e direta com as ambições do homem. A seguir vamos expor a concepção logosófica sobre o poder, tal como a inteligência humana deve concebê-lo em sua mais ampla e clara acepção.

Para a Logosofia, o poder é inseparável do conhecimento. Este, qualquer que seja o seu grau, é uma expressão de poder e, como tal, a manifestação de uma força. A força resume a vida em seus três caracteres essenciais: físico, moral e espiritual. A força moral e a espiritual se conjugam na consciência; a física pode ser determinada como força bruta, ainda que possa ser inteligentemente adestrada.

O poder, o verdadeiro e grande poder que torna possível a existência dos demais como potências auxiliares do entendimento, o único, insuperável e eterno, é o que desenha na alma os sublimes

traços de sua grandeza, e é, em definitivo, o que se forja nos grandes arcanos do conhecimento.

Um dos primeiros poderes que o homem deve cultivar é o da reflexão. É este o que assegura, mediante sua ação equilibrante e moderadora, a eficácia dos outros. Leva a examinar sem mesquinhez as próprias atuações, a corrigir os defeitos e erros e a emendar a conduta toda vez que seja necessário. Conduz os pensamentos pelo caminho da cordura e da sensatez, fazendo com que estes definam seus alcances na prática, naquilo que é factível e realizável, com o que, ao afastá-los discretamente da ficção, da ilusão e do abstrato, obtém-se o benefício – sem dúvida bem grande – de não defraudar a própria confiança nem as esperanças que tivessem sido fundadas em apoio a eles.

O poder da reflexão freia os ímpetos e as precipitações, sempre arbitrários por se produzirem à margem da razão e, por conseguinte, de todo juízo sereno. Tem, além disso, a virtude de tornar o homem cauteloso em suas resoluções e consciente de suas responsabilidades.

Quando foi, por acaso, que o homem sentiu maior felicidade que a sentida no instante de saber que pode? De saber que pode fazer isto ou aquilo com o conhecimento (entende-se que seja com o conhecimento) do que ele quer fazer? Muitas vezes sucede que esse conhecimento é possuído em parte; se, porém, quem o emprega sabe aproveitar com vantagem os elementos que a experiência lhe oferece, chegará com algum atraso, mas chegará e alcançará o fim a que se propôs.

A penetração, sob os auspícios e a assistência da vontade, individualizando-se na observação e na percepção, é outro poder de inegável valor. A observação aplaina e facilita o caminho da percepção; mas uma e outra devem consubstanciar um só e único resultado: a certeza. Se estas duas faculdades forem adestradas convenientemente num exercício constante e metódico, deixarão livre, a serviço da inteligência, a via de comunicação mais direta com os pontos aos quais se queira chegar.

O poder de penetração recebe a graça de sua força da própria imanência do conhecimento que atua como agente causal. Ninguém em seu juízo perfeito se internaria no mar sem antes preparar-se

para a viagem e sem saber com que finalidade realizá-la. Tampouco penetraria numa selva virgem sem primeiro saber como deve introduzir-se nela, o que deve fazer ali e como há de precaver-se dos perigos que o espreitarão.

Sempre tem de existir uma causa que ponha em foco a direção de nossos pensamentos.

Um engenheiro penetrará com maior facilidade que qualquer outro nos segredos de uma ponte ou de uma máquina, porque participarão de sua penetração muitos conhecimentos técnicos que ele possui. A mesma vantagem levam todos aqueles que tenham cultivado alguma especialidade.

No terreno da psicologia não poderia ser de outro modo, mas, isso sim, com a diferença, cuja fundamental importância é possível avaliar, de que os conhecimentos requeridos são de uma índole diferente. Aqui é necessário saber, e saber muito; referimo-nos à mudança de nível hierárquico que a penetração assume, ao constituir-se já num poder. E na verdade o é porque faculta, ao ser que se pôs em condições de exercê-lo, penetrar nos esconderijos mais inacessíveis da mente humana, ali aonde é impossível aos demais chegar.

Muito nos estenderíamos se tratássemos neste trabalho dos numerosos poderes que estão ao alcance das possibilidades humanas, mas haveremos de voltar a este tema, já que conhecemos muito bem o particular interesse que haverá de despertar em nossos leitores.

Seja-nos permitido acrescentar, ainda, que toda força é fiel à sua origem, e seu poder consiste na unidade de seu volume. Só quando se pretende desnaturalizar seu caráter e sua essência é que a força entra em franca decomposição, sobrevindo o caos ali onde deveria existir a razão e a vida.

O QUE A LOGOSOFIA CHAMA DE CAMPO EXPERIMENTAL



Geralmente de boa-fé – e dizemos assim para excluir de vez os que o fazem com ostentação de sapiência e de intenções não muito boas –, tem-se entendido erroneamente, e até desfigurado, o justo sentido que a Logosofia deu à expressão **campo experimental**, cujo conceito, para os efeitos de sua aplicação prática, deve ser único e incontestável.

Muitos acreditaram que, ao se fazer referência ao campo experimental e às experiências que correspondem às exigências de um verdadeiro processo de evolução consciente, tais expressões diziam respeito a coisas fenomênicas ou práticas de outro gênero, das quais tanto abusaram os fanáticos do espiritismo e os falsários do chamado ocultismo. Nas mãos de gente sem escrúpulo, ignorante e pretenciosa, o fenomenismo se deforma, se desnaturaliza e converte-se em vigarice; nas mãos da ciência oficial, assume outro caráter e é estudado sob o rigoroso controle do procedimento lógico, para que não escape à realidade que se queira investigar.

No campo experimental da Logosofia, eminentemente científico, não cabem as preocupações de ordem fenomênica aludidas; mais ainda, proíbe-se terminantemente ao discipulado, e a todos os que cultivam o ensinamento logosófico, alimentar o menor pensamento a respeito. Isto não quer dizer que os chamados fenômenos da natureza, como os biológicos, os psicológicos, etc., não tenham para o investigador-logósofo especial importância, com o objetivo de determinar logosoficamente suas causas e o que haja de mérito para os fins da investigação.

A Logosofia chama de campo experimental a própria vida e todo ambiente que cada um frequente, já que não se deve desprezar nenhuma oportunidade para a própria observação e investigação.

Tudo quanto existe e toma contato com a consciência tem que constituir motivo de estudo, sereno e discreto. As conclusões a que se chega por este meio servem, depois, de base para outras observações mais importantes. Os conhecimentos são cultivados mediante a aplicação do entendimento, com intervenção direta da razão, nos processos de compreensão e assimilação do fruto mental que se quer incorporar ao acervo pessoal, mas, para isso, para que tal prática possa realizar-se como objetivo superior e sem os inconvenientes da inexperiência, a Logosofia institui, precisamente, como base inamovível de seus fundamentos e princípios, a experiência pessoal, a fim de que se verifique na consciência a conclusão final: o conhecimento.

Esta ciência convida cada ser humano a realizar um estudo pleno de sua psicologia, mas entenda-se bem que dissemos um estudo pleno: caráter, tendências, pensamentos, qualidades e tudo quanto direta ou indiretamente entra no jogo de suas faculdades e contempla os estados de seu espírito.

A experiência no campo pessoal começa no momento em que é celebrado o primeiro encontro com a própria realidade. Geralmente se é muito generoso na autoavaliação, a ponto de não ser difícil observar, no rosto daqueles que se excederam nessa avaliação, um assombro diante do pobre conceito que os demais costumam ter de sua pessoa.

A preparação logosófica sobre o conhecimento do mundo mental é imprescindível para os fins do aperfeiçoamento humano. Porém, não se creia que esse mundo mental a que fazemos referência seja uma abstração ou algo que corresponda ao terreno da metafísica. Nada disso; muito pelo contrário, está tão perto de nós e tão a nosso alcance, que atuamos e participamos de todo movimento inteligente que se promove dentro dele. É o mundo das ideias, dos pensamentos, da razão, da inteligência e do juízo. Dele não pode estar excluída nem a alma que vive nem a vida que palpita em cada célula da Criação.

Quando o homem aprende a conhecer seus pensamentos, experimenta de imediato os primeiros sintomas do desenvolvimento psíquico, em função de estarem suas faculdades sob o domínio da consciência. E dizemos sob o domínio da consciência por ser tão somente nesse instante

que começa a ser verdadeiramente consciente do que é sua vida, ao individualizar os pensamentos que exerceram maior influência no curso de sua existência e examinar detidamente cada um deles, descobrindo com claro discernimento a participação que em particular eles tiveram nos acontecimentos e episódios, gratos ou ingratos, que lhe tocou viver. É ali que se comprova, pela primeira vez, que existe uma realidade à qual se havia permanecido alheio e se experimentam, por natural reação, os benefícios desse conhecimento.

Efetua-se, então, um rigoroso e sereno estudo dos pensamentos, classificando uns entre os bons e úteis, e outros entre os maus e inúteis. Busca-se a colaboração dos que haverão de servir com maior eficácia, enquanto são eliminados os que podem prejudicar a própria conduta ou entorpecer o livre desenvolvimento das faculdades no esforço de superação, e se organiza a vida sobre bases diferentes, mais sólidas e mais bem dispostas.

É curioso observar a série de experiências que o ser vive, ao se dar conta de que foi durante muito tempo, pode-se dizer, joguete de seus pensamentos ou, melhor ainda, dos pensamentos que governavam sua mente e exerciam, como dissemos, uma influência decisiva sobre seu caráter. Não é que se queira ou se pretenda diminuir os valores da inteligência, concebendo o homem como simples instrumento de entidades mentais que influenciam sua vontade com prescindência absoluta de sua razão. Nada disso ocorre, declaramos, a quem possui domínio e autoridade sobre seus pensamentos. As pessoas de vasta cultura e ilustração sempre costumam ter um bom séquito de pensamentos e ideias a seu serviço, e geralmente usam seu próprio critério, sem deixar de escutar o conselho alheio como elemento de juízo muito estimável para os fins de seu comportamento pessoal.

O campo experimental para as investigações desta índole é ilimitado. É tal a riqueza de elementos que afloram ao entendimento adestrado na disciplina logosófica, que é preciso ser cego para não vê-los. Entretanto, é indispensável vê-los e aproveitá-los, submetendo-os a uma seleção constante, a fim de entesourá-los no acervo íntimo e dispor deles a serviço da própria obra, aquela que representa a particular realização das aspirações do homem.

Ainda não foi incorporado às investigações da ciência oficial este gênero de experimentação a que nos referimos. Embora admitamos que a experimentação biológica, assim como a que concerne à psicologia comum, deva ser feita em corpos alheios, efetuando a primeira seus ensaios em animais, continuando-os depois nos enfermos que em grande quantidade frequentam os hospitais, não acontece o mesmo, afirmamos categoricamente, no campo fecundo da experiência interna, que responde, repetimos, às exigências de um verdadeiro processo de evolução consciente.

Neste caso, tem a palavra a inteligência do ato que promove a intervenção direta da razão, para julgar a verdade que se experimenta pelo valor do conhecimento que a experiência representa, na qual o investigador deve constituir-se em experimentador voluntário. Também na observação da experiência alheia podem ser colhidos abundantes conhecimentos de indiscutível mérito, pois tudo deve contribuir para um mesmo objetivo: que o homem se abasteça de conhecimentos para fazer possível e tornar realidade a transformação anelada, convertendo-se num dos mais puros intérpretes do grande pensamento que anima a razão de ser da existência universal.

A PACIÊNCIA COMO FATOR DE ÊXITO



Vamos dar por certo que ninguém ignora que o temperamento humano é em si impaciente. Pode-se dizer que esta é uma das deficiências do caráter que impede o homem de levar adiante seus mais valiosos propósitos de melhoramento.

É necessário compreender que a paciência, encarada como fator de êxito nos empregos úteis do esforço, não tem que ser limitada em sua expressão dinâmica, quando se quer obter por meio dela o que cada circunstância exige como tributo de tempo. Por isso, não se deve entender que a paciência seja uma virtude quando se apresenta sob as formas da passividade. A paciência inativa não conduz a nada, já que carece do sopro causal que anima essa virtude. Concebida como força, ela deve criar o estímulo do poder sobre a resistência do obstáculo.

Quem se encolhe sob a impressão de impotência e desalento aniquila, sem o saber, suas próprias forças. Nessas condições, a luta se torna dura e é comum que se caia vencido, mergulhando no mais completo desespero. Esse é o fim dos impacientes, dos que não souberam coordenar suas forças internas para enfrentar a adversidade, que a cada instante oferece um novo campo de luta.

Dissemos que a paciência tem que ser ativa, e a isto adicionaremos que, para ser ativa, ela requer que se estabeleça uma ordem no domínio das realizações, já que ao forjamento de um plano deve-se seguir a condução paciente e inteligente do esforço. A paciência terá de acompanhar o ser até o resultado final, pois deve ser a força ativa que sustenta o empenho até sua culminação.

A paciência passiva é aquela em que o ser se limita a esperar que as coisas se resolvam por si sós, pretendendo que a Providência lhe

sorria e que o que deve ser o fruto do esforço e da razão chegue como prêmio à constância de esperar sem fazer nada.

Dissemos noutra oportunidade que a paciência cria a inteligência do tempo, devendo-se entender, é lógico, que nos referimos à paciência de quem sabe esperar. Não há dúvida que, quanto mais se compreende o valor da paciência, tanto maior é a eficácia com que o tempo nos serve, infundindo uma serenidade de espírito que o impaciente não tem.

Quem é paciente sob a influência benéfica de sua consciência sabe que nada termina para ele; é o contrário do que sucede a quem, com sua impaciência, põe fim àquilo que não devia excluir de suas possibilidades. Para o primeiro, cada coisa pode seguir existindo para sua razão todo o tempo que for necessário até alcançar seu objetivo: o resultado anelado; não acontece assim com o segundo, para o qual cessa toda continuidade.

Pode-se dizer, então, que é um segredo digno de ser levado em conta o fato de que os melhores êxitos que o homem já pôde ter, na conquista do bem, foram graças a essa paciência ativa manifestada em sua perseverança, seu labor ininterrupto, sua consagração, e graças também a essa fé consciente que se vai arraigando na alma mercê das próprias constatações.

Deduz-se destas considerações que um dos grandes defeitos do homem é a inconsequência. Mais do que alcançar um firme e consequente desenvolvimento de suas faculdades, preocupa-se com mil coisas pueris, e com isso manifesta o pouco valor que atribui à sua própria vida. Estes são os que preferem as andanças do impulso instintivo atrás das falazes luzes da irrealidade.

Com muita razão se poderia chamar de “paciência compassiva” à arte de ensinar as normas superiores de conduta, já que se soma, à árdua tarefa que isso significa, um natural sentimento de tolerância e comiseração.

No dia em que for rasgado o véu desse enigma que mantém a humanidade ignorante a respeito do que poderia ser no futuro, terá sido dado um passo definitivo de transição para uma espécie superior ao gênero humano em sua configuração psicológica e mental.

A CONFIANÇA EM SUA EXPRESSÃO ÉTICA



Do ponto de vista de sua expressão ética, a confiança é o terreno moral que, partindo de nossa intimidade, se estende até circundar o que forma o conjunto de nosso ser. Assim, o espírito, a alma, a mente e o corpo se acham interpenetrados dessa essência moral que constitui, em resumo, o fundo característico de toda individualidade.

Temperando o ânimo na experiência e aquilatando os valores da inteligência em inequívocas atuações, consegue-se a confiança em si mesmo. Deve-se perceber com rigorosa nitidez a própria maneira de ser e adequar o conhecimento às exigências do esforço. Em poucas palavras: deve-se alcançar em grau máximo a certeza de se sentir capaz em relação ao que se pode fazer.

A confiança em si mesmo tem de significar a prova de uma justa avaliação; o culto às condições e à capacidade, sem cair na egolatria nociva.

A confiança que inspira a amizade sincera, similar à da família, fundamenta-se na reciprocidade do afeto e do conhecimento pessoal. Desde o simples conhecido até o amigo verdadeiro, existe uma escala de graus no vínculo que os aproxima, vínculo suscetível de alterar-se por qualquer motivo, enquanto não se manifeste o apreço e a consideração como uma afirmação do conceito mútuo. A confiança é, então, produto da garantia moral que cada um se outorgue.

O ruim é quando se desvirtua ou se desnaturaliza o conteúdo nobre e sadio de tudo quanto a palavra confiança encerra. Daí surgem abusos que tanto afetam o decoro e a integridade humana, além dos prejuízos que costumam ocasionar por rigorosa consequência.

É muito comum observar a quantidade de pessoas que, sem consideração alguma, tomam uma confiança que muito longe estava de lhes

ser concedida. Não deixa de ser este um curioso aspecto da psicologia humana. Nos seres de escassa cultura ou instrução, geralmente se percebe essa tendência, provocando, em muitas circunstâncias, incidentes desagradáveis. Também encontramos casos em que se comete um abuso de confiança porque se deu oportunidade para isso.

O mesmo costuma acontecer entre duas pessoas de posições diferentes, quando o superior, em determinadas ocasiões e num gesto de camaradagem, permite uma maior intimidade, confundindo sua hierarquia com a do subordinado, e o faz de boa-fé, o que não dá a este o direito de fazer uso dessa confiança eventual que lhe foi concedida. Para o inferior, o de maior hierarquia deve ser sempre tido como tal; o respeito e a consideração deverão permanecer fiéis nele, se não quiser que o superior retire a confiança que lhe havia dispensado, pois é bem sabido que o fato de tomá-la implica invadir a autoridade daquele de quem ela depende, provocando a conseqüente reação. Ao contrário, quando o subordinado se comporta corretamente, sabendo guardar distância e mantendo firme o conceito que seu superior deve merecer dele, é logo recompensado na amplitude das atribuições que lhe são dadas e no aumento da confiança que lhe é dispensada.

Temos outro caso: o de quem costuma dar confiança com aparente amplitude para obter, em retribuição, a de seu próximo. Por trás de semelhante prodigalidade costumam esconder-se terríveis intenções, e os que aceitam tal temperamento, admitindo uma confiança que é alheia à idiosincrasia de quem a prodigaliza, correm o perigo de ser surpreendidos com exigências que nem sempre é possível atender. Mais ainda, às vezes acontece que, ingenuamente, caem nas armadilhas de situações embaraçosas, das quais com muita dificuldade e não poucos desgostos conseguem escapar.

É indubitável que a variedade de aspectos que surgem, ao se aprofundar este estudo sobre a confiança em suas formas éticas, é sumamente interessante. Assim o vemos quando aparece, por exemplo, nos lábios do brincalhão que, excedendo-se no tom e sem o cuidado de observar os efeitos que produz no ânimo de seus semelhantes, vê que pouco a pouco passa a ser recebido com prevenção no seio de suas

amizades, quando não é excluído por completo. Esta classe de brincalhões fere a sensibilidade e incomoda o pudor comum.

Ao contrário disso, quão grata é para o espírito a brincadeira feita com elevação, delicadeza, e com propósito nobre, pois ameniza o ambiente e converte as reuniões numa atraente recreação espiritual. A brincadeira elevada, gentil e sadia, é aceita por todos; mais ainda, é buscada e apreciada. Esta é a que deve ser cultivada com prudência e, sobretudo, selecionando os temas que lhe servirão de motivo.

Quão necessário é que o homem seja circunspecto e fino em suas atuações, para que elas sejam felizes e não desditosas; e quão necessário é também que seja cauto e rigoroso nestes meios de observação e realização da própria cultura, para não ter que sofrer lamentáveis imprevistos que redundem em prejuízo de seu conceito, ao não saber comportar-se na vida de relação, quer dizer, com a sociedade à qual pertence e que frequenta.

Eis aí outro aspecto da confiança que a Logosofia utiliza para revelar deficiências e apontar uma conduta que enalteça e honre o ser, sendo uma garantia de convivência harmoniosa e agradável.

A confiança que um povo outorga a seu mandatário, ao centralizar em um a vontade de todos, é uma prova de moral pública, mas, se ela é defraudada, a mesma moral reage e o usurpador perde a confiança de seu povo.

Adicionaremos que a confiança, do ponto de vista de sua expressão ética, deve constituir o fundamento de toda organização moral, política e social.

A INOCÊNCIA COMO FATOR DE BEM



Se algo persiste com maior insistência na alma do ser, à medida que os anos correm pelo caminho da vida, é o desejo de conservar eternamente a inefável e fresca fragrância da meninice; referimo-nos à sublime candura da infância, em cuja idade as imagens se calcam tão assombrosamente vívidas no interior do coração humano, e com tanta exuberância de matizes e coloridos, que sua simples recordação abre logo caminho a um sem-número de gratas reminiscências, chegando inclusive a enternecer, pelo sentimento que a graça da criança inspira em seus primeiros tratos com o mundo.

Quantas vezes o homem se comporta como uma criança, e até lhe é grato voltar às travessuras de seu tempo de menino, porém esquece que perdeu a inocência e que tais posturas, embora particularizem um estado de ânimo festivo, não se ajustam às regras de conduta próprias de um homem maduro. Semelhantes manifestações aparentariam ser extemporâneas, se não fossem tomadas como imitações divertidas, sempre que sejam ocorrências felizes que deem ao ambiente uma nota amena e alegre.

A inocência, vista e apreciada em seu verdadeiro significado, é uma das expressões mais concludentes da pureza. Uma vez perdida, pode o ser humano voltar a possuí-la? Não é aventurar muito afirmar que sim, que ela pode voltar a se instalar dentro do ser como conteúdo essencial da vida. Mas isso há de ser feito à custa de não pretender burlar a lei, que, se tal ocorresse, interviria no processo de restauração.

As primeiras contaminações que se produzem na terna idade da infância e que influem tão consideravelmente no ânimo, na moral e instintos do ser, ocorrem na mente. É nela que tomam forma e se

instalam como senhores os pensamentos que mais tarde gravitam decididamente no gênero de vida que se elege para satisfação deles.

É fácil, então, compreender que, para eliminar todo pensamento nocivo e impuro, daqueles que corroem o entendimento, seja necessário efetuar uma rigorosa limpeza mental. Isto é primordial, fundamental, caso se queira resgatar paulatinamente o diáfano fulgor da inocência.

É preciso saber que a inocência no homem deve ser produto de uma condição superior. A boa intenção, como a boa-fé, o altruísmo, o sentido do bem, do belo e do justo, são sinais característicos de elevação moral. Ali aparece a pureza de tudo de bom que se pode reunir como manifestação de uma vida gentil, amável, doce e consciente de sua natureza inofensiva e leal. No caso de haver alguma dúvida acerca disto, perguntamos se por acaso não existem aquelas pessoas que ninguém se atreveria a culpar de terem tido sequer um pensamento que causasse algum dano ao semelhante. Não seriam estas, então, completamente inocentes?

Poder-se-á objetar ainda que, em outros aspectos, não o são, ao que responderemos: é, porventura, quando se abrem os olhos a certas cruezas de âmbito instintivo – casos que acontecem comumente na adolescência – que se deve entender que se perdeu a inocência? Afirmando isto se incorreria num erro que correria o risco, se já não correu, de converter-se num conceito crônico, deformado e carente de todo valor convincente.

Não sendo, pois, assim, haveríamos de concluir de acordo com o que a Logosofia sustenta a respeito; do contrário, teríamos de admitir que existem caminhos fechados às possibilidades humanas, e que pouca ou nenhuma probabilidade, segundo cada caso, resta ao espírito humano para retomar o fio de sua existência, reconstruir a vida sobre bases e caracteres mais propícios aos fins de uma evolução pujante e fecunda e renovar o entendimento, quantas vezes forem necessárias, numa revisão total das apreciações, até alcançar pronunciamentos definitivos da razão.

Visto de onde deriva esse complexo e errôneo conceito sobre a perda da inocência, vemos sem maior esforço que é possível voltar a

ela, quer dizer, à pureza no pensar, no sentir, no proceder e, adicionemos também, no tratamento que dispensamos a nós mesmos. E dizemos a nós mesmos porque é preciso saber que há uma vida de relação própria, uma vida íntima que pertence única e particularmente a cada um. Ali, nesse íntimo enlace entre a consciência, o coração e a mente, é onde se está perante o juízo que nos interroga e onde todo ser delibera sobre a natureza e o alcance de suas decisões. É justamente nessa vida de relação consigo mesmo que se deve cultivar a pureza fertilizante e ativa que depura o campo mental, permitindo que se deem à luz os pensamentos mais preeminentes e fecundos, capazes de operar verdadeiros prodígios no interior do ser, como o de conduzi-lo a insuspeitadas metas do conhecimento.

Se a Verdade, mãe de todas as verdades, é fonte inesgotável de pureza e de saber, nada mais lógico que o homem busque submergir sua consciência nessa fonte e se sature desse princípio eterno que infunde a temperança e a benignidade, tão necessárias ao temperamento humano.

Quantas fisionomias, ao higienizar-se a mente, não se limpariam dessas expressões de malícia, e quantos olhares maliciosos e intrigantes não se tornariam inofensivos, dissipando o receio do próximo ao influxo de sadios e elevados pensamentos, em cuja convivência a vida se transforma em formosos exemplos de bem! Figuras assim são invulneráveis e se agigantam ante a ironia do néscio. Deixemos de lado, pois, este último, que não sabe distinguir entre o culto e o inculto, o grande e o pequeno, e entre o saber que faz os seres prudentes e a ignorância que os torna imprudentes. Deixemo-lo menear a cabeça diante de nossa conduta e convenhamos que, se contemplarmos o estado comum da humanidade, haveremos de nos convencer de que o homem perdeu a inocência, mas conserva intacta sua ingenuidade.

TRAÇOS CIENTÍFICOS SOBRE A PSICOLOGIA HUMANA



Se existe algo que tenha dado mais dissabores aos cientistas, em seu empenho de penetrar nos problemas que o complexo da natureza humana lhes apresenta, e tenha provocado mais desconcerto no próprio terreno da ciência, é, sem dúvida alguma, tudo o que concerne à psicologia humana. Acostumados, por força de inveteradas e rigorosas normas, a esquematizar por via de imediata comprovação todo efeito que entre no campo científico, a fim de seguir suas pegadas até descobrir a causa, tiveram eles – materialistas consumados uns, abstencionistas outros –, de enfrentar, muito a contragosto, nada menos que uma realidade desconhecida. Tal realidade, apesar de tudo e por força de ser real, deixa-os perplexos ante a evidência de manifestações que, como acontece no campo biológico, dão destaque à existência de um sem-número de variações e diferenciações que são um chamado ao estudo e urgem a necessidade, podemos dizer imperiosa, de conhecê-las, para estabelecer, em atinados juízos, precisas conclusões sobre o caráter e a importância da investigação psicológica.

É curioso observar a série de debates que teve lugar na elucidação de semelhante tema, do qual participam, como integrantes incontestáveis do complexo psicológico, a consciência, a razão, a inteligência, a vontade, o cérebro, o pensamento, a alma, o sistema nervoso, (a mente?), e toda a gama de menções típicas do léxico científico. E dizemos que é curioso observar essa série de debates não apenas por não terem chegado a um acordo, mas também por haver motivos mais que suficientes para pensar que se tem ido de contradição em contradição através das mais desencontradas opiniões. J. Segond publicou em Paris (1930) um tratado de Psicologia no qual estabelece como princípio fundamental a unidade psicofisiológica da vida. Diz:

“A atividade espiritual e a corporal expressam a mesma realidade, a mesma força fundamental, e são os dois aspectos homogêneos de um pensamento idêntico que busca exteriorizar-se.”

Em toda a sua exposição acerca dos problemas que afetam a psicologia humana, nada nos fala sobre a mente, a não ser para referir-se a ela como formando parte de um conjunto de faculdades, talvez a modo de mera coincidência diferencial ajustada a uma inseparável ligação psíquica sem maiores funções.

Carrel, que tão deliberadamente tentou abrir as portas que impedem o livre acesso às profundidades do ser em seu intricado mundo psíquico, logrou apenas obter algum ponto de referência – duvidoso, convenhamos – a respeito da verdadeira realidade psíquica do homem. Expressa com alguma decepção que “a civilização não conseguiu criar um ambiente adequado às atividades mentais. O débil valor intelectual e espiritual da maior parte dos seres humanos se deve, em grande parte, às deficiências da atmosfera psicológica”.

O autor de “O homem, esse desconhecido” não parece ter sequer suspeitado da proximidade das fecundas verdades que a Logosofia veio revelando ao entendimento humano. Confessa-o, ao dizer: “A mente não é tão robusta como o corpo. A psicologia encontra-se no estado em que se achava a cirurgia quando os cirurgiões eram barbeiros. Os médicos são totalmente incapazes de proteger a consciência contra seus inimigos desconhecidos. Os sintomas das enfermidades mentais e dos diferentes tipos de debilidade mental foram bem classificados, mas ignoramos totalmente a natureza de tais desordens. Não há técnicas que permitam a exploração do mundo desconhecido das células nervosas, de sua associação e de suas fibras de projeção, e dos processos mentais e cerebrais. Não foi possível deixar clara nenhuma das relações exatas entre as manifestações esquizofrênicas, por exemplo, e as alterações estruturais do córtex cerebral.”

Nada há, pois, que faça presumir ter Carrel a menor noção sobre o conhecimento de fundo e a amplidão com que a ciência logosófica enfoca o estudo da psicologia humana.

O Dr. Louis L. Thurstone, reconhecida autoridade em testes mentais, da Universidade de Chicago, anunciou com muito alarde ao mundo científico, no ano de 1936, que existem sete elementos primordiais que concorrem para a formação da inteligência humana. Esses elementos – diz – poderiam substituir as atuais medidas de inteligência e de idade mental. Thurstone consagrou quatro longos

anos de empenhadas investigações, nas quais se empregaram matemáticos e complicadas estatísticas, segundo consta da revista *Science*, para identificar e dar nome a essas sete “cores primárias da personalidade”, que, para maior ilustração, damos agora a conhecer:

“1º – Facilidade numérica: esta é uma habilidade necessária ao contador e ao matemático. Como diz o Dr. Thurstone, ‘não se deve estranhar que figure como fator primário, já que é muito comum observar que muitos indivíduos, que por outra parte são inteligentes, parecem ter uma cegueira particular quando têm que lidar com os números’. 2º – Facilidade de palavra: é este um talento necessário ao orador político, ao comerciante e ao catedrático. 3º – Habilidade visual: algumas pessoas são mentalmente visuais, e aprendem melhor vendo as coisas ou as figuras que as representam. 4º – Memória: cientificamente, fica justificada a discutida ideia popular de que a memória é distinta das outras habilidades mentais, e que é possível dizer que uma pessoa tem boa memória sem especificar o que é que ela pode recordar bem. As descobertas do Dr. Thurstone estão de acordo com a observação vulgar de que pessoas de intelecto superior às vezes demonstram ter uma memória muito deficiente. 5º – Velocidade de percepção: esta é a habilidade que permite a alguns examinar, sem se deterem, uma página de nomes ou números e achar rapidamente o que buscam, enquanto outros necessitam examiná-los um a um. 6º – Indução: o Dr. Thurstone descreve a indução como ‘compreendida em muitas tarefas nas quais a pessoa deve descobrir algum princípio ou regra que reja o material à sua disposição’. Experimentos futuros dirão se a originalidade e a inventiva desempenham aqui algum papel. 7º – Raciocínio verbal: este pode também ser chamado de dedução ou habilidade para descobrir as relações que as palavras tenham entre si. As experiências demonstraram que existe uma diferença entre raciocínio verbal e facilidade de palavra.”

Estas chamadas “dimensões do intelecto”, que segundo a mesma informação podem ter alguma importância nos testes mentais e na educação vocacional, foram descobertas ao se examinarem 240 estudantes universitários que voluntariamente se submeteram a 56 testes psicológicos. Posteriormente, nada mais se soube a respeito nem houve pronunciamento algum do Conselho de Educação Americano, para onde foram enviados os ditos resultados.

Também aqui aparece uma lacuna irremediável para o procedimento empregado, já que se pretendeu julgar pelos estados mentais e psicológicos, que são muitos e variados, a causa ambiente do esquema psicológico principal, para depois derivar dele, em traços difusos, uma classificação arbitrária, dividindo em sete as qualidades que mais se sobressaem na personalidade humana.

Ao contrário, na *“Psicologia individual”* de Adler desaparecem todos os traços inatos da personalidade, resumindo-se no córtex cerebral o eixo motor da atividade mental e, no tronco cerebral, o órgão da vida afetiva e instintiva, mas sem entrar em diferenciações de espécie alguma. Declara, sim, que *“o aperfeiçoamento da consciência está ligado a todo o cérebro”*, e não permite nenhuma análise ou divisão da personalidade.

É interessante o que manifesta esse autor quando chega à conclusão de que *“se há predomínio do córtex cerebral, o sujeito será mental, e se há predomínio do tronco cerebral, será um afetivo ou instintivo”*, adicionando: *“fica a pergunta sobre como se estabelece esse predomínio ou como conhecê-lo, senão pelos próprios atos do sujeito”*.

O Dr. Hollander, num livro que publicou em 1931, ao deter-se sobre *“Cérebro, mente e os sinais exteriores da inteligência”*, nos diz que *“os lóbulos frontais estão destinados aos processos intelectuais, e o resto do cérebro, às três emoções primárias: os lóbulos occipitais, ao amor; os parietais, ao medo; os temporais, à cólera. Suas manifestações mórbidas se definem de forma análoga: os lóbulos frontais presidem aos primeiros estados da mania e, mais tarde, da demência; os lóbulos temporais, à mania aguda”* (p. 273).

As numerosas observações feitas pelo Dr. Hollander sobre lesões ou enfermidades levam-no às seguintes conclusões: *“Lesões nos lóbulos frontais produzem um sentimento de alegria, de exaltação, de satisfação pessoal, de empenhos incessantes e um fluxo rápido de pensamentos. Lesões na zona parietal-occipital dão origem à melancolia, ao sentimentalismo, ao desprezo de si mesmo, à depressão, à falta de iniciativa, à lentidão nas ideias e, muitas vezes, a tendências ao suicídio. As lesões da zona temporal inferior conduzem à irritação, à cólera, ao ressentimento, à agressividade, à violência e à sua linguagem correspondente, e também a uma tendência frequente à epilepsia e ao homicídio.”*

Pelo visto, o Dr. Hollander não se ocupa em absoluto da mente, e faz radicar nos lóbulos todas as alternativas que o sistema mental-psicológico sofre, considerando-o um produto exclusivo das leis biológicas.

O Dr. E. Osty, que em 1926 publicou um trabalho relacionado a investigações sobre o conhecimento paranormal, que ele considera uma faculdade, expressa que *“há em nosso espírito um plano transcendente em que existem conhecimentos que nossos sentidos não nos dão”*. O sensualismo de Condillac teria fracassado, segundo ele, mas o que mais se salienta no seu volumoso livro é o que dizem suas páginas finais:

“...existem em nós dois psiquismos: um transcendente, que depende da inteligência universal, e o outro pertencente ao indivíduo a quem está conectado, de caráter cerebral, que conhecemos melhor. O sujeito metagnômico abandona-se a seu psiquismo transcendente que lhe dá esses conhecimentos provenientes de seu próprio ou do psiquismo transcendente de outro ser”.

W. Mackenzie vai ainda mais longe, ao lançar a teoria do polipsiquismo, ou seja, “*a união de várias psiques numa espécie de organismo superior*”, que para ele seria “*o promotor dos fenômenos que são tidos como paranormais*”.

Essa divergência tão acentuada de opiniões obedece, indubitavelmente, à desorientação reinante no campo científico a respeito dos problemas da consciência e, muito especialmente, do complexo psicológico do ser racional. Não se voltou o foco da investigação para os verdadeiros fios condutores do acerto tático, já que todas as hipóteses se baseiam em especulações de ordem teórica, com absoluta prescindência da mente como principal agente causal do psiquismo humano.

E. Gley (“Tratado de Fisiologia”, 1936, p. 89), ao falar na diferenciação celular diz: “Apesar da identidade funcional do processo de reprodução, seres muito diferentes se formam e, dentro de cada um deles, elementos celulares não menos distintos uns dos outros; não será necessariamente a mesma a estrutura ou a composição química de cada protoplasma originário; existem, pois, causas de variação. Quais são essas causas? Será seguramente necessário buscá-las na influência do meio, nas células e na atuação sobre elas de diferentes fatores excitantes; são, pois, causas intrínsecas de diferenciação, mecânica ou química. Porém, entre elas, muitas foram se fixando pouco a pouco, por haverem operado sobre a constituição de cada célula, e é somente o resultado de sua ação o que se vê. Esse resultado será um caractere ou um conjunto de caracteres adquiridos definitivamente e transmissíveis aos descendentes das células ou do indivíduo; esta transmissão integral é a herança, causa intrínseca das diferenças que existem, tanto entre as células como entre as espécies. Qual é a causa da herança? A causa íntima da diferenciação e da herança tem sido objeto de muitas e grandes teorias; entretanto, apesar destas, para nós ela é hoje desconhecida como sempre foi; seguramente, herança e diferenciação são a mesma coisa.”

Mais explícito, pode-se dizer, foi seu ilustre colega, o professor T. Ribot, ao manifestar em sua obra “*De l’héritè psychologique*”, publicada em Paris no ano de 1882, que “a Herança é a lei biológica pela qual todos os seres dotados de vida tendem a repetir-se em seus descendentes; ela é para a espécie o que a identidade pessoal é para o indivíduo”; e adiciona: “por ela, a natureza se copia e imita a si mesma incessantemente. Considerada em sua forma ideal, a herança seria a

reprodução pura e simples do semelhante pelo semelhante. Mas esta concepção é puramente teórica, já que os fenômenos vitais não se prestam a essa regularidade matemática, porque as condições de sua existência se complicam progressivamente, à medida que nos elevamos dos vegetais aos animais superiores e destes ao homem”.

Gley chama a atenção para a semelhança que existe entre as células e os indivíduos. A Logosofia, por sua vez, já manifestou que o ser herda a si mesmo. É o produto da própria obra em si mesmo. Assim, se o primeiro cabedal de conhecimento recebido de entrada for quatro, deverá elevá-lo a dez, e assim sucessivamente; à medida que volte a retomar sua vida, encontrará o dez, que deverá elevar a vinte, ou cinquenta, ou cem, para poder transmitir a si mesmo, por meio dos filhos, o percentual de saber alcançado. A célula mental integrada pelos pensamentos que contém o saber é, pois, a que transmite a herança integral. E aí, sim, é observável a “causa intrínseca das diferenças que existem, tanto entre as células como entre as espécies”. Afora a mente do homem, o que é que melhora e aperfeiçoa o *pedigree* dos animais? Seria possível diferenciar um animal de outro se não houvesse em uns a superação de sangue da qual outros carecem?

A herança, vista tão somente do ângulo genético, não ofereceria variação alguma, nem poderia sair da árida zona do indiferenciado. A célula se comportaria passivamente, e o indivíduo, quando muito, só de vez em quando sairia fora da órbita vulgar.

A ideia que o citado fisiologista nos dá sobre a herança não poderia ser mais inquietante e fria. Parece que de suas palavras se poderia inferir que a herança se resume numa mera reprodução ou cópia pura e simples de semelhante para semelhante. Em vez disso, a Logosofia estabelece uma corrente de superação de homem para homem, de ser para ser, por meio da evolução consciente.

No ano de 1935, numa publicação em “*Aquarius*”, p. 59, ao falarmos do mundo atômico da época em que a Terra começou a se formar e se organizar, dizíamos que “*todas as colônias atômicas iniciaram suas atividades através da matéria. Os minerais surgiram nas próprias entranhas do planeta que teve por nome Terra, e ali habitaram primitivamente os átomos, dando lugar a que ocorresse a primeira manifestação da vida animada de núcleos inteligentes, esses minúsculos e incógnitos operários da natureza.*”

As colônias mais laboriosas progrediram, evoluindo de um estado a outro, capacitando-se para desenvolver maiores atividades, e a mão divina permitiu que as raças que superaram seus esforços passassem do estado de pedra ao reino vegetal. As colônias atômicas tiveram assim sua primeira seleção, vivendo umas nas profundas obscuridades das rochas, enquanto as demais tomaram contato com outros elementos de maior intensidade vibratória.

Por entre as duras raízes emergiram os primeiros talos das plantas, e a vida se foi organizando gradualmente, até que esplendorosos bosques, prados e jardins formaram um verdadeiro paraíso vegetal.

Novamente as colônias atômicas tiveram que experimentar fortes transições, que provocaram a segunda seleção, e as mais avançadas passaram a integrar o reino animal. Desde o mais humilde inseto até os mais formosos animais da fauna fizeram sua aparição na Terra, mercê do constante esforço dos núcleos mais inteligentes das colônias atômicas.

Seguindo cada vez com maior fervor as indicações expressas no plano divino de evolução, o excelente estado de progresso alcançado exigia ascender a um novo gênero de vida, e Deus criou uma nova forma para que as colônias atômicas mais evoluídas iniciassem novas e mais complicadas atividades. Um ser de formação perfeita surgiu então à luz do sol. Era o homem! O gênero humano instituiu-se como soberano modelo da Criação e o mundo teve dele seus primeiros habitantes, os quais, ainda que naqueles tempos constituíssem tribos nômades, nem por isso deixaram de exercer sua influência e poder sobre todas as espécies dos reinos inferiores.”

Fraser Harris, da Universidade de Dalhousie, Canadá, em sua defesa do Neovitalismo Filosófico – 1924 –, toca muito de passagem no tema da mente, com ligeiras referências e sem entrar em maiores explicações, como faz também em relação à consciência, para nos dizer que “hoje o ego, a psique, a consciência – não importa neste momento como são chamados – foram instalados em seu lugar na cadeia das causas e efeitos vitais”, e logo agrega: “é chegada a hora de o ego, o homem real, poder ser distinguido das moléculas materiais que constituem seu organismo somático. Mais que seu corpo, é a personalidade que emergiu como integração, ou como síntese supramaterial num domínio puramente psíquico. É certo, então, que essa personalidade seja capaz de sobreviver à dissolução do soma mutável com o qual estava associada antes de a consciência emergir. (...) É concebível, então, que a psique possa de novo ser revestida de um corpo, reencarnada, desde que seja possível prover o necessário complexo material

estrutural. (...) Nesse sentido, a psique é indestrutível, ou imortal. Requer um complexo neurolásmico para expressar-se aqui e agora; porém, assim como pode subsistir sem modificação quanto à sua essência e possibilidade de identificação, enquanto sua associação com a matéria vá mudando, pode continuar subsistindo quando a matéria tenha passado a novos estados chamados de morte e dissolução. (...) A psique, como 'sobrematéria', é tão indestrutível como indestrutível é a própria matéria. (...) Neste sentido, a psique transcende o espaço e o tempo. (...) Tem um lugar no espaço sem estar limitada espacialmente. (...) Tem uma existência no tempo sem que os termos 'princípio' e 'fim' lhe possam ser aplicados. (...) É a pessoa em sua essência, o ego individual, e, a menos que não creiamos na realidade e permanência desta existência supramaterial, a individualidade é uma ficção e a personalidade uma quimera."

Vemos com quanta desenvoltura se fala da psique sob pontos de vista meramente objetivos, mas evitando, diríamos, sistematicamente toda referência ao que ela definitivamente é e a quais são, por outra parte, os principais agentes da vida psicológica. Não se detêm a esboçar claramente, em primeiro lugar o conjunto integral do esquema psicológico e, em segundo, o exame de cada um de seus aspectos e das faculdades, sentidos e agentes que intervêm em sua configuração.

Para o investigador-logósofo, não duvidamos que seja extremamente útil observar esse borboleteio científico ao redor de tão propalado assunto, qual seja o conhecimento da psicologia humana. Ante o emaranhado de conceitos díspares que cruzam a zona teórica, ele não poderia deixar de reconhecer, como todo aquele que conheça algo do que vimos publicando sobre o particular, a enorme diferença que existe entre as profundas verdades expostas tão claramente na bibliografia logosófica, muitas delas confirmadas pela experiência, e a inconsistência dos autores que trataram do tema sem terem podido chegar a conclusões plenas e satisfatórias.

É, digamos, o meio mais eficaz para compreender e avaliar melhor o ensinamento logosófico, cuja Escola já abre passagem no esquivo e frio conteúdo da expressão científica. Porém, seja como for, o certo é que se mostra bem às claras que uma ansiedade impossível de ocultar embarga o pensamento dos homens de ciência, e talvez a desorientação permaneça neles por muito tempo, enquanto se obstinarem em pensar que a palavra autorizada haverá de sair indefectivelmente da nata universitária ou do cenáculo acadêmico.

Não falemos aqui das correntes que primeiramente se insinuaram e que depois ganharam corpo, algumas direcionando a atenção à alma, outras aos instintos, aquelas ao cérebro, estas à intuição, etc., e que, apesar de muito se ter pretendido robustecê-las, suprindo essência com argumento, seus partidários bem prontamente tiveram de se convencer da esterilidade dos fundamentos com que pensaram apoiar suas hipóteses ou, melhor ainda, as hipotéticas figuras com as quais ilustravam com toda a boa-fé a orientação que sustentavam.

Magnífica é a exclamação de J. Villez: “Quantos erros são cometidos pelo desconhecimento da natureza patológica dos transtornos da conduta!”, que em seguida adiciona: “Este é um fato para o qual não me cansaria de chamar a atenção daqueles cujo papel implica fazer juízos sobre os outros: pedagogos, juízes, diretores de consciência, etc.” (J. Villez – “La psychiatrie et les sciences de l’homme” - L. F. Alcan, Paris, 1938.)

É fácil ver aqui como o autor, alheio à influência dos pensamentos que atuam como entidades autônomas dentro e fora da mente humana, presente ou intuí, sem chegar a diferenciá-lo, a existência de um agente que opera à margem da vontade e dos ditados da consciência. (Ver “Logosofia”: nº 3, págs. 5 e 6, e nº 5, págs. 7 e 8.)

Estamos apresentando a extraordinária oportunidade, oferecida por esta volumosa variedade de abordagens psicológicas, de podermos apreciar a astronômica distância que existe entre a concepção logosófica da vida psíquica e o expressado e admitido por nossos homens de ciência contemporâneos. Pode-se dizer que estamos diante de um desses momentos históricos em que é necessário examinar, com toda a consciência, qual posição é a mais firme e que juízos são os mais acertados; será também necessário, porém, que o mais amplo espírito de equanimidade inspire a definição, para reconhecer a verdade ali onde ela for sentida, observada ou intuída.

O Dr. Cuatrecasas, ex-professor da Universidade de Barcelona, atualmente entre nós, é um fervoroso convencido de que nos instintos está o conjunto mais apreciável e destacado da psicologia humana. Admirador de Monakow, que parece fazer derivar tudo dos instintos, ou pelo menos os situa acima de toda outra condição psíquica, fala-nos, apelando reiteradamente para o juízo emitido por eminências do

pensamento científico, da preponderância com que os instintos consumam o episódio psíquico da vida, com a sua complexa estrutura funcional enfocada do ângulo biológico, e, para tanto, vê-se na necessidade de buscar uma definição precisa do instinto: “A fisiologia, a psicologia analítica, a psiquiatria moderna, chegaram por vias distintas ao reconhecimento do valor do instinto na vida humana. Mas a noção de instinto está pouco precisa. São diversas as nomenclaturas, as concepções e as integrações dadas ao que chamamos instintos. São forças biológicas desconhecidas em sua natureza, mas cuja manifestação consagra sua delimitação.” (Cuatrecasas: “Psico-biología general de los instintos”. 1939.) Mais adiante, acrescenta: “Está fazendo falta uma revisão do que cabe compreender da palavra instinto.”

Já que apoia todos os autores que cita a propósito do instinto e de sua definição, vamos transcrevê-los, por considerá-los interessantes para a observação logosófica.

Bergson encabeça a fila atrás de nosso biólogo, para nos dizer: “A inteligência caracteriza-se por uma incompreensão natural da vida. O instinto, pelo contrário, está moldado sobre a forma da própria vida”; diante disso, Cuatrecasas exclama entusiasmado: “Reabilitação da dignidade e da hierarquia biológica do instinto, própria do psicólogo da intuição!”.

Bleuler sustenta que *“mediante o instinto se consegue atingir o fim determinado, sem que seja necessária uma educação, uma aprendizagem ou um exercício qualquer”*. Refletindo bem, poderíamos alegar sobre isso que ele próprio perdeu tempo em estudar e educar-se, já que teria podido alcançar tudo o que se houvesse proposto, prescindindo de qualquer esforço da inteligência. Mas o fato é que estudou e aprendeu; e o que escreve, com toda a certeza não é produto do instinto, mas da inteligência, ainda que a expressão transcrita não aparentasse isso.

Em contraposição ao expressado por Bleuler, recorreremos a Condillac, Bain e Wallace, que nos tirarão de tais apuros, pois muito próximo da citação anterior nos é dito que esses naturalistas afirmam que “o instinto não é inato, mas adquirido por hábito, por educação e aprendizagem”, vindo em seguida menção a G. H. Lewis, que diz que o instinto “é um transbordamento da inteligência”. Whitman contesta, dizendo que “nas formas elevadas, não se conhece um só caso de inteligência da qual tenha transbordado o instinto. Nas formas que revelam indubitável inteligência, não vemos uma reflexão consciente cristalizando-se no instinto, porém encontramos o instinto residindo sob a onda da inteligência” (Whitman C. O. – “Anuel Behavior Wood’s Biologist lectures”. 1898.)

Por último, após continuar com uma ponderável quantidade de citações que deixamos de transcrever para não nos estendermos em demasia, o Dr. Cuatrecasas, em seu esforço para exaltar o valor dos instintos, diz, ao referir-se ao expressado por Lawovski: “Os antigos pretendiam suplantar esta mentalidade pré-lógica por uma nova e abstrata mentalidade lógica. A personalidade psíquica devia chegar à cultura universal mediante uma superação que consistia na suplantação da vida pré-lógica primitiva pelos sistemas da razão lógica perfeita, matemática. Ou seja, construir um edifício novo de linhas retas, claras, após a derrubada do casebre velho herdado dos antepassados.” E acrescenta: “Mas isso não foi possível. E, dentro do grande, moderno e standard edifício cartesiano, kantiano ou nietzschiano, o homem festejava e agredia a arquitetura do velho barraco, apenas parcialmente derrubado”, exclamando finalmente: “Quanta desarmonia esse fenómeno produziu!”

Com que meios haveria de ser resolvida a fórmula proposta? Com base em que conhecimentos? Nada disto é dito, talvez porque se superestime a suficiência do leitor para conceber como haverá de se realizar tal “suplantação”, ou porque o autor citado não se sinta capacitado para enunciá-la.

A Logosofia, ao contrário, já o expressou e afirmou de forma rotunda, ao falar do sistema mental e assinalar a necessidade de uma reconstrução integral do homem, somente factível mediante o processo de evolução consciente, que reclama para o ser todas as prerrogativas que lhe são oferecidas pelo conhecimento das altas verdades que deve conectar à sua vida como única via de realização efetiva. (Raumsol – *Logosofia. Tratado Elemental de Enseñanza*. Págs. 23, 25, 41, 53.)

Com quanta força chama à reflexão a angústia em que se debate o pensamento de tantos investigadores de boa-fé, porém lamentavelmente equivocados, os quais, ao indagarem sobre o que ainda não chegaram a compreender do complexo mecanismo que configura a psicologia humana, vão de um ponto a outro sem encontrar a rota que haverá de conduzi-los à máxima e última explicação do segredo que tão magnificamente foi ocultado nas profundezas da alma humana.

Emile Durkheim, da Universidade de Paris, publicou na revista “*Scientia*” (1941) um artigo intitulado “O descobrimento da natureza humana e suas condições sociais”, em que se pode apreciar o grau de desorientação que embarga a mente desse escritor. Extraímos de seu

compacto e extenso texto aquilo que mais particularmente mostra seu estado mental:

“Não podemos compreender, a não ser sob condição de pensar por meio de conceitos. Mas a realidade não pode entrar espontaneamente e com facilidade no quadro de nossos conceitos. Ela resiste a isso e, para obrigá-la a entrar em nossos quadros, devemos violentá-la numa certa medida, submetê-la a uma série de operações que a alteram, a fim de que seja assimilável pelo espírito, e nunca chegamos a triunfar completamente sobre essa resistência. Jamais nossos conceitos chegam a se fazer donos de nossas sensações e a traduzi-las totalmente em termos inteligíveis. Tomam estas uma forma conceitual somente à custa de perderem o que nelas há de mais concreto – pelo fato de que elas falam a nosso ser sensível e o arrastam à ação. Convertidas em conceitos, tornam-se algo imóvel, como morto. Podemos, assim, compreender as coisas, porém renunciando a sentir sua vida; podemos sentir esta última, porém renunciando a compreender. Sem dúvida, às vezes sonhamos com uma ciência que expressasse todo o real. É um ideal de que podemos nos aproximar indefinidamente, mas que nunca alcançaremos. Esta contradição interna é uma das características da nossa natureza. Seguindo a fórmula de Pascal, o homem é ao mesmo tempo “anjo e besta”, sem ser exclusivamente nem um nem outro. Daí resulta que nunca estejamos completamente de acordo com nós mesmos, uma vez que não podemos seguir uma de nossas naturezas sem que a outra sofra. Nossas alegrias nunca podem ser puras, nelas sempre se mescla algo de dor por não poderem satisfazer simultaneamente os dois seres que há em nós. Este desacordo, esta perpétua divisão, faz num só tempo nossa grandeza e nossa miséria; miséria, já que estamos condenados a viver no sofrimento; grandeza, também, porque ela nos singulariza entre todos os seres. O animal se entrega a seu prazer de um modo exclusivo e unilateral; só o homem deve deixar que o sofrimento ocupe um lugar permanente em sua vida. Assim, a antítese tradicional entre alma e corpo não é uma vã tradição mitológica, sem fundamento na realidade. É verdade, pois, que somos duplos e que realizamos uma antinomia, mas então se apresenta um problema que a filosofia e a psicologia não podem evitar. De onde vem essa dualidade, essa antinomia? De onde vem, como diz Pascal, que sejamos um ‘monstro de contradições’ que nunca pode satisfazer completamente a si mesmo? Se este estado singular é uma das características distintivas da humanidade, a ciência do homem tem que investigar o porquê.”

Para o estudante-logósofo, acostumado pela própria ciência que cultiva a diferenciar os conceitos com base em seu conteúdo específico, a fim de não confundi-los com os que se formulam por conjecturas ou apreciações superficiais, não deixa de ser altamente interessante e ilustrativo contemplar o panorama mental que se apresenta no decorrer destas exposições, as quais revelam a preocupação e inquietude dos meios científicos a respeito do enigma constituído pelos mistérios que a alma e a vida humana encerram.

No dia 26 de junho, no Instituto Popular de Conferências desta capital, auspiciado pelo jornal “*La Prensa*”, o Dr. Pablo Heredia dissertou sobre “*As secreções internas e o problema da renovação vital*”. Ao apresentar e desenvolver os pontos que motivaram sua exposição e que, logicamente, pressupunham um estudo bem aprofundado, vemos que sua exploração no campo fisiológico nos oferece, em parte, mais uma prova do que a Logosofia sempre sustentou sobre a semelhança e a íntima conexão existente entre cada um dos planos que interpenetram o ser humano, ou seja, o fisiológico e o psicológico-mental. Disse então o Dr. Heredia:

“Existe um momento, no curso penoso de qualquer vida mais ou menos feliz ou desditada, em que o homem se detém para repousar por um instante. E, tal como o lavrador que, em meio à sua tarefa, enxuga a fronte suada e observa a terra remexida sob os dentes do arado, o homem contempla no campo de sua existência a obra realizada e a que ainda tem por realizar. Nesse instante compreende, possivelmente pela primeira vez, que no esforço do caminho percorrido ganhou muito em experiência, ganhou em conhecimentos e em valores reais, intelectuais e morais, ganhou uma personalidade definida e vigorosa; porém, perdeu o que não encontrará jamais: as forças necessárias que lhe permitam chegar ao horizonte onde floresce a árvore de suas ilusões. Já foi dito que tudo o que nasce envelhece e morre; por isso, em sua maioria, os homens anciãos se submetem com resignação a uma sorte que consideram inevitável. Não obstante, é necessário ressaltar que não é verdade que a velhice e a morte sejam uma lei fatal de todos os organismos vivos. Há muitos seres vivos que não envelhecem nem morrem. Portanto, combater os achaques da velhice e prolongar a vida não significa ir contra as leis da natureza.

Se estudarmos a vida ou a longevidade de cada sistema ou de cada um dos órgãos humanos, comprovaremos que cada um deles tem sua própria longevidade, quer dizer, cada órgão, cada tecido, cada glândula, tem seu próprio tempo de vida. Há alguns órgãos que envelhecem antes de outros, e é assim que, enquanto o cérebro, base da personalidade humana, permanece lúcido e jovem, o músculo cardíaco manifesta os sinais da debilidade. Em poucas palavras, o cérebro quer, mas o corpo não consegue. É do mais alto interesse que o homem dure, que tenha um pouco mais de permanência no momento em que, à custa de uma ascensão penosa e perigosa, fez aquisições espirituais de sabedoria e de experiências úteis a si mesmo, aos seus e à sociedade. Eu creio, disse Dartiges, que para aqueles homens que transpuseram muitas etapas de sua existência, gasta pelo frenesi da vida contemporânea, seja no trabalho excessivo de uma vida dura, seja no prazer, e que queiram frear a tempo, refazer o caminho, deter-se à beira do abismo, fazer uma espécie de volta para trás, ou, em todo o caso, deter-se num *status quo* aceitável e desejável, é possível renovar a vida, revivendo e revitalizando o organismo de modo a retardar a velhice sem valor.”

Observe-se que o orador mostra o valor que atribui à prolongação da vida, para enriquecê-la com o produto da experiência, dos

conhecimentos e valores reais, intelectuais e morais. A Logosofia⁽¹⁾ já indicou como se pode utilizar a vida de forma que, computando-se o que é possível realizar à luz do conhecimento em relação ao rendimento de uma vida medíocre, se obtenha o resultado positivo e real conseguido mediante a intensidade e amplidão com que se verificou o processo dessa vida, cujo valor pode render o equivalente a muitas centenas de anos, se comparado ao alcançado por qualquer existência vulgar.

O problema vital não seria, então, como ampliar a existência, mas sim como aproveitá-la em sua máxima eficiência e utilidade. De nada valeria, para um ser comum que juntasse todos os dias que vive num feixe inserível de tempo e de vida, prolongar indefinidamente sua existência; evidentemente, isso não teria razão de ser; porém, isso sim, seria de importância capital que aquele que conduz sua vida pelo caminho fértil da sabedoria visse somadas, a suas horas de incessante cultivo, muitas mais, destinadas a auxiliar e favorecer a evolução do gênero humano.

O Dr. Heredia segue expondo sua tese e expressa: “Todo organismo vivo, seja uma planta, um animal ou um homem, é constituído por corpos pequeníssimos, que se chamam células. A quantidade dessas células é variável de espécie para espécie, de modo que há seres que estão formados por uma única célula; outros, mais aperfeiçoados, por muitas células; e outros, por muitos milhões de células. O crescimento, a maturidade, o restabelecimento, a sensibilidade e a percepção são manifestações da atividade destes elementos morfológicos, infinitamente pequenos, que se chamam células. A vida pressupõe, em consequência, uma série de processos químicos complicados, que se desenvolvem dentro do ambiente de uma célula perfeitamente organizada. Neste pequeníssimo laboratório produzem-se determinadas alterações químicas que consomem a substância celular e, apesar disso, a célula não se extingue, porque recebe continuamente de fora novas substâncias que se transformam em substância celular. Este vaivém de substâncias que se gastam, de substâncias que se assimilam e de substâncias que se eliminam, constitui o metabolismo celular, quer dizer, o intercâmbio vital da existência da própria célula. Em consequência, toda a vida está relacionada ao metabolismo celular. Os protozoários, que estão constituídos por uma só célula, não conhecem a velhice nem a morte natural, enquanto estejam num meio nutritivo apropriado. De fato: se estudarmos a vida de uma ameba, que é um ser formado por uma só célula, de vida livre e independente, veremos que ela é formada por um grumo protoplasmático, com o correspondente núcleo em seu interior. Quando esta ameba chega a seu completo desenvolvimento, toma então uma forma alongada, e a substância que constitui o núcleo aumenta de tamanho para estirar-se e engendrar duas massas polares reunidas a princípio por uma estreita ponte, que se estrangula pouco a pouco para

⁽¹⁾“Aquarius” 1936 N° 4 - 6, pág. 18.

dividir-se em dois novos núcleos. Nesse instante, a célula se adelgaça em sua parte medial e acaba por segmentar-se, formando duas células filhas, iguais à célula mãe.

Estabelecida a imortalidade dos seres unicelulares, estudemos a vida dos seres multicelulares e veremos que, embora muitos seres pluricelulares desconheçam a velhice e a morte, como as medusas, os corais, etcétera, à medida que as células se associam para formar organismos superiores eles vão perdendo paulatinamente sua imortalidade. A associação celular produz a velhice e a morte, ainda que suas células mantenham o princípio vital da existência. De fato, se um organismo pluricelular é dissociado, suas células continuam vivendo. Wilson e Muller, pulverizando uma esponja viva, conseguiram reduzi-la a suas células isoladas e comprovaram, assim, que essas células permaneciam vivas e puderam rejuvenescer até voltar ao estado embrionário e, por seus movimentos ameboides, unir-se e constituir uma nova esponja. Em 1912, Carrel e Eveling, cultivando em um meio artificial fragmentos de coração de embrião de galinha, isolaram um mioblasto, célula que é capaz de se desenvolver indefinidamente; porém, como no caso do paramécio, é necessário que o meio de cultivo seja renovado constantemente, para que a proliferação possa continuar de forma infinita. Comprova-se assim que a célula dos tecidos também é imortal, se bem que a célula fatalmente morra à medida que se reproduz, para formar uma colônia cada vez mais extensa. Suas partes centrais, encerradas em seus elementos periféricos, encontram-se em condições cada vez mais desfavoráveis à sua multiplicação, não podendo receber os líquidos nutrientes em quantidade suficiente, nem eliminar os produtos do metabolismo celular que intoxicam o cultivo, motivo pelo qual o meio ambiente se torna incompatível com a vida das células, e estas envelhecem e morrem. Em consequência, para o organismo viver é necessário que ele renove incessantemente o conjunto de suas colônias celulares, o que só é possível recebendo o aporte alimentício necessário e eliminando suficientemente os dejetos do produto de seu metabolismo. A célula dos seres unicelulares, tal como a dos multicelulares, é imortal; mas o animal unicelular é formado por uma célula de vida livre, independente, que está cercada por todas as partes de água, na qual vive e onde lhe é fácil eliminar os dejetos de seu metabolismo. A célula dos seres multicelulares não desfruta de uma vida livre, achando-se, isso sim, encadeada à vida de outras células que a rodeiam e a oprimem. Esta opressão, dificultando o livre intercâmbio das substâncias nutrientes, acumula em seu interior substâncias nocivas que primeiramente envelhecem a célula, e depois a matam. Se as células do organismo humano pudessem viver livres e independentes em sua função, e num meio sempre adequado, não existiria a velhice nem existiria a morte, porque a vida das células é eterna. As células só morrem quando são oprimidas, impedindo-se seu livre metabolismo. Chegamos assim ao fundamento científico de que a vida é eterna como concepção divina. A célula, esse microscópico ser onde Deus pôs seu hálito de vida, é imortal como Deus mesmo. Portanto, se o organismo humano não é mais que um conjunto de células, que lei biológica, filosófica ou mesmo religiosa pode opor-se à renovação vital do organismo humano?"

Ao falar sobre os pensamentos como entidades individuais, a Logosofia fixa o caráter especificamente celular deles e até apresenta à observação a

similitude que existe, nos seus respectivos campos de ação, entre os pensamentos e as células propriamente ditas, como “organismos vivos”⁽¹⁾.

Estudando-se a vida, a atividade, a procriação, etc., dos pensamentos, ver-se-á que, comparados às células fisiológicas, eles procedem mais ou menos de forma análoga. Há pensamentos que nunca morrem e cuja existência é comprovada ao longo de inúmeras gerações e idades; outros, ao contrário, fenecem por inanição ou, simplesmente, cessa sua razão de ser desde o momento em que falta o agente causal que motiva sua presença.

O que é a ciência, a grande e verdadeira ciência, senão o esforço supremo do homem para interpretar o pensamento de Deus em cada uma, imensa ou pequena, de suas manifestações? Por acaso sua maior atenção não está focada em desentranhar os mistérios que a vida encerra, essa vida que se acende e se apaga milhares de vezes no curso dos séculos? Quantos homens de ciência não consagraram suas horas a localizar o conhecimento que desse a chave para se conseguir o prolongamento da vida, seja humana, animal ou vegetal? Os antigos alquimistas, não buscaram eles a mesma coisa? Pode estar a ciência, por acaso, divorciada do pensamento universal que anima e ordena a própria vida? Quão insensato seria pretender negar à ciência uma missão verdadeira, como é a de alcançar e compreender os segredos que se ocultam ante o empenho biológico, o qual, em outras palavras, pode traduzir-se no anelo íntimo e sempiterno de decifrar os desígnios do Grande Arcano, ou seja, penetrar no próprio pensamento de Deus, obedecendo, trabalhando e exercendo, na consciência do conhecimento, a função de modesto porém sublime operário de tão solene como onipotente executor, vontade todo-poderosa e inteligência suprema que rege o devir de tudo quanto existe no orbe imensurável que abarca toda a Criação!

Entretanto, eis que, para o homem poder alcançar tão excelsos resultados em sua árdua e tenaz investigação, será necessário, para sua própria segurança, que paralelamente se consume o processo de sua evolução consciente, a fim de não provocar com sua vaidade, egoísmo e soberba, tal como estamos vendo hoje, a derrocada de tudo que constituiu longos períodos de empenho em direção ao conhecimento, pois sucederá que, em vez de alcançar a verdade ansiada, sobrevirá, como castigo, a destruição e a morte.

⁽¹⁾ “Aquarius” 1935, pág. 109.

Não poria isto em evidência que Deus esteve submetendo à prova, com sublime paciência, o objetivo pelo qual o homem deseja penetrar em suas maravilhosas e universais concepções? Poderia permitir que caíssem casualmente em suas mãos conhecimentos que só haveriam de lhe servir para perder-se ainda mais no inferno da desdita e da depravação, ao não se haver identificado antes com a alma dos mesmos? Não vemos isto naqueles que estão utilizando conhecimentos para se destroçarem e afogar em sangue, lágrimas e lama o último protesto, a última esperança e o último e supremo grito da espécie, reclamando seu direito de viver?

O que está acontecendo no mundo, como o que aconteceu em outras épocas, não nos dá a pauta de por que é penosa e lenta a marcha da ciência no afã de saber dos seus cultores; alguns, em menor número, entregues ao estudo com abnegação e sacrifício, enquanto outros, a maioria, com evidentes propósitos de encontrar elementos com os quais possam comover a razão humana e aparecer como superdotados de algo sobrenatural, vedado ao resto da humanidade? Isto, e não outra coisa, é o que buscaram obter as raças que se consideraram privilegiadas, e que depois tiveram de sofrer as privações impostas pela reação dos povos que suportaram as calamidades e as ignomínias daqueles que, por um momento, pensaram ser donos e senhores do mundo e únicos filhos reconhecidos do Senhor, em cujo nome manifestavam fazer o que fizeram, como os que hoje O invocam para consumir iguais temeridades.

Para que são exaltadas as excelências do espírito e aguçados os voos do entendimento, a fim de fazer retroceder, a maiores distâncias, a morte que mantém sitiada a vida física, se depois, traindo a consciência e a honra empenhadas para merecer a graça do saber, infringindo e transgredindo todas as leis que antes se pensou respeitar e utilizar no auxílio e progresso do gênero humano, imola-se essa vida na horrenda pira que o ódio acende para calcinar suas entranhas, e à qual não escapam nem animais, nem plantas, nem o que o próprio homem fez para perpetuar os avanços de sua ciência, de sua arte e de sua engenhosidade?

Eis a pergunta que devem formular a si mesmos os homens que, no campo da ciência, buscam o átomo ou a célula que resolva o problema do prolongamento da vida, o substrato capaz de sublimar o corpo até lhe permitir voar como os pássaros.

O mesmo investigador citado, Dr. Heredia, ao referir-se em sua exposição científica à preocupação dos homens que perseguem esse ideal, manifesta:

“Estabelecidas as causas pelas quais as células perdem sua imortalidade, tratou-se de estabelecer quais são os motivos que precipitam seu aniquilamento. Esses motivos foram considerados de diversas formas pelos distintos investigadores. Para Metchnikoff, a precipitação do aniquilamento celular se produziria pelas perturbações intestinais, originadas pela proliferação dos micróbios.” E acrescenta: “A velhice seria, assim, a consequência da autointoxicação intestinal, e a maneira mais racional de combatê-la consistiria em tornar inofensivos os perigosos micróbios intestinais. Segundo Lumière, a concepção de Metchnikoff não pode ser aceita, senão para explicar nada mais que um certo número de casos de velhice do homem e dos animais superiores; porém, não pode ser generalizada como uma doutrina, porque muitos seres vivos não possuem intestino grosso onde elaborar as toxinas, nem macrófagos para devorar as células nobres, o que não os impede de envelhecer. Para Marinesco, a senectude não se produz por uma causa externa, mas sim por floculação coloidal, como consequência inevitável dos processos vitais. Edifica-se, assim, uma série de teorias mais ou menos diversas, em que cada uma possui efetivamente uma parte da verdade, até que um descobrimento imprevisto ilumine o horizonte da ciência. Claude Bernard, estudando a formação da glicose no fígado e sua passagem para o sangue das veias supra-hepáticas, tem a clara noção do que mais tarde seria chamado de secreções internas, quer dizer, secreções que, elaboradas por uma glândula, não se vertem ao exterior mediante um conduto excretor, senão que são recolhidas diretamente pelo sangue. Trinta anos mais tarde, Brown-Sequard assombra o mundo científico e leigo, ao levar à prática suas comprovações fisiológicas e suas ideias teóricas, injetando em si mesmo extrato testicular. Com essa autoexperiência, cobriu-se de brilhante ouropel o empirismo dos velhos mestres, quando declarou enfaticamente que, mediante essa injeção, havia recuperado as energias próprias da juventude. Abre-se assim uma ampla clareira no caminho da ciência, e ainda que a experiência de Brown-Sequard tenha sido uma experiência falsa, porque no extrato injetado não havia nenhuma substância que pudesse produzir o efeito por ele relatado, todos os investigadores do mundo estudaram com amor o problema magnífico das secreções internas.”

Após mencionar as diferentes transformações que o ser físico humano experimenta por influência das glândulas endócrinas, cujo produto, os hormônios, atuam maravilhosamente no organismo humano, refere-se ao fato de que

“desde Brown-Sequard, Busquet, Cavazzi, Steinach, Doppler, Harms, Thoreck, até Voronoff e Dartigues, todos permaneceram sob a velha sugestão de que a velhice era produzida pelo aniquilamento da glândula gonadal, e que a renovação vital do organismo só podia ser obtida mediante a revitalização dessa glândula”.

Terminando, manifesta que se abriram duas rotas para o estudo que os preocupa, “uma baseada nas experiências de Carrel e seu célebre coração de galinha, alimentado com sangue e sucos embrionários, e outra baseada nos estudos de Tchistovitch,

Lumière e Grange, sobre as modificações sanguíneas ao longo das idades. A primeira rota conduziu Ischlondsky à investigação do *incretina* embrionário, com o qual se consegue a revitalização total do organismo velho, até o ponto não apenas de recuperar as energias físicas, mas de conseguir inclusive o desaparecimento das cataratas senis e a cura dos transtornos visuais. A segunda rota conduziu Picado a investigar no sangue os produtos da velhice e produzir “in vitro” anticorpos da velhice, ou seja, substâncias capazes de isolar as que são originárias da velhice. Desta forma se conseguiria vacinar contra a senectude, produzindo uma imunização contra as substâncias produtoras da velhice. Por meio dos hormônios, podem-se produzir flores e frutos de dimensões surpreendentes, podem-se melhorar as raças dos animais e abrir para o homem as próprias fontes da força física e da força psíquica. Em nada disso foram empregadas forças contrárias à natureza propriamente dita; foram simplesmente utilizadas as forças que a natureza põe à nossa disposição. O aviador que se eleva acima da terra, estendendo suas asas pelo espaço, não viola as leis da natureza, mas utiliza essas mesmas forças para elevar-se acima delas. Os médicos e biólogos que, no silêncio de nossos laboratórios, queremos desentranhar o mistério divino da vida para entregá-lo aos homens, só queremos dar-lhes asas para que, aproximando-se de Deus, perpetuem o fogo sagrado que, num sopro de vida, purifique o barro de sua carne.”

Já se compreenderá por que quisemos oferecer um maior espaço à palavra recente do erudito conferencista. Tudo fica reduzido a seu parágrafo final. “*Queremos desentranhar o mistério divino da vida*”, disse, e o afã da alma, inspirando-se nas fontes do saber, traduz-se num incontido anelo de aproximar-se de Deus.

A Logosofia quer, precisamente, e assim se tem expressado, aproximar o homem de Deus pelo conhecimento, mas fazendo com que entenda que não haverá de ser pelo saber superficial, pela especulação mental ou pela limitação da ilustração comum no campo científico, mas sim pelos conhecimentos que mais imediata conexão tenham com o pensamento que deu forma e vida a todas as coisas.

Isso será possível se o homem dispuser sua vida para esse fim; se, entendendo a transcendência do labor que empreende, jamais desobedecer aos ditados das leis que moverão sua existência, levando-a do extremo comum até as esferas da consciência superior.

É necessário chegar ao convencimento absoluto de que os conhecimentos que promovem a aproximação à Verdade são forças que só devem ser manejadas para o bem, e que, desde o instante em que muda a intenção do homem a quem foi concedida a graça de incursionar nos domínios da

sabedoria, cessa para ele essa assistência que torna possível prosperar sem se ofuscar no esforço de superação empreendido.

Eis a inexorável consequência que deve fazer meditar aqueles homens que, mesmo compreendendo a primordialíssima importância que o conhecimento assume na vida, não tomam precauções contra os perigos da insensatez, a fim de não sucumbirem, incorrendo no passo em falso que ela pode fazê-los dar.

Que outra coisa pode exigir a natureza da empreitada a realizar – que é a de aproximar-se de Deus pelo conhecimento – que não seja o constante auspício da consciência em todos os atos que se pratiquem, para experimentar mais profundamente a responsabilidade que isso implica? Chegamos aqui ao canal que nos conduzirá ao grande oceano onde queremos navegar. Aludimos à evolução consciente que a Logosofia preconiza como único e absoluto fator determinante do processo que o homem deve realizar, até alcançar a meta que ele concebe como suprema aspiração de sua existência.

Enquanto o ser humano se mantiver alheio à realidade de sua existência, no que diz respeito às funções que lhe correspondem como ente superior das espécies, jamais poderá transcender as limitações de sua mediocridade. Sua vida, então, haverá de se ater às simples exigências das necessidades comuns, com fins vegetativos, sem outro incentivo além daquele que, no melhor dos casos, a eventualidade lhe possa oferecer.

Em vez disso, quem tenha vislumbrado a oportunidade que sua própria existência lhe oferece e, ainda que compreenda só em parte a transcendência de semelhante oportunidade, se dispõe a realizar o esforço de superação necessário para optar por novos horizontes, de fato se coloca numa posição vantajosa com relação aos demais, porém sujeito às responsabilidades e obrigações que correspondem já a outra ordem de coisas. A vida não poderá, a partir desse instante, desenvolver-se com indiferença, pois tudo irá mudando para sua razão e adquirindo um valor que a justa avaliação de cada coisa determinará à medida que avance pelo caminho do conhecimento.

Portanto, é imperiosa a necessidade de realização de processos internos que conformem a nova existência que se haverá de viver; e a

chamamos de nova existência porque deverá se diferenciar fundamentalmente da compreendida na etapa anterior ao começo do processo de superação, que se efetua com o concurso de todas as energias internas.

Aqui surge com inquestionável evidência que só mediante a evolução consciente, ou seja, observando uma estrita disciplina mental e exercendo um severo controle dos pensamentos que atuam na mente, é que poderá ser efetuada conscientemente essa evolução, comprovando-se passo a passo os progressos revelados em cada avanço rumo às regiões do conhecimento e da sabedoria.

O CAPITAL NÃO EXISTE

Cotação do esforço e soma do produto humano para a avaliação do trabalho



Um dos problemas que mais se acentuaram neste século e que vem sendo motivo de grandes preocupações para os governos de todos os países do mundo é o promovido pela constante desinteligência entre o capital e o trabalho. Mais exato seria dizer – porque, em honra à verdade, isso é o que acontece – que existe uma aversão crônica e um constante estado de sublevação mental nas massas operárias, que representam o trabalho, em relação aos chamados patrões, que comumente são designados com o nome de capital.

Para aquelas, é crença enraizada que elas representam o trabalho e que são exploradas pelos que manejam o capital. E de tal crença parte o erro que dá a base para todos os conflitos que se suscitam na engrenagem das finanças e das economias, na qual entram em jogo os interesses de uns e de outros.

Parece incrível que legisladores e homens versados em questões sociais, e particularmente em elucidar temas relacionados com as questões operárias e o desenvolvimento do capital, não tenham podido enfocar este problema em seu aspecto essencial, discriminando, para o melhor e mais claro entendimento de todos, o que significa ou deve significar cada atividade humana e como deve ser julgada ao se estimar sua contribuição.

Analisadas as perspectivas que cada homem nos oferece em seu posto de trabalho e de luta, deve-se chegar à conclusão de que o capital, como tal, não existe, e, por outro lado, em substituição a ele temos o que poderíamos denominar trabalho superior. O que anteriormente se chamava trabalho deve ser denominado trabalho inferior.

Vejam agora o estudo que ilustrará o leitor sobre a razão na qual fundamentamos esta apreciação.

Começamos por deixar bem estabelecido que, não sendo vedado a ninguém poder ser ou ter o que são ou têm aqueles que parecem ser os mais afortunados, fica de fato o caminho aberto às aspirações de todos. Porém, tenhamos aqui presente que, embora a mente de cada ser humano foi feita sem variações, ou seja, dotadas de idêntico mecanismo, com o correr do tempo, enquanto as mentes de uns foram evoluindo desde os primitivos estados da espécie humana até alcançar, depois, pelo cultivo da inteligência e pela educação que se foi acentuando de geração em geração, as mais proeminentes posições no seio da sociedade humana, as de outros, que no final das contas são a maioria, atrasaram-se a tal ponto que, postos lado a lado, dois homens de cada uma dessas duas posições descritas dariam a impressão de que um deles, aquele cuja mente se acha em melhores condições e até, poderíamos dizer, sincronizada com o ritmo do progresso, vivesse em nossa época, ou seja, nos anos em que estamos vivendo, ocorrendo que o outro, a julgar por sua incapacidade e inferioridade de condições intelectuais, estaria vivendo ainda nos séculos passados ou, pelo menos, com muito atraso em comparação com o outro.

Não obstante, cada um em sua esfera de ação obtém o que lhe é possível obter, conforme suas aptidões e o comportamento que observa no ambiente de suas atividades e da necessária convivência social.

Os que se encontram em inferioridade de condições pelas razões expostas, por cuja situação não se pode admitir que se culpem os que os avantajam, formam as legiões de trabalhadores rudes que aplicam, no desempenho de seus afazeres, o mínimo de inteligência, pois que, para lhes facilitar essas tarefas, os de maior capacidade põem sua inteligência a serviço do aperfeiçoamento dos mecanismos que mais tarde movem quase automaticamente os braços daqueles.

Este trabalho inferior, que corresponde aos chamados operários e assalariados em geral, é remunerado na medida do que cada um produz como esforço pessoal (isto deve ficar bem claro, porque tem uma importância capital para o que estamos tratando), pois não pode ser avaliado de acordo com o resultado produzido, já que este é consequência do

produto da inteligência posta a serviço do operário, para que ele possa se desempenhar como tal em suas funções.

O trabalho superior, o que responde à inteligência, é o dos operários que, sem ostentar o suor de suas fronteiras e sem esconder no olhar um ressentimento injusto, como se percebe nas classes operárias, trabalham sem descanso, sem medir as horas, e consagrados por inteiro às tarefas a que se dedicam. São eles os que multiplicam o rendimento da mão de obra e os que sabem administrar o produto desse trabalho convertido em capital, fazendo com que este aumente progressivamente, até atingir cifras imponentes.

Não se pode esquecer aqui que o operário de alta categoria, como seria o compreendido neste último caso, é o chamado patrão, incluindo também os administradores, gerentes e chefes de alto nível do comércio e da indústria, cada um deles, logicamente, situado na escala e importância respectivas, de acordo com as responsabilidades assumidas nos postos diretivos.

O capital em si, visto da realidade que enfocamos, não existe, pois é apenas o nome que toma o produto do trabalho da categoria de operários que acabamos de mencionar. Insistimos na palavra operário, porque as massas proletárias só admitem ser elas as únicas que podem ostentar esse nome e representar o trabalho; e não é o proletariado o único que tem essa crença; os legisladores, os homens do governo, os políticos, etc., também admitem isso e, comumente, tal designação é de aceitação geral. Mas é porque a ninguém ocorreu pensar que só o trabalho existe como fato certo, e que este se divide em duas partes: o superior, que tomou o nome de capital, e o inferior, ao qual erroneamente se atribuiu a denominação de trabalho de uma maneira global.

Se os homens capacitados se detivessem a julgar esta verdade que estamos manifestando, de imediato concordariam que, segundo o que correntemente é aceito, o único labor digno de ser considerado é o do trabalho inferior, o do operário que realiza tarefas rudes, e que as faz porque não está capacitado para empreender trabalhos de índole superior; e que, por outro lado, deixa de ser considerado como trabalho o realizado pela classe superior de operários, que usa em proporções máximas a inteligência, em vez de utilizar, como no caso do operário comum, os braços, cuja ação é mecânica e sempre dirigida pela inteligência dos outros.

Então, para que uma nova ordem impere no mundo, em harmonia com as possibilidades de cada um, é fundamental que se estude bem a fundo esta questão, que assinalamos como de primordial importância, a fim de que o homem tenha um conceito claro e cabal de qual é sua verdadeira posição dentro da sociedade, quais são as funções que lhe correspondem segundo suas aptidões e quais seus deveres no jogo das atividades humanas.

É comum ouvir as massas operárias falar de tratamentos injustos, de baixos salários, de crescentes demandas por aumento de ordenado e redução das horas de trabalho. Nada mais lhes interessa, nem se preocupam se prejudicam ou afetam a estabilidade econômica dos que têm a seu encargo a administração, os múltiplos problemas que surgem a cada instante em toda empresa e a vigilância permanente para que operários e demais empregados cumpram com suas obrigações. É assim que o trabalho superior, representado pelos patrões, ao qual se deu a denominação de “o capital”, vê-se constantemente ameaçado pelas exigências sempre mais injustas do trabalho inferior, ao qual, como dissemos, se atribuiu erroneamente – erro que a realidade deve corrigir – o nome de “o trabalho”.

Quem fomentou essas exigências? Quem deu asas à ignorância, em vez de dá-las à inteligência? Veja-se o que ocorreu na França e nas outras nações que não souberam defender-se contra a agressão. Olhemos para mais perto, em nosso continente, em nosso próprio solo. Recordemos os discursos políticos nas vésperas de eleições, prometendo às massas operárias aumentos de salários, menos horas de trabalho, melhor tratamento, etc., e como elas reclamam depois o cumprimento de tais promessas até obter essas melhoras.

Isso acontece e aconteceu uma porção de vezes em menos de um quarto de século. Até onde chegarão esses aumentos de salários e essas melhorias? Até onde? Já se viu que não é o aumento de ordenado e a redução das horas de trabalho o que melhora as condições do homem e da mulher operária, pois quanto mais ganham e quanto mais de tempo dispõem, mais os gastam em diversões de toda espécie, permanecendo, em consequência, com os mesmos problemas e necessidades, que são incapazes de resolver ou superar. Poderão dizer que eles têm os mesmos direitos que todos os demais. A isso responderemos que está muito certo, mas, então, também têm o dever de zelar pela própria sociedade da qual fazem

parte, como zelam e se preocupam os que se acham na camada superior. Enquanto o operário deixa despreocupado o seu trabalho, desvinculado por completo das contrariedades de toda espécie, das aflições e momentos amargos que vive o patrão, quem é que continua seu labor infatigavelmente e trabalha no escritório, em sua casa e em qualquer parte onde se encontre, com a mente sempre absorvida pela atenção que lhe demandam os múltiplos e complicados setores da empresa que administra?

Observemos as duas posições antagônicas: a do patrão, com suas inquietudes e responsabilidades, e a do operário, que se desliga em absoluto de toda preocupação, não só desde o instante em que abandona sua tarefa diária, mas também durante a própria, pois cumpre de maneira forçada suas horas de trabalho e jamais admitiria compartilhar, por alguns minutos, o pesado e ingrato labor de seus superiores. Isto é o que faz a maioria; há também os que desejariam trabalhar mais, compenetrar-se melhor de suas funções; em resumo, colaborar com seus patrões; entretanto, quantas vezes, quando isso ocorre e algum deles consegue distinguir-se, melhorando sua posição, os demais o tomam como um judas e tornam sua vida insuportável.

Evidentemente, há uma desigualdade que não foi levada em conta pelos que, ao cumprirem diversas vezes as promessas eleitorais feitas ao proletariado, as convertem nas chamadas leis trabalhistas, afetando, assim, diretamente, o equilíbrio harmônico que devia e deve existir entre o trabalho superior e o inferior, ou seja, entre o trabalho da inteligência e o mecânico, mão de obra, força bruta, ou como se queira denominá-lo; entre o que se chamou de o capital e o trabalho.

Os homens do chamado socialismo não pensaram que o trabalho inferior, o das massas proletárias, é tão capital como o próprio capital, e que o trabalho superior é tão trabalho como o dessas massas e merece igual ou maior consideração que o das massas citadas. A diferença entre um e outro reside em que, enquanto o superior é feito em silêncio, com a substância mental, a caneta e o papel, o outro, no mais das vezes, é ruidoso, ostensivo, e exhibe com incontido orgulho o suor que provoca, mas disfarçando-o e fazendo-o parecer um sinal de exploração e de injustiça social.

Por que não se legisla com visão mais elevada e projeções mais amplas? Por que não se estabelecem, para as massas operárias, normas

de conduta que lhes assinalem os deveres e as obrigações que têm para com a sociedade, em vez de abandoná-las a seu exclusivo arbítrio, desobrigando-as por completo de toda colaboração que facilite a solução de tantos problemas que deixam inteiramente nas mãos dos que não são operários? Por que aqueles que compõem as massas operárias gozam do privilégio de serem os mimados, a quem os de maior inteligência têm o dever de oferecer tudo – progresso, desenvolvimento, comodidade, salário –, enquanto muitos deles só se preocupam em ter seus estômagos bem alimentados, acudindo à sua mente os únicos pensamentos que ali podem se hospedar, quais sejam os do ócio, do jogo, das diversões, e os do rancor contra aqueles que generosamente lhes tornam a vida suportável?

Já foi dito, como tantas coisas que se dizem por dizer, sem nenhuma reflexão, que o capital nada poderia fazer sem o concurso da mão de obra, quer dizer, da “gente trabalhadora”. Eis aí outro erro. O que deveria ser dito é que, nesse caso, nada se poderia fazer em benefício dessa gente trabalhadora, porquanto, negado o concurso da mão de obra, o capital, ou seja, a classe trabalhadora de maior hierarquia, poderia prescindir dela e ocupar-se em viver somente para si.

Apresentamos a respeito a seguinte imagem: coloque-se numa ilha um milhão de seres ignorantes, com todos os recursos que a natureza oferece à espécie humana, e que esta deve saber aproveitar, e em outra, muito próxima desta, cem pessoas que cultivaram sua inteligência, cujo capital consiste nessa preparação. O milhão de seres ignorantes passarão os dias vivendo de forma primitiva, dando de si apenas o mínimo suficiente para satisfazer a suas necessidades mais urgentes e sem aproveitar nenhuma das riquezas que a natureza contém. Diferentemente, os cem inteligentes farão de imediato um plano de trabalho; edificarão casas e as encherão de comodidades. Construirão depósitos para a reserva de suas provisões, e barcos para transportar seus produtos a outras ilhas ou terras, onde os trocarão pelo que não têm.

Enquanto isso, o milhão de ignorantes, sem perceber que poderiam ter feito o mesmo, vão se aglomerar na orla de sua ilha para cobiçar as riquezas dos vizinhos e pensarão na injustiça que isto significa.

Estes lhes venderão objetos úteis, em troca da mão de obra, e os colocarão nos barcos que eles mesmos pilotarão, ensinando-lhes muitas coisas e fazendo-os participar de seus ganhos na proporção natural e justa que corresponda.

Qual é, pois, o verdadeiro capital? A inteligência. O volume do capital estará sempre relacionado diretamente ao grau de cultura da inteligência.

Mas uma inteligência desenvolvida exclusivamente para o lucro se perverte, desnaturalizando sua verdadeira função. Chegamos aqui aos casos típicos daqueles que, ocupando posições no plano do trabalho superior, formam um quisto social, sendo precisamente estes os verdadeiros exploradores do sangue humano. Eles são a expressão da usura e da pilhagem. Extremamente obcecados pelo afã da cobiça e com uma mesquinhez que beira o inconcebível, buscam o domínio econômico para implantar seu reinado de opressão e humilhação. Desgraçadamente, seres deste tipo avantajam os demais em sua atividade, porque concentram nela toda a sua preocupação, e porque a usura é o grande incentivo de suas vidas. Lamentável é que sejam confundidos com os que atuam no trabalho superior com nobres propósitos e visão humanitária.

Vejamos agora por este outro ângulo que descrevemos, isto é, o do trabalho superior convertido pela raça usurária em elemento perturbador, como isso é causa que provoca conflitos entre este e o trabalho inferior. O grave é que, nas reações, não se sabe diferenciar o bom do mau, o honrado do miserável. E nesta confusão vive o homem.

Entretanto, não se deve cair na decepção. O homem tanto há de sofrer por seus erros que, no final das contas, terá de se convencer de que sua inteligência pode lhe servir para resolver muitas situações. Quando isto ocorrer, teremos outra classe de legisladores e de homens de Estado, que saberão fazer leis justas e propícias, que evitem os excessos e ponham limites razoáveis à ambição.

Uma das tantas soluções para fomentar o desenvolvimento sadio das atividades econômicas seria a de fixar um máximo para o capital individual. Fixado este limite em, por exemplo, um milhão de pesos, que é mais do que suficiente para satisfazer as mais exacerbadas

ambições, o homem que chegasse a alcançá-lo deveria ocupar sua inteligência e seu tempo em auxiliar seus semelhantes, para lhes indicar, por meio de sua atuação, o caminho. Quem tivesse alcançado essa posição poderia ser conselheiro econômico do Estado, ou seja, conselheiro econômico da sociedade; em palavras mais claras, teria terminado sua carreira ao chegar ao milhão de pesos. Sua ocupação, e isto lhe demandaria muito pouco tempo, seria a de manter e assegurar sua renda, podendo voltar à sua atividade quando, por qualquer circunstância, seu capital se reduzisse. Também se poderia permitir que tivesse atividade comercial, no caso de administrar o capital dos que lhe confiassem seus bens, contanto que estes não ultrapassassem o limite fixado para cada um. Os excedentes do milhão de pesos poderiam ser colocados em títulos do Estado. Deveria também ser levado em consideração que aqueles que fizessem, fora do comércio comum, verdadeiras obras de bem à sociedade, poderiam desfrutar o privilégio de possuir cinco ou dez vezes mais, já que isso seria sempre empregado para bem do semelhante, da pátria e da própria humanidade.

CONCEITO SOBRE A RELIGIÃO E OS IMPERATIVOS DA CONSCIÊNCIA

O Templo do Conhecimento



Se nos fosse perguntado por que foram fundadas as religiões – segundo a aceção corrente da palavra – e instituídas com elas as crenças e os dogmas, responderíamos que isso foi e segue sendo uma necessidade das pessoas, mais emocional e instintiva do que de caráter racional, pois a razão sempre teve que se deter nos umbrais dos templos.

Os mais graduados em quaisquer das categorias em que se diferenciam as camadas sociais assistem aos respectivos cultos atraídos pelo espetáculo dos cerimoniais e obrigados, digamos assim, por força das circunstâncias. Alguém não professar o culto da camada social que frequenta é criar para si uma situação incômoda. A alta sociedade cuida de sua tradição e sente como uma necessidade a manutenção das normas sociais que lhe dão lustre e distinção. A classe média, a qual devemos classificar em três categorias, ou seja: aquela que está mais perto da alta sociedade, seja pela condição econômica que a coloca em posição vantajosa, seja por parentescos que de alguma forma a ligam àquela; a segunda ou típica, que, por sua febre de figuração, leva o nome de *cursi*; e a terceira, que, sem tais preocupações, segue em maior ou menor grau as inspirações da nata social. Por último, a chamada “plebe”, classe de humilde condição, para a qual dá no mesmo ir para um lado ou para outro, é levada a esta ou àquela crença por força de simples insinuação, pois já sabemos como se propaga o fanatismo nos meios inferiores.

Raros são, pois, os que acodem a elas em busca de um pouco de paz para sua alma, e estes geralmente o fazem quando os templos estão

vazios; assim, longe de todo olhar indiscreto, a sós consigo mesmos, entregam-se, nesse momento de sossego, nesse instante de emoção mística, a íntimas reflexões, e até chegam a desafogar suas penas.

O que dissemos nada tem a ver com a religião em si, já que uma coisa é a atitude religiosa, que, segundo expressamos, é mais emotiva e instintiva do que racional, e outra coisa é ou deveria ser o imperativo da consciência, nascido nas mais profundas reflexões do espírito como uma necessidade da razão de discernir e julgar o alcance que possa ter sua vinculação consciente com todos os sinais da inteligência que façam possível a comunhão do entendimento com a Razão Suprema, único meio de acercar-se pela via mais legítima e direta ao pensamento de Deus.

A origem das religiões remonta, pode-se dizer, aos alvares do mundo. Sabe-se que em tempos primitivos o homem elevava seu sentir ao Sol e a tudo aquilo que surgia à sua vista como algo sobrenatural, saturado de mistério e de contornos sugestionantes. Mais tarde se foram perfilando os objetos que seriam motivo de veneração e culto.

A ideia de Deus como árbitro universal e absoluto em uns, e a de deuses ou profetas em outros, foram criando a necessidade de estabelecer práticas, ritos, etc., a fim de unificar o anelo comum na celebração dos atos e cultos dessas crenças. Religião implicava, segundo os gnósticos, religar, voltar a unir; em outras palavras, significava estabelecer o ponto de união entre o humano e o divino, acondicionando as crenças a uma espécie de estatuto do qual, uma vez aceito, não era permitido apartar-se, sob pena de ser castigado. Organizados os cultos em cada uma das crenças que professavam os diversos agrupamentos de indivíduos, fez-se necessária a existência de autoridades que regulassem os ofícios desses cultos, surgindo, em consequência, a hierarquia, e as religiões se estabeleceram como norma comum para as aspirações do espírito.

No entanto, o vulgo, ou seja, a massa inculta ou pouco ilustrada, que, lamentável é ter de dizer, é a mais numerosa, entende que a religião de sua preferência, em cujo seio se agitam com caráter de exclusividade o espírito dos anjos, dos santos e dos profetas, é ou deve ser a única. Sugestionado por essa ideia, fanatiza-se ao extremo de crer cegamente que a religião que ele professa é a única depositária da palavra de Deus.

Quantos não recorrem à hipertrofiada imaginação para agigantar pequenas coincidências de fatos que não teriam nenhuma importância se não fossem elevados à categoria de milagres, os quais são mantidos sempre à mão pelos fiéis para alimentar sua veemência, que chamam de fé, e a sempre oscilante dos demais crentes. E é curioso que tais fantasias místicas cheguem, às vezes, até a transtornar o bom senso.

A nosso juízo, se a religião, seja qual for seu nome, pretende elevar o pensamento do homem a Deus e emancipar sua consciência, deve começar por lhe abrir os olhos à luz do conhecimento, em lugar de cegar sua razão e adormecer sua inteligência, pois já dissemos, e isto é o que a Logosofia sustenta com firmeza, que só por meio do verdadeiro saber poderá acercar-se o homem aos pés do Supremo e Todo-Poderoso Criador, sem apreensões ou temores e com a máxima confiança em si mesmo.

Enquanto o homem não sentir outras inquietudes além das vulgares sobre o destino de sua existência, exclusivamente relacionadas à sua manutenção física e às obrigações inevitáveis que a convivência humana lhe impõe, não necessitará, para acalmar suas eventuais curiosidades, de outras satisfações além das que sua limitada compreensão das coisas lhe pode dar. E, ao dizermos limitada compreensão das coisas, referimo-nos àquelas que dizem respeito às inquietudes aludidas. Um ser nestas condições, apagadas as luzes de seu espírito pela abulia, reduz suas exigências a crer, crer cegamente, sem a menor intenção de analisar o que admitiu abrindo mão de todo reparo, talvez por lhe ser cômodo deixar para os demais a tarefa de analisar e julgar.

Muito ao contrário é o que acontece com o espírito de quem, não se conformando com o absolutismo imposto pelas crenças e pelos dogmas, experimenta dentro de si a necessidade de saber, de conhecer com consciência tudo que venha a ingressar nos domínios de sua inteligência e de seu sentir e, em consequência, venha a pertencer ao foro discricionário de sua vontade. Este é o que opta por se emancipar do círculo estreito das crenças para ir em busca de outros horizontes mais amplos, onde a consciência possa submergir e encontrar, em sucessivas explorações, os fragmentos perdidos da verdade que haverá de aproximá-lo, como já dissemos, das sublimes regiões do pensamento, ali

onde tudo é pureza e realidade, e onde tudo se transforma ante o extasiado olhar que contempla o que é verdadeiro e eterno.

O imperativo da consciência é, neste caso, lei do espírito, e força o homem a não deixar de ouvir seus ditados. Recorre-se assim às reservas internas que cada um possa ter para se amparar contra as agressões da dúvida e as resistências que seus parentes e amigos haverão de opor, os quais acreditarão ver, nessa atitude para eles incompreensível de decidida emancipação dos preconceitos e das ligações do formalismo batismal, uma manifestação de ateísmo, tachada de ímpia e catalogada pelos dogmatismos como heresia.

Eis aí o magnífico contraste que nos apresenta este espetáculo digno da mais acentuada reflexão: por um lado, os que mantêm para si uma crença que, na maioria dos casos, lhes foi imposta pela educação recebida na infância ou pela inculcação sistemática dos adultos que guiaram sua juventude, e pensam que seria um sacrilégio desertar da tradição religiosa familiar; por outro lado, os que, com louvável valentia moral, assumem dignamente o direito de escolher o caminho que melhor satisfaça às exigências de seu espírito e aos justos reclamos de sua consciência.

Como se poderá apreciar, a Logosofia é o conhecimento vivo e fecundo na mais ampla acepção da palavra. As religiões, para ela, não são outra coisa que o resultado de uma série de condicionamentos de fatos que os homens, dos seus respectivos pontos de vista, vincularam ao divino, ao sobrenatural, chegando, no paroxismo do fervor e da exaltação sectária, até a assegurar, em cada um dos diversos e grandes agrupamentos religiosos que se rivalizam no vivo ardor que cada crença fomenta, o consentimento de Deus para exercer por sua vontade os supremos mandatos que atribuem a si mesmos para inculcar e impor os dogmas sustentados por elas.

Ao projetar sua diáfana e penetrante luz sobre o arcabouço das religiões existentes e iluminar a razão do homem, a Logosofia mostra o que elas devem significar para o entendimento humano, assinalando-as como necessárias para as almas incipientes e ingênuas, pois que, enquanto não puderem encaminhar os passos por si mesmas, guiadas pela luz de

um conhecimento superior e ativo, deverão admitir a prédica dos púlpitos ou das sinagogas como destinada a mantê-las pelo menos submissas à ideia de Deus, ainda que nada compreendam de quanto lhes seja dito nem se preocupem em discerni-lo.

O que em nossos dias não existe com caráter de algo público e universal é o Templo do Conhecimento, onde cada alma, sedenta daquilo que está além do saber comum, possa comparecer para iluminar sua mente e alcançar, quando isto lhe seja dado por seus esforços, paciência, perseverança e consagração, as altas verdades de onde flui a própria Sabedoria.

Esse Templo do Conhecimento transcendente, que nada teria a ver com as religiões existentes, nem com as ciências ou filosofias conhecidas, agruparia em seu seio a todos os seres, qualquer que fosse sua condição, classe e fortuna, que anelassem nutrir sua inteligência na fonte viva da Sabedoria prodigiosa.

Se aqui, na América, neste continente de climas privilegiados e nascentes manifestações de inquietudes superiores, fosse levantado esse Templo, poderíamos assegurar que em pouco tempo se veria, como ocorreu no Egito e depois na Grécia, chegarem homens de todas as latitudes em busca desse ouro imaterial que fluiria de seu seio como uma irradiação inesgotável de luz para o entendimento e prazer inefável para as consciências.

ESTUDO SOBRE AS PERGUNTAS E O ATO DE PERGUNTAR



Como estamos vivendo numa perpétua interrogação, será bom que nos ocupemos em fazer uma substancial discriminação do termo que serve de ponte às inquietudes do pensamento, para que este possa transpor os umbrais da dúvida. Pensamos que uma explicação assim pode ser de suma importância, não só no campo da docência comum, em quaisquer de suas ordens, mas também, e muito especialmente, na chamada alta docência, onde as perguntas já incursionam noutros campos que transcendem a cátedra ou, melhor ainda, os âmbitos universitários, para se internar nos profundos problemas que o Universo e a própria vida propõem à inteligência humana.

Mesmo que o ato de perguntar pareça carecer de transcendência e encerrar tão somente uma mera fórmula de entendimento comum, nem por isso deixa de implicar uma série de sugestões dignas de ser consideradas e desenvolvidas, pela variedade e riqueza de matizes que ele contém.

A indiferença, com o frio secular que lhe tem sido atribuído – talvez por não propiciar calor ou vida ao pensamento, que por tal causa morre congelado nela –, constitui uma particularidade da psicologia humana, da qual não é possível esperar as vivas manifestações do sentir nem tampouco os justos reclamos do pensar corrente.

A pergunta surge impulsionada pelo interesse que uma determinada pessoa, coisa ou assunto desperta, e é sempre animada por uma inquietude, que pode ser leve ou profunda.

Existe, por assim dizer, uma hierarquia na escala de perguntas, e também uma escala nos estados conscientes da psicologia humana. De modo que uma pergunta pode ser formulada em certo estado psicológico e não ser necessária em outro, como também pode ensinar um simples

esclarecimento do que no momento se presume indispensável. Aqui, ainda que a pergunta abarque um conjunto de determinados motivos, a resposta deve ser dirigida ao propósito observado como proveniente de um estado particular de ânimo. Quando a pergunta, contendo um conjunto de motivos, é formulada por uma necessidade de enriquecer o acervo pessoal, isto já requer uma consideração especial. Nesse caso, deverão ser analisados tais motivos, comprovando-se, ao mesmo tempo, até onde chegou o esforço próprio na busca, antes de ser lançada a pergunta.

O ato de perguntar está condicionado a uma série de exigências que nascem ou surgem do cultivo das prendas morais, espirituais e, sobretudo, para sermos mais claros, das faculdades que se manifestam na inteligência.

O investigador, por exemplo, seja na ordem social ou científica, tem para suas perguntas uma norma estabelecida. Para ele, as respostas terão de ser convincentes, porque significarão a última etapa de seus avanços na investigação e, portanto, elas não necessitarão incluir detalhes que ele já conhece, senão aspectos, fundamentos ou conteúdos que passaram inadvertidos à sua penetração.

Naquelas famosas assembleias dos sábios da Antiguidade, que se constituíam sob o signo da meditação e da colaboração mútua para o esclarecimento das verdades, as perguntas que entre eles se expunham eram, em geral, o fruto de longos anos de investigação, e mais de uma vez costumavam dizer que, mesmo com o concurso de todos, necessitavam de muito tempo para encontrar a resposta.

Existem interrogações que permaneceram séculos sem ser respondidas, e há aquelas que ficarão sem resposta enquanto os homens não sejam capazes de desentranhar os mistérios que ocultam essas sublimes explicações que tantas gerações ansiosamente têm anelado.

O ato de pensar, em sua acepção mais pura, faz com que se manifeste uma condição que é natural da consciência. Ela só pode admitir alguma coisa sob condição de que aquilo que haverá de sustentar depois como valor inquestionável pertença ao foro de suas legítimas aspirações de verdade. A mente, sim, pode aceitar *a priori*, e até conservar, digamos assim, os pensamentos ou ideias que lhe sirvam para seus trabalhos de maturação na retorta

do entendimento; porém, o labor seletivo da inteligência e as funções do juízo sempre permanecerão fora da consciência, enquanto não se obtenha a resposta que haverá de condensar-se em convicções profundas. O conhecimento dilui a dúvida e destrói os preconceitos, que são o produto de respostas prematuramente obtidas e, portanto, defeituosamente elaboradas.

Há perguntas que partem da imaginação, e há outras formuladas pelo sentimento ou pelo instinto; também, e numa proporção que não poderíamos precisar, existem as que provêm da razão ou do juízo. Devemos diferenciar, então, a qualidade da pergunta e responder a ela segundo sua origem. É um erro comum não levar em conta nem apreciar o fato assinalado, pois é precisamente o que dá lugar a muitas confusões. A palavra sábia vai sempre ao encontro da pergunta, fazendo antes um rápido reconhecimento dela para determinar sua natureza.

Se a pergunta é feita pela inocência da criança, a resposta deve estar condicionada à sua incipiente compreensão, pondo-nos a seu alcance, e deve ser embalada em imagens simples, de fácil captação. Assim, cuidaremos de não lesar os ternos filamentos de sua sensibilidade, e deixaremos satisfeita sua inofensiva curiosidade com respostas que, mesmo compostas com singeleza, cooperam com o espírito construtivo infantil.

Ante o dilema que uma pergunta formulada com má intenção costuma suscitar, e que, sem chegar a ser um atropelo à dignidade, contém, no entanto, um menoscabo para quem é interrogado, responder-se-á tratando de reprimir a intenção.

Também há perguntas que são feitas em tom de brincadeira e que, segundo seja a reação de quem as recebe, ganham outro sentido. Nestes casos, quem as formula sempre trata de reservar para si o direito de negar qualquer parentesco com a brincadeira ou, pelo contrário, jurar por toda a sua árvore genealógica que tudo não passou de uma brincadeira. Aqui cabe discriminar que a resposta dependerá sempre das circunstâncias em que se produz o fato e das pessoas envolvidas. Sabe-se que, se a brincadeira parte de um superior, o subalterno deverá ser o mais prudente e tolerante possível; porém, se um e outro se acham no mesmo plano, a obtenção do êxito dependerá muito da habilidade de quem responde, sem se chegar a nenhum extremo de contrariedade.

Tudo isto mostra o que está relacionado ao alcance das perguntas e às respostas que a elas podem ser dadas, de acordo com os fatores que intervêm e com as situações pessoais dos envolvidos. Só na matemática encontramos respostas que são moldes perfeitos. Quanto é dois mais dois? Quatro, é a resposta que nos darão redondamente, ainda que o quatro nos pareça ser quadrado.

Existe do mesmo modo uma multidão de interrogações que correspondem a diversas idades, como também a épocas diversas, e que não poderão ser respondidas a não ser de acordo com a idade ou a época de origem.

Dentro da vida de cada ser, parece que as perguntas se procriam segundo as exigências do espírito ou as necessidades da evolução natural. Pode-se até estabelecer uma classificação delas de acordo com a ordem em que vão surgindo, quer dizer, à medida que se manifestem essas exigências ou essas necessidades. Se o fizéssemos, descobriríamos que elas são repetidas em similares situações por muitíssimos seres, estejam uns no Equador e outros no Polo. O que demonstra esse fato? E o que demonstra o fato de que as perguntas se repitam de geração em geração? Isso demonstra ou revela, melhor dizendo, que essas interrogações obedecem a um perfeito plano de evolução sincronizado em todos os seres, sob a aparência comum de acontecimentos sem importância, vistos como meras coincidências.

As perguntas nem sempre são expostas conforme o que se quer indagar; nem sempre são o reflexo fiel do imperativo que as anima ou propicia; é possível que seja pela dificuldade que existe em muitos para expor com clareza seus pensamentos. Daí que as respostas, na maioria das vezes, não satisfaçam a esses imperativos.

Vamos, agora, até os domínios das explicações claras, onde as perguntas são respondidas com reflexões.

– Como é Alexandria, Cairo e Atenas? – pergunta-se a quem volta de uma viagem por essas terras. Responderá que são cidades formosas, históricas e até legendárias, e seguramente ensaiará alguma ligeira descrição delas. O que não se pensa é que a resposta para essa

pergunta está contida em tudo o que o viajante experimentou, observou e viveu durante sua excursão a esses lugares; isso quer dizer que, enquanto um obterá uma resposta limitada, ao carecer de uma multidão de fragmentos com os quais se poderia completar uma imagem clara, o outro terá a resposta em sua totalidade.

Esta observação deve inclinar o homem a admitir a importância que assume, para sua consciência, conhecer os fatos ou as coisas por esforço próprio. Saber por referência de outros significa estar exposto a modificar o informe obtido, cada vez que uma ou outra eventualidade ponha em evidência o fato de que não se está ajustado à realidade.

A flor e o fruto são a melhor resposta à ansiedade de quem cultiva a planta. Quanto mais formosas forem as flores e melhores os frutos, tanto mais eloquente será a resposta à grande interrogação.

CONCEPÇÃO LOGOSÓFICA DAS PALAVRAS

Acepção do vocábulo “crer”

Crer: – Dar, conceder ou prestar crédito ou assentimento a uma coisa. Ter por certo algo que o entendimento não alcança. Dar firme e completo assentimento às verdades reveladas por Deus e propostas pela Igreja. Pensar, julgar, haver entendido, suspeitar uma coisa ou estar persuadido dela. Imaginar, figurar, pensar alguma coisa. (Diccionario Enciclopédico Espasa-Calpe.)

Crer: – Ter como certa uma coisa que o entendimento não alcança. Dar firme assentimento às verdades reveladas por Deus e propostas pela Igreja. Pensar, julgar, suspeitar uma coisa ou estar persuadido dela. Ter uma coisa por verossímil ou provável. (Diccionario Real Academia Española.)



Uma das coisas que mais decepcionam e desorientam a alma humana é a carência de fontes que ilustrem, com autoridade, a inteligência que indaga o significado ou o conteúdo das palavras, tal como elas devem manifestar-se à consciência do homem.

A enorme variedade de critérios sustentados pelas academias e pelos dicionários, que correntemente são utilizados como os meios mais sérios de informação, tem provocado muita confusão e, sobretudo, uma verdadeira desorientação. Quando se trata de esclarecer o conteúdo de certas palavras, especialmente daquelas que mais influência exercem sobre o espírito humano, a fim de determinar os próprios conceitos, percebemos que nem sempre elas são interpretadas com a profundidade necessária para termos, de cada uma delas, uma compreensão cabal e clara; pelo contrário, vemos no final escurecer ainda mais seu conteúdo, em razão das múltiplas contradições que aparecem registradas nessas obras que, como dissemos, emanam de diversas fontes, quase todas consideradas pouco menos que inquestionáveis.

A sabedoria logosófica não as discute, nem tampouco as leva em consideração ao se pronunciar sobre cada conceito ou vocábulo, cujo conteúdo exato expressa sem reticência de espécie alguma, para que cada um julgue a diferença de apreciação entre o que vulgarmente foi admitido sem reparo e o que a Logosofia diz a respeito.

As reflexões suscitadas como consequência por esta revisão de palavras e conceitos que reclamam – e até exigem, diríamos – um novo tratamento nas formas correntes de expressão, darão a todos, e em particular aos investigadores sinceros, uma excelente oportunidade para discernir a verdade contida nos conceitos expostos pela Logosofia nestas páginas que irão aparecendo sob o título de “Concepção logosófica das palavras”. Muito seguramente, esta nova concepção do sentido que elas encerram haverá de promover saudáveis reações nos espíritos amantes da verdade e nas inteligências bem dotadas.

Quando se busca uma simples explicação para conhecer de passagem, ou por exigência de alguma fugaz circunstância, o significado de uma palavra, é indiscutível que não há maiores motivos para nos pormos a pensar se o que expressa essa academia ou aquele dicionário, ou o que diz tal ou qual autor a respeito, é a expressão da própria verdade. Comumente se admite o fato como ponto pacífico. E ainda mais quando é o caso dos dicionários, pois eles até chegam a ser considerados como uma espécie de lei da linguagem. Tanto é assim que, nas escolas primárias e secundárias, como nas universidades, os estudantes devem ater-se ao significado que essas fontes de consulta expressam. Em seguida vêm as interpretações particulares sobre o conteúdo das palavras, buscando-se, geralmente, que elas coincidam com as intenções que cada um tem ao usá-las. Daí chegarmos à seguinte conclusão: falando os seres humanos um mesmo idioma, existem entre eles grandes desentendimentos, compreendendo-se cada dia menos uns aos outros.

A Logosofia mostra e evidencia nestes estudos que, aprofundando o conteúdo das palavras e a origem dos conceitos, consegue-se obter uma impressão cabal do real ou, mais expressivamente ainda, da verdade enraizada no significado do elemento que motivou a investigação e do que ele deve representar para a inteligência; o que, porém, dá a sensação mais

profunda e plena dessa verdade é, mais que nada, a força da lógica e o poder convincente da discriminação, que vão se revelando como suas provas concludentes.

Ainda que a palavra *crer*, analisada friamente, seja um verbo como outro qualquer, ela tem uma conexão direta com a palavra **crença**, tanto que uma parece ser inseparável da outra. Entretanto, nem sempre é assim, já que a primeira implica um ato espontâneo da vontade quando se trabalha com plena liberdade de consciência, enquanto a segunda é aplicada como dogma, caso em que é imposta ao crente.

Se concebemos a palavra *crer* em sua acepção mais pura, devemos estabelecer forçosamente uma separação entre ela e a palavra *crença*, e condicioná-la a uma espécie de situação ou fato aceito há séculos e regulamentado, digamos, pelas exigências de tempo que fazem possível a relação de entendimento entre os seres humanos, relação mais diretamente visível e necessária quando concerne a quem ensina e a quem aprende. Por exemplo, o estudante recebe adiantamentos do saber que lhe são proporcionados da cátedra pelos professores, os quais vão formando nele a consciência da profissão que haverá de exercer. A palavra do professor neste caso constitui, como dissemos, um adiantamento, e o aluno deve necessariamente *crer* nela; deve existir uma absoluta boa-fé neste sentido, para tornar possível a compreensão da complexidade dos estudos e ensinar, ao mesmo tempo, a oportunidade de que aquilo que o estudante escuta e admite, ou seja, *crê* do professor, converta-se depois em saber. O mesmo ocorre com as demais atividades da inteligência; referimo-nos às que o ser desenvolve nos múltiplos setores da vida.

É necessário esse adiantamento de boa-fé, que significa admitir uma coisa *prima facie*, para que a convivência comum não sofra os transtornos desagradáveis da extrema desconfiança ou da intencionalidade que subverte os termos da concórdia em que se devem desenvolver os seres em seu trato diário.

É lei social que cada um esteja obrigado a respeitar seu semelhante, e é precisamente um ato de respeito o que se verifica no momento em

que o trato mútuo se faz viável, ao se crer de boa-fé no que outro manifesta. Naturalmente, quem altera esta norma de convivência, hipertrofiando o volume do que diz ou surpreendendo a confiança do próximo com palavras cujos conteúdos sejam falsos, está exposto a ser desconceituado. Esta atitude de alguns deu lugar a que muitas vezes a espontaneidade esteja ausente do trato comum, e a que se detenham em antessalas as manifestações dos demais, até ver se merecem, em realidade, ser acolhidas.

A palavra *crer* é elástica, e só adquire seu exato significado quando seu conteúdo não é alterado e serve de verdadeiro nexos entre os pensamentos de uns e de outros.

Enquanto a palavra *crer* obedecer, com pureza de expressão, sem travas de nenhuma espécie, a uma finalidade superior, ela conservará seu conteúdo real; se, em vez disso, ela for utilizada como coisa imposta, violentando a livre manifestação da consciência, perderá, a nosso juízo, sua verdadeira essência. Eis a grande diferença.

Todo homem que nasce livre e concebe a liberdade como genuína expressão dos direitos humanos e como a mais alta expressão do conteúdo da própria vida, não pode aceitar que, enquanto seu corpo se move e anda livremente, sua razão e sua consciência permaneçam encarceradas ou, no melhor dos casos, gozem de uma liberdade condicional.

Quando isto for compreendido em toda a sua amplitude, consideramos que terá chegado o momento em que será necessária, da parte das fontes oficiais, uma revisão total de conceitos e conteúdos de palavras que, segundo pensamos, não são utilizadas como deveriam sê-lo.

A QUINTA-ESSÊNCIA DO PENSAMENTO ORIGINAL

Antes do Verbo foi a Mente



Quem poderia duvidar de que toda a Criação foi plasmada originalmente na Grande Mente do Supremo Criador? Porém, se isso não fosse admitido, nada significaria para o princípio, eterno e inabalável, que rege o equilíbrio e a harmonia universal. Tudo existe, vive, move-se e atua dentro da grande órbita cósmica, mesmo quando o homem, chamado a interpretar o pensamento de Deus, o ignore. Nem por isto muda a ordem estabelecida, nem se altera em nada o disposto pela Vontade do Todo-Poderoso.

A Logosofia quer levar o ser humano ao conhecimento destas supremas verdades; quer arrancá-lo da obscuridade que o retém nos âmbitos da ignorância e mostrar-lhe, para sua felicidade e glória, os imensos tesouros que há milênios estão esperando para serem ofertados a quem alcance as máximas expressões de autoridade nos domínios do verdadeiro saber, dando comprovadas demonstrações de fidelidade e honra, como sinais inequívocos de uma probidade moral que o credencie a ser fiel depositário de semelhantes tesouros. É a garantia que desde tempos imemoriais tem sido exigida pelos inexoráveis guardiães que custodiam os grandes arcanos do conhecimento; inexoráveis, porque são as próprias leis assumindo o controle dos avanços humanos em direção aos irrelatados mistérios da Criação.

Não se trata, pois, de conhecimentos comuns, ainda que estes sejam os mais valiosos na ordem corrente, mas de outra índole de investigação e de saber; trata-se de superconhecimentos que transcendem a esfera do vulgar para se internarem nos grandes arcanos a que nos referimos.

É lógico supor que a este respeito deva existir uma estrita observância dos sinais da inteligência, que faça possível o entendimento de tudo o que por um lado se ensina e, por outro, se aprende. Mas é necessário deixar aqui terminantemente especificado que a estes conhecimentos não se chega pela mera investigação superficial ou pelo estudo, ainda que se aprofunde em seu conteúdo e alcance. Chega-se pela realização interna, que permite experimentar a maravilhosa realidade de um verdadeiro processo de evolução consciente. Cada conhecimento ingressa, então, diretamente no acervo individual, com propriedades de alto valor mental que beneficiam direta e rapidamente o ser.

Essa quinta-essência absorvida, que em princípio provém do pensamento original, ou seja, da fonte mental que o gerou, adquire força dentro da mente, depura-a dos pensamentos que corroem seus sutis dispositivos, aumenta as energias vitais e facilita, cada vez em maior grau, a absorção de uma quantidade maior dessa ultrassubstância com seu inefável conteúdo de luz, de força e de verdade.

Pois bem, como é essência viva e ativa, é lógico que necessite de vida e atividade. Por esta causa é que, nas mentes em que não encontra o calor de que necessita para cumprir seu labor de transfusão do que a Logosofia chama de sangue imaterial, volta a ser absorvida pela fonte geradora, em virtude da lei de simpatia, que atrai os elementos afins, desde a célula mais imperceptível, e distancia os opostos.

O ar seguirá sendo respirável para os seres vivos, enquanto não se viciar por falta de uma renovação constante. Quando as habitações permanecem fechadas à luz do sol e ao ar, tornam-se sombrias, úmidas e inabitáveis. Assim também acontece com muitas almas que mantêm as janelas de sua mente fechadas à luz do saber: asfixiam-se gradualmente, envenenadas pelos tóxicos que respiram no viciado ambiente de sua escuridão mental. Quando a mente se abre, deixando que o conhecimento penetre nela e trabalhe com liberdade, expulsando os elementos que lhe são estranhos, o recinto mental se oxigena e o ambiente se torna respirável.

O conhecimento logosófico, que é a essência viva do pensamento construtivo, só se transfunde dentro da mente humana quando esta tenha se esmerado em lhe preparar o campo propício para sua imediata eclosão

interna. Ninguém permaneceria muito tempo num lugar que o houvesse atraído por qualquer motivo, ainda que o clima fosse bom, se não encontrasse a hospitalidade que lhe fizesse feliz a estada. Sentirá ter de deixá-lo, mas por fim o fará, ao não encontrar, nas pessoas com quem deve ali tratar, a afinidade e as expressões de cordialidade que tanto estimulam o espírito.

Pois exatamente a mesma coisa ocorre com os pensamentos do saber que se hospedam nas mentes para ilustrá-las: se encontram o ambiente propício, instalam-se e de imediato começam uma atividade fecunda, pondo-se inteiramente a serviço da inteligência; porém, se dentro da mente onde foram convidados a se hospedar não houver ordem, se tudo for negligência e abandono e seus protestos por um melhor tratamento não comoverem a razão, que é a encarregada de pôr as coisas em seu lugar, o pensamento, sem mais delonga, se ausentará da mente em cujo ambiente não lhe foi possível viver. Daí que se possa ver mais de um estudante de Logosofia, após auspiciar dentro de si este original conhecimento e obter benefícios e vantagens que o encheram de entusiasmo nos primeiros tempos de sua capacitação, experimentar uma espécie de perda e até um vazio que sua inteligência não lhe sabe explicar. Isso ocorreu, precisamente, porque se abandonou aos primeiros triunfos e, em vez de estimular o ritmo de suas atividades, se entregou nos braços da inércia mental, ou deu acolhida a pensamentos de natureza estranha, que fizeram insuportável a vida dos que estavam empenhados em iluminá-lo e tornar sua existência fecunda e valiosa.

Se o lavrador, depois de sua primeira colheita, se põe a dormir e não trabalha mais até gastar todas as suas reservas, verá que seus campos se enchem de mato, cuja extirpação lhe dará depois um bom trabalho, sendo indubitável que a nova sementeira sofrerá os efeitos de seu abandono. Algo muito ao contrário sucede a quem mantém seu campo sempre em condições para excelentes sementeiras: colherá, sem discussão, os melhores frutos.

Podemos dizer que nada é mais suscetível de encher-se de mato e ervas daninhas (preconceitos, crenças, ironias, confusão de ideias, etc.) do que o campo mental, já que, como ninguém cuida suficientemente dele, vão parar ali todas as sementes que voam pelo ar, sendo a má, que

é lançada por todas as partes, a que se propaga com maior facilidade, provocando em muitas mentes as mais abomináveis pragas, enquanto a do bem se mostra tão difícil de difundir. É que aquela não necessita de cultivo algum nem de atenção, e nasce em qualquer terra, enquanto a do bem requer cuidados especiais e seleção constante, a fim de que a linhagem não degenerere e sua força germinativa não perca suas virtudes. Aí está a diferença.

Temos observado casos em que alguns dos chamados lavradores do pensamento, logo após adquirir sementes da boa sementeira, pretendiam, mudando-lhe o nome, obter um tipo próprio de semente; a realidade, porém, mostrou bem depressa que a qualidade é inconfundível, e que são necessárias muitas experimentações antes de se obter uma nova linhagem e possuir o segredo que impede a degeneração do que foi conseguido para melhorar as colheitas próprias e obter maiores rendimentos.

Em síntese: a quinta-essência do pensamento original é sem mácula e pertence à sua fonte de origem, e, ainda que ela se dê em propriedade, sempre será sob a condição de que o depositário não seja infiel. Sendo ela a Sabedoria que se manifesta por um de seus meios de expressão, qual seja o que torna possível sua conquista mediante uma disciplina e um método, quem tentar caprichosamente atraí-la para si, utilizando procedimentos que ela mesma não prescreva, correrá o risco de extraviar-se na miragem que distorce as imagens, fazendo aparecer coisas que, ao se aproximarem, não existem.

CONCEPÇÃO LOGOSÓFICA DAS PALAVRAS

Acepção do vocábulo “igualdade”

Igualdade. – Conformidade de uma coisa com outra em natureza, forma, qualidade ou quantidade. Correspondência e proporção que resulta de muitas partes que uniformemente compõem um todo. Perante a lei: princípio que reconhece para todos os cidadãos a capacidade para os mesmos direitos. (Diccionario Enciclopédico Espasa-Calpe e Diccionario Real Academia Española.)



O conceito de **igualdade**, pela diversidade de critérios que o sustentam, é, sem dúvida, o que tem promovido mais discussões no seio da sociedade humana.

Invoca-se a **igualdade** ao amparo de leis sociais e, mais significativamente ainda, ali onde a diferença de classes põe à mostra os desamparados da fortuna, clamando por um tratamento similar ao que desfrutam as camadas superiores. O comunismo, que destituiu os czares da Rússia e lançou por terra a aristocracia desse povo, foi uma explosão do conceito de **igualdade** que irrompeu violentamente em todos os âmbitos de seu território, derrubando e exterminando, com a pretensão de submeter todos à **igualdade** sonhada pelos líderes da revolução, qualquer vestígio de privilégio que pudesse existir. A experiência, parte viva da realidade, que não se pode negar sob pena de cair na needade, foi modificando o primitivo conceito do bolchevismo, até adequá-lo a formas mais aceitáveis para a organização social daquele país. Por mais que os homens se afastem da realidade, ela sempre acaba por reaproximá-los.

O conceito de **igualdade**, em sua mais ampla acepção, ou seja, em seu conteúdo universal, difere muito do comum. Sua essência deve ser buscada nas origens do gênero humano; melhor ainda, nas origens da vida como

veículo de manifestação da alma, que cumpre sucessivos períodos de evolução ao longo de épocas e idades, até realizar sua perfeição.

Tudo indica que a presença do homem no mundo, reproduzida num sem-número de seres, foi idêntica em sua primeira manifestação, ou seja, no ponto de partida; porém, essa **igualdade** teve de sofrer uma série de modificações à medida que os seres foram se afastando daquele ponto inicial. Embora seja certo que foi dado a todos um destino comum, depreende-se, da abundância de fatos que atestam a exatidão de nossas afirmações, que esse destino só é fatal para os pobres de espírito, para os que nascem e terminam seus dias neste mundo mais ou menos como acontece na espécie animal. Desde o alvorecer da humanidade, os aborígenes, indígenas e todas aquelas tribos nômades têm um destino comum prefixado, o qual, com pequeníssimas variações, é quase idêntico para todos, já que poucas vezes são capazes de ultrapassar a meta estabelecida. Porém, logo que o homem conseguiu despertar para conhecimentos que superavam consideravelmente os primitivos, deu-se conta do muito que podia ser feito para melhorar a existência e alcançar destinos melhores.

A história humana é uma longa, interminável sucessão de relatos que descrevem os triunfos do homem nos diversos campos em que lhe foi possível atuar como ente dotado de inteligência e sensibilidade. Esses mesmos triunfos assinalam contínuos progressos, num constante empenho para ampliar suas perspectivas e alcançar um maior domínio sobre os elementos, o que foi transformando a terra, através de sucessivas etapas, num mundo civilizado e apto para toda classe de atividades que pudessem facilitar com amplidão a evolução humana.

Evidentemente, esses progressos denotam já uma mudança, tão visível quanto convincente, daquele destino comum das primeiras idades, em que a incipiente reflexão não acusava maiores aspirações. No entanto, a palavra destino contém a trajetória que o ser humano pode seguir até a mais alta ascensão. Daí o desenvolvimento verificado entre os seres dotados de razão, os quais, não obstante serem aparentemente similares entre si, se acham a diferentes e até mesmo grandes distâncias uns dos outros, segundo o grau de evolução individualmente alcançado.

A **igualdade** é uma lei inexorável, e deve se entender que, como tal,

não pode violar outras leis, pois todas se complementam, fazendo possível o equilíbrio do Universo.

A lei de **igualdade** significa, então, que as mesmas perspectivas vigorarão para aqueles que se achem em **iguais** condições, e que eles poderão desfrutar os mesmos direitos e prerrogativas enquanto não exista alteração no ponto de **igualdade** em que temporariamente se encontrem. Se cem ou mil pessoas começam uma longa viagem a pé, nem todas caminharão com idêntica desenvoltura, energia e velocidade. Porém, o fato de uns cobrirem uma etapa em menor tempo que outros não quer dizer que os que ficarem atrás não poderão alcançá-los, e, caso isto aconteça, estarão novamente em **igualdade** de condições. Estarão no mesmo lugar, desfrutando análogas perspectivas.

Algo semelhante é o que acontece no trajeto que se percorre ao longo da existência: dois ou mais seres podem estar no mesmo grau de evolução; em tal caso, suas condições e prerrogativas serão iguais, mas se entende que o serão enquanto permaneçam nesse grau de evolução, já que, desde o momento em que qualquer um deles o transcenda, essa **igualdade** ficará, logicamente, alterada. Vemos aqui a amplitude desta concepção que define a **igualdade**.

Outra imagem de grande conteúdo, que haverá de ilustrar em outro aspecto o significado da palavra **igualdade** e nos demonstrar como esta, sem perder sua força, se manifesta tal como deve ser concebida pela inteligência que sabe descobri-la ali onde sua presença pode dar mais um motivo para reflexão, é-nos apresentada por uma família numerosa, cujos filhos nasceram em **igualdade** de condições e aos quais foi oferecido o mesmo amor, o mesmo alimento, o mesmo ar. Todos viveram, além disso, no mesmo lar e receberam idêntica educação. A **igualdade**, pois, não poderia ser manifestada com maior eloquência; não obstante, cada um deles tomou rumos diferentes: um seguiu uma carreira e escalou posições de destaque; outro seguiu um ofício; aquele se tornou navegante, e houve os que não quiseram estudar nem trabalhar e preferiram a vadiagem, chegando alguns, pelos caminhos do vício, até o cárcere.

Quem alterou aqui a **igualdade**? Quem poderia, sensatamente, pretender retornar à **igualdade** todos esses filhos, colocando-os no mesmo plano, numa posição similar e gozando iguais prerrogativas? A **igualdade** existiu, neste caso, durante um tempo, mas depois foi alterada por obra de cada um.

Aí está a verdadeira **igualdade**; a sábia, a justa, a inquestionável; a que oferece a todos a mesma oportunidade.

O propósito humano não deve tender jamais a buscar a **igualdade** pela violência ou por meios arbitrários, pois conseguir isso traria uma **igualdade** injusta ou, pior ainda, uma simulação de **igualdade**.

Todo homem deve procurar igualar-se a quem, por seus esforços ou por qualquer circunstância que ele ignore, esteja acima dele. A **igualdade** deve ser concebida num plano de equidade e de justiça, e aquele que se encontrar embaixo deve ascender até onde se achar o que estiver em cima, se é a este que ele quer se igualar. Quem se inicia na carreira militar, por exemplo, sabe que só pela realização e pelo estudo haverá de ir conquistando suas patentes e alcançando cada um de seus superiores nas respectivas posições hierárquicas, até se igualar ao que tem as insígnias de general. Mas para isso lhe será necessário ser também um general. Seria absurdo que o militar incipiente pretendesse que o de maior posição hierárquica o igualasse, retrocedendo até colocar-se em sua posição, quando é a ele que cabe efetuar a trajetória ascendente que o levará a igualar-se a seu superior.

A **igualdade** deve constituir o supremo anelo da alma humana, a suprema aspiração; mas, para que isso tenha toda a força necessária, a fim de encarnar um grande ideal, deve-se entender que esta **igualdade** terá de ser obtida quase que exclusivamente por esforço próprio e representar o objetivo essencial, qual seja se **igualar** àquele que é mais no sentido amplo da palavra.

A **igualdade** como forma jurídica de Direito Universal tem que existir e existe, adaptada aos meios de convivência social em que se aglutinam os diferentes tipos que integram a sociedade humana nos respectivos países; entretanto, essa **igualdade** é mais aparente que real; estabelece um *modus vivendi* aceito sem maiores razões – e isto é paradoxal –, porque o exigem as normas toleradas pela própria sociedade.

A proeminência nas posições políticas, sociais e econômicas estabelece de fato privilégios que, por certo, não desfrutam os que se acham em posições inferiores. Por outro lado, as relações e vínculos de toda

ordem entre os seres permitem também alcançar vantagens que aquele que esteja totalmente isolado dos demais não obtém. Apesar disso, ninguém poderá afirmar que exista alguém a quem as leis, que vigoram para todos em perfeita **igualdade** de rigor, tenham negado a possibilidade de conquistar posições e desfrutar idênticos privilégios.

Em suma: a **igualdade** é uma lei de ordem universal que dá ao homem a compreensão do que é, conforme o lugar ou posição em que esteja situado. Segundo o dizer bíblico, Deus fez o homem à sua imagem e semelhança; isto não quer dizer que o fez igual a Ele, mas lhe deu a entender que a **igualdade** era o caminho que devia percorrer até alcançar sua imagem e semelhança.

CONCEPÇÃO LOGOSÓFICA DAS PALAVRAS

Acepção do vocábulo “sensibilidade”

Sensibilidade. – Faculdade de sentir, própria dos seres animados. – Propensão natural do homem a deixar-se levar pelos afetos da compaixão, humanidade e ternura. Psic.: Faculdade de sentir. Faculdade do conhecimento sensível ou faculdade da afeição ou sentimentos. – Faculdade diferencial característica da vida animal. A sensibilidade é uma forma elementar da consciência, ou a maneira mais simples de conceber uma consciência.

Todas as definições da sensibilidade podem reduzir-se a três: A que considera a atividade sensitiva como as afeições do agente psíquico, independentemente de toda noção de objeto ou qualidade *extramental*. A que lhe atribui o papel de proporcionar dados à matéria do conhecimento sensível, que assume caráter de conhecimento somente pela intervenção da inteligência. Faculdade cognoscitiva encarregada de informar-nos sobre os objetos externos com inteira independência do entendimento; faculdade superior de conhecimento, que atua sobre as representações de origem sensorial. (Diccionario Enciclopédico Espasa-Calpe.)



É difícil descrever com palavras o conteúdo profundo do vocábulo **sensibilidade** ou, mais exatamente ainda, o que ele deve significar para a compreensão humana. Nós, ao fazê-lo, iremos diretamente à sua essência e exporemos o que ela deve representar para cada um.

O complexo psicológico é diferente em todos os seres, e essa é a causa de a **sensibilidade** não se manifestar sempre da mesma maneira,

com a mesma intensidade ou reagindo do mesmo modo⁽¹⁾. Digamos mais; digamos que a **sensibilidade** desperta e se manifesta com maior plenitude nos seres mais evoluídos. Neles, chega até a constituir uma condição do espírito e, como tal, permite-lhes experimentar ou, em outras palavras, sentir a força de uma verdade como poderia a razão tê-la percebido. Daí o fato de muitas vezes a **sensibilidade** suprir a razão e nos revelar coisas que esta demora muito a compreender. É que, enquanto uma atua mais com o externo, a outra, a **sensibilidade**, recebe as impressões e reage independentemente daquela, por afinidade, por indiferença ou por dissentimento. Fica assim explicada uma das tantas interrogações que com frequência se apresentam à mente.

Quando a **sensibilidade** acusa império sobre a razão, é porque os fatos concernem à primeira, e não à segunda. Se é a razão a que quer intervir, pode fazê-lo, mas com prejuízo daquela, à qual irá esterilizando até torná-la insensível. A **sensibilidade** move as fibras mais íntimas e suscita na alma as reações mais felizes, que a razão não poderia fazer experimentar. Esta verdade inquestionável nos revela que a **sensibilidade**, atuando com independência da razão, pode produzir no interior do ser efeitos tão duradouros como os provocados pelo discernimento em seu caráter de agente da razão. O que estabelece a confusão é não saber colocar-se em perfeito equilíbrio em relação às atividades que respondem a estes dois centros polares que se unificam na consciência.

Algo incontestável nos dá a pista para alcançar esse equilíbrio: se os atos em que a **sensibilidade** intervém diretamente com prescindência da razão têm plena anuência de nosso coração e nos fazem experimentar um bem, uma alegria grata a nosso espírito, uma felicidade que fortalece nosso ânimo e, além disso, não prejudicam o semelhante, a consciência nada terá a censurar; não dando esta sinais que evidenciem uma desaprovação, a razão não poderá objetar, ainda que não compreenda o porquê do fato nem a transcendência do bem nele contido.

Em vez disso, se em nosso trato com os demais pretendêssemos nos reservar o direito de julgar posteriormente, segundo nossa conveniência, a atitude consumada pela própria **sensibilidade** nos casos em que,

⁽¹⁾ Ver "Aquarius" 1934, N° 2, pág. 66.

por considerarmos isso mais conveniente ou por assim exigirem as circunstâncias, tivéssemos permitido a prescindência da razão, com plena aprovação da consciência, seria como jogar com duas cartas ou, em outras palavras, agir hipocritamente. Em tal caso, teríamos feito a **sensibilidade** servir a um fim inconfessável, desvirtuando seu conteúdo, já que, após experimentarmos uma felicidade ou um bem, nós o teríamos negado, desfigurando fatos e pervertendo sentidos.

A **sensibilidade**, para que seja e funcione como tal, deve se expressar com a maior pureza, candura e confiança. Cabe assinalar, aqui, que o fato de a **sensibilidade** atuar sozinha não implica que o ser não pense nem reflita sobre o que ela o faz experimentar, pois muitas vezes é tal a força de expressão dela, que avanta o pensamento; e ainda podem existir casos em que ela o contrarie, o que não deixa de ser lógico, já que a razão não conseguiria captar a imagem da causa ou o porquê daquilo que a **sensibilidade** capta e transmite por impressão direta ao interno do ser.

Pode-se dizer que o amor, como o afeto, é exclusivo da **sensibilidade**; é nela que floresce a simpatia e se enraíza a amizade. Poderia a razão intervir em episódios desta natureza, os quais, como dissemos, concernem quase que exclusivamente à **sensibilidade**? O amor se manifestaria nos seres humanos sem intervenção da **sensibilidade**, confiando à razão os ditames que emanam unicamente do coração? Poderia a razão explicar as atitudes internas que se pronunciam obedecendo ao que há de mais profundo no sentir? Se ela impusesse seus termos nesta circunstância, o amor se tornaria frio, árido, e por certo as uniões por amor, afeto, simpatia e amizade se produziriam na velhice, ou talvez nunca.

O VERBO LOGOSÓFICO E SEU INCONFUNDÍVEL CARÁTER



Todos os conhecimentos que emanam da sabedoria logosófica estão irmanados entre si pela força imanente de sua origem. Do mesmo modo, acham-se irmanados todos os pensamentos que lhes servem como veículo de expressão, pensamentos que se manifestam na palavra construtiva e criadora. Por isso, é inconfundível o verbo que a anima, e ele é reconhecido onde quer que seja visto ou escutado; fique claro que, ao dizer *visto*, quisemos expressar *lido por meio da palavra escrita*.

Todos os que cultivam o conhecimento logosófico se familiarizam de tal forma com o caráter exclusivo deste verbo condutor de sua sabedoria, que, tão logo alguém, por descuido ou intencionalmente, muda qualquer das palavras por ele expressadas ou dá uma interpretação errônea ao seu conteúdo, percebem que ela agora não coincide com o pensamento que as anima; que é estranha à vida e ao vigor contidos nas de origem logosófica; em resumo: que, deliberadamente ou não, modificou-se o legítimo parentesco que as une.

Nos casos em que isso ocorre sem nenhuma intenção, como resultado de uma interpretação equivocada mas de boa-fé, é fácil recorrer à própria fonte para recuperar o verdadeiro sentido do vocábulo ou do pensamento expressado, o que permite retomar o fio que conduz a mente a compreender tudo o que lhe vai ensinando este saber. Pelo contrário, quando se muda o parentesco das palavras, desfigurando-as com propósitos muitas vezes inconfessáveis, evidenciando-se a má intenção, o verbo logosófico, ao sentir-se intencionalmente afetado, reage em defesa de sua prole – as palavras – e trava uma luta aberta com o agressor, a fim de denunciar, com toda a força de sua verdade, a existência da intriga e seu autor.

Quantas vezes, no curso da História, se registraram fatos desta natureza, que chegaram até a agitar o espírito de povos inteiros, unidos em defesa de princípios ou da paternidade de suas palavras, estampadas em protocolos, tratados, ou em escritos que os honraram e lhes deram timbre de grandeza!

A violação dos pactos não tem sido causa das guerras mais atrozes? A lei do direito à propriedade intelectual, promulgada faz poucos anos na República Argentina e que foi e continua sendo motivo de preocupação nas demais nações do continente, acaso não persegue um fim nobre e não é todo um sinal de avanço e de elevada compreensão das necessidades espirituais? Com essa lei, buscou-se, precisamente, o reconhecimento da paternidade a que aludimos, amparando os direitos justos e inalienáveis do autor. Ninguém poderia defender o que não é de sua legítima propriedade com a força de convicção com que a defenderia seu verdadeiro dono. E, mesmo no caso dos espíritos débeis, que não sentem suficiente valentia moral para enfrentar os riscos de sua própria defesa, sempre restariam os recursos salomônicos: aqueles que permitiram reconhecer qual era a legítima mãe do filho que estava em discussão. O estudo da capacidade, o cotejo da produção e os antecedentes bastariam para que o juízo não se equivocasse e para saber com certeza a origem do pensamento ou da palavra em disputa, como ocorreu com o vocábulo “argentinidad”, em Buenos Aires. Daí que os autores devam cuidar muito do parentesco de todos os seus pensamentos e palavras, para que cada um deles defina sem dificuldade sua verdadeira origem.

O cruzamento das palavras próprias com as alheias e a mistura de pensamentos e ideias que, ainda quando às vezes pareçam afins, se contradizem em seu fundo, dão motivo a frequentes confusões ao serem analisados seus conteúdos, ao extremo de, em mais de uma ocasião, ter o leitor se perguntado se o autor de tal ou qual livro sabia o que queria dizer nele. Ao contrário, quando o verbo é fecundo e nele ardem as chamas inextinguíveis do conhecimento que alenta a alma e vigoriza a inteligência; quando seus conteúdos profundos se resumem em viris potências de convicções infinitas, e as imagens postas em figuras plenas de vida são assimiladas, se não com inteira, pelo menos com relativa facilidade, não é só o autor que, quando for o caso, poderá demonstrar sua paternidade em defesa de seus direitos; haverá muitos de seus leitores que adotarão também como sua essa

defesa, como já aconteceu, para demonstrar, com todo o apuro e certeza da afirmação, de quem é tal ou qual pensamento, palavra ou ideia.

As mentes acostumadas a discernir sobre as conhecidas formas do pensamento antigo, moderno e contemporâneo se surpreendem sempre que irrompe no ambiente um novo verbo, trazendo uma nova concepção. Isto já ocorreu em diferentes épocas da História; entretanto, não foi o suficiente para fazer os homens compreender que jamais foram as disciplinas acadêmicas das culturas exacerbadas as que realizaram as grandes revoluções do pensamento. Foram gênios espontâneos, que apareceram de tempos em tempos, os que impregnaram os ambientes ciclóticos com o fulgor de suas brilhantíssimas concepções. Daí que sua simples presença provocasse reações, por vezes muito inflamadas, nos que se consideravam os únicos autorizados a falar em nome do saber aceito e feito doutrina em convencionais conjuntos que, em síntese, estabeleciam diretivas dogmáticas às quais não cabiam emendas, a menos que as disposições proviessem das cúpulas oficiais, as únicas que eram levadas em conta e de cuja capacidade ninguém ousava duvidar.

O que não se pensa, é justo dizer isto em homenagem à verdade, é que toda nova concepção do pensamento leva consigo uma saudável renovação de valores e um estimulante despertar de inquietudes espirituais, ao mesmo tempo que promove a reativação de estímulos e aptidões que logo pugnam por se manifestar, com grandes vantagens para o aperfeiçoamento individual. Assemelha-se, de certo modo, ao encarnar estes ideais em benefício da humanidade, a esses ventos que transformam atmosferas pesadas e viciadas em ambiente purificado, onde se respira plenamente o ar. Além disso, não se deve desconhecer o valor que, como contribuição à cultura, as novas concepções podem representar, pois deve ser levado em conta quão cristalinas são as correntes das frescas nascentes que inesperadamente brotam à superfície e que, segundo seja o caudal que carregam, logo se transformam em riachos e rios que fecundam vales e terras estéreis.

Assim aconteceu com aqueles grandes espíritos cujo saber, como as nascentes, transformou-se em correntes imprevistas, de um poder fertilizante que animou muitas gerações e ainda continua beneficiando a humanidade.

Não se deve, pois, tapar os ouvidos. E também é bom que a surdez desapareça quando uma nova expressão da verdade se manifesta para

fecundar as adormecidas fibras da inteligência e despertar um novo afã de aperfeiçoamento em benefício do mundo.

CONCEPÇÃO LOGOSÓFICA DAS PALAVRAS

Acepção do vocábulo “humildade”

Humildade. – Virtude cristã que consiste no conhecimento de nossa baixaza e miséria, e em agir conforme ela. Ato de alguém se anular perante Deus ou de se considerar inferior ou de menos mérito ante os homens. Baizeza de nascimento ou de qualquer outra espécie. Submissão, subordinação. *Humildad de garabato*: é a humildade falsa ou afetada. Teoria ascética: A humildade provém do conhecimento de nossa posição real perante Deus, de que nada valem e de que tudo provém d’Ele. Com respeito à sociedade, é o conhecimento real do que devemos a ela, no que diz respeito à nossa formação moral, científica, social e religiosa. – Ascética cristã: Base e fundamento de todas as virtudes, porque, sabendo de verdade quanto se vale, não se edificará sobre o erro e a falsidade. Sob este conceito, não se pode confundir com o pessimismo. Significa ser livre dos exageros do orgulho e, portanto, favorece o desenvolvimento normal de nossas faculdades e aptidões e nos habilita a corrigir as nossas deficiências. A humildade leva como distintivo a modéstia e a flexibilidade (não volubildade) do juízo próprio. O verdadeiro humilde foge do fausto aparato exterior, é condescendente com o próximo. Tem certa desconfiança de seu próprio juízo e busca conselho do prudente e sábio. (Diccionario Enciclopédico Espasa-Calpe.)



Vamos esmiuçar, neste estudo, o conteúdo da palavra **humildade**. Nele se poderá avaliar, de imediato, como o conceito logosófico difere quase que em absoluto do que se tem correntemente. E ainda que em alguns aspectos pareça coincidir com a opinião mais familiar ao entendimento humano, em sua descrição e em seu conteúdo se poderá ver, ao mesmo tempo, ao aprofundar-se na análise, uma pronunciada diferença.

A **humildade**, em sua essência, encerra grandeza; referimo-nos à verdadeira **humildade**, não à falsa, à hipócrita. É uma virtude que fala das altas qualidades do espírito e, como tal, pronuncia-se como condição do caráter. É natural, jamais fingida. Manifesta-se espontaneamente nas pessoas, com pureza no sentir e no pensar. Não busca o elogio, diferentemente do que se percebe na intenção de quem aparenta ter essa virtude e a ostenta, especulando com a bondade do semelhante. A verdadeira **humildade** recolhe o ser dentro de si mesmo, permitindo-lhe apresentar-se sem traços postiços, sem fingimento: naturalmente. Tudo ao contrário da falsa, que encobre vaidade e soberba, exteriorizando-se ainda com ironia enquanto se fazem protestos de **humildade**.

A **humildade** propriamente dita encerra, como dissemos, grandeza, porque resiste até à mais crua ofensa e se manifesta de múltiplos modos, denunciando sempre uma cultura elevada. Ela dota o ser de uma condição natural de afabilidade e cortesia; engendra a benignidade, a tolerância e a boa disposição para conciliar os temperamentos. A falsa **humildade** é egoísta e, em seu fundo, é uma expressão de usura e de engano. Assemelha-se ao jogador que tem a carta escondida na manga para surpreender os que jogam com ele e ganhar com desonestidade.

Ser **humilde**, na pureza do sentido, é ser uma alma grande; porém, é necessário saber ser **humilde**. Tal condição de caráter ou qualidade do espírito implica possuir uma ampla compreensão das coisas, um amplo discernimento, um juízo sereno e uma valentia moral a toda prova.

Existe um tipo psicológico de seres que ilustra o que comumente se passou a chamar de **humildade** para lucro pessoal. Esses seres apresentam-se, em geral, com aparência de vítimas a quem se prejudica com toda classe de injustiças; e, enquanto deixam entrever uma conduta submissa, dando a impressão de serem pessoas boas, verificam minuciosamente o efeito que produzem no ânimo daqueles com quem tratam habitualmente. Se um objeto desaparece, seja ou não de valor, e é encontrado na bolsa deles, teremos aí as vítimas de alguém que lhes quis causar dano, fazendo-os passar por ladrões. Se seus embustes são descobertos, virão os protestos de inocência para significar que não

existia a intenção atribuída. A simulação é sua qualidade mais destacada: cultivam uma amizade para depois promoverem questões nas quais sempre procuram ser considerados como injustiçados.

Eis o grande valor que a Logosofia atribui ao saber em face da ignorância, visto que, conhecendo o conteúdo substancial de um conceito ou de uma palavra, pode-se a todo momento atuar com segurança de juízo ou reflexão, preservando-se assim da sutileza e do engano. Pode-se apreciar bem claramente, também, quão grande é a diferença que existe entre a elevação de quem cultiva a verdade e a baixez de quem opta pelo falso.

É um erro crer que a **humildade** e a pobreza são a mesma coisa, e ainda confundi-las, pois esta última é, muitas vezes, motivo de rebelião e de rancor. Não é, precisamente, um gesto de **humildade** o desprezo e o ressentimento com que muitos pobres olham, não apenas para os ricos, mas também para os que gozam de uma posição mais ou menos folgada, como tampouco o é o daqueles ricos cuja vaidade e soberba os fazem menosprezar os de inferior condição.

A **humildade** surge com o discernimento, e é o saber o que a institui como condição superior. Isto não quer dizer que não existam exceções e não se encontrem pessoas de reconhecida bondade entre as que pouco ou nada cultivaram suas inteligências; porém, o certo é que, no primeiro caso, age-se conscientemente com **humildade**, enquanto se age, no segundo, sob o império da habitualidade inata ou de formas inconscientes de manifestação do caráter.

As grandes figuras da História foram tão mais **humildes** quanto maior era seu prestígio.

Por último, se a soberba, que é sua antítese, cega, a **humildade** vigoriza a visão e permite com vantagens marchar pelo caminho do bem.

PARTICULARIDADES BÁSICAS DE CERTAS REAÇÕES

O amor-próprio



Na acepção comum, o amor-próprio é tido como uma manifestação da dignidade pessoal, mas o problema é que essa reação se repete no ser com muita frequência e, na maioria das vezes, sem justificativa, chegando até a impregnar-se de suscetibilidade. Tanto é assim, que se vê nos néscios, por exemplo, uma verdadeira obsessão por causa de seu amor-próprio. Sempre vivem na dependência da palavra ou do olhar do semelhante, e num estado tal de hipersensibilidade, que veem fantasmas por toda parte. Tudo lhes parece uma alusão direta ou indireta à sua pessoa, alusão na qual sempre veem refletidos pensamentos de ironia ou de má intenção. Nesse tipo de seres é tal o relaxamento da reflexão, que costumam ser acometidos por verdadeiros ataques de insensatez.

É interessante observar, na vida corrente, os diferentes tipos de reações que se produzem nas pessoas, conforme seu grau de cultura; referimo-nos exclusivamente às promovidas pelo amor-próprio. Enquanto em algumas essas reações se manifestam com caráter violento, em outras se pronunciam discretamente, na forma de desgosto, que se aprofunda ou se dissipa segundo o motivo que o produziu e os fatores que intervieram nessa circunstância, como também a boa vontade que possa ter havido no causador para avaliar sua infortunada atuação e, ao mesmo tempo, dissipá-la.

O amor-próprio é uma das particularidades típicas da psicologia humana, cujo conceito, justamente por ter ficado tanto tempo indefinido, causa diversas confusões no trato comum, já que, apesar de existir uma conformação psicológica similar em todos os seres humanos, cada um tem a própria, que o caracteriza particularmente. E se

levamos em conta que esta conformação é alterada exteriormente, quando não interiormente, por estados também particulares e próprios do temperamento humano, chegaremos à conclusão de que nem sempre, diante de um mesmo motivo e em idênticas circunstâncias, reage-se de igual modo. Já não se viu, por acaso, alguém tolerar, e até com agrado, dez brincadeiras similares, e a décima primeira, talvez a mais inofensiva, provocar uma reação tumultuosa do amor-próprio? Não se tem visto, também, mais de um vínculo familiar ou de amizade ser truncado, ou ensombrecer-se um conceito, por certas manifestações intempestivas desta deficiência?

É fato observado, por exemplo, que as pessoas ignorantes e incultas têm sobre isso um critério que difere fundamentalmente do manifestado pelas classes instruídas e cultas. Nas primeiras, exalta-se o amor-próprio até assumir graus de verdadeira intolerância no trato habitual com os demais. Suprem, muitas vezes, a falta de ilustração e cultura com um estado de suscetibilidade que não permite sequer pensar que poderia haver neles insuficiência de qualquer índole, e se colocam, em geral, em extremos de excitação, presos frequentemente à modalidade particular de modificar ou, pior ainda, desfigurar o sentido das palavras que escutam. Não queremos dizer com isto que as pessoas de mediana ou grande cultura não tenham também reações causadas pelo amor-próprio, mas nesse caso suas reações obedecem a outro gênero de apreciação. Comumente, ao serem contrariadas em sua vontade ou ofendidas, ainda que involuntariamente, em seu orgulho ou vaidade, apelam para uma expressão muito particular do caráter dos que se atribuem uma grande estima, ou seja, o uso de frases cortantes que revelam seu desgosto, em alguns casos o desprezo, ou o laconismo nas expressões, que revela o efeito causado em seu ânimo.

O chamado amor-próprio assume curiosos aspectos de obstinação naqueles que, propondo-se a realizar alguma coisa, diante do fracasso, seja por incapacidade, seja por mil circunstâncias que evidenciam, com sinais inequívocos, a razão de não insistir, e presas dessa sugestão caprichosa que os faz supor que oferecem um quadro de inferioridade, obstinam-se em sair airosos ou, como vulgarmente se

diz, sair vitorioso. Estamos de acordo que se lute até alcançar o triunfo, porém a própria luta deverá indicar as modificações lógicas no empenho, e não levar a cabo o que se tenha proposto guiando-se pela obstinação de um pensamento, com exclusão de todos os demais.

A esta altura, seria interessante perguntar que papel desempenha o amor a si mesmo diante de tais episódios da vida corrente.

Entendemos que o amor a si mesmo deve levar cada um a aperfeiçoar seu caráter, sua conduta e seus conhecimentos da vida. Esse amor deve encarnar uma das máximas aspirações do espírito, qual seja a de dotar a si mesmo das melhores condições de capacidade, saber e superação em tudo quanto configure a psicologia humana.

Consideramos que esse é o verdadeiro amor-próprio, o que enaltece e honra. Assumirá assim as formas mais elevadas na concepção do amor a si mesmo, e, efetivamente, o próprio ser se fará invulnerável a todos os estados inferiores de compreensão e de evolução que pudessem afetá-lo. A reação de defesa que então poderia implicar um possível pronunciamento do amor-próprio se manifestará em evidentes sinais de superioridade, mostrando-se o ser acima de toda pequenez, de toda suspeita e suposta malevolência.

O amor a si mesmo deve estar condicionado aos esforços que cada um realize na busca de uma superação integral que o eleve, como dissemos, por cima de tudo o que possa dizer respeito à vulgaridade. Desta maneira, o conceito sobre o amor-próprio terá de variar fundamentalmente, se comparado ao que a concepção comum lhe atribui, pois esta nova forma de conceber seu significado encerra todo um motivo de meditação, que estimamos de suma importância pelas reflexões que contém.

A CULTURA

*Suas três fases na vida do ser:
superior, média e inferior*



Quando se fala de cultura, não é comum que se estabeleçam diferenças para determinar as condições das pessoas. Diz-se, por exemplo, que existe uma cultura oriental e outra ocidental, que diferem entre si pelo gênero de costumes dos povos de onde provêm e pelo conjunto de modalidades e exteriorizações de seu pensar e sentir. É natural que exista tal diferença pela situação geográfica de uns e outros, pela influência do clima e pela carga hereditária que geralmente opõe resistência às mudanças ou às inovações impostas pelo rigor dos tempos.

Fala-se de diferenças de classes, denominando-as alta sociedade, classe média e classe proletária ou pobre. A primeira, que toma o nome de aristocracia, é formada, como se sabe, por um núcleo reduzido de famílias, cuja condição ilustre provém do fato de seus antepassados haverem intervindo nas façanhas históricas, como também de se haverem identificado com as grandes causas de seus povos ou se destacado no curso do tempo por seus voos literários, seu prestígio político ou sua produção científica, filosófica ou artística. A elevada posição social parece outorgar às pessoas que a integram um timbre de distinção e um nível cultural superior ao dos demais; porém, debaixo dessa capa social tudo se mescla e confunde numa cultura medíocre, informe e variada. Tal é a sensação que se experimenta ao fazer uma diferenciação da cultura em seus verdadeiros valores e em sua realização efetiva.

Logosoficamente, três fases se distinguem na cultura do ser humano.

A inferior, que abarca um conjunto dos mais respeitáveis por seu número, compreende aqueles que receberam apenas as mais elementares noções de educação e de instrução comum e que, absorvidos depois pelas necessidades da vida, devem ocupar seu tempo em trabalhos rudes ou naqueles rotineiros que não exigem a menor preparação para serem desempenhados. O selvagem, ou o indígena que não conheceu civilização alguma, não pode estar compreendido nessa espécie inferior de cultura, pois carece totalmente dela.

A cultura média está constituída por aquele conjunto que, de número também considerável, se situa em posição mediana quanto aos conhecimentos gerais e em cujo seio se agita o influxo de profundas esperanças e afãs de superação. Essa mesma cultura média pode ainda subdividir-se em três níveis: o primeiro, que compreende todos os que conformam sua vida a estreitos objetivos, com descuido total de sua evolução, está integrado, em grande parte, pela massa operária e empregados de diferentes categorias; o segundo se caracteriza pelas inquietudes espirituais dos que o constituem, pelas preocupações de toda ordem que motivam os cuidados na educação e o esmero no aprendizado que se empreende, bem como pelos mil pensamentos que conduzem a uma maior elevação de aspirações que convergem para um futuro melhor. Neste grupo está compreendida uma boa parte de pessoas de condição social igual à das anteriores, como também universitários e homens dedicados à política, ciência, indústria, comércio, etc. Tendo em vista que este segundo nível é intermediário, diríamos de transição para o terceiro, é lógico pensar e admitir, por ser isso a pura verdade, que os mesmos passem depois ao terceiro grau da cultura média, quando o ânimo já está preparado para ascender a estados superiores de consciência. É aí, neste estado, que se produz o aquilamento dos valores da cultura, assim como o balanço geral das condições próprias, a fim de comprovar até que ponto chega a capacitação individual e qual é a média das realizações que, no sentido do aperfeiçoamento, foram cumpridas ao culminar esta etapa.

Pode-se apreciar, através deste panorama que apresenta os diferentes aspectos da cultura, o riquíssimo conjunto de matizes que embelezam a vida, sublimando, por assim dizer, aquela matéria tosca e não cultivada que mostra os traços grosseiros da incultura.

No nível mais elevado da cultura média, o ser se acha nos pórticos da superior, a que transcende os conhecimentos comuns para penetrar nas regiões mais elevadas do entendimento humano. A mente que ultrapassa a cultura média e se vitaliza com os conhecimentos superiores já mantém um perfeito controle sobre as atividades de seus pensamentos, sejam estes os que nascem por ela engendrados ou os que ela hospeda dentro de si. Não podem caber em seu interior pensamentos malignos que tenham por intenção causar danos ao semelhante; mentes cultivadas para o bem não podem engendrar pensamentos desta natureza. O recato natural da alma o impede.

Nos seres de cultura mediana é comum observar, ao contrário, manifestações de índole negativa. Neles, devido precisamente ao desconhecimento das altas leis morais e das normas superiores de conduta, manifestam-se com frequência atitudes irrefletidas e até de caráter violento. Amiúde se observa como surgem neles, sem dificuldade, os pensamentos agressivos, encapsulados, por exemplo, em palavras ferinas, que levam o selo da má intenção, isso quando expressões grosseiras ou carregadas de uma ironia intolerável não ocupam o lugar delas. Estamos nos referindo, como se vê, a essas características que se manifestam com suma facilidade nos seres de cultura mediana. Isto não quer dizer, é claro, que não existam muitas pessoas cujas condições naturais tornam impossíveis semelhantes exteriorizações, pois é um fato evidente que se costuma frear e até eliminar o pensamento inconveniente antes que faça sua aparição de forma intempestiva, como dissemos, por meio de palavras que, uma vez pronunciadas, custa muito desculpar.

E nem falemos do que ocorre nas mentes cuja cultura se acha num nível inferior... Ali a anarquia é quase total: os pensamentos mais baixos são donos e senhores da situação; governam a seu capricho as atitudes do ser, e, como não há neles o menor cultivo

superior, produzem-se reações de toda índole. Essas mentes se assemelham a cercados onde nem as ervas daninhas crescem, por causa dos potros indomáveis que neles são soltos.

Pensamos que, com isto, ficam explicadas e definidas as três fases que a Logosofia define para a cultura; não obstante, é possível que voltemos a este tema mais adiante.

DE COMO TODOS OS SERES HUMANOS PODEM SER PROFETAS



A simples menção da palavra “profeta” promove, indubitavelmente, uma série de sugestões, sendo ela vinculada de imediato às idades bíblicas. Comumente se aceita que profetas foram somente aqueles que aparecem no Velho Testamento, narrando as horripilantes e trágicas passagens de seus sonhos ou visões, as quais, mesmo sendo de um gênero incompreensível, não foram por isso menos exatas no cumprimento do que, segundo esses mesmos sonhos ou visões, devia acontecer, de acordo com a interpretação das figuras alegóricas que se movem no plano mental, onde, tal como rezam as Escrituras, os espíritos daqueles famosos profetas faziam suas incursões. Segundo a aceção corrente, profeta é aquele que prediz as coisas por inspiração divina, e profecia, a predição inspirada por Deus. Disto se depreende, naturalmente, que ninguém, à exceção daqueles privilegiados por tal inspiração, poderia alcançar tão alta posição hierárquica na ordem mística em que são considerados.

A Logosofia discorda desta crença e demonstra que todos os seres humanos podem possuir esse dom, que, por certo, não é exclusivo das excelsas regiões do espírito divino, e constitui um fato possível e explicável para os que sabem entender sem as obscuridades do preconceito e do fanatismo religioso.

Se admitimos que tudo foi criado pela todo-poderosa Vontade do Criador, devemos admitir também que a Criação foi plasmada no espaço depois de ter sido concebida na mente de Deus. Negá-lo, alegando ignorância, seria um ato de perfídia e nossa consciência não poderia permitir semelhante intenção. E, já que a Criação antes de existir teve seu princípio e se originou na mente do Criador, este fato nos evidencia que tudo o que foi criado tem um nome, e esse nome adquire vida num pensamento, e esse pensamento se enrama num conhecimento, o qual por

sua vez se entronca num corpo-mãe universal que se denomina Sabedoria. Isso quer dizer que tudo quanto existe, desde o infinitamente pequeno até o infinitamente grande, obedece ao pronunciamento de leis sabiamente codificadas pela Vontade Suprema.

Penetramos no segredo dessa Criação começando por conhecer a parte de Criação que há em nós mesmos. O ser humano tem a seu alcance, para pronunciar-se em estudos profundos, um retalho da Natureza que mantém vivo o pensamento de Deus na existência criada. E está tão a seu alcance, que sente palpitar dentro dele mesmo a vida do pensamento que o anima. Ao mesmo tempo que o sente, experimenta a realidade de sua existência, uma vez que esse mesmo pensamento lhe permite pensar que ele próprio existe e que também existe a Criação.

Entre Deus e o homem medeia uma incomensurável distância, distância que este deve percorrer ao longo de todos os ciclos de sua existência. O caminho, na verdade, é longo, e às vezes escabroso, porém tem a particularidade de haver sido traçado sobre extensas zonas extremamente férteis, nas quais foi semeada uma enorme variedade e riqueza de conhecimentos. A rota estende-se a horizontes que se ampliam até alcançar os âmbitos do infinito. Assemelha-se a uma larga faixa prateada que, em suas curvas e retas, escreve a palavra Sabedoria.

Essa distância que separa o homem de seu Criador bem pode ser denominada “A noite dos tempos”, já que cobre toda a eternidade. Tudo o que vive dentro dessa distância está velado por uma penumbra protetora que tanto mais se intensifica quanto menos luz houver para distinguir as presenças que ali existem. Seria, pois, uma pretensão absurda invocar a Deus para que viesse estar a seu lado, quando é seu espírito, encarnado num corpo móvel, quem deve percorrer o caminho até acercar-se a Ele. E ao dizer móvel não nos referimos, precisamente, aos membros com os quais caminha, já que, dentro de seu corpo e em estreita relação com o mecanismo físico, funciona um maravilhoso sistema mental, que foi criado justamente para que lhe seja possível cumprir essa extraordinária viagem que tem por meta suprema a perfeição. E se já vimos que a penumbra de que falávamos se torna menos densa, e o trecho percorrido se enche de claridade à medida que o homem avança ao longo das idades, isso haverá de ser mais do que

suficiente para que se intua, com bons elementos de juízo, que cada trecho que se percorra no futuro também se encherá de claridade.

Mas o fato de haver claridade nas etapas cumpridas pela humanidade não quer dizer que todos percebam o que essa mesma claridade denuncia. A miopia mental, ou seja, a cegueira do entendimento, impede toda reflexão consciente e, portanto, ainda que as coisas se manifestem ao redor do homem com os mais marcados contornos da realidade, passam despercebidas, como se não existissem, quando ele não cultivou a percepção interna.

Esclarecido este ponto, que consideramos de grande importância, coloquemo-nos dentro de cada homem cujos esforços tendam a superar suas energias e dilatar suas possibilidades, em direção a essa meta que constitui toda a sua aspiração e sua mais alta finalidade.

Se, como expressou Hermes, o que está em cima é igual ao que está embaixo, muito claramente se entenderá que, existindo uma correlação entre todos os acontecimentos universais, entre todos os fatos que se relacionam entre si pela correspondência de causas, entre tudo o que foi formando o conjunto do progresso humano e o alicerce das civilizações e, enfim, entre tudo que existe, por ter sido criado obedecendo a leis preestabelecidas por uma suprema ideação do cosmos, bem fará o pensamento humano em seguir esse rastro luminoso por onde passou a excelsa carruagem do Senhor, enquanto deixava o homem em seu mundo e pontilhava o caminho de sinais para que O seguisse e, alcançando-O, ocupasse um lugar em seu regaço, como o filho pródigo que, compreendendo o erro de seus desvios, volta a abrigar-se no lar paterno.

Tomando o princípio enunciado por Hermes, temos também o fato de que a distância a ser coberta pelos homens é igual em seus trechos. O que a diferencia não é precisamente o que pode haver a mais ou a menos em cada um dos trechos, mas o grau de capacidade e realização alcançado pelos que percorrem o caminho. Isso porque a mente de uma criança, por exemplo, não pode julgar como a de um adulto, e mesmo entre adultos haverá diferenças, de acordo, como dissemos, com a capacidade de discernir e o cultivo de suas inteligências, ainda quando percorram juntos, em igualdade de condições, determinada distância. O que atrairá a atenção da criança será, justamente, aquilo que a razão do

adulto deixar de lado, por já conhecer ou por haver passado antes por essa mesma inquietude. Fica assim demonstrado que, mesmo sendo igual o panorama e tudo o que existe na distância percorrida por aqueles que tomamos para ilustrar nosso exemplo, não será igual para a percepção de ambos. Possivelmente, a criança deverá percorrê-la em outras idades, para ter do trajeto uma impressão exata, ou pelo menos a mais completa possível, a fim de poder descrevê-lo em seus detalhes, revelando possuir o conhecimento do que viu e apreciou.

Na segunda ou terceira vez que percorrer o trecho andado, poderá, se for acompanhada por outros que pela primeira vez transitam por ele, explicar-lhes antecipadamente ou lhes anunciar o que verão à medida que se internem no caminho; em outras palavras: fará para eles uma predição daquilo que depois haverão de ver. Devemos também fazer a ressalva de que o fato de percorrer duas, três ou mais vezes uma distância qualquer não é por si suficiente para informar a mente de tudo que vê ao passar, pois se ela, suponhamos, se distrair a cada momento, certamente pouco verá e menos ainda vai reter do que viu.

Quem consagra a vida ao estudo – e, sendo mais explícitos, ao estudo e experimentação das verdades que a Logosofia revela ao entendimento humano – poderá compreender com a máxima extensão o conteúdo do que vimos expressando, porque, ao internar-se no conhecimento logosófico, terá a oportunidade de confirmar estas e muitas outras verdades já tratadas ou a tratar em outros estudos.

Na preparação logosófica, indica-se ao estudante não descuidar o mínimo sequer do processo de superação integral que se inicia com o auxílio do saber logosófico. É recomendado que preste a maior atenção aos detalhes que lhe possam ser úteis para completar todos aqueles conhecimentos que ele só possui de forma fragmentada, o que lhe permite observar como, dia após dia, tudo se vai transformando ante seus olhos e seu juízo. Também lhe é indicado que não perca tempo com coisas supérfluas e com tudo aquilo que não tenha importância ou valor algum para os fins deste cultivo extra das faculdades.

O saber converte a profecia em predição consciente. E assim é dado, a quem sabe, precisar por concepções espontâneas o que pode

acontecer na sucessão dos tempos futuros a um país, a um povo, a uma família e mesmo a um ser determinado, partindo do exame das circunstâncias e dos fatos que o rodearam e que aconteceram, até predizer as circunstâncias e os fatos que haverá de produzir-se mais tarde, obedecendo a um rigoroso encadeamento de efeitos que provêm de causas análogas.

A DÚVIDA

Seu equivalente moral e racional



A dúvida, motivo do presente estudo, é antes de tudo a manifestação de um estado mental. Para estabelecer com clareza tudo quanto a ela concerne, será preciso analisá-la de todos os ângulos, situando-se sempre ali onde ela se manifesta e tendo presente que, antes que isso ocorra, quer dizer, antes que a dúvida apareça, deve ter existido um motivo, uma causa que provocou sua manifestação.

Vejamos; alguém pode saber muitas coisas e, na presença de um novo conhecimento, abster-se de incorporá-lo a seu acervo pessoal enquanto não o tiver discernido e admitido como uma realidade. Esta dúvida, que chamaremos de científica, é uma atitude nobre, inspirada no alto propósito de fazer uma averiguação minuciosa até alcançar o conteúdo real e permanente do que se investiga, a fim de confirmar a verdade palpável de um conhecimento. A dúvida, neste caso, é um ato preventivo da razão, porque preserva o entendimento de ser seduzido por miragens que, como se sabe, costumam dar a mesma sensação de realidade que aquilo que é verdadeiro dá. Algo similar é o que sucede quando se lançam novos empreendimentos, quando se planejam projetos ou tem lugar qualquer outra ideação da inventiva humana: é comum duvidar dos resultados ou do acerto com que foram propostos tais projetos ou empresas, pois sabemos muito bem que existe quase sempre um excesso de imaginação e que, no mais das vezes, a ilusão nubla o senso da realidade.

Pois bem, uma coisa é a dúvida inteligente, e outra, a dúvida cética.

A primeira é um aguilhão que impele a descobrir a verdade; que predis põe o ânimo do ser a admitir como certo, em seu foro interno,

intimamente, aquilo que põe em dúvida, enquanto investiga para confirmá-lo, seja como verdadeiro, seja como falso.

A segunda, a dúvida cética, anula qualquer raciocínio. Uma posição previamente assumida, ou um preconceito, impede qualquer elucidação a respeito daquilo que a motiva.

Duvidar, no sentido exato da palavra, não implica ignorância, mas sim um estado manifesto de incerteza que requer ser esclarecido para que surja o convencimento. Se nos é mostrado, a certa distância, um jarro de louça e nos é dito que contém leite ou vinho, faremos bem em duvidar que seja assim; mas se a pessoa que o afirma merece a maior boa-fé de nossa parte, faremos bem em admiti-lo. Apesar disso, não podemos dizer que sabemos com certeza se o jarro contém vinho ou leite; será sempre necessário indicar o meio pelo qual se soube disso e, nesse caso, seria um meio indireto. Porém, se fomos nós que vertemos o vinho ou o leite no jarro, se presenciamos quando foi enchido ou se, aproximando-nos, comprovamos o tipo de líquido contido nele, então poderemos dizer com absoluta segurança que o sabemos, e, sabendo-o, não haveremos de duvidar.

Chegamos, então, à conclusão – e já expressamos e afirmamos isto em outras oportunidades – de que é o saber o que elimina a dúvida. E é lógico pensar que quem mais tenha se preocupado em alcançá-lo seja quem menos duvide, e até se pode afirmar que as dúvidas que ainda possam preocupá-lo serão de outra índole, e permanecerão só o tempo suficiente para que ele encontre a explicação que haverá de substituí-las por convicções baseadas no saber.

A dúvida, para ser tal em sua acepção mais pura, deve justificar sua presença na mente como expressão de um estado incerto da reflexão, que se procura resolver na inteligência em busca de uma verdade que se anela conhecer. Em nenhum caso se pode justificar a dúvida estéril, pois que ela não busca luz alguma que aclare o entendimento.

A dúvida deve conter uma sadia aspiração de saber; ela haverá de ser construtiva, caso se queira edificar a verdade em si mesmo. Tem que ser como o adubo para a terra, o qual propicia a germinação das

sementes, convertendo-as em realidades tangíveis; porém, não se pode esquecer que isso não é o suficiente, se a terra não é cultivada adequadamente para cada cereal, para cada planta. Para que a inteligência possa semear o próprio campo com valiosos conhecimentos, primeiramente se devem eliminar todas as dúvidas possíveis, a fim de não entorpecer o livre desenvolvimento dos conhecimentos, que são, precisamente, as únicas árvores que, em vez de dar sombra, dão luz.

Vamos analisar, agora, outro tipo de dúvida, aquela que o é em aparência: a falsa dúvida, utilizada em geral com más intenções, sabendo que é verdade aquilo de que se diz duvidar, e que se manifesta para lesar um prestígio, menosprezar uma obra ou censurar atos que mereceram o aplauso de todos ou a aprovação de muitos. Porventura não se põem em dúvida os atos de um governante, atribuindo-se a eles – e isto é muito habitual – intenções que não aquelas, em muitos casos sadias, que encarnaram os atos que são criticados? Não se duvida de quem, superando a si mesmo, mostra sinais evidentes de um cultivo moral, espiritual e intelectual muito maior do que tinha antes? Não se duvida até da sinceridade de um benfeitor, não obstante se haver recebido dele múltiplas provas de generosidade e indulgência? Não se duvidou, infinitas vezes, que João ou Pedro fossem capazes de fazer tal ou qual coisa, mesmo depois de se terem notícias certas de que a fizeram? E assim, sucessivamente, não se chega até a duvidar da realidade da própria sombra?

O que é, por outro lado, a curiosidade, senão um dos disfarces com que se veste a dúvida para ocultar algo que intriga?

A diferença substancial que existe entre as diversas classes de dúvida é indiscutível, e pensamos que não será possível pôr isso em dúvida.

O DIVINO E O HUMANO



Ao estabelecer seus princípios, a Logosofia sempre o fez com base em sua aplicação universal. Fundamenta-os, portanto, na expansão do pensamento reproduzido em suas diversas tonalidades, do mesmo modo que na Criação se repetem os processos em suas múltiplas e variadas manifestações, identificando-se no pleroma universal substanciado na Natureza que caracteriza todo o criado.

Quando se menciona a palavra “divino”, geralmente se relaciona o termo a certo aspecto de sublimidade religiosa. Não se concebe que o divino tenha algo a ver com o humano, e assim se chegou a desconectar um do outro, como se fossem gêneros opostos impossíveis de conciliar.

O homem situa o divino nos planos da mais alta excelssitude, e, enquanto isso, ele próprio permanece nas profundas obscuridades de uma voluntária reclusão moral. Isso seria admissível se ele não tivesse espírito e se, em sua mente, não se refletissem, mais de uma vez, os sinais inequívocos de uma superioridade vizinha das regiões onde se supõe somente existir o divino. Admitir que o divino esteja além de todas as possibilidades humanas e que, por conseguinte, seja inalcançável seria negar às grandes almas suas excelsas capacidades e hierarquias.

Vejamos, pois, numa análise aprofundada, em que se diferenciam estas duas naturezas antagônicas e em aparência irreconciliáveis.

Enquanto a humana é corruptível, defeituosa e transitória, a divina é incorruptível, perfeita e eterna. O humano contém todos os erros da espécie, erros que vem acumulando desde os alvares do mundo e desde que o ser humano, como tal, considerou sua espécie superior às demais. De modo, pois, que o humano viria a ser corruptível em consequência do abandono espiritual e do desalinho mental que, durante

tantos séculos, submergiram o homem na ignorância e no desenfreio terreno. Justamente pelo fato de haver o ser resistido durante tanto tempo às exigências da perfectibilidade, o humano é defeituoso, e é transitório como resultado de sua variabilidade. Como poderia permanecer sem a transição mortal o invólucro que contém, precisamente, o que a cada instante se mostra volúvel e instável? Acaso não vemos o homem, desde o começo até o término dos seus dias, infringindo pereneamente o princípio estável e eterno? Não o vemos modificar suas resoluções minuto após minuto, levando sua vida de um lado para o outro segundo sejam os pensamentos dominantes em sua mente? Não o vemos mudar mil vezes de opinião e truncar acertadas determinações por causa da volubilidade de seu caráter? Não o vemos falsear até o mais íntimo e respeitável, de acordo com suas reações, felizes ou retrógradas? Como, pois, não haveria de mudar o conjunto humano que caracteriza o ser, ainda mais quando dele abusa sem a menor ideia de sua função primordial?

O divino, pelo contrário, que é sempre incorruptível mesmo quando se manifesta no humano, tende a elevar o ser e saturar a natureza inferior com sua própria essência. Assim, quando este se supera e, pela potência de sua evolução, consegue beneficiar-se com o influxo purificador emanado da natureza divina com a qual a alma toma contato, sente e presente, ao mesmo tempo, que vive num plano superior de consciência, e que os fatos e as circunstâncias mudam, enquanto outros fatos e circunstâncias ocupam o lugar dos primeiros, sem que se produzam as confusões comuns da incompreensão.

No mecanismo mental dotado de faculdades por demais excelentes, no coração que sustenta os afetos e na alma sensível que traduz as impressões que o ser experimenta, reside o poder de opção entre as duas naturezas.

Se olharmos, por exemplo, através de um cristal enfumaçado as mais brilhantes estrelas do firmamento, elas nos parecerão opacas e ainda cheias de sombra. O mesmo ocorrerá se olharmos com o mesmo cristal as mais formosas flores: parecerão murchas, sem graça e sem vida. Evidentemente, isto não é a realidade, e em nada serão afetadas

as estrelas nem as flores pelo fato de que cada um as olhe como queira olhá-las. As coisas e os fatos são muitas vezes, em sua interpretação, o produto de uma falsa visão através da deformadora lente do preconceito, e não o que realmente são.

Não deixa de ser de natureza divina tudo o que se acha no plano sideral, ainda quando se lance mão disso para elaborar discursos, compor poesias ou utilizá-lo nos manuseios diários da dialética vulgar, como tampouco perdem seu caráter divino todas as formas do pensamento que sustentam a vida superior, ou seja, a vida que se nutre no conhecimento das altas verdades, ainda que estas não sejam entendidas nem aquelas conhecidas.

O divino enlaça o humano numa contínua corrente de bem, que lhe permite superar-se num esforço de constante aperfeiçoamento. Do homem depende não trair seu próprio juízo e deixar que a mente e o coração vejam e sintam as coisas e os fatos em sua justa realidade.

CONCEPÇÃO LOGOSÓFICA DAS PALAVRAS

Acepção do vocábulo “simpatia”

Simpatia. – Conformidade, inclinação ou analogia numa pessoa a respeito dos afetos e sentimentos de outra. Inclinação instintiva para pessoas ou coisas. Psicol.: forma da vida afetiva, que tem extraordinária importância do ponto de vista moral, até o extremo de que alguns tenham baseado nela as relações éticas e sociais. Adam Smith foi o primeiro a reconhecer esta importância em sua “Theory of moral sentiments”. A origem de nossa sensibilidade para com o sofrimento dos demais está na faculdade que temos de nos pôr, imaginariamente, em seu lugar, faculdade que nos capacita para conhecer o que eles sentem e sentir a mesma emoção que eles. Se etimologicamente a simpatia significa piedade ou compaixão, pode esta palavra empregar-se, sem cometer impropriedade alguma, como faculdade de partilhar os estados afetivos dos demais homens, quaisquer que sejam eles. Existem diversas teorias para explicar psicologicamente a origem das tendências simpáticas. Os positivistas pretendem explicar a simpatia por sua base fisiológica, base que, mesmo sendo real, é insuficiente para justificar racionalmente o fato da simpatia desinteressada. O espiritualismo, por outro lado, vê na simpatia uma manifestação da consciência social solidária e humana, que encontra na comunicação de prazeres e dores a expressão natural da unidade específica dos homens e de um dever imposto pela lei natural. No surgimento e desenvolvimento da simpatia atuam as mesmas causas e leis que nas demais formas da vida afetiva humana. A herança e a educação, de um lado; a idade, o sexo, a profissão, o gênero de vida, etc., tudo influi na qualidade ou intensidade do sentimento da simpatia. O desenvolvimento do conhecimento, disse Höffding, é uma condição necessária ao desenvolvimento superior da simpatia. A extensão da simpatia está, portanto, determinada pelas experiências de cada indivíduo, de cada nação, de cada época. A simpatia pode ser interpretada como uma tendência geral que assume diferentes formas, segundo o objeto, a finalidade e o momento da vida. Em seus graus ínfimos, é a atração pessoal, a amizade, e nos graus superiores, o amor, o carinho e a paixão. Tanto pode se manifestar como uma inclinação sossegada e tranquila, que busca espontaneamente nos demais uma comunidade afetiva, como romper os diques da vida normal e se transformar num fator preponderante da consciência. A simpatia varia, sem dúvida, conforme a natureza da relação humana que a motiva, porém a causa última é sempre a mesma: a natural propensão a compartilhar com os demais as nossas penas e alegrias e a acercar-nos reciprocamente das suas. (Diccionario Enciclopédico Espasa-Calpe.)



A **simpatia**, como tudo o que pertence ao terreno espiritual e psicológico, é invisível e intangível; porém, o que se vê e se palpa na realidade física é o que move a **simpatia** como agente de uma força que, por sua vez, obedece a uma lei.

Todos os seres humanos possuem um atributo que se chama **simpatia** e, na mesma proporção, um *desatributo* – chamemos assim – que se denomina antipatia. De cada um depende forjar sua vida alcançando a plenitude do atributo e a total eliminação do *desatributo*.

O culto da graça, ou seja, do conjunto das virtudes e qualidades boas que o homem possua, é o que constitui a melhor fonte de **simpatia**, pois nada embeleza tanto a alma como os traços característicos da nobreza de berço. Aqui devemos manifestar, por ser isto uma verdade inquestionável, e para satisfação de todos, que quem não procede dessa origem pode e deve criá-la para si, já que sempre há tempo de alcançar e obter pelo esforço, pela decisão e pela capacidade de estudo as mesmas vantagens dos que se viram favorecidos na infância.

A ninguém está vedado o conhecimento e, muito menos, a liberdade de obtê-lo. Assim, cada um pode construir seu edifício moral, onde são gerados os grandes vínculos em virtude da **simpatia** que impregna todos os seus espaços, **simpatia** que atrai o semelhante e ao mesmo tempo lhe concede sua solicitude.

Na terra se acham dispersas, talvez para observação do homem, muitas existências: umas que infundem **simpatia**, e outras, repulsa. As primeiras são agradáveis à sua visão ou ao seu sentir, e o curioso é que todas elas lhe são úteis, ou, melhor dizendo, apresentam uma imensurável utilidade para a sua espécie. Quantos animais há que lhe são gratos apenas por seu aspecto, e quantos o são pelo único fato de lhe serem úteis, como as abelhas, por exemplo, que inspiram **simpatia** por serem laboriosas e fecundas. Temos, também, como dissemos, os que inspiram repulsa, tais como a hiena, o gambá, o javali, o sapo, a víbora e outros mais.

A respeito do sapo, há os que o conceituam como um animalzinho útil e o deixam estar em seus parques e jardins, pois, segundo eles, come os bichos daninhos. Não obstante, podemos observar que este antipático animal da família dos anfíbios, enquanto come um ou outro inseto, procria de tal forma que, no final, os que toleram sua companhia devem efetuar um verdadeiro massacre deles, para evitar danos maiores aos alicerces de suas casas, sob os quais costumam se alojar. O mesmo

acontece com certos pensamentos que o homem aloja em sua mente, crendo serem inofensivos, e que logo depois obrigam a praticar pouco menos que operações cirúrgicas para extirpar suas proles, que ameaçam absorver a vitalidade de todos os demais pensamentos que ali se hospedam.

Esta última observação nos permite fazer uma discriminação entre a **simpatia** propriamente dita e as preferências que cada um possa ter por determinada pessoa ou ser vivo. No primeiro caso, a **simpatia** estabelece um vínculo afetivo que aumenta ou diminui segundo o volume dessa vinculação; no segundo, a preferência é privativa do espírito individual e pode ser prodigalizada à vontade, sem que seja necessário, para o caso, vinculação alguma.

Na Criação existem duas forças que oscilam alternadamente numa luta constante: a de atração e a de repulsão. No ser humano, a **simpatia** atrai e é, portanto, uma força ativa que atua nele como centro gerador do afeto, devendo estar regulada pela ação do critério, a fim de fazer possível a existência de um equilíbrio estável, não alterado pelas relações com o semelhante. A **simpatia** que um ser inspira a outro cobre a distância que o faria permanecer estranho a ele. A amizade nasce do afeto que a **simpatia** cria, pois esta, como dissemos, é o centro gerador do afeto. Da amizade nasce a confiança mútua, e é esta a que cimenta e dá vida aos grandes vínculos a que nos referimos.

Já se disse que a **simpatia** é um dom; nós a chamamos de atributo e afirmamos que pode ser adquirida. Porém, para que isto seja possível, necessariamente devem ser cumpridas as exigências que a **simpatia** impõe: possuir pensamentos benévolos e quantos propiciem as melhores qualidades.

Na vida de relacionamento, é preciso buscar o entendimento de maneira simpática e afetiva. Nisto a mente há de desempenhar um papel muito importante, pois são os pensamentos os que devem ir ao encontro da afinidade ou criá-la, na medida do possível, conciliando inteligentemente as diferenças que existam no pensar e no sentir. A afabilidade, os bons modos, o trato agradável, são disposições que promovem a consideração e a **simpatia** dos demais, assim como a intolerância, a

irascibilidade, os maus modos, a linguagem áspera, promovem o contrário. Onde quer que a pessoa se encontre, deve fazer com que sua presença seja grata a todos, ou pelo menos à maioria, e isto sempre será conseguido por quem mais conheça a psicologia humana e tenha estudado a fundo suas reações e suas múltiplas variantes.

O errôneo conceito que geralmente existe acerca das atenções que o semelhante nos deve prodigalizar, enquanto deixamos de tê-las para com ele, é causa das mil situações molestas e incômodas que teremos de sofrer depois, já que, sendo a **simpatia** a ponte de ouro que estendemos até seu coração e sua mente, e não sendo esta ponte nada impossível, devemos nos apressar para torná-la efetiva, a fim de que, por sua vez, a **simpatia** e o afeto que buscamos nos possam ser oferecidos por meio dela. O ruim é quando fazemos isso mal, ou quando só construímos a metade, para que os outros façam a sua parte; assim é como se truncam com frequência os melhores propósitos.

A **simpatia** é uma força que influi decididamente na vida humana; conforme seja o cultivo que dela se faça, serão os frutos a recolher para a realização dos esforços que tendem à perfeição.

A JUVENTUDE NO FUTURO DOS POVOS



Não há dúvida, por ser algo inegável, que o futuro dos povos e de toda a humanidade em conjunto depende muito da formação da juventude.

Os diversos países do mundo, configurados por sua situação étnica e geográfica, educaram suas juventudes seguindo as inspirações naturais do solo pátrio, determinando assim preferências que depois haveriam de caracterizá-los nas respectivas linhagens de grandes condutores políticos, oradores ilustres, filósofos, navegantes, artistas, gênios da literatura, expoentes da ciência ou eminências do pensamento econômico. Cada nação se distinguia e sobressaía em heranças notáveis.

Entretanto, não nos remontemos aos tempos em que reinaram os astrólogos, os alquimistas e as pitonisas de primeira linha, nem nos internemos na imensidão do mundo asiático para extrair do coração da China as formas mais reluzentes do pensamento com que foi moldada e forjada sua história milenar. Voltemo-nos para os povos que estiveram mais perto de nosso conhecimento familiar: Egito e Grécia, que foram berços de juventudes ilustres, como também o foram de civilizações gloriosas. O que aprendiam aqueles jovens que, mal transpondo os umbrais da maturidade, apareciam já como culminâncias do pensamento, acendendo com suas luzes o entusiasmo das multidões, estendendo por gerações seu esplendor? O que ensinavam aqueles privilegiados e veneráveis anciãos, dos quais se dizia possuírem toda a sabedoria? Será necessário investigá-lo? Pensamos que é preferível nos determos a observar a trajetória do pensamento que animou a mente daqueles homens. Deveríamos mencionar aqui os nomes dessa quantidade de iluminados, filósofos e heróis que por seus feitos e suas obras honram a história da humanidade? Basta dizer, simplesmente, que quase todos foram jovens e que muitos deles surgiram desses dois rincões do mundo, Grécia e Egito, onde a alma, de geração em

geração, parecia superar-se em sucessivos esforços, a fim de dar aos demais povos da terra os expoentes máximos da sabedoria humana.

Também em outros povos existiram afãs semelhantes e destacaram-se muitas figuras de relevo universal. Assim, na França, Inglaterra, Alemanha, Espanha e na Itália despontaram novas auroras para a vida do pensamento, e novas culturas foram tomando corpo nessas regiões da Europa, como contribuição magna dada por elas ao progresso da civilização ocidental.

A preservação da cultura, o arraigamento das tradições e a indestrutibilidade da consciência nacional constituíram a preocupação básica de todas as antigas dinastias que reinaram por então em muitos povos do mundo. O anelo mais profundo e ardente que, pode-se dizer, o pensamento íntimo dos governantes continha, era o de estabelecer para seus reinos, sem perigo de perturbações, as correntes ascendentes de progresso na alma de todos os súditos, mediante continuados esforços de superação, sobretudo das massas inteligentes, a fim de conservar no conceito universal o posto de honra que lhes coube em alguma de suas melhores épocas, pelo fruto que souberam colher de suas inteligências, fruto que, por certo, beneficiou depois a toda a humanidade.

Isso quer dizer, em consequência, que, por cima da ilustração comum e dos conhecimentos gerais que se costuma dar ao jovem para formar sua cultura corrente e convertê-lo em incipiente homem de ciência ou de estudo, de modo que possa desenvolver-se dignamente em qualquer das carreiras que ele escolha, existiu uma educação superior tendente a criar, ou melhor dizendo, a despertar aptidões distantes da índole vulgar, que obedecam às altas finalidades contidas naquela preocupação apontada e que, como dissemos, tendam a forjar em relevo novos capítulos encarregados de manter incólume o prestígio da estirpe.

Bem se viu que aqueles países onde não existiu essa supereducação da inteligência sobressaíram nada mais que em rebentos isolados de grandes figuras, que deveram tudo a sua própria iniciativa e a suas próprias inspirações. Foram, pois, terras mediócras, cujos cultivos rotineiros não foram além dos afãs materiais e utilitários de suas

populações nativas. E só quando um ou outro enxerto estrangeiro lançou seus brotos na ânsia popular é que surgiram, repetimos, esporadicamente, homens de envergadura que se destacaram do ambiente nacional para estender seu prestígio por outras terras; estrelas fugazes na imensidão do firmamento mental, muito diferentes das plêiades que iluminaram os céus de famosas civilizações. É que, neste último caso, o acervo da herança parece formar parte efetiva da própria alma nacional, pois somente assim se justifica a existência dessa educação superior nos povos altamente civilizados, que cumpriram etapas tão brilhantes em sua história.

De tudo isto se depreende que a preparação da juventude requer, como tantas vezes já assinalamos, e não deixaremos de repetir, algo mais que a simples cultura escolar e universitária. Requer ser preparada à margem dessa instrução rotineira, da qual se encarrega a pedagogia comum; requer ser preparada, repetimos, para as altas funções da vida superior, seja no campo da política, da ciência, da filosofia, da docência, etc., e ainda nas artes, na literatura ou na oratória.

As inquietudes do espírito manifestam-se no ser humano quando este surpreende em si mesmo os sintomas precursores de sua genialidade. E dizemos precursores porque é muito frequente ver, após se manifestarem tais sintomas, que, caso não se revele no ânimo a vontade de estimulá-los e explorar os veios denunciadores do gênio, eles permanecem estáticos. A essas inquietudes respondeu sempre a iniciativa particular, criando instituições e centros de estudo que fomentam o desenvolvimento das faculdades intelectuais, orientadas para diferentes campos; porém, como aqueles são organizados em entidades acadêmicas com suas rígidas fórmulas estatutárias, afastam-se, por assim dizer, do coração da juventude, pois nas academias só penetram os eleitos, aos quais pareceria corresponder a direção quase ilimitada das questões que a inteligência propõe em todos os terrenos do saber. Fica a juventude, assim, pouco menos que órfã da atenção que sua natureza intelectual incipiente exige dos que têm o dever de se acercar a ela e lhe prodigalizar, munidos de alta dose de paciência, afeto e compreensão, todo o calor requerido por sua débil vontade e pela fragilidade de seu caráter. Acentuamos a palavra compreensão porque

é ela, justamente, a que evidenciaria os altos fins de tão elevada docência, que por certo não deve circunscrever-se à sala de aula ou ao lugar de estudo, mas também estender-se a todos os momentos e circunstâncias em que a rudimentar evolução moral e intelectual dos jovens reclame de seus mestres o auxílio do conselho e da experiência.

Mas a essa compreensão não se chega, de maneira alguma, como já se viu, pelo império de normas rígidas, pelos frequentes ensaios de sistemas de ensino ou pela existência da cátedra, mesmo nos estudos livres, pois a relação entre professor e aluno não deve morrer ao terminar a aula. O aluno tem que experimentar, em todo momento, a influência fecunda do ensinamento que recebe, tornando-se o professor, assim, seu melhor amigo e seu conselheiro constante. E é o próprio professor quem deve velar para que nada perturbe a livre manifestação do pensamento do estudante e para que nenhuma imposição arbitrária violento o jogo harmônico das faculdades que ele cultivava. Os grandes servidores da humanidade foram sempre as almas que conseguiram se emancipar de toda limitação e preconceito, e agiram sempre, até o último instante de suas vidas, com plenitude de consciência, conservando íntegra a liberdade do espírito.

A Escola de Logosofia, surgida na República Argentina há mais de treze anos, está promovendo neste país e em outros da América uma verdadeira conjunção de anelos tendentes a formar grupos de estudiosos que cultivem o ensinamento superior aludido e propiciem, em colaboração comum, a extensão dessas inquietudes espirituais, a fim de elevar a moral e alcançar aperfeiçoamentos pela conquista de conhecimentos transcendentais que haverão de redundar, mais tarde, em melhorias coletivas de vital importância para a sociedade humana.

Está claro que muito contribuiria, para esses novos fins de superação, pôr um dique à crescente influência dos centros de diversão que, como cogumelos, brotam por todas as partes nas cidades, e que, diferentemente daqueles, são mais visíveis durante a noite. A embriaguez moral pelo aturdimento dos sentidos é sempre nociva ao espírito, e, se a juventude não é resguardada a tempo das consequências a que está exposta, pouco será o que se poderá esperar dela amanhã.

Ninguém, pois, a menos que seja um retrógrado ou um caduco moral, poderá deixar de reconhecer a imperiosa necessidade que existe de propiciar o incremento de todas as comunidades que se inspirem em altos princípios de bem e que orientem a juventude pelos caminhos do conhecimento integral, o qual abre as portas da vida superior e prepara os alicerces de uma civilização forte e capaz de produzir as obras mais maravilhosas da História.

RIQUEZAS DA NATUREZA HUMANA

As expressões do rosto



Tem-se visto, e com enorme frequência, como os seres de ambos os sexos desperdiçam, por assim dizer, certos valores que lhes são próprios e, por ignorá-los, não atribuem a eles a menor importância. Referimo-nos aos que se revelam na fisionomia humana.

Há aqueles que utilizam com frequência o riso para, mediante essa manifestação, expor seu pensamento em ocasiões inoportunas; são conceituados à semelhança daqueles que, na maior parte das vezes, choramingam sem motivo, pretendendo expressar um estado de ânimo contrário à realidade, como seres sem importância e que são catalogados entre os que não inspiram nenhuma simpatia.

Quem gasta seu sorriso acompanhando-o frequentemente com expressões impróprias ou procurando, em quase todos os casos, suprir com ele a palavra, fica exposto a que ele perca o valor que lhe poderia ter representado se o usasse com discrição. Quantas vezes não se mostraram teatrais, num orador, as expressões e os gestos bruscos e frequentes, e em quantas outras não surgiu imponente ou impressionante a atitude daquele que levanta sua mão para reafirmar um princípio e assinalar sua importância!

Se observarmos as pessoas de escassa ilustração e cultura, poderemos ver que seus rostos, em geral, não deixam um minuto de se contrair, articulando ou não alguma palavra. Piscadelas, caretas, risos, prantos, expressões de toda índole se entremesclam numa sucessão contínua de trejeitos nervosos e descontrolados. Não acontece assim com as pessoas ilustradas e circunspectas, as quais tiveram de polir de tal maneira seus modos numa esmerada

educação, que o uso de tais movimentos se circunscreve ao estritamente necessário.

Conhecerão estes seres a quem acabamos de aludir o justo valor que uma expressão encerra quando é manifestada com inteligência? Esta pergunta surge a propósito do que mais de uma vez se observou quanto ao fato de que a excessiva ilustração chega a endurecer, em vez de abrandar, o caráter das pessoas, possivelmente por se produzir uma hipertrofia da autoestima.

Nestes casos, que são muitos, os seres costumam se conduzir aparentando possuir conhecimentos, mas, com pouco que se penetre em seu interior, comprova-se a inexistência deles. Isto quer dizer que o fato de a pessoa se comportar desta ou daquela maneira conveniente não significa que necessariamente conheça o porquê desse comportamento.

Esta ligeira discriminação sobre as razões que podem inspirar as expressões adquire sua verdadeira importância quando se elevam os olhos às grandes almas que consagraram sua existência ao serviço da humanidade, ensinando e rubricando suas palavras com exemplos exuberantes de grandeza. Nelas, cada movimento expressivo era um ensinamento, tanto que muitas vezes eram entendidas sem que movessem os lábios, tal a força do pensamento que se expressava por meio de seu olhar, de seu sorriso ou de seu gesto. É que essas grandes almas conheciam, sem dúvida, a riqueza de conhecimento que até o menor vinco do rosto pode conter; daí que jamais abusassem de suas expressões, nem gastassem esse valor, que é tanto mais apreciável quanto maior é o conceito de bem e de elevação que o ser inspira nos demais.

Isto, naturalmente, não quer dizer que a pessoa deva se converter em estátua, imobilizando os músculos do rosto, como costumam fazer os cínicos para não deixar a descoberto suas intenções, quando, simulando concordar com a palavra do semelhante, levam no fundo de si, escondida, a falsidade.

Não há nada como a espontânea naturalidade, que torna agradável o trato entre as pessoas, e, quando se chega a possuir em alto grau o domínio do pensamento e da palavra, e esse domínio se estende a

todas as demais expressões que, como sinais inteligentes, podem ser reveladas pelo rosto, pode-se estar seguro de que também se é dono dessas riquezas que se entesouram, como dissemos, nos vincos da fisionomia humana, fazendo com que nela resplandeça a luz do saber, ao mesmo tempo que irradia simpatia e torna o ser agradável entre seus semelhantes.

A ARTE DE ENSINAR E A VONTADE DE APRENDER



O ensino que se ministra à infância e à juventude não requer outra técnica nem outra preocupação que a de estar bem aplicado nas matérias lecionadas, em que a docência seja exercida com a dedicação indispensável exigida pelo caráter de que se reveste essa mesma atividade docente, ainda que nenhuma responsabilidade tenha o professor ou o mestre pelo fato de este ou aquele aprendiz não se aplicar, fracassando em seus estudos. Aqui termina o alcance da docência e, talvez, até a relação entre educador e aluno, pois é comum, após a habitual frequência às aulas, que cada um vá para o seu lado sem que ambos voltem, salvo raras exceções, a se encontrar.

A vantagem de ensinar às crianças reside no fato de que a elas se pode corrigir e até repreender, segundo seja o caso, com absoluta despreocupação quanto às suas reações derivadas do amor-próprio, tão pronunciado no ser humano. As pessoas adultas têm, além disso, a mente quase sempre ocupada com mil assuntos distintos e, por outro lado, não frequentam as aulas no horário da manhã ou da tarde, como as crianças, mas à noite, sendo então de se prever que tenham acumulado todas as fadigas do dia, o que atenta, queira-se ou não, contra o melhor propósito ou disposição de escutar, estudar e aprender. Vemos repetir-se esta circunstância no fato de que, apesar de serem os jornais matutinos bem nutridos, e pequenos os seus caracteres tipográficos, sua leitura não apresenta nenhuma dificuldade, realizando-se às vezes, como vulgarmente se diz, “de cabo a rabo”; por outro lado, os da tarde se veem na necessidade de expor em grandes títulos as notícias ou novidades que querem informar ao público leitor, pois que, não fosse assim, correriam o risco de ninguém os ler, uma vez que as pessoas, ao declinar o dia, não se acham em condições de prestar maior atenção a leituras condensadas em caracteres pequenos. Nessas horas, buscam-se entretenimentos

alegres ou de outro gênero, na esperança de descongestionar a mente com motivos que manifestamente distraiam o pensamento.

Daí que o adulto, o ser que já ultrapassou a época dos sonhos quiméricos, quando mostra ardentes anelos de superação e em verdade quer desfrutar mais prontamente as prerrogativas que a ampliação do saber confere, deva se dispor, com todas as forças de sua alma, para levar em frente com digno entusiasmo e empenho a tarefa de cultivar suas faculdades. Convém, por conseguinte, se não existem sinais que a evidenciem, começar por criar a vocação para o estudo, para a ilustração e o aperfeiçoamento. Essa vocação pode ser com certeza criada, se, auscultando o sentir, percebe que surgem aspirações de melhoramento paralelamente ao reconhecimento da própria mediocridade, a qual se há de querer transcender, distanciando-a cada dia mais das condições superiores cuja conquista se tenta.

Deve-se entender por vocação o pensamento que preside e anima o esforço em tenaz correspondência com a vontade, que em nenhuma hipótese deve decair, uma vez definido e preparado o caminho a seguir. Ao mesmo tempo, deverá formar-se um juízo bem acabado sobre as preferências internas a respeito do saber, ou seja, se tão somente se busca este saber para adquirir uma certa ilustração, se é cultivado nada mais que para saber, ou se é erigido como uma necessidade permanente do espírito e como finalidade primordial da existência. Em tal caso, o ato de estudar e aprender transforma-se fundamentalmente: reveste-se agora de todas as características da fecundidade, no natural exercício da função criadora do pensamento.

No primeiro caso, o ser humano somente busca melhorar suas perspectivas, fazendo mais cômodo o lugar que ocupa na vida de relacionamento. Sabe-se como a ignorância, que é ausência de conhecimentos e falta de cultura, limita e dificulta a maneira de viver e os meios de atuar, já que, não sabendo por esta causa como ser mais, o inapto haverá de se conformar com aquilo que licitamente e por justiça lhe é possível ter. Porém, melhoradas suas condições pela instrução e pelo esforço na sua aplicação, é lógico que experimente o prazer inefável de seu adiantamento espiritual e material. Entenda-se espiritual, como bem dissemos primeiramente, porque é coisa muito certa que toda claridade que se consiga fazer penetrar na mente sempre tende a repercutir no sentimento, e este, por reflexo,

agita o espírito, atraindo, em consequência, a atenção própria para o que surge acima do material, enobrecendo a vida.

É claro que isso não impede que, com o tempo, voltem os instintos, de natureza inferior, a ter mais voz e participação, sublevados talvez pela sensação de perder sua força dominante ou seu predomínio sobre as preferências da vontade. É isto, portanto, uma questão de temperamento, e enquanto não participe a inteligência do conhecimento que a evolução consciente entranha em suas amplas perspectivas humanas, estaremos sempre expostos a ser incitados pelas debilidades do caráter e a ceder aos afagos da vida material, que em nenhum momento terão deixado de opor resistência às resoluções elevadas do juízo em suas máximas aspirações de aperfeiçoamento.

No segundo caso assinalado, ou seja, quando se cultiva o saber simplesmente por cultivar, mais propriamente para satisfazer uma vaidade enquanto se permanece totalmente alheio à realidade e à força viva do conhecimento, o ser pode conseguir uma vasta ilustração e até chegar a colocar-se entre os que se destacam nas letras, nas artes, na política, nas finanças e em todos aqueles ramos do saber comum em que se elogia e se enaltece a personalidade. Isto, porém, não evita que ele sinta muitas vezes uma nostalgia indefinida, um vazio interno que não consegue preencher com nada, e que é resultado de tudo quanto foi construído sem objetivos perduráveis. Isto ocorre com aqueles que estão inteiramente absorvidos em compromissos sociais ou na atenção a seus interesses materiais, esquecendo que a vida tem outro conteúdo e que é precisamente nele onde reside o porquê da existência.

Para conhecer este conteúdo, é necessário internar-se em si mesmo tanto quanto o permita a própria evolução. Foram muitos os que em todos os tempos empreenderam esta tarefa, em sua maior parte levados pela crença de poderem desentranhar num curto prazo os mistérios que se ocultam nas profundezas da criação humana. A imensa maioria voltou dessa incursão, malogradas as esperanças e quebrantados os esforços, trazendo como saldo a decepção e o desconsolo. Tal é a consequência das investigações infrutíferas, pois se desconhece a forma de realizar tão magna empresa e não se leva em conta, sobretudo, que os principais fatores que contribuem para seu êxito devem ser encontrados nos umbrais da própria vida, ali onde nasce

tudo o que cada ser possui de verdadeiro e puro. Entretanto, isso não impediu que outros, em número igual ou superior, se dispusessem uma e outra vez a empreender idêntica incursão nas regiões do enigma, vamos chamá-la assim, já que outro não pode ser o nome de uma realidade existente além da realidade comum e que, constantemente, exerce uma atração quase irresistível sobre o temperamento sensível da natureza humana.

A voz sábia, a voz que pronuncia a sublime linguagem da inteligência criadora, é a que ensina o caminho sem extraviar o pensamento. Quando o ser pretende escutar essa voz com os ouvidos do egoísmo, da fatuidade ou da insensatez, corre o risco de se perder, pois a própria cegueira impede toda orientação, confundindo-se frequentemente as direções, de modo que se toma o caminho desandado como um avanço e ainda se chega a desconhecer ou esquecer os pontos de referência que serviram para marcar o rumo.

E vejamos agora o caso em que os seres se dispõem a encarar a questão básica do conhecimento substancial ou essencial da existência humana.

Sabe-se que essa inquietude surge como um imperativo da consciência, como uma necessidade da alma, e, desde que se manifesta como tal, começa, tanto no homem como na mulher, o que poderíamos chamar de *a odisseia do espírito*. Livros e mais livros passam pela retina mental, absorvidos pelas ânsias de encontrar neles as chaves misteriosas com as quais seja possível decifrar o enigma. A busca continua em qualquer lugar onde se encontre um anúncio que, sugestivamente, convide a realizar por essa via a tentativa de alcançar tal meta. Não obstante, pouco ou nada é o que se obtém no sentido de encaminhar o pensamento pelo verdadeiro e único caminho que conduz à solução do grande problema.

Quando os aspirantes ao conhecimento iniciador das altas verdades acudiam às fontes onde se ministrava o ensinamento criador, eram instruídos previamente acerca de como deviam liberar a mente de todo preconceito e dispor-se, com humildade e limpeza de alma, a receber a luz que haveria de iluminar suas inteligências ávidas pelo saber superior. Isso prova, de modo definitivo e convincente, que nada deve merecer um conceito de seriedade e estima maior do que esta ciência do pensamento supremo que encarna a vida universal e que, por fim, aprofunda a vida humana até os seus rincões mais recônditos e obscuros.

Como é possível, então, pensar que conhecimentos de tal nível hierárquico haverão de ser obtidos como um dom do céu, sem que para isto se requeira aplicação nem esforço algum? Não se pode conceber seja tendência natural a de consentir que o próprio entendimento atribua ou conceda, melhor dizendo, tão pouca importância a este gênero de investigações. Geralmente se utiliza para elas o escasso tempo que resta depois de terminadas as atividades do dia e, ainda assim, costumam ser relegadas a segundo plano, para se dar preferência às habituais distrações. Há, inclusive, os que presumem que fazem um favor se, prestes a cultivar o conhecimento transcendente, colaboram com outros em tão fecundo labor, pois não pensam que, enquanto se aperfeiçoam e se beneficiam, contribuem para fazer mais efetiva a obra que se desenvolve para o bem de todos.

Deve-se admitir, pois, que foi, é e seguirá sendo a tarefa mais difícil e delicada esta de ensinar, a cada inteligência, a forma de multiplicar sua força expansiva e penetrar, como dissemos, até os rincões mais recônditos e obscuros da vida humana. O exercício de tão alta docência é, sem discussão alguma, uma arte em que estão resumidas as virtudes mais elevadas: a sabedoria, considerada como a maior de todas, por conter a essência das demais; a paciência, que auspicia os processos do ensinamento sem forçar nem alterar as funções do entendimento, propiciando, mais propriamente, que este se acentue de forma natural; a abnegação, que preside os sentimentos e tem um lugar de honra no coração dos grandes, que também fortalece o espírito e permite o culto do sacrifício a serviço do semelhante. Poderiam ainda ser enumeradas outras que, por sua natureza, servem à vontade posta a serviço de tão elevada docência; entretanto, haverão de bastar as enunciadas, para que se possa julgar o conceito que deve merecer quem, tirando horas do repouso depois de longas jornadas de intenso labor, dedica-as generosamente, sem exigir nada de ninguém, a ensinar com a palavra e com o exemplo a realização da mais justa e nobre das aspirações humanas.

Para terminar, será necessário acrescentar que a arte de ensinar encontra sua máxima expressão na alma daqueles cuja vontade de aprender faz possível que o bem que recebem e o saber com que se instruem sejam uma completa e efetiva realidade para seu aperfeiçoamento integral.

O PODER DE ADAPTAÇÃO



Uma das causas que mais contribuem para a infelicidade humana e criam as maiores dificuldades é, sem dúvida alguma, a incapacidade para o uso inteligente dos próprios recursos internos em cada circunstância adversa ou situação difícil que o ser deve enfrentar no curso de seus dias. Entre esses recursos, talvez o de maior potência seja o da adaptabilidade.

É frequente constatar uma tenaz resistência a aceitar as mudanças inesperadas que costumam produzir-se nas situações tidas como permanentes na vida corrente; tanto assim que a primeira reação psicológica ou do sentimento é o desespero e o desconsolo, acompanhados de um profundo pesar, muitas vezes inibidor da reflexão. É claro que o tempo atua como sedativo e, em definitivo, é ele que traz a adaptação.

Essa mesma prova de indulgência das forças que sustentam o espírito revela a existência de um poder, o de adaptação, que, sem anular temporariamente nem diminuir em nada as prerrogativas humanas, evita os transtornos da alma e facilita em alto grau o desenvolvimento progressivo rumo à normalidade alterada. Mas esse poder vai mais além. Usado com o devido conhecimento, o ser pode adaptar-se a todos os ambientes e situações sem sofrer o mais leve incômodo; e mais: essa mesma força assimilativa que dilui o elemento discordante no próprio recipiente do critério, onde se combinam e se conciliam as distâncias psicológicas e temperamentais, assim como as de berço e outras causas, produz um prazer inexprimível. É a sensação de uma espécie de onipresença ou ubiquidade, que, sem ser simultânea, é realizável na sucessão do tempo, aqui e ali, onde quer que o ser se proponha a conviver sem aborrecimentos ou resistências, ou então experimentar, a modo de treinamento, certas situações adversas ou incômodas.

A própria vida ensina ser ela, em essência, a expressão mais acabada da adaptação. A série de mudanças que se experimentam, as transformações, as experiências que corrigem até costumes, propiciam constantemente a necessidade da adaptação. Quem estuda deve se adaptar às exigências do estudo, como deve quem trabalha fazê-lo em relação às desse gênero de atividade, e assim sucessivamente em todos os casos. O essencial é não prejudicar as energias internas afetando-as com depressões e sofrimentos que diminuem o vigor do espírito e restringem as possibilidades humanas.

Quando se projeta fazer tal ou qual coisa, deve-se conservar, e até aumentar, o entusiasmo que animou o projeto. Geralmente se fracassa por não se haver adaptado a própria disposição às exigências da atividade que sua realização costuma demandar.

Adaptar-se é, portanto, preparar dentro de si as condições adequadas para que o equilíbrio normal da vida perdure sem modificações, ainda que a vida se modifique tantas vezes quantas sejam necessárias ou o reclamem as circunstâncias. O contrário seria nos entregarmos como prisioneiros de um inimigo invisível, porém real, que estaria continuamente abatendo nosso ânimo.

A PERSONALIDADE IDEAL, O ARQUÉTIPO E A EDIFICAÇÃO DO CONCEITO



Existe a convicção geral, reafirmada pela experiência, de que são muito poucos os que, havendo empreendido uma determinada atividade, chegam ao objetivo perseguido.

Estimamos que, da análise que realizaremos sobre este ponto, haverão de surgir para a alma jovem e ansiosa de triunfos muitos aspectos de grande interesse e indubitável valor, os quais, se levados em consideração, propiciarão depois os mais formosos resultados.

É uma verdade inegável que, à medida que o ser humano penetra e se interna na vida, vai construindo seu verdadeiro arquétipo: o arquétipo ideal que dará forma ao conteúdo de sua existência.

Esse arquétipo que o homem constrói toma para os demais o nome de conceito; e já se sabe que cada um é julgado conforme o conceito que merece de seus semelhantes. Não se deve, pois, esquecer que, por pertencer o conceito à categoria do ideal, e de certo modo estar igualmente compreendido no mundo do abstrato, é suscetível de sofrer diversas alterações e chegar, em alguns casos, até à desqualificação, ou, dizendo melhor ainda, ao desconceito. Daí que se deva cuidar do conceito como se cuida da própria vida, querendo isso dizer: cuidar de tudo que possa desmerecê-lo ou causar-lhe dano, a fim de mantê-lo incólume ante o juízo dos demais. Mas isso não basta; é preciso defendê-lo também contra toda malícia e toda tentativa alheia de agredi-lo e feri-lo: a inveja, o ódio e o pedantismo depreciativo fomentam na mente humana os mais estranhos antagonismos, cuja finalidade é, comumente, a de atacar o semelhante com a mais crua intenção de ferir seu conceito, principalmente quando este já alcançou uma posição de prestígio.

Não é necessário fazer ressaltar muito esta circunstância para se perceber quão indispensável é forjar o arquétipo de referência e construí-lo sobre alicerces inalteráveis; mais ainda, indestrutíveis e eternos, de forma que, se a vida sucumbe na luta, o arquétipo sobreviva, como foi visto em muitos casos, anotado com letras de ouro nas páginas da História, aureolado com um esplendor imortal, configurado aos olhos humanos como algo sobrenatural, pois esse mesmo arquétipo, já plasmado na História e na recordação perene de todos os que conheceram sua vida, segue se constituindo em exemplo de virtudes e é o mais poderoso acicate do espírito naqueles que querem alcançar a glória edificando um arquétipo similar.

Seria bom chamar a atenção aqui para o erro em que muitos incorrem, ao pensar que é suficiente seguir uma conduta mais ou menos ordenada, durante certa época da vida, para depois se afastar dessa linha traçada, entrecortando-a com atitudes e comportamentos contrários a ela. Isto é não ter uma noção exata da transcendência de que se reveste o cuidado do conceito e seu significado espiritual no presente e no futuro da existência humana.

Dito isso, vemos desenhar-se com nitidez dois casos que particularizaremos expressamente. Tomemos primeiro o conceito comum, qual seja o que se elabora, quase poderíamos assegurar, com fins preferentemente utilitários, ou seja, com propósitos egoístas, nos quais estão presentes desde o elogio pessoal até a ostentação, e onde se busca e se força, por assim dizer, a valorização do próprio conceito junto aos demais. Podem ser incluídos também neste caso aqueles cujo conceito não ultrapassa os limites da amizade pessoal ou dos exíguos ambientes em que atuam. Caso se quisesse pormenorizar exemplos a propósito da mediocridade do conceito, daria para escrever volumes inteiros, mas o primordial aqui é assinalar o caso oposto, em que adquire importância e transcendência o termo mercê do qual a vida assume sua verdadeira dignidade, isto é, o conceito em sua elevada expressão, que é em síntese a credencial com que cada um se vincula a seus semelhantes e, ao mesmo tempo, recebe deles o tratamento que essa credencial outorga.

Deve ficar bem compreendido que a edificação do conceito não é coisa fácil, nem tampouco difícil, mas sim um assunto muito sério, principalmente se apreciado em toda a sua amplitude como algo próprio e inevitável da própria vida. Tanto o músico que conseguiu arrancar aplausos delirantes do público que o escuta, assim como o orador que conseguiu se destacar, deverão, se querem conservar seu prestígio, recorrer a constantes superações, a fim de não romper a harmonia estabelecida entre o público que os aplaude e a qualidade do que lhe oferecem, pois bastaria uma redução nas respectivas aptidões para provocar na opinião desse público uma reação, que recairia, pode-se supor, desfavoravelmente sobre seus conceitos. O pintor, o escultor, o poeta, o escritor e todos os que cultivam alguma das predileções do espírito devem produzir, para afiançarem um conceito significativo, obras fecundas em que se perceba o continuado esforço de superação do autor, evidenciado por meio de sucessivos trabalhos na eliminação dos defeitos.

Queremos estabelecer agora a diferença que julgamos existir entre conceito e arquétipo.

Enquanto o conceito é o produto do juízo dos demais em correspondência com os merecimentos do conceituado, o arquétipo vem a representar o conjunto de todas as virtudes e valores conquistados pelo ser, os quais formam a personalidade ideal ou, o que é igual, a estruturação da vida imaterial, que influi não só quando encarna na vida física, mas também quando esta desaparece da natureza humana.

Se o empenho do espírito em modelar um arquétipo psicológico superior ao comum transcende, digamos, os séculos, já que foi manifestado em todas as épocas, não se poderia conceber que um afã tão justo e sublime fosse caprichosamente truncado com a morte do corpo; pelo contrário. Temos, aí, estampado sobre a imensidão do tempo e do espaço, o primeiro ensinamento que nos fala da eternidade da Criação.

Essa lei suprema estabelece, e toda elevada reflexão assim deve conceber, a perfeita unidade da existência universal, e justamente porque não está excluída dela a existência do ser humano, este não pode perecer, ainda que sua vida feneça como tal; deve existir apesar

da morte e experimentar – algum dia este segredo será revelado – a realidade desse existir, tal como pode experimentá-lo durante sua vida física. Por ora, seria bom não perder de vista os que edificaram um arquétipo muito acima do comum, tão escoriado este quanto cheio de defeitos.

Quem observe com pura e boa visão não deixará escapar detalhes de inapreciável valor, ao fixar o olhar naqueles que hoje nos fazem escutar, utilizando a boca de outros como se fosse a própria, o mesmo que disseram há séculos, para apontar um rumo ou exercer uma influência direta no sentir dos que buscam uma inspiração em suas palavras. Há estátuas que se erguem imortalizando as grandes figuras consagradas pela opinião geral; elas têm a virtude de suscitar o comentário de todos os que se detêm perante elas, renovando-se de forma permanente a recordação dos pensamentos que animaram suas existências, como também seus feitos, seus esforços e seus sacrifícios. Por acaso essas mesmas almas que superaram a vida humana não fazem com que se inclinem, com toda a reverência, os que acodem a seus sepulcros para comemorar as duas datas que efetivaram o período de sua existência entre nós, ou para prestar, como às vezes sucede, homenagens a datas que foram faustosas para os povos ou para o mundo, devido a fatos que demarcaram etapas de suas vidas? Seja isso, pois, a melhor demonstração da sobrevivência da alma. E que outra coisa poderia pedir o ser humano, para lavar sua grandeza, a não ser constituir-se, ao evocar esses altos exemplos, num infatigável e inteligente obreiro de sua própria vida?

Da capacidade individual, do esforço, do empenho e da consagração dependerá a altura alcançada na edificação do próprio arquétipo na realização desta obra pessoal.

O FATALISMO

Reflexões que o conceito logosófico sugere



Sabe-se que todos os seres humanos nascem seguindo um processo biológico natural e idêntico, e que a todos foi determinado um destino comum. Entende-se, naturalmente, que isto vigora para quem queira segui-lo pelo caminho lógico e tortuoso, desde o princípio até o fim, mas não quer dizer que cada um não possa alterar esse destino, afastando-se do comum e forjando um novo para si. Todos, sem exceção, gozam de tal privilégio.

É curioso observar as vezes em que a pessoa se pergunta se o fato de mudar um rumo por decisão própria, ou de melhorar uma situação, ou de alcançar uma ventura, ou de conquistar um futuro melhor, inesperadamente, não seria puro fatalismo, ou seja, fatalmente predeterminado. Os que pensarem que tudo o que lhes acontece está predeterminado pelo fatalismo incorrerão no gravíssimo erro de crer que são privilegiados pelo destino, pela sorte ou por algum protetor invisível.

Pois bem, como é lógico admitir que não existe tal privilégio para ninguém, pois se existisse seria para todos, teríamos que esse fato não poderia jamais ser atribuído a determinações inevitáveis do fado. Se pensarmos bem, nós nos formularemos a seguinte pergunta: em virtude de que mérito ou prerrogativa esse destino ignoto, chamado fatalismo, poderia ter favorecido um semelhante? Supor que isso fosse possível seria admitir a injustiça das leis supremas, as quais, subentende-se, nunca outorgam distinções tão excepcionais.

Assim, examinando o fato com sensatez, fica explicado com toda a clareza que o fatalismo só existe na imaginação daqueles que têm obsessão de crer que ele existe, do mesmo modo que só há fantasmas

para aqueles que creem neles e vivem constantemente assustados, vendo-os aparecer por todas as partes.

Tudo tem uma razão que é necessário encontrar para descobrir o porquê, a raiz da questão. É preciso acostumar a inteligência a discernir cada coisa, cada fato ou cada movimento que represente ou seja para a razão um motivo de juízo.

Ampliando o campo da investigação, ver-se-á quão necessário é fazer uma revisão de muitos dos conceitos que, no mundo comum, desde longo tempo, têm sido aceitos e que não contêm, por certo, a verdade que lhes é atribuída. Se, estando à beira de um abismo, nossa razão nos diz que pereceremos se nos inclinarmos sobre ele e nos deixarmos cair em sua penumbra, deveremos nos retirar; porém, se nos obstinarmos em não ver o perigo e por tal descuido cairmos, não deveremos atribuir ao fatalismo o fato de havermos caído. A explicação é simples: não fizemos uso da razão e ficamos à mercê de uma força cega que nos arrastou para o abismo. Este princípio é aplicável a todas as coisas.

Fica, portanto, evidenciado que o destino é passível de modificação; mais ainda, cada ser é responsável por seu próprio destino, sobretudo se for levado em conta que este é o resultado de seus atos, pensamentos e palavras. Por acaso podem ter o mesmo destino duas pessoas de mesma idade, meios e condição, se uma delas alcança, por sua consagração ao estudo, ao trabalho e dedicação a fins nobres, uma elevada posição entre seus semelhantes, e a outra expia atrás das grades seus desvios? Afirmar que sim seria negar o livre-arbítrio e a vontade, da qual cada um é dono.

Sem ir mais longe, todo ser tem traçado o itinerário que deve seguir diariamente. Quem sai para cumprir sua obrigação e, após terminá-la, volta a casa para descansar, sem se preocupar com nada mais, reforça esse itinerário com os caracteres com que se grava seu destino. Sabe-se que quem deve ir à universidade, ao trabalho ou a qualquer das ocupações que tenha, realiza seu destino diário, que se cumpre porque o dever e as necessidades da vida assim o exigem. Mas, fora dessa obrigação, e uma vez satisfeitas essas necessidades, poderá usar seu arbítrio como melhor lhe convenha, dependendo do aproveitamento de suas horas

livres o destino que vá forjando ao longo dos anos. Se malgasta esse tempo, se passa as horas e os dias vegetando, aí está seu destino comum, sem nenhuma variação; mas se opta pelo melhor, se utiliza seu tempo para ampliar suas possibilidades e vai cumprindo etapas de progresso e de superação, seu destino mudará fundamentalmente.

Coube nisso algum papel ao fatalismo? Nenhum. Atuou, simplesmente, a livre vontade individual, a livre escolha. O destino de quem não sabe fica sempre limitado a um lugar dentro do qual se move preguiçosamente. O destino de quem sabe é, em vez disso, um lugar muito amplo, onde pode se movimentar folgadoamente; e o saber logossófico já o expressou em outras palavras: esse destino, em si mesmo já mudado, pode ainda se multiplicar, abrindo o caminho aos demais.

Não há no mundo um ser humano a quem seja negado um lugar sobre a terra. Onde quer que se coloque, esse é o lugar que ele ocupa no mundo. E ninguém ousou tirar de seu semelhante esse lugar. Até depois de morto, também se ocupa um lugar. De modo, pois, que cada um tem um pequeno espaço no mundo que ninguém lhe pode tirar, espaço que é possível transladar para onde quer que vá, porque será sempre esse o que ocupará; e, quando souber ocupá-lo com dignidade, não há dúvida que o irá ampliando de tal maneira que poderá oferecer, mais tarde, amplos lugares aos demais.

A VIDA INTERNA E A VIDA DE RELAÇÃO



Muito já se escreveu e se falou a respeito do comportamento ou da conduta que o homem deve observar em relação a si mesmo e como membro integrante da sociedade humana; na verdade, porém, o que não se disse foi a forma pela qual pode ele conduzir-se dentro de si mesmo, não só no sentido de alcançar seu próprio conhecimento, mas também no de ser guiado por ele na interpretação de seu pensar e sentir.

É certo que a cultura corrente, a ilustração e o polimento social permitem fixar comportamentos e normas de conduta que tornam possível e agradável o trato com os demais, porém não informam o ser acerca de sua convivência íntima consigo mesmo.

É evidente que sobre este ponto, de per si profundo, nada ou muito pouco haverá de compreender aquele que não tenha cultivado com especial dedicação suas qualidades e penetrado numa certa medida nas profundezas de sua intimidade.

Na maioria das pessoas, nas quais não se agitaram ainda as inquietudes deste conhecimento, esse ser interno permanece vedado à sua percepção, já que não encontram indício algum que lhes denuncie tal realidade. E entre tais pessoas não faltará, sem dúvida, quem sorria com menosprezo, não atribuindo valor a este gênero de reflexões. Não obstante, isso não diminui em nada a importância de que este conhecimento se reveste, o qual, por outro lado, em muito contribui para fazer a felicidade dos que conseguem que ele seja oferecido aos demais sem restrições no cenário de sua própria vida.

Para alcançá-lo, o que não é tarefa fácil, a Logosofia ensina que se deve predispor o espírito, tanto quanto necessário, a certas condições de exceção que elevam o ser rumo a uma concepção cada vez mais

ampla da vida e do mundo. Isto significa que não podem ser julgados, com o critério vulgar, conteúdos de natureza superior nas formas mais elevadas do pensamento. Existem diferenças substanciais de apreciação. A simples aproximação a uma verdade, que em alguns casos chega a entranhar mudanças fundamentais na própria vida, costuma fazer experimentar sensações inefáveis, em que a ansiedade e a esperança, ao manterem por momentos o espírito em suspenso, provocam o temor ou o júbilo, numa alternada e involuntária reciprocidade. É o caso, por exemplo, daqueles momentos de inquietude que precedem a um descobrimento, seja este em que campo for.

A alma se estremece de gozo ou de pesar conforme as circunstâncias que rodeiam os fatos mais importantes da existência. O certo é que, acima da vida vulgar, fria e ingrata, na maior parte das vezes se vislumbra uma superior que, convidando-nos a penetrá-la, nos oferece um mundo de estímulos e doces esperanças.

Sem dúvida alguma, para que este pensamento se torne realidade, é muito natural que se tenha de arrancar da esfinge do próprio destino o segredo do seu enigma. Como? Forjando um novo destino, enquanto permanece em nós o mistério protetor que zelará pelo nosso segredo ante os demais.

É preferível ser um esforçado e tenaz buscador da verdade a perecer como esses seres incapazes, cujas almas extenuadas pela inércia se assemelham a ermos ressequidos pelo sopro do simum.

A vida interna tem uma prerrogativa particular e especial: o recolhimento do ser em si mesmo ou, em outras palavras, a expansão da alma dentro de seu mundo íntimo, ao qual somente o ser tem acesso e onde a ninguém é permitido entrar, por proibição expressa da Lei Suprema. Daí que o foro íntimo deva ser sagrado e inviolável, já que pertence exclusivamente aos domínios da consciência, sendo que apenas a própria vontade pode exteriorizar uma parte das reflexões íntimas, se quiser dá-las ao conhecimento do semelhante.

Participam de todos os atos da vida interna aqueles pensamentos gratos ao espírito, pois quando o ser nela se submerge é para

encontrar-se no cálido ambiente das ternas recordações, já que a revivência delas, do mesmo modo que entenece, adoça a vida e a satura de bondade.

E se isto ocorrer repetidamente, quanto haverão de suavizar-se as asperezas do caminho, ao mesmo tempo que se conseguirá, com tão inapreciável recurso, fazer mais grato e cordial o trato com os semelhantes.

O VERBO DO ESPÍRITO E O VERBO DA MATÉRIA



Para que a humanidade em geral possa superar seus lentos processos evolutivos e criar suas naturais defesas, é indispensável desenvolver sua capacidade consciente e discernidora, para que possa captar e aproveitar os ensinamentos que deve, necessariamente, extrair de cada grande experiência por que passa no curso de sua longa peregrinação. Não obstante, essa capacidade consciente e discernidora é conseguida por uns poucos em relação aos demais, que somam tantas centenas de milhões de seres, sendo dever desses poucos, portanto, ensinar aos outros o que por própria conta eles não conseguem ver nem compreender.

Fazer o semelhante participar dos descobrimentos que se efetuam na investigação ou na experiência, ou das verdades que emanam dos fatos ou dos acontecimentos, constitui o que a Logosofia denomina “cátedra humanitária”, porque é o ensinamento que os homens de inteligência preclara transmitem em livros, jornais, revistas e demais meios de difusão do pensamento ao alunato anônimo, que é a própria humanidade.

Um fato que merece destaque por sua força sugestiva e seu grande significado é o que concerne à diferença substancial que existe entre o verbo do espírito e o da matéria, ou seja, para melhor explicação do caso: entre o que flui animado pelas forças do bem, da verdade e do amor e o que aparece impulsionado pela violência, pela mistificação e pelo ódio. O primeiro ganha expansão nas almas e se enraíza na mente e no coração humano. Caracteriza-se pela natureza de seus princípios e pela virtude de sua força espiritual. O segundo se impõe pela agressão ao foro interno, violando as leis naturais da consciência.

O verbo dos grandes precursores que a humanidade teve, e mesmo o dos sábios menores, vibra e se mostra hoje, depois de séculos, com inegáveis caracteres eternos. Por outro lado, esse verbo sombrio, projetado com tanta astúcia sobre o mundo inteiro para enganar a desprevenida mente humana; esse verbo repartido nos três ramos que tomaram o nome de “ideologias” e que fora imposto pela violência, atentando contra toda norma de bem, de dignidade e de respeito aos direitos sagrados do semelhante; esse verbo que ameaçou por um instante – instante na imensidão do tempo – destruir tudo de bom que havia na terra e destituir o homem da posição superior que o distinguia das demais espécies que povoam o orbe; esse verbo bastardo, nascido de concubinatos mentais, reina por um tempo limitado entre os homens e desaparece desintegrando-se, tão logo as forças do bem, que sustentam e conservam o pensamento de Deus na terra, encarnado na figura humana, reagem e, travando valente e decidida luta, o vencem, condenando-o a deixar de existir na recordação de todos.

É que o verbo do espírito, gerado na mais pura concepção mental, procria palavras que formam famílias inteiras, cujas qualidades singulares revelam a existência da linhagem a que pertencem. Essas famílias de palavras migram de um ponto para outro, multiplicando-se de geração em geração, sustentadas pelo sopro de eternidade que as anima.

Desventurados aqueles que, pretendendo apropriar-se dele, desnaturalizam sua virtude, tratando de impor pela violência o que fora ensinado pelo sacrifício, pelo amor e pela piedade.

A humanidade inteira pode atestar esta verdade na grande experiência que está vivendo neste momento crucial de sua história.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A PALAVRA “ANELO”



Quando se trata de definir as palavras com o intuito de penetrar em seu conteúdo mais amplo e profundo, chega-se à conclusão de que elas oferecem curiosos e variados aspectos, que se configuram segundo sejam os pensamentos que as animam.

Uma palavra que expressa um anelo, por exemplo, encerra uma aspiração, que tanto pode ser definida ou indefinida.

Anelar é querer algo que está sujeito a diversos fatores, nos quais intervêm elementos, fatos e circunstâncias que, por um lado, reafirmam o anelo e, por outro, lhe oferecem a perspectiva de sua realização.

Muitas vezes se crê que o anelo, por ser o que é, seja de caráter permanente e imodificável; entretanto, não é assim, a menos que seu cumprimento seja de todo modo impossível. Modifica-se conforme as situações que se vinculam a ele, sejam favoráveis ou desfavoráveis.

O anelo surge em virtude de uma manifestação espontânea da mente ou do coração; no primeiro caso, desempenham um papel muito importante os pensamentos; no segundo, os sentimentos.

Quando o anelo se pronuncia com vistas a arraigar-se no espírito, aumenta de volume à medida que se amplia a capacidade de compreender e sentir de quem o promove dentro de si, e ganha força ao manifestar-se no ser a constância no empenho em conservá-lo até alcançar seu cumprimento.

Costumam existir anelos que se dissipam à medida que são alcançados, mas também acontece, e com muita frequência, que, enquanto um deles morre, outro nasce, como prolongamento do anterior. É o caso, por exemplo, de quem anela possuir mil pesos. Este anelo se mantém vivo até que ele consiga possuí-los efetivamente, e morre

nesse instante, nascendo outro que exige dez mil, e outro mais que exige cem mil, e assim sucessivamente. O que quase nunca se leva em conta é o propósito que anima o anelo, base, neste caso, da aquisição de tais somas; quer dizer, aquilo que se fará, uma vez na posse delas.

Vemos assim que o anelo compreende dois aspectos: o da posse de um bem e o uso que se há de fazer dele, aspecto este que, conforme dissemos, comumente se esquece.

O anelo que tem suas raízes no íntimo do ser humano é profundamente sentido. Quase sempre há no homem um que, poderíamos dizer, é o anelo-mãe: aquele que o incita constantemente a conhecer o que ignora e a conquistar sua mais alta superação.

É preciso ter sempre muito presente, para evitar que os anelos se coloquem à margem da realidade, que eles sejam inspirados pelo bem, pelo justo e pelo belo; do contrário, o ser se verá surpreendido muitas vezes pelas situações adversas que o próprio desvio de seu pensamento lhe irá criando.

Definiremos ainda outras duas posições do anelo: a ativa, que medeia sua realização por uma série de estímulos voluntários e involuntários, e a passiva, sujeita a fatos ocasionais que podem influir em seu descumprimento.

Levando tudo isso em conta, cada um poderá avaliar e definir sua posição a respeito e, ao discriminar sobre seus anelos, fazer tudo o que esteja em suas mãos para favorecer a feliz culminação deles.

ASPECTOS DA PSICOLOGIA HUMANA

A simpatia



Entre os múltiplos aspectos que configuram a psicologia do ser humano, destaca-se com singular relevo o que diz respeito à sua maneira de ser; e dizemos à sua maneira de ser, porque, no relacionamento com os semelhantes, isso tem uma importância capital. Assim, por exemplo, vemos que quando uma pessoa é culta, afável e compreensiva inspira simpatia por todas as partes; ao contrário, quando é tosca, intolerante, irrefletida, impaciente ou áspera, produz no ânimo dos demais certa prevenção, que de imediato se torna antipatia.

A simpatia se conquista pela naturalidade no trato, pela agilidade e pela graça que se exterioriza, bem como pela boa disposição para tornar agradável o momento de sociabilidade. Quando isto ocorre, todos os que se vinculam àquele que é dotado de tal condição se sentem animados, cômodos e sensíveis a uma franca amizade. O pessimista, sem ir mais longe no exemplo, faz fugir de seu lado todos aqueles com quem trata, pois tudo para ele é fracasso e negação; vive amargurado e parece até sentir prazer em transmitir seu lamentável estado de ânimo aos demais.

Muitos pensam e costumam manifestar, ao perceberem que sua fisionomia desperta antipatia naqueles que com ele convivem, que Deus o fez assim. Isto, em realidade, não está certo, pois não é preciso muito para transformá-la e fazê-la atraente e simpática. Basta apenas iluminá-la com pensamentos de otimismo e com uma apreciável dose de boa vontade no exercício diário de suas exteriorizações. Acaso não se têm visto, muitas vezes, seres feios por natureza que, ao exaltarem suas qualidades a um grau máximo, chegaram até a inspirar profunda simpatia, embelezando sua fisionomia com a graça de suas finas

manifestações e fazendo-se agradáveis por sua conversação amena e interessante? Por outro lado, temos visto seres de belos rostos se tornarem antipáticos, mal iniciamos com eles uma convivência, por estar ausente neles aquele dom da atração pessoal próprio das inteligências cultivadas e das pessoas de boas maneiras.

Na vida corrente, os ambientes se formam por afinidade de ideias, de interesses, e pela semelhança das modalidades, mas acima de tudo pela atração simpática de uns e outros, que torna agradável o círculo social. Esta é uma verdade que, embora muitos permaneçam alheios a ela, não deixa de influir com bastante força na vida dos seres.

Seria o caso, portanto, de aconselhar aqui que cada um, ao se levantar pela manhã, tendo presente a importância de que se reveste esta realidade, adquirisse o costume de exercitar seu temperamento em diversos movimentos tendentes a manifestar uma modalidade agradável aos semelhantes com quem haverá de conviver; desta forma, conseguirá polir as asperezas, os atos intempestivos e os gestos chocantes, que sempre produzem reações adversas no próximo. Com isto, cada ser preparará sua conduta diária com verdadeiras vantagens para sua tranquilidade e felicidade.

A simpatia é algo que convém a todos cultivar; por seu intermédio, é costume que se chegue, na maioria das vezes, aonde não é possível chegar com qualquer forma de expressão que atente contra a cordialidade humana.

A LEALDADE



Entre as múltiplas e variadas condições que configuram a psicologia humana, achamos a que se define pela palavra lealdade. Aprofundar esta palavra, buscando em seu conteúdo os elementos com que sua raiz se nutre, é penetrar no profundo sentido e alcance da lei que rege sua vida e sua força.

As palavras são como as pedras preciosas: nas mãos das crianças, são simplesmente pedras vistosas, ou apenas pedras; nas mãos dos mais velhos, têm elas um valor, são apreciadas, e até se anela possuí-las pelo que brilham e pelo que valem; nas mãos dos especialistas, adquirem valor ainda maior: eles as examinam e sabem de imediato quantos quilates têm e seu grau de pureza.

Como as pedras preciosas, as palavras possuem também seus quilates e seu grau de pureza. Na palavra lealdade, os quilates podem ser calculados proporcionalmente à confiança que consegue inspirar quando encarna no homem que faz dela um culto; sua pureza se mostra na bondade das intenções daquele em cuja vida ela se manifesta sem ser desvirtuada.

Tudo quanto se pode apreciar no homem em seu grau mais legítimo está encerrado nesta palavra. Pode-se dizer que ela é, em síntese, a expressão de todo o verdadeiro e sadio que existe na natureza moral e psicológica.

Sem lealdade não é possível conceber a amizade entre as pessoas, nem tampouco tornar viável uma convivência de caráter permanente e sincero.

Os sentimentos humanos existem como manifestação do sensível e puro que se aninha no íntimo de cada um. Ser leal aos próprios sentimentos é ser fiel à própria consciência. Quando se desvirtua o caráter daqueles, esta se desnaturaliza. Diríamos mais: se é certo que

pode morrer algo daquilo que forma o conjunto das condições humanas, a lealdade deveria ser a última a desaparecer como qualidade que pertence ao ser.

Pode-se afirmar, sem que seja por demais ousado, que uma das causas primordiais dos múltiplos infortúnios humanos foi sempre a falta de lealdade no trato mútuo. O engano e a falsidade são duas tendências destrutivas que, em todos os tempos, atentaram contra as boas disposições do ser.

Naturalmente, para alcançar a posição de integridade que a lealdade exige, é necessário chegar a possuir uma grande confiança em si mesmo. Porém, enquanto isso não possa ser alcançado em toda a sua extensão, será de grande benefício recordar constantemente o grau de importância de que se reveste a lealdade no conceito geral, pois é o que mais se estima e o que pesa no juízo de todos.

A lealdade se caracteriza, em primeiro lugar, pela consciência do dever. É profissão de fé consciente que o ser faz ao sentimento que, nascido de uma amizade ou de um afeto sincero e puro, converte-se em parte de si mesmo. E, sendo assim, não poderia esse sentimento ser menosprezado sem ferir profundamente a própria vida.

As grandes almas sempre compreenderam isso; por tal motivo, foram leis a seus princípios, a suas convicções e a seus profundos afetos.

Onde a lealdade existe, reina a harmonia, a união e a ordem; o contrário de tudo isso sucede ali onde ela deixa de se manifestar.

A própria vida do homem, pode-se afirmar, está também sustentada pelas leis que lhe deram existência. Elas nos mostram, com singular eloquência, que a lealdade inalterável dos mandatos supremos se reflete na vida humana como caridade universal, pois quantas vezes se tem visto que, mesmo quando o homem as desconhece, elas foram sempre leis no cumprimento de seus inexoráveis mandatos.

ALTAS FINALIDADES DA OBSERVAÇÃO



Quando o ser humano não está familiarizado com o conhecimento do mecanismo mental e com o papel que os pensamentos desempenham, expõe-se com suma frequência a incorrer em erro, provocando reações que redundam em seu exclusivo prejuízo. Daí a necessidade de se levar em conta toda circunstância e não descuidar da observação dos pensamentos e de seus movimentos no ambiente da própria mente, a fim de que eles não passem despercebidos, já que, justamente ao escaparem ao controle, costumam ocasionar os inconvenientes que assinalamos. É muito comum, por exemplo, que tal descontrole se evidencie na própria palavra, ao mostrar ao entendimento dos demais tudo ao contrário do que se queria expressar. Isto, de certo modo, é uma traição interna e, ao mesmo tempo, algo muito desagradável para quem escuta, que observa não existir uma comunicação perfeita entre a palavra e a atitude.

Do que dissemos se infere o indispensável que é, para a boa conduta pessoal, cuidar da observação dos pensamentos e de suas atividades. Cada um há de se constituir num seguro elemento de observação; porém, não de simples observação dirigida ao externo, pois esta deve correr paralela com a interna, observando o que lhe é próprio e, ao mesmo tempo, aquilo que está fora de si mesmo. Assim se evitará, entre outras coisas, cair na crítica malsã, aquela provocada pelo prurido de censurar os demais, sem se dar conta de que também se pode ser alvo dos olhares do semelhante. É que, geralmente, quem faz isso atrai para si a atenção de todos, que observam para ver se ele tem autoridade para criticar ou se, pelo contrário, está sujeito aos defeitos e deficiências que aponta nos outros.

Para evitar isto, é necessário que o ser se mantenha sempre numa posição de equilíbrio; que a observação sobre as pessoas com quem esteja em contato seja tanta como a que realiza sobre si, e que esta, por

sua vez, tenha por finalidade superar as condições pessoais, ou seja, eliminar as próprias imperfeições. O feio que se repara nos demais é, comumente, o próprio retrato. Colocar-se nesse lugar, pensar de si mesmo o que se pensa do próximo, dará como resultado uma preocupação maior em corrigir os próprios defeitos e deficiências, antes que apregoar os alheios. Será um constante estímulo, no caminho do aperfeiçoamento, imaginarmos como se fosse nosso o que encontramos de feio na fisionomia, nas atitudes e no comportamento dos outros. Caso comprovemos depois que não é assim, tanto melhor; já teremos feito uma grande parte do labor interno. Porém, nunca se deve pensar isto se não for verdade, pois quem assim proceder incorrerá num erro que o fará padecer muitos desenganos e, naturalmente, muita dor.

Salta-nos à vista, com regular frequência, um fato que, embora alheio à nossa pessoa, comove-nos como se a ela estivesse vinculado. Referimo-nos ao fato de experimentarmos uma desagradável sensação, ao mesmo tempo que uma certa vergonha, diante de uma atitude ridícula de um semelhante. Isto ocorre muitas vezes. Se o ser humano pensasse que esse semelhante poderia ser ele, é de todo seguro que, vendo a situação em que aquele se coloca ante o conceito dos demais, não incorreria na mesma falta, no mesmo erro, no mesmo descuido.

Esta é a verdadeira observação; a observação, digamos assim, científica. A Logosofia a concebe desta forma: simples, clara, compreensível para todos. É também a palavra pedagógica que ensina do mesmo modo aos demais, incitando-os a cultivar sempre a beleza em todas as suas formas, e, principalmente, a beleza das atitudes mentais e psicológicas, para chegar à do sentimento, compreendendo tudo isso, em conjunto, a perfeição integral, já que abarca os aspectos do ser em sua totalidade.

Nessa tarefa de autoaperfeiçoamento, na qual a observação tem um campo tão vasto, o homem encontra satisfações íntimas que se renovam continuamente ao sabor das sensações de extremo bem-estar que cada conquista lhe propicia. Ela constitui, ao mesmo tempo, uma sementeira de simpatia que atrai o olhar dos demais, não o olhar carancudo, rancoroso ou de repugnância, mas sim aquele olhar plácido

que tanto fortalece o ânimo de quem luta, sendo ao mesmo tempo um estímulo e um bálsamo para seu espírito. É a recompensa íntima, que tanto mais crescerá em manifestações de consideração e amizade quanto maior for o adiantamento espiritual alcançado. O afeto se estenderá assim à sua volta; exatamente o contrário é o que sucederá àquele que, em lugar de aperfeiçoar-se, semeia a discórdia e comete erros e faltas de toda espécie.

Cabe supor, então, que se considerará preferível encontrar em cada olhar o sinal da amizade sincera, e não o do desprezo ou o da indiferença, e que haverá de adquirir um alto significado, para o conhecimento de si mesmo, saber que o labor interno de superação tem imediata transcendência externa, acarretando inestimáveis vantagens.

Quando o ser sente a verdade como força que o enche de vida, ele a respeita e ama eternamente. É essa verdade que se sustenta no conhecimento; que faz experimentar sublime bem-estar; que dá fortaleza ao espírito e segurança à palavra que se pronuncia, a qual, por sua vez, sustenta e levanta constantemente o fraco e o vencido, fazendo com que se sobreponham a todas as situações adversas pelas quais o homem tem que passar para conquistar o bem perseguido.

Para terminar, diremos que todo espírito valente deve lutar contra a inércia, tendência negativa que detém o curso da vida, inércia que será preciso vencer recorrendo a extremos esforços e apertando o passo a fim de recuperar o tempo perdido, mas sem esquecer que este faz tropeçar às vezes com dificuldades frequentemente insuperáveis.

O ESPÍRITO E O ESPIRITUAL



Quando, no campo da experiência logosófica, ocorrem fatos que se repetem e nos quais poucas vezes intervêm as mesmas pessoas, ainda quando as circunstâncias sejam similares, o natural e lógico é que se tenha deles uma explicação que satisfaça até mesmo os espíritos mais exigentes.

Um desses fatos é aquele que ocorre com as pessoas que ouvem falar pela primeira vez da sabedoria logosófica. É muito frequente ver como, de imediato e espontaneamente, surge em seu ânimo a expressão cética, acompanhada de argumentos que pouco diferem uns dos outros, tais como: “O que pode a Logosofia acrescentar ao que já sabemos? Que pode dizer a Logosofia que ainda não tenha sido dito? Que nos pode trazer de novo? Em que nos pode beneficiar?” A isso se costuma adicionar o seguinte: “A Logosofia deve ser o mesmo que tal ou qual teoria ou tal ou qual sistema filosófico.” Seria preciso adicionar ainda a prevenção com que é escutado aquilo que, por ser novo, é imaginado como sendo uma espécie de ensaio ou teoria em que se agrupam ideias com fins de especulação intelectual.

São estes preconceitos os que têm feito muitas pessoas retardar sua vinculação direta com a sabedoria logosófica, e são esses mesmos preconceitos os que a Logosofia tem destruído e seguirá destruindo com a força de sua verdade e o poder de sua lógica incontestável.



Já se manuseou tanto, e por tanto tempo, tudo o que diz respeito ao conhecimento do espírito e ao que se denominou espiritual, que, por certo, não é simples nem fácil a obra que se deve realizar, e bastante trabalho, muitos esforços e empenhos haverá de custar restituir-lhes o

lugar na ordem dos conceitos humanos e a exata valoração de seu profundo conteúdo.

Tem-se visto, por exemplo, mesclar-se indevidamente o espiritual com o fenomênico, com o místico e o religioso, resultando disso uma confusão lamentável em prejuízo de todos. Daí que, para a maioria, o espiritual seja algo abstrato e indefinido; algo que estaria em oposição ao material, quer dizer, ao físico; mais claro ainda, oposto a tudo que concerne à vida do ser em seus aspectos práticos e concretos.

Esta posição, tão admitida no mundo corrente, subtrai, como é natural, valor e importância às preocupações de ordem espiritual que, indubitavelmente, cada ser deve ter em seus momentos de reflexão íntima. Deste modo, tudo aquilo que ficou relacionado com o espiritual ou com o espírito, propriamente dito, foi e continua sendo relegado a um plano secundário, com a agravante do ceticismo que habitualmente paira em torno do que se convencionou chamar de especulações do espírito.

Porém, eis que a realidade é bem outra e que a sabedoria logosófica revela agora o fundo verdadeiro desta questão. Com recursos convincentes, ela demonstra que o espírito do ser se manifesta à sua razão por dois meios e expressões diferentes, os quais se comunicam entre si e se identificam como propriedade individual. Esses meios a que nos referimos são sua mente, com seu maravilhoso mecanismo psíquico, e sua natureza sensível, com sua não menos extraordinária força captadora e expansiva.

Para a Logosofia, portanto, o espírito, como expressão da força anímica que alenta o ser, é uma parte inseparável dele, cuja existência real é inegável e perfila os caracteres da vida mesma. O espiritual é, em consequência, tudo aquilo que, transcendendo o comum da vida física, interessa vivamente à inteligência humana, já que sua função primordial, a da inteligência, é discernir o grau de importância que cada acontecimento produzido fora da ordem corrente deve significar para o juízo próprio.

O conhecimento logosófico, ao estabelecer esse amplo critério sobre os verdadeiros valores do espírito e sobre tudo quanto se relacione

com o espiritual, explica o erro conceitual acerca desta questão e, ao mesmo tempo, estabelece com sólidos fundamentos o que em realidade deve constituir, para o entendimento humano, a palavra “espírito”, e o termo derivado dela, “espiritual”, com o qual se costuma definir o extremo oposto do material.

Estabelecida, portanto, esta posição, que, como se pode apreciar, difere da comumente admitida, a Logosofia aborda os problemas do espírito considerando-os de natureza tão real, visível e palpável como o são os problemas do ser em seu aspecto físico ou material.

Esta posição, que entre muitas outras distingue e dá caráter original ao conhecimento logosófico, é a que está ganhando dia a dia o interesse, a simpatia e a adesão de todos os que, nos mais variados ambientes do pensamento, tomam contato com a Logosofia. É que não há nada que atraia mais o coração humano do que a simplicidade e limpeza das expressões e a clareza e profundidade nos conceitos, já que a todos agrada, indiscutivelmente, mover-se iluminados pela luz do dia, com a qual podemos ver o que há diante de nós, em vez de caminhar entre as sombras cheias dos fantasmas com os quais costuma estar povoado o mundo, fantasmas criados ora pelo erro, ora pela credulidade humana.

ORIENTAÇÕES SOBRE A EXPERIMENTAÇÃO DO CONHECIMENTO LOGOSÓFICO

A felicidade



Uma das razões pelas quais o conhecimento logosófico conquista o espírito humano é a de estar fundamentado em verdades inalteráveis. Além disso, ele tende sempre a aproximar o ser da realidade da existência, o que lhe oferece a oportunidade de experimentar e perceber por si mesmo o fato certo configurado em todo conhecimento proveniente da sabedoria logosófica.

Vejamos: se tomarmos, depois de muitas observações, a um grande número de seres, sem considerar para nada sua posição e seu estado, veremos que a maioria não sabe ao certo o que é a felicidade nem como ela pode ser alcançada e, menos ainda, conservada. Por que acontece isto? Simplesmente porque cada um destes seres – podemos afirmar isto – vive ausente de si mesmo, quer dizer, de sua própria vida e de sua própria realidade. É assim como os fatos e as coisas passam inadvertidos a quase todos eles, já que, se estivessem presentes em seu conhecimento, assumiriam especial significado para seu entendimento e consciência.

Quem, por acaso, leva em conta seus fugazes instantes de felicidade e de alegria? Que importância se concede a esses mesmos estados? Que marcas deixam no espírito? Que reflexões promovem na inteligência?

Pensamos que muito poucas pessoas poderiam responder ao que estas perguntas sugerem. Talvez isso se deva a que o ser humano, embora aparente realizar todos os seus atos conscientemente, faça-o

sem a menor segurança consciente, e talvez esta seja a causa de ele passar a maior parte de seus dias mergulhado em pesares, agitações e amarguras de toda natureza.

Sabemos que a felicidade adoça a vida e a enche de esperanças e de graça; porém, quando a consciência do ser permanece estranha à felicidade que dela se aproxima, ocorre que sua permanência no sentir íntimo é fugaz, e rapidamente se esfuma o bem que lhe pôde outorgar ou oferecer.

A Logosofia revela o meio não propriamente de alcançar a felicidade, mas sim de criá-la em si mesmo. Para conseguir isto será preciso corrigir antes muitos conceitos erroneamente admitidos pela maioria, conceitos que, bem poderíamos dizer, levaram à confusão, ao ceticismo e à insensibilidade. Pareceria confirmá-lo o fato de que, à medida que o ser foi se afastando de sua origem através dos tempos e idades, apoderou-se dele o pensamento separatista; ou seja, sua desvinculação de seu Criador, como único ser racional entre todas as demais espécies, e sua desconexão de tudo quanto devesse constituir a propriedade de sua vida. A observação dos fatos registrados pela História assim o atesta.

O que experimentam os seres humanos durante o curso de seus dias? Nada ou muito pouco, em relação ao que deveriam experimentar, já que, como dissemos, a maioria vive ausente de seu mundo interno e, portanto, de sua realidade.

Sentir pelas manhãs a felicidade de despertar; senti-la porque se compreende seu significado. Sentir de igual modo felicidade no trabalho e em tudo que se realiza durante o dia, e também nos pensamentos que se aninham na mente, e senti-la no repouso, à noite, é ser consciente da vida e experimentar a felicidade porque se sente palpitar dentro de si a vida universal.

Mas devemos nos advertir de que nem tudo que o homem realiza durante o dia o leva a sentir a ventura citada. Deve-se criar a capacidade consciente para poder percebê-la. Como? Oferecendo à alma aquilo que lhe é grato; aquilo que se sabe, por conhecimento próprio,

que a fará feliz ou ditosa. Ao aumentar assim em volume as possibilidades de uma maior felicidade, o segredo consistirá depois em conservá-la, pois bem se sabe o vazio que se produz no ser quando ela deixa de existir. Naturalmente, tem muito a ver com isto o cultivo das qualidades pessoais, o fortalecimento dos sentimentos mais ternos e a identificação com um ideal superior que mantenha sempre vivo o anelo de ser feliz. E, sob a égide de pensamentos desta natureza, serão encontrados os meios para neutralizar e abrandar as horas de dificuldade, de sofrimento ou de simples contrariedade. O importante é não se deixar influenciar pelo pensamento comum, que nada entende destas coisas e que, justamente por não entendê-las, zomba delas, ainda que seja somente para seu próprio mal.

A integridade do ser é alcançada reintegrando-se nele o pleno e livre uso de suas faculdades, educadas no conhecimento superior. É esta uma orientação a mais que o conhecimento logosófico põe ao alcance dos entendimentos.

CONCEPÇÃO LOGOSÓFICA DAS PALAVRAS

Acepção do vocábulo “gratidão”



Quando se trata de penetrar no significado de uma palavra com o intuito de extrair dela, se não toda, pelo menos uma parte da essência que encerra, tem-se a sensação de entrar numa gruta cujo último rincão nunca se chega a descobrir e na qual, enquanto se avança em busca desse mesmo rincão, cada coisa que existe fala com uma linguagem misteriosa que muitas vezes se entende, porém nem sempre é possível explicar.

Se elevarmos o pensamento em busca de um conteúdo mais profundo da palavra gratidão, constataremos que nossa própria vida é uma dívida contraída com quem criou a existência humana. Mas como essa dívida jamais é recordada aos homens, acontece que eles a esquecem, daí o fato de tantos se sentirem mais credores que devedores perante Deus.

Assim é como a Ele se invoca, pedindo seu auxílio divino nos momentos de aflição; também é assim como a Ele se invoca para a solução de muitas das dificuldades da luta diária. Todo o bem que se recebe dessa imarcescível fonte raríssimas vezes é recordado, e, mesmo que nunca se agradeça, nem por isso se dissimula o desgosto quando esse bem não chega.

Eis, pois, como o que deve ser gratidão se converte em ingratidão; e isto se repete e vem se repetindo ao longo de todos os tempos: invoca-se a Deus para transpor as situações difíceis ou angustiosas, mas, passados esses momentos de aperto, Ele pareceria estar ausente do pensamento humano.

Bem-aventurado, sem discussão alguma, quem recorda o Supremo Criador em suas horas de felicidade; quem, fazendo dessa gratidão um

culto, mantém viva e presente sua recordação. Não pode haver felicidade mais completa do que a experimentada pelo homem quando invoca a Deus para presidir suas festas, suas alegrias e, como dissemos, todos os seus momentos venturosos.

Trabalhar e consagrar a vida ao bem pelo próprio bem é oferecer a melhor prova de gratidão à Suprema Lei de Deus.

Entre os povos e entre os homens, a gratidão tem sido sempre desdenhada, sendo tida, quase poderíamos dizer, como algo alheio ao temperamento humano, tão propenso à vaidade e ao orgulho. Não obstante, quando ela se manifesta nos espíritos, a convivência com o semelhante se torna benigna, grata e suportável. Da gratidão surgem a nobreza e os sentimentos mais puros, pois nela reside o mais excelso da natureza do homem. Prova disso está no fato de que o oposto, a ingratidão, engendra a deslealdade, a traição e tudo o que de vil possa aninhar-se dentro da mente humana.

A gratidão é uma das virtudes que o homem lança no mais completo abandono e indiferença. Não seria ousado expressar que é justamente por esta causa que ele padeceu e padece tantos sofrimentos, pois quando a gratidão está ausente do coração humano os bons sentimentos se debilitam e a pessoa corre o risco de atrair sobre si todo o mal que a ingratidão acarreta.

A LIBERDADE, PRINCÍPIO E FUNDAMENTO DA VIDA



A palavra liberdade assume, nos dias em que vivemos, a máxima importância. É a expressão com que todos os povos do mundo definem o maior de seus anelos e de suas aspirações para o futuro. Tão aguda tem sido a opressão, a escravidão e a inclemência das ideias regressivas sob a dominação das hostes totalitárias, que a liberdade chegou a constituir todo um símbolo para a humanidade. Lutou-se por ela como se luta em defesa da própria vida; é que esta, sem aquela, perde todo o seu conteúdo moral e espiritual.

Não obstante, para alcançar o verdadeiro significado ou, melhor ainda, o conteúdo essencial da palavra liberdade, é imprescindível que cada ser humano saiba com a maior amplitude o que se deve entender por liberdade em seus aspectos fundamentais, já que ela, como princípio, lhe assinala e substancia sua posição dentro do mundo.

Se em verdade se quer obter um conhecimento cabal do que a liberdade é e deve representar para a vida, é preciso vinculá-la muito estreitamente ao dever e à responsabilidade individual, pois estes dois termos, de grande conteúdo moral, constituem a alavanca que move os atos humanos, preservando-os do excesso, sempre prejudicial à independência e à liberdade de quem nele incorre.

A liberdade é prerrogativa natural do ser humano. Como espécie superior a todas as que povoam o mundo, o homem nasce livre, embora disso não se dê conta até o momento em que sua consciência o faz experimentar a necessidade de exercê-la como único meio de realizar as funções primordiais da vida e o objetivo que cada um deve atingir como ser racional e espiritual. Mas é necessário saber que a liberdade é como o espaço, e que depende do ser humano que ela seja, também como ele, mais ampla ou mais estreita.

Muitas vezes ocorre, sem que o homem na maioria dos casos o perceba, que o cerceamento da própria liberdade deve ser atribuído a si mesmo. Todos os atos equivocados, todos os erros ou as faltas em que se incorre, fazem minguar a liberdade individual. Se, levados pela confiança de uma amizade, frequentássemos livremente a casa de um amigo, onde nos fosse oferecido o prazer de ser bem atendidos e de passar momentos agradáveis, e, por uma deficiência de nosso temperamento ou caráter, incorrêssemos em uma falta que o desgostasse, perderíamos essa liberdade. De igual modo aconteceria se, havendo tido a liberdade de frequentar à vontade uma instituição ou outro lugar qualquer, nos víssemos obrigados a nos privar disso por causa de uma má atuação ou de um desses momentos irrefletidos que geralmente motivam desgostos. O mau comportamento, portanto, é motivo de constante diminuição da liberdade individual.

O conhecimento é o grande agente equilibrador das ações humanas e, em consequência, ao ampliar os domínios da consciência, é o que faz o ser mais livre, ou seja, aumenta o direito de uma maior liberdade, mesmo quando condicionando esse direito às altas diretivas de seu pensamento.

E assim, enquanto o conhecimento confere uma maior liberdade a quem sabe usar dela com prudência e inteligência, a ignorância a reduz, como também a reduzem, já o dissemos, os erros e as faltas cometidas, chegando o ser a ficar como um recluso, já que às vezes o próprio cerceamento de suas liberdades, fruto de sua culpa, faz com que fuja de toda companhia, manifestando-se intratável e arredio a qualquer oportunidade de reabilitar-se.

Falamos da liberdade no aspecto puramente pessoal, considerando-a do ponto de vista mais próximo da vida em seu contato com a realidade externa e interna, com prescindência total dos demais aspectos em que ela toma outras apreciações. Nada tem a ver, por conseguinte, o caso de que nos ocupamos com a liberdade no sentido político, religioso, etc., a qual, por sua própria índole, merece um estudo à parte.

De qualquer maneira, pois, a liberdade terá de ser concebida em todo o seu volume, importância e conteúdo; e quando a humanidade compreender em que medida deve usá-la, conservá-la e defendê-la, então se haverá afirmado na alma dos homens o seu verdadeiro e sublime conceito, e o mundo terá dado um grande passo adiante.

DUAS TENDÊNCIAS QUE FLUEM DA PSICOLOGIA HUMANA



Quando são analisados os pensamentos e atos da vida dos seres humanos, imediatamente se perfilam as duas tendências que fluem de sua psicologia: uma que se manifesta encaminhada para o bem, para a verdade e a razão; outra que se pronuncia para o mal, para o erro e o desvio. Daí nasce, dentro de cada ser, o conflito que promove as mais variadas questões.

A primeira dessas tendências incita o homem a descobrir a verdade, fazendo-o sentir por ela uma verdadeira afeição; a segunda se opõe, dificultando em todo o momento essa tarefa. Da pugna constante entre ambas surgem os mais diversos motivos de estudo psicológico, cuja análise denuncia ausência de domínio próprio no desenvolvimento das ideias e nas atividades dos pensamentos. Ocorre assim que, enquanto umas vezes o homem atua com a melhor disposição de ânimo e elevada conduta, outras vezes toma o sentido oposto, aparecendo como negação de si mesmo. Esta alternativa, manifestada com bastante frequência, é a que lhe impede a realização de muitos de seus melhores anelos, pois é como se estivesse constantemente desfazendo o que havia feito.

A maioria dos seres, por carecer de um conhecimento em profundidade sobre este ponto, chega a tornar infértil sua vida e anular, em consequência, todas as suas prerrogativas. Em tais condições, se não consegue vencer a tendência que empurra para o mal, essa maioria fica incapacitada para edificar para si um destino feliz. E sabe-se que, não havendo estabilidade na linha de conduta a seguir e nos juízos ou conceitos sustentados, não é possível a permanência no ser das coisas estáveis, o que leva, inevitavelmente, à incerteza, à dúvida e ao ceticismo, que se resumem numa verdadeira desorientação.

Quando o homem não consegue fixar dentro de si as posições que definem o quadro das próprias aspirações, com extrema facilidade se torna um juguete das circunstâncias. E, se não consegue compreender a importância que tem para sua vida o conhecimento das causas que motivam as situações que lhe costumam ser criadas, a fim de se precaver contra toda influência que o arraste na direção do mal, não encontrará a forma de sair delas. Ao contrário disso, quando ele chega a estabelecer dentro de si uma arraigada convicção a respeito da importância capital que tem a manutenção de uma linha de conduta invariável acerca dos propósitos de bem que se foram reafirmando em sua consciência, a vida se torna estável e invulnerável aos embates e às agitações provocadas por tendências alheias a tais propósitos. Isso requer, como é natural, uma constante vigilância sobre os próprios pensamentos.

O convencimento a que aludimos tem que ser capaz de impedir até a menor perturbação interna que pudesse ser ocasionada pelas tantas circunstâncias que, no curso dos dias, sobrevêm para provar a consistência dos pronunciamentos íntimos. Quando prevalece a confiança que o homem deposita em suas próprias decisões, ele cuida para que nada altere o processo de suas realizações, pois sabe que coisa alguma fará ou, melhor ainda, concluirá, caso se debilite nele a força da convicção que haverá de levá-lo ao cumprimento de seus anelos.

Em resumo, a solução desta questão reside em dar maior volume à tendência de bem que flui de cada psicologia individual, enquanto se reprime, até alcançar sua total eliminação, a tendência que inclina para o mal. Vencer nesta luta é dar com uma das chaves que emancipam o espírito da constante e angustiosa incerteza em que vive.

O SENTIMENTO, FORÇA EXISTENCIAL DA NATUREZA HUMANA



Entre os múltiplos aspectos que configuram a psicologia humana, o que diz respeito à sensibilidade é um dos mais importantes e que mais influem durante o curso da vida.

O estudo a fundo desta questão, dada a sua peculiaridade íntima, merece uma discriminação de seu conjunto. Assim, e para obter uma mais clara e precisa compreensão dos valores que representa, será necessário classificá-la em duas categorias. A primeira abarcará tudo o que diz respeito ao próprio sentir nas relações do ser consigo mesmo; a segunda, toda a extensão que transcende a órbita da primeira. Em ambos os casos a sensibilidade costuma se aguçar, seja por aquilo que afeta o ser de modo íntimo e pessoal, quer dizer, pelo que o afeta diretamente, seja pelo que afeta exclusivamente os demais. O mesmo se dá com os acontecimentos felizes, de grata repercussão para a vida.

Uma circunstância, um acidente, uma desgraça, seja pela perda de seres queridos ocasionada por distanciamentos ou falecimentos, seja por perda de bens, etc., produz lógicos abalos sensíveis em quem é atingido por tais coisas, sendo sua própria consciência a que registra o fato que o comoveu. Mas, quando o que ocorre afeta a outro e igualmente se sente uma profunda comoção, o fato então assume um caráter diferente. Este é o caso que motiva nosso estudo, pois o consideramos o mais importante, e o que mais vivo interesse desperta, por sua especial particularidade.

Quando se chega a sentir ou, melhor dizendo, quando se experimenta um sentir de tal natureza por outro ser, estabelece-se de fato um vínculo existencial, ou seja, conectam-se duas existências sensíveis: sendo assim, produz-se uma espécie de prolongamento da vida de um

em outro, pois tudo o que acontece com aquele a quem se estende o sentir é como se acontecesse com o próprio que experimenta o efeito sensível, adquirindo este maior intensidade ao manifestar-se pela força de um afeto, e mais elevada condição quanto maior for a pureza e o desinteresse que o inspire.

A natureza humana costuma reagir por meio da expressão dos próprios sentimentos, quando outros seres sofrem injustiças. Neste caso, sente com a humanidade e experimenta a angústia que sua própria sensibilidade exterioriza como sinal inconfundível de solidariedade para com seus semelhantes. Agora, quando o sentir se circunscreve a seres determinados, estabelece-se, como ficou dito, uma vinculação existencial, ou seja, a extensão do sentimento de um ao sentimento do outro. É a vida que se amplia, experimentando o ser em si mesmo os sofrimentos, contrariedades ou alegrias que se promovem na vida daqueles que estão conectados a seu sentir. Daí que seja tido em grande apreço tudo que se refere ao sentimento.

Também se podem estabelecer vinculações intelectuais, porém estas não passam de meras formas de convivência comum; não obstante, a vinculação intelectual pode criar a vinculação simpática, o que significa que se haveria dado, por influência da simpatia mútua, um passo mais em direção ao ser interno, com o que se pode condensar um sentimento de afeto cuja expressão sensível é o laço existencial que une e prolonga a vida de um em outro.

O exposto dá a pauta para julgar a importância de que se reveste o sentimento no ser humano e, ao mesmo tempo, mostra que o sentimento é uma força existencial que deve ser considerada como parte da própria vida. Se tal força é afetada, a vida sofrerá em idêntica proporção a repercussão da alteração produzida.

Portanto, quem preserva seus sentimentos de qualquer perturbação estranha a sua sensibilidade preserva, também, sua paz interna e a felicidade que a existência deles oferece a quem os cultiva com amor e conhecimento. A destruição de um sentimento implica a destruição de uma porção de vida, a qual teria sido animada pela força de um afeto que por si mesmo faz parte da própria vida.

VERDADE E SABEDORIA



É inegável que a verdade única, imponderável e suprema está além de tudo o que é humanamente concebível. Essa verdade é a própria existência de toda a Criação; portanto, é a razão de ser de tudo o que foi criado e, como verdade suprema, é o pensamento universal de Deus, plasmado ou a plasmar-se em todos os fragmentos de existência que, em corpos cósmicos ou microcósmicos, existam ou devam existir.

Dessa verdade suprema e imensurável se desprende um grande número de verdades, como grande é o número de conhecimentos que se desprendem da Sabedoria. As verdades desprendidas da verdade suprema ou grande verdade têm por finalidade, no caso do homem, iluminá-lo no caminho de sua realização humana.

Como a verdade se projeta diretamente sobre a vida do homem e do mundo em que vive, ele deve descobri-la aqui, ali e em todas as partes onde ela lhe ofereça uma oportunidade de ser percebida, a fim de senti-la e vivê-la. Porém, sem a menor sombra de dúvida, uma coisa é certa: devemos nos vincular à verdade como nos vinculamos a uma família, pois o conhecimento dela nascerá dessa vinculação.

O homem pode se acercar da verdade vinculando-se às demais verdades desprendidas dela, começando pelas mais acessíveis à sua inteligência. Da vinculação alcançada com cada uma delas surgirá nele um grau maior de consciência, já que haverá conhecido algo que antes permanecia alheio a essa consciência.

A sabedoria, e neste caso a sabedoria logosófica, é como uma família-mãe, à qual é necessário vincular-se por sua descendência, ou seja, pelos conhecimentos que dela descendem. A frase do Grande Essênio “Pelos frutos conhecereis a árvore” nos está a indicar que, por esses conhecimentos, seria possível conhecer a fonte-mãe de onde eles emanam ou, o que é igual, conhecer a sabedoria.

O exposto, ainda que breve, tem o caráter de uma descrição analítica sobre o que a verdade e a sabedoria são para o juízo logosófico.

O homem atua e se desenvolve movido umas vezes por seus instintos e, outras vezes, por sua inteligência e seus sentimentos, em diversas direções, as quais, por serem com frequência opostas entre si, fazem-no preferir caminhos que depois ele deve andar e desandar uma infinidade de vezes. Aqueles que se sobressaem no aperfeiçoamento de suas qualidades e na superação de suas condições buscam, com empenho, o contato cada vez mais íntimo com as verdades que haverão de preservá-los das angústias da ignorância, e, ao se vincularem a elas, é como se delas se tornassem parentes, já que sentem e agem em consonância com essas verdades.

Por outro lado, estas constituem a defesa mais poderosa para o ser humano, porquanto lhe permitem sentir-se fortalecido e seguro, sendo algo muito sabido que, quando não se exerce o domínio dessas verdades, experimenta-se exatamente o contrário. Mas isso não é tudo; assim como a verdade defende o homem, este, por sua vez, quando está identificado com ela, defende-a como algo pertencente à sua própria vida, tal como ocorre com a família, que defende seus membros em qualquer circunstância, enquanto estes, por sua vez, também defendem a família a que pertencem.

É, pois, a verdade a que defende o homem, mas ele também tem que defendê-la. Ela constitui sua defesa, mas lhe exige ser defensor dela. Aí está a lei; o princípio inexorável que ninguém pode alterar. Quem não defender a verdade que conheceu e da qual se serve, renega-a e não poderá ser defendido. Além do mais, isto constitui toda uma orientação para a vida, pois demonstra que é necessário ser leal a tudo quanto esteja intimamente vinculado ao próprio ser, o que evitará, ao mesmo tempo, incorrer em ingratidão.

A RESPONSABILIDADE COMO EXPRESSÃO DOS VALORES HUMANOS



Nestes momentos em que a humanidade se debate com tantas interrogações acerca do futuro do mundo, mais necessária se faz a discriminação de certos conceitos ou conteúdos das palavras, dado que assim o exige a implícita natureza desses conteúdos. A responsabilidade, como personificação dos valores humanos, é precisamente uma das mais importantes expressões habitualmente usadas para definir a idoneidade moral e material.

Será necessário precisar, em primeiro lugar, o que ela representa para o juízo corrente e, em segundo, a essência do vocábulo em sua mais ampla acepção.

Para o primeiro, a responsabilidade assume diversos significados, os quais, embora levem a um mesmo ponto, diferem entre si de acordo com as situações e com o papel que a responsabilidade desempenhe neles. Os deveres e obrigações correspondentes às respectivas atividades, quando depende de outros, implicam responsabilidade. Este é o caso de empregados, operários e de todos aqueles em cujas mãos se depositou a confiança de uma função a cumprir, e é também o caso do soldado que deve responder ao comando que recebe. Aumentando na escala da hierarquia o volume da responsabilidade, ainda encontramos a assumida por chefes e patrões, bem como por quantos desempenham atividades cuja função estende a responsabilidade a valores de diversa natureza. Sucessivamente e no respectivo grau, a responsabilidade se fundamenta na solvência moral, na capacidade intelectual e na posição econômica que cada um tenha.

O vocábulo em questão assume um caráter mais amplo, até poderíamos dizer que se distingue, ao se elevarem de categoria as funções humanas nas quais assume valor. Nos grandes estadistas, nos que ocupam os cumes da ciência e também em todas aquelas figuras que gravitam na ordem espiritual, social e econômica de um povo, a responsabilidade alcança elevada significação, já que representa a garantia mais proeminente para todos os que os conhecem e lhes dispensam respeito, dentro e fora dos países a que pertencem. É a amplitude que abarca tal responsabilidade o que lhes concede a indiscutível autoridade que assumem em suas funções, sejam elas de Estado ou pertençam à especialidade na qual se destacam. Quando são os governantes, por exemplo – e isto a História leva em boa conta nos fatos que registra –, os que revelam possuir responsabilidade moral, social ou econômica, e tanto melhor se as três estiverem unidas, os povos sentem uma verdadeira segurança em seus destinos, pois ninguém melhor que eles, que são parte do mesmo povo, cuidarão do progresso e bem-estar do país que governam.

Nesta acepção, o vocábulo compreende já a responsabilidade histórica, que se forja por meio de toda uma atuação e na qual o prestígio pessoal – soma das condições, qualidades, obras realizadas, etc. – chega a assumir às vezes características de consagração, sedimentando-se com isso a história do próprio ser que a fecundou.

Em tempos passados, os reis e os altos dignitários das cortes cuidavam de seus atos tanto como de suas vidas, para não afetar em nada sua responsabilidade histórica. E foi a consciência dessa responsabilidade a que sempre inspirou suas ações e evitou que se esquecessem de suas altas posições, impedindo assim que descessem ao campo das baixas paixões, onde o sensualismo do poder desata os ódios mais sinistros.

Responsabilidade significa compromisso e garantia de honestidade e capacidade de cumprimento; compreende a soma dos valores que alguém possui ou representa; constitui a constância que legitima os atos individuais e lhes dá o caráter de próprios.

A INDECISÃO EM OPOSIÇÃO AO LIVRE-ARBÍTRIO



É inegável que todo ser humano possui, por natureza, o privilégio do livre-arbítrio, mas, para exercê-lo, necessita do conhecimento, a fim de poder fazer uso da liberdade que ele lhe confere para seu bem e sem prejudicar a dos demais.

Entre as características que é costume perceber na psicologia de muitos seres, e que podem muito bem ser qualificadas como deficiências, encontra-se a indecisão. É comum deparar esta característica naquelas pessoas cujas convicções não se enraizaram pelo conhecimento, ou que não ajustaram suas vidas aos instrutivos ensinamentos que devem extrair das experiências, sendo tudo isso algo que as priva do exercício da liberdade.

Analisando-se o caso da indecisão, vê-se que muitas vezes ela procede de causas alheias à vontade do indivíduo. Este tem, por exemplo, a ideia de fazer algo, quer dizer, concebeu essa ideia; depois acaricia ou, melhor ainda, sente-se acariciado pela ilusão da ideia realizada; porém, eis então que, em vez de pôr mãos à obra, é tomado pelo temor de não saber concretizá-la na realidade e, ante a visão do fracasso, detém seus pensamentos e restringe sua vontade. Não obstante, a ideia está ali, em sua mente, acicatando-lhe o desejo até empurrá-lo à ação, a qual novamente é detida por outros pensamentos que lhe falam de sua incapacidade.

Como se pode explicar, nessas condições, o exercício do livre-arbítrio? Em tal circunstância, o indivíduo é, por acaso, dono de sua vontade?

A indecisão pode provir da abstenção na escolha entre duas ideias ou modos de proceder. Neste caso, que papel desempenharia a razão, se não é capaz de discernir qual delas é a mais conveniente? É evidente que a razão, para atuar, deve ter-se nutrido no conhecimento do que haverá de julgar. Sem ele, a razão se debilita e fica, portanto, inabilitada para exercer sua função discernidora.

A situação exposta deve conduzir o pensamento à convicção de que a razão requer ser sustentada por amplos conhecimentos, enquanto a inteligência elabora, por sua parte, as ideias que em seguida haverá de submeter a seu juízo.

Comumente se diz que alguém venceu a indecisão porque, em determinada circunstância, escolheu tal ou qual forma de proceder e levou a ideia à ação sem mais pensar. Este não é, porém, o caso que esclareceria a questão ou eliminaria a deficiência, porquanto a indecisão é considerada uma resistência íntima que se opõe à realização de um projeto concebido ou a uma determinação, o que, como fica demonstrado, não é assim, pois a bem da verdade não existe nenhuma resistência; só se trata de uma opção, para cujo uso se requer a convicção prévia da segurança que a ideia a escolher oferece. Em tal circunstância, deverá pronunciar-se a razão; se isto ocorrer, não haverá paralisação dos pensamentos, inibidos de atuar porque a vontade do ser não lhes deu vida nem ação.

Na maioria das vezes, a indecisão procede da insuficiência pessoal, ou seja, da falta de conhecimentos, de ilustração, pois quem sabe orientar seus pensamentos sabe também, sem as contingências da insegurança, como e quando pode realizar o que projetara em sua mente.

Este estudo tem por finalidade esclarecer o conceito que se deve ter da palavra indecisão, já que isto contribuirá em muito para que o livre-arbítrio seja exercido com toda a consciência e amplitude.

DEFICIÊNCIAS DO TEMPERAMENTO HUMANO

Inclinação a incomodar-se



Pode muito bem ser anotada como uma das mais visíveis e prejudiciais deficiências do temperamento humano a atitude de incomodidade que comumente o homem adota para dar a entender que aquilo que dele se solicita, seja o que for, lhe ocasiona desgosto.

O ser é de per si comodista; mais ainda, parece fazer um culto ao comodismo. A isso obedece, indubitavelmente, o fato de qualquer coisa o incomodar e de ele se sentir pouco inclinado a pensar, dizer ou fazer aquilo que o obrigue a interromper sua inatividade. Quantas coisas ele não deixa de pensar ou de fazer para evitar incômodos; a soma de todas essas circunstâncias assinalará, com o tempo, um grande vazio em sua vida, que ele não soube preencher por causa de sua atitude.

Se considerarmos esta deficiência como uma anomalia do temperamento humano, que oprime a vontade, facilmente se verá que, eliminando-a, o ser fica liberado de algo que só contribuía para lhe ocasionar prejuízos.

Quando se tem uma ampla compreensão da vida e são superadas as dificuldades que faziam amarga a existência, a pessoa se torna resignada, manifesta consideração para com os demais e é tolerante. A incomodidade poucas vezes consegue manifestar-se no caráter daqueles que já dominaram as características inferiores da impaciência, da intolerância e da irascibilidade.

Sem dúvida alguma, a tendência a incomodar-se por qualquer coisa é uma falha da educação, não precisamente daquela que se recebe nas salas de aula, mas sim da que cada ser cultiva no curso de sua vida,

enquanto a observação e a experiência vão assinalando as facetas do caráter que necessariamente devem ir recebendo polimento.

Os afagos de uma vida folgada não são, por certo, o meio mais propício de eliminar as contrariedades provocadas pela manifesta tendência a incomodar-se; ao contrário, a privação costuma ser com frequência boa mestra neste sentido, já que permite o predomínio do ajustamento sobre a atitude de incomodar-se, o que, por sua vez, torna o ser afável e benévolo.

Quem compreende que a incomodidade é uma intransigência do caráter e repara esse inconveniente, dando ensejo a uma boa disposição, já terá corrigido, pode-se dizer, a rota tortuosa que muitos devem percorrer, levados por esta característica tão pouco grata e edificante.

A tendência a incomodar-se tem muito a ver com a suscetibilidade do ser, pois que, quanto mais esta se manifesta, tanto mais aparecem os sintomas do incômodo como algo muito difícil de conter. A última contenda demonstrou que, na defesa comum, diante dos perigos que ameaçavam a todos, não houve quem manifestasse incômodo – ridículo teria sido o contrário – por ter que partilhar a mesma adversidade e os mesmos rigores criados pela guerra. Isso evidencia que a aproximação nas horas de dor e de luta humaniza os seres, estabelecendo uma boa disposição para a ajuda mútua.

O ato de incomodar-se, portanto, quando não tem uma justificativa lógica, viria a representar um vestígio de intolerância que, desde tempos imemoriais, tem dividido os homens, fazendo empalidecer a compreensão que deviam ter de sua origem e natureza comuns.

AS DUAS RAZÕES



Desde tempos imemoriais vem acontecendo no mundo, ou melhor, no processo das relações humanas, uma série encadeada de circunstâncias que reproduzem diariamente, e numa infinidade de episódios, a mesma cena psicológica e, portanto, a mesma questão que foi e continua sendo, bem se poderia dizer, mãe de todas as questões. Referimo-nos ao conflito que, com marcada frequência, é suscitado toda vez que, diante de um fato ou de um episódio qualquer, e até diante de condutas ou ideias, surgem dois critérios opostos, duas razões que pugnam por se impor, como se o ocorrido não tivesse outra explicação, justificativa ou interpretação que não fosse a que cada um quer fazer prevalecer, considerando ser a exata. O curioso é que isto ocorre repetidamente entre os seres, em particular no seio das famílias, e até nas relações internacionais.

Quando ocorre uma colisão entre dois veículos, por exemplo, cada condutor vê e aprecia o acidente quase sempre segundo suas conveniências, lançando a culpa no outro. O que acontece nestes casos é muito fácil de explicar: no momento em que se dá o fato, geralmente seus causadores costumam estar desprevenidos; em tal circunstância, não é difícil que esqueçam a parte de responsabilidade que cabe a cada um deles, seja pela falta de um movimento importante na direção do veículo, seja por haver considerado como seu o privilégio de passar primeiro ou de frear bruscamente.

Uma controvérsia similar ocorre com aqueles que, ao formularem um pedido, seja a um parente, a um amigo, seja a um simples conhecido, pensam que ele, pelos mil motivos que lhes ocorrem, não deve ser negado. Porém, quem recebe o pedido, trate-se de dinheiro ou de outra ajuda mais ou menos importante, pode ter em conta, em tal circunstância, casos anteriores em que precisou servir ao mesmo solicitante ou a outros, aos quais, por alguma razão, não foi possível

negar. Não se deve esquecer, por outro lado, que certos pedidos exigem do doador concessões que nem sempre ele está disposto a outorgar, às vezes até em prejuízo do próprio patrimônio ou do conceito que desfruta entre as amizades, se a elas, por sua vez, deve recorrer para satisfazer ao pedido formulado. O certo é que quem pede ajuda pode criar, para as pessoas a quem faz o pedido, situações incômodas, quando não difíceis, coisa que ele não percebe, porquanto só tem em conta seu objetivo, sem se preocupar com os incômodos e transtornos que pode ocasionar àquele a quem recorre para satisfazer sua demanda. Se tal demanda não for satisfeita, poder-se-ão invocar todas as razões que se queira, porém nenhuma haverá de coincidir com a daquele que julga, com juízo arbitrário, haver sido defraudado em suas esperanças ou em suas deduções, passando, portanto, a considerar o amigo ou parente mesquinho e até desumano. A partir desse momento, as relações, mantidas em paz e em mútua consideração e respeito, ficarão alteradas por tal fato. Quem provocou essa alteração? Quem criou o desentendimento e o esfriamento das relações? Pergunte--se isso a ambos e eles darão razões opostas, pois, como é lógico, terão interpretado o episódio conforme seu próprio critério.

Por acaso não acontece a mesma coisa no seio das famílias, ao interpretar cada um, de acordo com seu juízo, as mil incidências que com frequência ocorrem nesse pequeno mundo que é o lar? E por acaso não sucede o mesmo nas relações entre os povos e entre as nações, ante uma exigência ou uma tese cuja interpretação difere, pela posição oposta em que geralmente se encontra a parte requerida em face da que deu motivo ao surgimento do problema? E nos litígios, que se contam aos milhares nas instâncias da justiça, não se constata também neles a pugna das duas razões, lutando para se imporem na causa? Não nos sentimos impressionados e até convencidos, ao ler uma argumentação na qual se aponta e afirma rotundamente uma verdade, e não se desvanece esse convencimento e impressão tão logo lemos a outra argumentação, na qual, com idêntica eloquência e força de expressão, se sustenta o contrário e se transmite a sensação de ter toda a razão?

Que força, pois, se interpõe ou intervém nesta oposição diária de razões em que a vida humana se debate? Que razão superior dita em

última instância seu julgamento? Já se viu ao longo dos tempos que a sem-razão, ou seja, a ausência de uma razão com força executiva, foi quase sempre a encarregada de dirimir tais questões. Como isto foi possível? É fácil constatá-lo. Cada uma das partes, ganhando ou perdendo no litígio ou no conflito, continuou com sua razão.

Só uma compreensão ampla e generosa pode corrigir o erro e modificar a própria razão nas diversas circunstâncias que formam o conjunto dos episódios que movem a vida. Geralmente se ignora, ou se aparenta ignorar, que a apreciação pessoal não é sempre acertada e que a do semelhante pode ser melhor e até mais justa. Se, ao julgar as coisas, se procurasse ao menos não ser tão pessoal – e, ao dizer pessoal, damos a entender imbuído de amor-próprio –, quantas diferenças não se conciliariam em benefício da boa harmonia que deve reinar nas relações humanas! Porém, o que acontece é que, quando se trata do juízo próprio, a vaidade, que tanto tarda em ser vencida pela compreensão, mantém irredutível a posição adotada. Só ao intervir o sentimento é que a razão costuma ser modificada, e é fácil então chegar a um entendimento.

Se fosse feito com imparcialidade um estudo e uma análise, admitindo-se – é lógico que até onde fosse possível – a razão do opositor, sem debilitar por isso a própria quando estivesse baseada em fundamentos reais, poderiam ser alcançadas, com suma frequência, soluções propícias a uma compreensão mais exata dos pontos de vista que concernem ao juízo que cada um sustenta sobre os fatos. Seria factível, assim, às duas razões, chegarem a se combinar até se fundir numa só, e em ambas as partes se acentuaria a responsabilidade que lhes incumbe acerca do fato em questão.

Não obstante, a conquista disto pareceria ser uma quimera ou algo inalcançável nas relações humanas, a julgar pelo aumento constante dos episódios e ocorrências que se repetem diariamente, nos quais sempre se apresenta o mesmo dilema: duas razões em pugna; dois modos opostos de interpretar um assunto, fato ou circunstância; dois pontos de vista aparentemente irreconciliáveis. E mais irreconciliáveis ainda quando, de permeio, há interesses que dificultam e até tornam quase impossível o advento de uma conciliação de razões nas quais triunfe o bom senso e o anelo comum de concórdia e mútua consideração.

A CRISE DE CONCEITOS - A VERDADE COMO NORTE



O ser humano, além do mais avançado entre os tantos seres que se conhecem e povoam a Criação, é o mais curioso e o mais cheio de rodeios; o mais curioso porque constantemente variam suas características e também seus pensamentos; o mais cheio de rodeios talvez pelo fato de o mundo estar sempre dando voltas, rodeando um eixo imaginário.

Quando algo lhe parece interessante, atribui a esse algo um valor, uma estima, conforme o grau de interesse despertado nele; mas, tão logo perde esse interesse, tira-lhe todo o valor atribuído; e isto ele faz com as coisas, com as amizades, com os parentes e até consigo mesmo. Já se pôde observar, ao longo de muito tempo e em muitos lugares, pessoas que em certos momentos se avaliaram como muito inteligentes e, em outros, como broncas; ou seja, dependendo de sua atuação, o homem julga a si mesmo de um modo ou de outro: se acerta, é inteligente e aparece perante seus semelhantes como se vestisse traje de gala; se se equivoca, e principalmente se observa que seu equívoco foi visível, sente-se envergonhado e, para se justificar, numa atitude de pouca compaixão consigo mesmo, chama-se de torpe. Recordo que, numa ocasião, eu disse a alguém que fazia mal ao chamar desse modo a si próprio, porque não tinha nenhum direito de humilhar o inocente que levava dentro de si, porquanto o causador de seu erro tinha sido, sem dúvida alguma, um pensamento que bastaria eliminar para eliminar também o pequeno bronco que tinha em sua mente.

Pois bem, com a verdade sucede o mesmo. Os indivíduos e os povos palpam a verdade na realidade das coisas que a Criação pôs diante de seu juízo; assim, foi verdade o comprovar a própria existência e foi verdade, também, o comprovar a existência de todos os demais. Isto ensinou os seres humanos a viver na verdade e, por meio dela, a se comunicar com seus semelhantes; mas, como de tudo o homem se cansa, cansou-se

também da verdade e então começou seu declínio, ao buscar na interpretação capciosa das coisas a justificativa para o falseamento da verdade, o que deu lugar à era do engano, da mistificação e do desvio.

Cada um foi dando, deste modo, uma nova forma e um novo nome às coisas; cada um pretendeu levar os demais ao convencimento das vantagens que isto lhes proporcionava, e, assim, tanto os indivíduos como os povos foram se enganando mutuamente em suas relações e em seus pactos. Mas este engano se estendeu ainda além: mudaram-se as expressões para o entendimento do que até esse momento constituía a base de toda paz; surgiram novos conceitos sobre as coisas ou, melhor ainda, pseudoconceitos, e a verdade, antes natural na convivência humana, foi-se tornando dura e inexorável ante os que a tinham desvirtuado. O homem, em lugar de corrigir-se, buscou a defesa na desfiguração dos fatos. O que estou dizendo vem de longe, causa pela qual se torna cada dia mais inadiável e necessário retornar aos verdadeiros conceitos das coisas e à fonte onde nascem todos os princípios.

Hoje, estamos assistindo a uma crise de conceitos, a uma crise mental em que os homens ou retornam à realidade e tomam por norte a verdade, ou se perdem no torvelinho a que o engano conduz, do qual lhes será sumamente difícil escapar se não se sentirem muito firmes para lutar e se defender dos laços que esse engano estende para amarrar e limitar o ser.

Os homens querem ter boa-fé e, certamente, em muitos casos a têm, porém tropeçam no fato de verem essa boa-fé surpreendida pelo engano. Sobrevém, então, a reação e, com frequência, para não prejudicar, começam por se enganar a si mesmos, pensando que esse engano não prejudica, e assim, sem se darem conta, uns e outros entram na corrente que os leva à perdição.

Vemos que tanto nos homens como nos povos acontecem coisas idênticas, e que, quando essa boa-fé é defraudada, a natureza humana reage em defesa de sua integridade, trate-se de homens ou de povos. De modo que hoje, diante das duras lições recebidas, a humanidade, se quiser se salvar, terá que adotar uma só posição e defendê-la com todas as forças de que dispuser: retornar à verdade pelo caminho da razão, da consciência e da realidade. E tudo aquilo que pretenda atentar contra

essa trilogia em que haverá de se basear a confiança no futuro, deverá ser combatido energicamente, rapidamente, como se cada um experimentasse a sensação de que o punhal traidor está perto de seu coração.

Temos aí o dilema atual entre os povos do mundo inteiro: ou se abraça a verdade como emblema da confiança universal ou se abdica para sempre de todas as prerrogativas que se possam ter. Penso que os demais interesses ou problemas são secundários, e que isto é o que deve ser encarado antes de tudo e resolvido com vistas a que não volte a ser alterado jamais.

É necessário que o ser humano compreenda, de uma vez por todas, que as ambições e o erro a nada conduzem, a não ser à desgraça, e que, no plano dos altos debates, onde estão em jogo a paz dos homens, a civilização e a vida de todos, deve-se hastear sem adulteração alguma a bandeira imaculada da verdade, que há de ser defendida de todas as maneiras e em todos os seus aspectos. Que cada palavra que se pronuncie seja um fragmento dessa verdade, porquanto, não sendo assim, as discussões serão mesquinhas e egoístas, e não haverá o que toda a humanidade espera: grandeza nas palavras, nobreza nas intenções e pureza nos anelos individuais e coletivos.

Quem, senão alguém que está acima de todos os homens, ensinou esta verdade: quando os povos vivem em harmonia e em paz, ninguém jamais discute acerca do pedaço de terra onde cada um caminha ou se detém para descansar ou edificar sua casa, e por todas as partes acha corações amigos e braços abertos? Por que, então, macular tanto essa verdade, a ponto de, em vez de braços abertos, se encontrarem a todo momento punhos cerrados e corações envoltos em ódios e rancores? Pelo fato de habitar a terra, o homem é, por acaso, seu dono absoluto? Pensar que sua propriedade dura tão somente um instante! Há muitos lugares nela onde o homem pode viver, e léguas e léguas pode ele percorrer sem encontrar ninguém que o proíba. Por que, então, em pequenas áreas agrupadas, como espécies inferiores, restringem-se os direitos e consome-se a existência, como se ali, nesses míseros espaços de terra, devesse o homem pagar com a vida a insensatez a que foi levado por se afastar da verdade? São os seres humanos semelhantes entre si ou existe entre eles uma espécie oculta que, pretendendo ser superior, trata de reduzir à escravidão os que não sabem pensar

o que significa a liberdade para o espírito, a liberdade para o coração e a liberdade para a vida? Perceberão todos as dificuldades enormes que obstaculizam o labor dos homens que querem a paz, que querem a ordem e que não sabem como encontrar a alavanca misteriosa que haverá de mover os que, ancilosados no mal, ainda se empenham para que a grande máquina do mundo siga retrocedendo em vez de avançar?

A lição desta última guerra parece não ter sido suficiente, a julgar pelos entorpecimentos que vão surgindo, pois se persiste em surpreender a boa-fé dos que confiaram e confiam em Deus. É dever de todos, sem exceção alguma, contribuir para a formação de grandes cadeias de opiniões sadias, fortes e nobres, que, estendendo-se pelo mundo, cheguem a tempo de eliminar as que ainda seguem empunhando a tocha da destruição. É necessário que pensamentos fortes, vigorosos, sejam lançados na luta contra o mal, para vencê-lo antes que esse mal busque novamente exterminar mais vidas humanas. E se cada um leva a seus semelhantes esta palavra e os previne dos perigos que outra vez pairam sobre o mundo, ameaçando sua paz e sua felicidade, haverá de contribuir em muito para deter o desvario dos que só têm em suas mentes pensamentos obsessivos, e que nada entendem além daquilo que satisfaça a suas ambições.



Disse ontem, e disse-o também faz tempo, que se chegou a esse estado de coisas porque os homens deixaram de pensar e confiaram no pensamento de seus semelhantes; como todos fizeram o mesmo, essa confiança foi defraudada, e, no final, ninguém fez nada.

Sempre que se discutem problemas, qualquer que seja sua índole, quem menos pensa é quem perde, porque recolhe a semente, boa ou má, daquele que, pensando um pouquinho mais, bem ou mal, conseguiu que essa semente fosse aceita. Onde está o juízo, onde está a razão para discernir, para discriminar o conteúdo ou a potência que essa semente poderia encerrar?

Tudo isto leva, indiscutivelmente, à convicção de que o homem deve se preparar mental, física e moralmente para as contingências que possam sobrevir, e deve saber que, quando sua mente não pensa, ela o está conduzindo à desgraça e à morte. Se ao cruzar uma rua olhamos atentamente

para um e outro lado, para ver se vem algum veículo, e paramos para evitar que nos atropellem, por que não fazemos o mesmo no plano mental, onde constantemente estamos atuando? Por que não agimos ali de igual forma, mantendo essa vigilância, esse espírito de conservação que nesse momento dá um valor à vida, já que, do contrário, passaríamos pela rua sem olhar o que poderia nos atropelar?

Isso quer dizer, portanto, que a cada passo algo pode estar atentando contra a nossa vida, com toda a certeza. E que ninguém pense que isso seja um fatalismo, ou que o veículo que mata alguém foi enviado por um inimigo; não, nada disso. Tudo que atenta constantemente contra a vida do homem é feito pela Providência para mantê-lo desperto, para que saiba cuidar dessa vida; para que saiba ser dono do que lhe foi dado em propriedade, e saiba também desfrutar a glória se conseguir sobreviver às ameaças e ataques de toda espécie. Este é o mérito daquele que, atravessando ruas e caminhos, evitou que um veículo o atropelasse; que, passando por todos os ambientes, evitou contaminar-se, e que, chegando ao final de seus dias, pôde conservar intacto seu corpo, e digo o mesmo de seu patrimônio moral e espiritual. Para isso foi dada ao homem a inteligência; para isso, a razão; para isso, os pensamentos com os quais pode auxiliar-se em todo instante.

Aqui temos a genialidade de quem criou o Universo: dar tudo, mas exigir tudo, para que esse tudo seja salvaguardado da destruição.

Vejam, então, o porquê de tantas desventuras, de tantas desgraças, de tantas amarguras, e vejam quanta razão eu tinha ao lhes dizer que é necessário ser consciente em todos os instantes, para que esta consciência seja, em realidade, o anjo protetor, aquele que, mesmo sem pensarmos nisso, nos faça voltar a cabeça para enxergar o que pode pôr em perigo nossa vida; e aquele que, em todo momento, ainda que estejamos distraídos, nos faça reagir ante a proximidade de um atentado contra a nossa tranquilidade, nossa paz ou nossa vida. Para isso, a Logosofia ensina a evoluir conscientemente, porque é a única forma, e não existe outra, de alcançar a verdadeira integridade; de conhecer o verdadeiro valor da existência.

Assim, pois, os seres humanos individualmente, ou os povos, devem sempre manter alerta o olhar e a mente para preservar suas próprias

vidas de tudo que pretenda destruí-las. Mas a vida dos homens, como a dos povos, não é só violentamente que é destruída; também se destrói gradualmente, quando não há defesas contra todos esses atentados que, instante após instante, estão espreitando o homem, que cai vencido pela incapacidade de se defender, ou sai ileso e triunfa se souber ver a tempo e neutralizar o mal que dele se aproxima.

O resultado desta crise mundial que aponto está à vista de todos: ninguém usou os recursos que tinha para defender e preservar o que lhe foi dado em propriedade, e o mal, avançando, penetrou por todas as portas, como penetram as epidemias, ainda que não sejam vistas, e fazem estragos por onde passam.

O mundo vive, desde alguns anos, à mercê dos pensamentos que se foram encarnando nas mentes. Acha-se entregue a uma luta mental na qual estão empenhados todos os valores humanos: ou triunfa sobre o mal, eliminando os pensamentos que o alentam, extirpando-os pela raiz, ou eles acabarão com as mentes e as vidas dos homens.

Não há outra alternativa além da defesa, por todos os meios possíveis, do pensamento que sustenta esta profunda verdade que acabo de expressar. E cumpre anelar que a cada dia surjam por todas as partes mentes que compreendam e se alistem nesta cruzada contra as forças que estão querendo levar a humanidade ao extermínio.

É necessário buscar o bem pelo próprio bem e adotar a bandeira da verdade, para que ela proteja e dê alento em todas as lutas. É necessário que esta verdade volte a presidir o mundo, para que a compreensão de todos seja um fato real e não uma falsidade; que haja nobreza nas palavras e nas ações e, sobretudo, que exista pelo menos um esboço de gratidão para com quem, apesar de todos os desvios humanos, está permanentemente oferecendo uma oportunidade de reabilitação a quem se chamou, sem o ser, rei da criação.

Pensem bem e profundamente nisso, que estas não são horas para viver no descuido ou na indiferença; são horas de reflexão, porque são as horas mais álgidas que a humanidade já viveu.

A GRATIDÃO



Se existe algo, entre as milhares de coisas que o homem pode conhecer, que apresente mais variados, interessantes e ricos aspectos em sua configuração integral, esse algo é o próprio ser humano. É tão grande a multiplicidade e a diversidade de suas características e tamanha a amplitude que apresenta ao estudo da inteligência, que bem se poderia afirmar que, mesmo após séculos de estudo, sempre iriam aparecendo nele novas facetas para investigar.

De todos esses aspectos que oferecem tão interessante perspectiva, dado o alcance de seu significado, vamos tomar o que se define como traço ou expressão peculiar do sentimento denominado gratidão.

Quem são os que levam em conta certos fatos vividos, os quais, por serem os mais gratos à vida, deveriam permanecer perenemente frescos em sua memória? Muito poucos; a maioria esquece com demasiada frequência os momentos em que experimenta uma verdadeira felicidade. O instante em que, com a melhor disposição de ânimo, se presta ajuda a um semelhante, como aquele em que, ao contrário, se é ajudado, comovem profundamente o espírito. Nos dois casos assoma a felicidade, e o ato, de verdadeiros caracteres emotivos, predispõe à gratidão: no primeiro caso, por ter sido permitido ajudar; no segundo, por ter recebido ajuda. Isto se compreende naturalmente quando se leva em conta a fragilidade da vida, e que existe, apesar de tudo quanto acreditamos possuir, uma vontade superior à humana que pode permitir ou impedir muito do que o homem se propõe a fazer. O certo é que o instante de gratidão se esfuma e é esquecido logo após ocorrer um ou outro dos fatos que citamos.

Muitos, muitíssimos e variados são os casos em que, como consequência desse esquecimento, o homem se priva de desfrutar similares momentos de felicidade, possíveis ainda pela simples revivência mental. Daí que tantos, no afã de se proporcionarem esses momentos de felicidade, busquem sua obtenção por diferentes caminhos, enquanto por negligência ou ignorância deixam de criar o vínculo que lhes permitiria alcançá-los. Esse vínculo não seria outro senão aquele que provém de um fato que, por sua própria natureza, leva a experimentar a realidade de um instante feliz.

É necessário, portanto, mesmo que isso soe paradoxal, criar um sentimento que por inanição parece ter sido eliminado dentre os que o coração humano sustenta: o sentimento de gratidão.

Quando o homem chega a adquirir certo grau de consciência e valoriza a força desta verdade inabalável, que é a que implicitamente surge do que foi dito, sente que sua própria vida se deve, em grande parte, à gratidão. Ela é, traduzida à linguagem impronunciável, uma oferenda íntima e, ao mesmo tempo, a exaltação de uma recordação que mantém vivo, com a própria vida, o instante em que o ser experimenta tão grata felicidade.

Se cada um buscasse dentro de si a recordação das horas felizes e de tudo que foi motivo de ventura, muito seguramente encontraria mais de uma razão para deleitar o espírito nessa revivência de imagens queridas. Para o bem recebido, provenha este de nossos semelhantes, de animais ou de coisas que rodearam ou rodeiam nossa existência, devemos guardar uma consciente gratidão. Com ela conseguiremos destruir a falsa gratidão, aquela que é tão comum e se limita a uma palavra ou uma frase expressada com maior ou menor ênfase. A gratidão consciente não necessita de expressões externas e contribui para fazer ditosa a existência, porque mediante ela se acaricia intimamente a recordação, identificando-a com a vida. Como não guardar gratidão a tudo aquilo que cooperou para tornar mais fácil e feliz o transcorrer dos dias? Deter por um instante, pois, o pensamento naqueles que nos proporcionaram um bem é render-lhes uma justa homenagem, da qual a alma jamais se arrepende, especialmente porque nesses instantes a

própria vida parece adquirir outro conteúdo, e o ser, como se uma força titânica, sublime e cheia de ternura o impulsionasse, sente-se disposto a ser mais bondoso e melhor. Por acaso, na circunstância de tributar essa homenagem de gratidão, não se experimenta uma nova ventura, ao sentir que o fato revivido forma parte da própria vida? Totalmente contrário é o que acontece com os que, seguindo outra conduta, desprezam aquele ou aqueles que lhe fizeram um bem, sem perceberem que com isso vão mutilando suas existências, ao truncarem tenros brotos que poderiam mais tarde se transformar em ramalhetes de flores.

A gratidão, como sentimento de imponderável valor, parece ser um dos tantos segredos que o ser humano deve descobrir, para extrair dele esse bem que geralmente se busca ali onde não está e que, encontrado, se desvaloriza e se esquece.

A maioria dos seres humanos crê que a felicidade tem uma forma limitada e que se alcança ou conquista por algum meio sobrenatural que é necessário descobrir; enquanto isso não ocorrer, sua busca haverá de ser uma constante obsessão. Todavia, a felicidade é algo que a vida vai outorgando por meio de uma infinidade de pequenos instantes. Entretanto, como esses instantes comumente são tidos em pouca conta, por breves ou pequenos, quase passam despercebidos à própria consciência. Se fossem unidos, porém, uns com os outros, revivendo-se os fatos para apreciá-los melhor, ver-se-ia quão grande é a ingratidão ao serem esquecidas com reiterada frequência essas partes de felicidade que tantas vezes foram experimentadas, sem que jamais se pensasse no que podiam representar para a vida.

O homem busca a novidade sem reparar nas contrariedades que ela pode lhe apresentar. Não é possível ir em busca do bem futuro se é retirado o valor daquele que iluminou de vez em quando os dias da existência, pois os dois, o passado e o futuro, são da mesma natureza. Assim, teremos que, conservando fresca a imagem de todo bem vivido, preserva-se o espírito de sofrer as consequências desse vazio que sentem os que jamais acham nada que os satisfaça, e que se manifesta num desassossego e numa ansiedade que nenhum recurso parece poder acalmar.

A COLABORAÇÃO, BASE DE UM FUTURO MELHOR



Quando se fala em colaboração, é tendência corrente interpretar o termo como sinônimo de servilismo. Sem questionar as razões que possam existir para tal interpretação, devemos, de nossa parte e para resguardo de nosso próprio pensamento, explicitar que damos a este vocábulo toda a amplitude necessária, objetivando que os altos fins para os quais se deve utilizá-lo não se vejam diminuídos por mesquinhas apreciações. Para isso, bastará assinalar que todas as leis universais exercem sua influência sobre os mundos numa rítmica colaboração cósmica, como se tudo devesse obedecer aos desígnios superiores de uma vontade que está acima das vontades humanas.

Colaboração, no sentido amplo e elevado da palavra, implica compreensão das circunstâncias, das necessidades, das exigências e do conjunto de fatores que regem, de tempos em tempos, as situações que se criam para povos e homens, coletiva e individualmente, como imperativos de cada uma das horas às quais se deve render tributo, porque são as que marcam as etapas que a humanidade vem percorrendo desde que começou sua marcha pelos caminhos do mundo.

Colaboração deve significar também e necessariamente, como expressão de um alto princípio de reciprocidade, a coincidência nas inteligências acerca dos fins que são perseguidos; o anelo comum de servir a uma obra com amplidão de propósitos, sem egoísmos nem mesquinhas, e sem buscar outras satisfações que as do acerto quando se comprova a fertilidade do esforço nos resultados obtidos.

Nestes tempos de suscetibilidades, mágoas e intolerâncias, torna-se cada vez mais imprescindível estimular o espírito de cooperação entre os povos e fomentar a boa vontade no esforço pela obtenção das soluções dos grandes como dos pequenos problemas que tanto preocupam e afligem as nações do mundo inteiro. Entretanto, essa colaboração – referimo-nos ao espírito que deve animá-la – tem que se estender a todos os setores, a todas as atividades, começando pela própria família, de cujo bem-estar depende, justamente, o alívio dos males que afetam a grande família humana.

Os refratários a toda colaboração, os que resistem a participar de todo empenho útil e edificante, costumam retardar muitas vezes o entendimento que é necessário para a conquista dos fins nos empreendimentos nobres e construtivos, trate-se de governos, países ou indivíduos. Qualquer que seja o pensamento que anime a uns e a outros, será preciso buscar, e a isso deveria tender sempre o esforço de cada um, algum ponto coincidente em que as mãos dos homens possam estreitar-se em proveito de um bem comum, já que não se deve esquecer que todos, sem exceção, queiramos ou não, marchamos rumo a um futuro que, indubitavelmente, haverá de ser benigno ou cruel, de acordo com o que tenhamos feito em favor dele.

ONDE COMEÇA E ONDE TERMINA O TEMPO



Para quem não tem consciência de suas obras e deixa que os dias, os meses e os anos corram sem perceber, por serem todos iguais e por não ter havido em sua vida mudanças importantes que o fizessem apreciar seu valor, o tempo começa com seu nascimento e termina com sua morte. Para quem deve atender ocupações importantes, o tempo começa, diferentemente, com suas obrigações e deveres, e não termina até que estejam cumpridos; porém, como novas tarefas sempre comprometem a atenção de toda pessoa ativa, o tempo se prolonga indefinidamente para essas pessoas, enquanto duram essas obrigações e deveres; quando estes cessam, começa outro tempo, dependendo de cada pessoa que seja bem aproveitado ou que se torne inútil. Temos também o caso daquele que é consciente do valor do tempo e o emprega sabiamente; para ele, o tempo começa com cada obra que inicia, e se multiplica em virtude de sua criatividade e em razão de sua capacidade para fazer dele o agente principal de sua vida.

Assim, pois, o tempo, que para uns se mostra escasso ou limitado, para outros se dilata e amplia. No primeiro caso, parece ser contado em dias; no segundo, não há medida, como resultado de se haver adiantado ao tempo, o que permite, em consequência, dispor de um espaço maior.

Veremos isso mais claramente se tomarmos o exemplo de duas pessoas que têm que fazer um determinado trabalho, no qual uma investe um dia e a outra, uma semana. Enquanto à primeira lhe sobrarão seis dias, que poderá ocupar em outras tarefas, a segunda seguirá empregando nesse labor todo o tempo contido numa semana.

Não obstante, apesar do que ficou explicitado, o verdadeiro tempo começa quando se experimenta a realidade do existir consciente;

quando o homem descobre que sua vida se substancia no tempo e que de seu aproveitamento inteligente depende que ela seja breve ou se alongue em espaços cada vez maiores, de conformidade com as dimensões de sua capacidade criadora e realizadora.

Existe, também, um conceito comum do tempo, caracterizado pela impaciência e pela pressa. Há pessoas que não querem que lhes façam perder o tempo, mas não levam em conta o tempo que perdem por própria culpa. O corpo físico faz experimentar necessidades peremptórias; o tempo, que obedece a outras leis e está fora desse corpo físico, está esperando que o homem entre em contato com ele. Direi mais amplamente, para facilitar a compreensão. Não tendo o ser humano preocupações superiores, o tempo começa e termina ali onde ele o percebe. Como denominador físico, o tempo é limitado; porém, quando o homem abre sua vida ao tempo eterno, penetra nas regiões do pensamento vivo da Criação e absorve o conhecimento que nela se prodigaliza.

Como vimos, o tempo não é igual para todos os seres humanos, ainda que todos se chamem homens.

Todo conhecimento que o homem adquira representa economia de tempo, ao passo que não possuir nenhum significa estar atado a ele. Para quem carece de conhecimentos, o tempo está limitado por sua própria ignorância, já que esta impede sua extensão e o oprime, tanto que não sabe como fazer para aumentá-lo. Ele se amplia, por outro lado, à medida que o ser se afasta das formas rudimentares de sua existência e se abre para a vida superior, nutrindo-se com os conhecimentos que tornam fecundos seus dias, pois o tempo, ao prodigalizar-se àqueles que o usam com inteligência, estende-se sem limitações, e o espaço transpõe horizontes cada vez mais longínquos.

A ignorância faz os seres moverem-se em pequenos espaços de tempo, porquanto os obriga a gastar tudo em lentíssimos processos de compreensão. O conhecimento, pelo contrário, faz mover uma série de coisas numa proporção ínfima de tempo e permite, assim, avantajarse ao que dá muitas voltas no mesmo lugar sem atinar a sair da situação. Isso quer dizer que o conhecimento pode ser apreciado em graus de tempo, e a ignorância, em graus indiferenciados de confusão.

O tempo, que aos capazes se oferece com prodigalidade, esvai-se da vida dos que não cultivaram sua inteligência.

O conhecimento vivo faz experimentar o tempo como valor fundamental da existência; a ausência de conhecimento obriga a vida a se desenvolver num espaço limitado, sem poder ir além dele.

É o conhecimento, e não outra coisa, o que move o homem a realizar as finalidades superiores de sua vida, e é também ele que o leva pelos caminhos do mundo, buscando sempre a si mesmo.

Cada conhecimento tem uma graduação de tempo, o que coloca o homem em condições de ir transpondo os planos sucessivos de compreensão à medida que avança pela senda do aperfeiçoamento.

O tempo se torna mais pesado e duro quando o homem se acha nas camadas inferiores da realização humana; porém, ao ir ascendendo, e como resultado natural do contato que a mente vai tomando com as vibrações superiores do espírito nos diferentes planos do conhecimento, este se torna cada vez mais veloz e diáfano, e a consciência começa a obter a capacidade retentiva do tempo e do espaço.

A CONSCIÊNCIA, ESSÊNCIA DA VIDA



Geralmente, ao se tratar da consciência humana, é comum ouvir falar dela de forma vaga e ainda despojando-a do atributo superior que configura seu significado. Entretanto, penetrando nela mais profundamente, em sua mais elevada acepção, chega-se à conclusão de que ela é a própria existência; mas, como essa raiz em muitos dos seres humanos se desprende, simbolicamente falando, da terra que a nutria, encontra-se, como as plantas parasitas, sustentando-se graças à vida de outras raízes e de outras árvores. Isto explica por que muitas pessoas perderam a memória de seus próprios dias, ou seja, a recordação de inúmeras coisas que, aprendidas durante a vida, poderiam servir-lhes de guia para o futuro, mas das quais não guardam vestígio algum na memória, porquanto sua consciência permaneceu alheia a elas.

Coisa bem diferente acontece quando a consciência, que chamamos raiz da existência, se nutre com todos os elementos que lhe são oferecidos pela Criação, de onde ela mesma surgiu. As coisas do passado vivem no presente, tal como se a vida as houvesse imantado para não esquecer um só detalhe de tudo que lhe possa ser útil no futuro. A árvore que viu a luz de milhares de dias, que esteve presente durante épocas inteiras, não pode narrar tudo o que aconteceu no transcurso dessas épocas. O homem, diferentemente, embora seja testemunha, como a árvore, dos fatos que vão ocorrendo ao longo de sua vida, pode conservar a recordação nítida de tudo aquilo que rodeou sua existência e narrar esses fatos. A consciência, animada pelos conhecimentos que nela são registrados, é tanto mais pródiga ao chamado da inteligência para auxiliá-la na recordação do que necessita, quanto mais ricos são os cultivos do saber realizados pelo ser.

A importância fundamental de tudo o que se grava na consciência será por nós estimada se tomarmos como exemplo o caso de dois seres, um que passou sua vida sem fazer nem pensar nada e outro que, no mesmo número de anos, cultivou seu espírito, pensou e realizou muito. Se fôssemos ler o que nos podem dizer essas duas vidas, constataríamos que na primeira não há nada escrito, tal como se não houvesse existido, enquanto na segunda encontraríamos impresso, com caracteres inapagáveis, o que pensou e realizou. Igualmente, pode-se computar em séculos, anos, dias, horas, o valor da vida, tendo sempre por base os dois exemplos citados: o daquele que nada pensa e nada faz e o de quem torna fértil sua existência, esforçando-se em ser útil a si mesmo e à humanidade.

OS VALORES REAIS DO HOMEM



Mais de um sábio, apesar de seus profundos estudos, dos conhecimentos alcançados e de sua capacidade mental, teve de confessar suas angústias ao não ter podido encontrar um ponto de apoio para sustentar suas convicções e sentir a absoluta segurança da inamovibilidade de seu juízo, em meio à atividade incessante de todas as coisas que se moviam ao seu redor.

Quem não pode conservar a segurança de manter incólume tudo o que foi acumulando silenciosamente dentro de seu ser só é um homem em aparência, já que, à semelhança do cata-vento, que se acha à mercê do vento, está sujeito à mobilidade das circunstâncias e, como um ente que não pôde fixar sua identidade, vaga de um ponto a outro sem encontrar um lugar seguro para descansar das fadigas contraídas na luta. Ao não ter pleno domínio de si mesmo, está exposto constantemente a ser joguete das coisas que o cercam. Seu destino é, pois, incerto, porque incertos são seus passos.

No comum das pessoas, ocorre, sem que isso seja visível para suas inteligências, que o ser, ao cometer tantos desatinos, erros e infrações às leis naturais, perde paulatinamente a autoridade sobre si mesmo, e quando num gesto, num arranque ou num impulso de sua razão quer modificar sua conduta e ser um pouco melhor, sente-se envergonhado ante si mesmo, incapaz, impotente, pressionado pela recordação de seus atos anteriores e dominado, ao mesmo tempo, pelos pensamentos que teve por amigos e conselheiros durante o curso de sua vida. Daí que o ser humano, como dissemos já outras vezes, seja tão só um fragmento de homem. Só se poderá dizer que é íntegro quando for capaz de mostrar essa integridade em todas as suas palavras e em todos os seus atos.

O exposto descreve, entre outros, o caso daqueles que, depois de falar com muito fervor e segurança do que adquiriram como conhecimento, ao chegar o momento de demonstrar a realidade dessa posição jogam por terra tudo quanto aprenderam, aparecendo o homem em toda a sua pobreza. Sem um só conhecimento que enriqueça sua precária situação, não podem defender-se contra esse inimigo que eles mesmos criaram em suas extraviadas imaginações; inimigo implacável que os perseguirá, derrotando-os, até o último dia de suas existências, porque assim é a lei. Oferecem uma imagem parecida com a que descreve Dante em “A Divina Comédia”, quando diz: “O pior dos suplícios é sentir-se morto sem acabar de morrer; é sentir-se quase vivo estando morto e, ansiando morrer, seguir vivendo.”

Suponhamos agora o caso de quem, obsequiado com uma quantidade de coisas, roupas, móveis, objetos de arte e ainda com dinheiro *in natura*, vive com isso comodamente, feliz e sem preocupações, durante um longo tempo. Um belo dia, alguém lhe diz que tudo que recebeu não serve, que é falso, que não tem valor algum, que quem o deu não era seu dono, etc., e com tal sugestão o infeliz atira tudo quanto tem na rua. Aqueles que o virem pensarão, seguramente, que se trata de um louco, mas isto não impedirá que os mais vivos encham seus bolsos, deixando sem nada aquele que tantos bens desfrutou e que, por haver vivido até então folgadamente, não pensou que, para voltar a adquirir o perdido, seria necessário pagar um alto preço. Aí está uma conduta que ilustra o caso daqueles que acumulam conhecimentos e depois, por qualquer causa, desconfiam de seu valor e os eliminam de sua convicção.

Pode chamar-se homem, na acepção plena da palavra, quem assim procede?

Quando a obtenção do dinheiro demanda esforço, quer dizer, quando ele é ganho com o suor do próprio rosto, como deve ocorrer com todo conhecimento, quem o obtém sabe conservá-lo, pois nunca cometerá o disparate de se desprender dele totalmente.

Pois bem, como cada ser se vincula, em sua vida de relações, a uma quantidade de pessoas com as quais trata de forma ora constante, ora acidental, que conceito poderá merecer delas aquele que um dia se mostra de um modo e no dia seguinte de outro? Que num momento sustenta uma coisa e pouco depois o contrário? Que conceito pode merecer dos demais

o ser que não formou seu patrimônio moral e intelectual nem definiu sua identidade pessoal, não se podendo dizer que possui uma fisionomia própria, inconfundível, inalterável? Em tais condições, não poderá encontrar, em nenhuma das pessoas vinculadas a ele, a confiança e o apoio necessários, porque todas, logicamente, desconfiarão de sua seriedade e enxergarão seu desequilíbrio; porque todas perceberão sua insegurança e verão nela a mutabilidade e a pequenez.

O ser em si deve representar um conjunto de valores físicos, morais, espirituais e mentais; se, em vez desse conjunto de valores, não evidencia mais que um brilho externo, sendo oco por dentro, à semelhança de certas joias de ouro aparente que nada pesam, ocorrerá que, quando tenha que ir em busca de seus valores reais, não só estes desaparecerão, mas também desaparecerá ele como entidade.

Façamos de conta, por um instante, que esse mesmo ser consiga inspirar a outros alguma confiança nos valores que aparenta possuir; que lhes assegure sua amizade, sua lealdade e seu auxílio em qualquer circunstância eventual; noutras palavras, oferece-lhes aquilo que não tem. Quando chega o momento de resgatar essa promissória, desaparece; não tinha solvência e, em tais condições, mal preparado para enfrentar os requerimentos de quem quer que seja, alheia-se, demonstrando com isso que não apenas carece do conjunto de valores que antes mencionamos, mas também do que lhe permitiria enfrentar a situação por ele mesmo criada. Ao contrário disso, aquele que em verdade possui valores e cuida deles como de sua própria vida, preservando-os da cobiça doentia e utilizando-os como as leis mandam, permanecerá sempre em seu lugar e não defraudará jamais os que a ele recorrem em busca desses valores; e, mesmo em meio às mais difíceis emergências, disporá deles e do outro valor também: o valor de fazer frente às circunstâncias adversas. Valente, forte, permanece de pé, altaneiro como a própria Natureza, que o é em todas as suas manifestações; altaneiro como ela porque seus valores são indestrutíveis e nunca poderão ser arrancados de seu ser, já que formam parte de sua vida, nem gastar-se com o passar dos séculos, pois constituem o conjunto de valores que formam sua individualidade.

Explicamos neste artigo o porquê do temor, da covardia, males que indicam a ausência de um valor que provém, por seu turno, da falta de todos os outros valores enunciados.

CONCEITOS SOBRE POLÍTICA



Considera-se algo sabido, segundo a definição corrente, que política é a arte de governar. Mas, se a política fosse isto, já se teria conseguido realizar, verdadeiramente, a consumação máxima do sentido do termo. Por infelicidade, existe a este respeito uma distância que se mantém em muitos povos da terra sem nenhuma variação apreciável.

No processo histórico das sociedades humanas, desde os tempos imemoriais até o presente, percebem-se idênticas inquietudes e idêntico afã de alcançar as posições diretivas, enquanto as organizações sofrem os vaivéns das lutas partidárias. Uma vez composta, cada agremiação política proclama aos gritos, ante as doutrinas adversárias, a qualidade insuperável de seus postulados, e cada uma, por sua parte, trata de pressionar por todos os meios a seu alcance a decisão majoritária que haverá de lhe dar o triunfo.

Mais claramente, a política poderia ser definida como a arte de chegar ao governo, pois a capacidade para desenvolver o processo do programa próprio até alcançar o fim proposto no campo da política não implica, de modo algum, a capacidade para guiar o processo dos demais.

A arte de governar, o homem começa a aprendê-la no dia em que ascende ao poder, sempre que as tarefas, problemas e conflitos que deve atender e enfrentar lhe permitam exercer livremente, sem pressões estranhas à sua função, essa difícil arte.

A política suscita dissensões e temores, os quais raramente abandonam o governante, por mais bem intencionado que seja, porquanto as críticas ou as ideias contrárias às suas gestões de governo pareceriam impedir que se apague o fogo das paixões que mobilizaram e pressionaram as lides partidárias em plena efervescência eleitoral. E é estranho, quase diríamos inverossímil, que um cidadão chegue à

mais alta função pública sem se haver apoiado em forças populares nem contraído compromissos de todo tipo, e o conjunto dessas forças e compromissos depois reclama para si o poder de indicar rotas e decisões. Não se viu muitas vezes como os partidos políticos absorvem a vontade do chefe de Estado, impondo-lhe suas decisões e mandados? E não é por acaso o temor de ser abandonado pelos que o levaram ao poder o que faz com que ele ceda às suas exigências ou às daqueles que lhe prestaram seu concurso ou lhe serviram nos momentos febris da luta?

A nave do Estado deve sulcar águas agitadas por tormentosas correntes, cada vez que um novo capitão empunha o timão, e é de muito séria gravidade para um barco que se acha às voltas com temporais, em alto-mar, que comecem também a se agitar seus tripulantes, seja por falta de víveres, seja por questões que nunca faltam e que eclodem, geralmente, quando as situações se tornam indefinidas.

Ceder constantemente às exigências das forças populares que prestam seu apoio não implica dirigi-las, orientá-las ou encaminhá-las para finalidades superiores de governo.

Quando a inteligência consegue dominar as forças cegas para que elas sirvam ao bem geral, como é o exemplo das que geram a energia elétrica, de imediato surge a claridade e a ordem; porém, se pelo contrário são as forças cegas as que paralisam a inteligência, convertendo-a em autômato, logo reina a obscuridade e o caos.

No desenvolvimento dos movimentos cívicos, cumprem-se etapas nas quais predomina o passionalismo partidário; são forças cegas que convergem numa só direção: chegar ao poder. Mas, uma vez nele, essas forças devem tornar-se forças inteligentes que temperem e encaminhem todas as demais para uma conciliação harmônica dos interesses gerais.

A arte de governar consiste, pois, em realizar uma obra-mestra, plasmando no grande quadro da vida nacional a perspectiva de um porvir em que apareçam projetados os esforços e afãs de todos os habitantes do país, cada um na esfera de sua capacidade, possibilidade e

atividade. Qualquer setor que faltasse nesse quadro, à semelhança de uma cor não alcançada, empobreceria sua perspectiva.

A obra de governo é extremamente árdua e difícil, tanto pela índole dos problemas a encarar e resolver como pela multiplicidade deles. O governante, premido muitas vezes pela urgência, que nem sempre dá tempo para amadurecer as reflexões, vê-se diante de dilemas cuja solução o leva até ao sacrifício de seus próprios pensamentos ou pontos de vista.

A mente do governante é como seu próprio gabinete: um entra e sai de pessoas (pensamentos) que o visitam para deixar, sobre a mesa das meditações governamentais, problemas e conflitos que ele deve estudar e resolver. Podemos compará-la a um grande aposento em que desembocam canos condutores de água distribuídos por todos os lados e em que, tão logo se consegue fechar um, outro já se abre, a ponto de brotarem às vezes jatos aqui e acolá, sem dar tempo de tapá-los em definitivo. Talvez seja para corrigir os erros cometidos pela premência de tempo, exercendo com mais sapiência as funções de seu mandato, que cada governante deseja permanecer mais um período no poder.

O certo é que a arte de governar é a mais complicada e também a única pela qual se assumem as maiores e mais graves responsabilidades. Não obstante, a tarefa poderia ser verdadeiramente aliviada se o governante buscasse a colaboração franca de seu povo, oferecendo-lhe, obviamente, as mais amplas garantias para expressar sua livre opinião. E é indubitável que, desta maneira, o cidadão que assumir o poder vai descobrir por toda parte, enquanto estiver governando, amigos sinceros, e, do mesmo modo, seus inimigos, que haverão de servir, por sua vez, para fortalecer suas convicções, se a crítica deles não conseguir demonstrar-lhe seus erros.

Esta grande vantagem têm os governos republicanos: poder sondar diariamente a opinião pública, para aperfeiçoar as ideias de governo.

E, como em todas as coisas, daqueles que conseguem superar a arte de governar ficam as obras, permanentemente expostas, para ilustração e inspiração das gerações futuras.

PARTICULARIDADES PSICOLÓGICAS

O senso crítico – Conhecimento marginal



Uma das mais acentuadas particularidades do temperamento humano é a que domina as reações do senso crítico. Com a maior frequência, é dado observar quão longe está o homem de elevar sua crítica aos altos níveis do justo, do exato e tolerável; o habitual é exercer a faculdade crítica em detrimento da dignidade alheia, e é assim que se emitem juízos apressados sobre a conduta, atividade ou ideias do semelhante.

No afã desmedido de se colocar em situação de privilégio perante os demais, o homem se crê no direito de julgar tudo de um plano mais alto, diminuindo, é claro, o tamanho moral daqueles a quem não pode suportar, por terem uma altura maior do que a sua. Assim, a crítica se torna, em geral, exagerada, e a boa dose de inveja que em muitos casos a alimenta, satisfaz plenamente sua medida.

A nosso juízo, esta particularidade psicológica é uma das causas, talvez a principal, de grande parte dos seres humanos fracassarem na vida, pois o mesmo mal que esses seres fazem se volta inevitavelmente contra eles, convertendo a intolerância que os consome em implacável verdugo de suas próprias existências. E isto ocorre, precisamente, porque ninguém busca dentro de si as causas que concorrem para submergi-lo em tão inquietantes situações.

Todo juízo adverso que o homem faz do próximo leva em si o germe de um agravo que, mais cedo ou mais tarde, lesa seu próprio conceito.

Como é natural, as pessoas cultas são sempre comedidas em seus juízos e, antes de emití-los, tratam de guardar a mais estrita imparcialidade. Os homens experientes sabem que a crítica é uma faca de dois gumes, que é necessário manejar com cautela para não se ferir. Por outro lado, as pessoas de pouca cultura, desprovidas da menor consideração e levadas pela paixão, a esgrimem com implacável assanho.

O exposto leva a refletir sobre como seria saudável instituir um ensino especial que preparasse os jovens na prática destes conhecimentos, os quais, apesar de influírem tanto na vida humana, permanecem até o presente a considerável distância das preocupações docentes e, por conseguinte, não se encontram em nenhum texto de ensino oficial. É indubitável que tal prática, que diremos ser “do conhecimento marginal” por se achar à margem dos conhecimentos comuns, exerceria uma função moral e social de grande importância, pois permitiria à juventude nutrir-se de elementos verdadeiramente constitutivos de seu caráter e cultura. Teria sido dado assim um grande passo adiante na correção das imperfeições – melhor ainda, das deficiências – que se percebem por trás de cada atitude do indivíduo.

Sempre que se faça uso do juízo com a prudência que a lei humana estabelece, será necessário fazer passar, pelo pronunciamento desse juízo, o pensamento que situa a quem o emite no alvo de sua própria crítica. Tendo isto em conta, haveremos de convir que, se o indivíduo observar que alguém comete um erro, não deverá julgar por isso quem incorreu nele, mas sim o próprio erro, a fim de não incorrer nele. É certo que falamos aqui de modo figurado, sem relacionar nosso ponto de vista com as leis da justiça humana, que não admitem senão seu próprio julgamento.

Depreende-se também de nossa exposição inicial que, se este ou aquele de nossos semelhantes conquistar uma posição destacada, este fato não deverá ser causa de inveja nem motivo para rebaixar seu mérito; pelo contrário, deve-se buscar como conseguiu chegar a ela; e, caso tenha sido acidentalmente, pensar que também nós poderíamos consegui-la de igual maneira.

Não trate o homem de diminuir a felicidade dos outros com uma mesquinhez que não condiz com a nobreza de seus sentimentos, porque com isto diminuirá a própria possibilidade de conquistá-la.

É lamentável observar como a generalidade das pessoas perde o tempo em criticar quem comete um erro ou em invejar quem não o comete e obtém sucesso em suas situações ou posições. Tal coisa ocorre aos que não sabem o que fazer nem em que ocupar o tempo, esse tempo que perdem com um procedimento tão sem transcendência, alheio a suas obrigações e aos deveres que têm perante si mesmos.

Pelo exposto, pode-se apreciar que a prática do “conhecimento marginal”, ao propiciar um conduto a sentimentos generosos, leva, implicitamente, a cultivar as belas qualidades do espírito.

É necessário ensinar a juventude, sem afastá-la dos estudos correntes, a buscar novos e fecundos estímulos para sua vida, abrindo os canais de sua mente a todo conhecimento que facilite o livre desenvolvimento de sua iniciativa.

Se pensarmos que os seres humanos não foram postos sobre a terra para crescerem como as árvores, cravados sempre no mesmo lugar, compreenderemos que uma finalidade muito superior os anima e que, ao se moverem de um ponto a outro e usarem sua inteligência, isso terá de ser para buscar a relação com seus semelhantes e a vinculação com tudo o que suas possibilidades abarquem. É lógico admitir, então, que, se os homens foram postos no mundo com uma finalidade, não seria para depois abandoná-los à sua própria sorte; alguém, acima de todas as vontades humanas, haveria de guiá-los, sustentando suas vidas. Tendo isto presente, de imediato se advertirá que a vida adquire um significado que é necessário considerar em toda a sua extensão.

O cultivo da inteligência, numa incessante superação, fará com que se abram os canais da mente até conectá-los a todas as coisas que interessem à vida humana. Não é nada estranho que, em tais condições, o ser se sinta atraído pelo afã de agigantar seus esforços, a fim de que a vida adquira cada dia maior amplitude e se prolongue até o infinito.

Não é tarefa fácil, entende-se, alcançar tão alta realização, mas nem por isso deixa de ser atraente tentá-lo, pois que, ainda que só se conseguissem escalar alturas menores, estas seriam sempre valiosas para os fins da existência.

Para abrir os canais mentais e encaminhá-los na direção dessas elevadas miras, é preciso submergir a mente, pelo menos em certos instantes, no

oceano das ideias; pensar muitas coisas e escolher uma para segui-la com o pensamento até a consumação do propósito perseguido.

Muitos exemplos já houve no mundo; muitos acontecimentos estão registrados na História. Por que, então, não ensinar a extrair deles consequências úteis e felizes para a vida? Se a juventude não for guiada pela persuasão do exemplo, seguirá às cegas, de um lado para outro, sem atinar, salvo raras exceções, como se orientar em meio à confusão reinante.

Faz-se necessário, repetimos, que a juventude caminhe na esteira dos exemplos; que se guie por eles, sobretudo por aqueles que deixaram uma pegada mais profunda nos caminhos do mundo; só assim poderá surgir nela a luz de novas inspirações.

O amor ao trabalho conduz, invariavelmente, a uma vida próspera e cheia de possibilidades. Quem nada faz não pode experimentar os momentos felizes reservados ao homem de empresa e iniciativa, mas quem está em constante atividade, quem sempre faz algo, encontra, mesmo nas pequenas coisas, as mais ternas satisfações.

O DESCONTENTAMENTO

O conhecimento logosófico dirige-se à própria vida do ser, à sua natureza e a tudo que forma o conjunto do que lhe é próprio, ou seja, de sua exclusiva posse. É a luz que ilumina o espírito, mas é necessário que essa luz penetre na mente sem a oposição dos preconceitos, que impedem toda iluminação. Quem oferecer um mesquinho lugar nela para recebê-lo não poderá pretender que sua luz o ilumine, mas quem a abra para que se encha de claridade não demorará muito a desfrutar seus benefícios.



Como se explica o fato de que, anelando o homem viver, por descuido ou por ignorância vá matando gradualmente essa vida?

Um inimigo, que costuma penetrar dentro dele sem ser visto, é quem se encarrega de amargar-lhe a vida e de fazer com que ela se debilite, perca força e até sucumba, se não ocorrer a tempo uma reação. Esse inimigo se chama descontentamento. Neste estudo, propomo-nos pô-lo a descoberto, a fim de que quem tenha interesse nisso possa ajuizá-lo, sentenciá-lo e ainda lhe ditar a pena de morte.

Convém, para compreender melhor o que iremos expondo, que cada um realize um exame de si mesmo, do que é, do que pode ser, e investigue, além disso, a quem deve sua própria razão de ser.

Vejamos: o que é que cada um quer sem tê-lo pensado? Viver. Ninguém pode negá-lo. Todos, ainda que não pensem nisso, todos querem viver. Por quê? Por que o ser gosta tanto dessa vida que quer conservar? Porque sente, no mais íntimo de si, esse algo tão terno, tão grande, quando por um instante é consciente de que vive. Nesses momentos, não sente ele uma alegria indescritível? Não experimenta tristeza quando está doente e alegria quando recupera a saúde, a saúde

que traz a vida, a vida que traz o motivo da existência neste mundo? Então, por que o descontentamento? Contra quem? Contra si mesmo? Há motivo para tê-lo em relação aos demais?

Muitas vezes afirmamos nestas páginas que o conhecimento logosófico previne contra todos os riscos, os perigos, e contra todos os inimigos. Mostra-os aos olhos de cada um e ensina a eliminá-los, sendo isto já um grande passo para a felicidade e a paz. Ele é orientação clara para a vida e representa o encontro do ser consigo mesmo. Experimentar a realidade desse encontro e a grata sensação de perceber as forças do próprio existir age como incentivo poderoso da vontade, permitindo ver até onde se é hábil no exercício da própria inteligência. Portanto, no ser que recebe a luz do conhecimento e experimenta os benefícios que essa luz lhe proporciona, o descontentamento não pode permanecer. Quando a confirmação de verdades que ele acreditou impossíveis e inexistentes faz com que viva momentos felizes e lhe permite encontrar dentro de si virtudes, condições, qualidades; quando sente em si o despertar de sentimentos novos e percebe a força de uma vida antes desconhecida, devido à falta de consciência dessa nova forma de existir que exalta seu ser em seus melhores valores e virtudes e o faz vibrar acima de tudo o que é comum, não pode haver nele descontentamento. Os dias de triunfo, de alegria, de felicidade e de paz vividos já serão mais do que suficientes para acalmar suas inquietudes e ajudá-lo a suportar qualquer contrariedade. Por isso, pode-se muito bem dizer que o conhecimento dá vida; essa vida que cada um subtrai de si pelo descontentamento, que, quando se manifesta, não faz nem deixa fazer.

Mas voltemos ao ser que, sem recurso ou defesa alguma, é dominado pelo descontentamento e mergulha em lamentável incompreensão. Em tal situação, parece que um negro fantasma o envolve, privando-o de ver, ouvir e sentir o belo, o agradável e o justo. Sofre e, ao mesmo tempo, é insofribel; e como todos os seres humanos buscam por natureza a alegria, a paz, a felicidade, o bom humor, quando o descontentamento aparece em algum deles, de imediato preferem se afastar, fugindo de sua presença. Não queremos dizer com isto que o homem tenha, necessariamente, que estar sempre contente; mas pensamos, isso sim, que a falta de disposição para o bom humor não deve dar lugar a que apareça nele

o descontentamento. Quando este chega a se apossar do ser, torna-se crônico e, chegando a tal estado, nada há que lhe permita dissimulá-lo. Poderá estar alegre por um momento, porém só em aparência, porque o descontentamento estará regendo sua conduta. Por isso, deve-se ter como verdade que ele é um grande inimigo do ânimo pessoal; é o que faz com que muitos fracassem na vida e o que desvia constantemente o homem de um caminho ou de outro.

O descontentamento não é desgosto nem mau humor; não é, tampouco, um momento de irreflexão. Não; o descontentamento é outra coisa: é algo que se vai infiltrando lentamente no ser; algo que, sem que ele o sinta, vai se apossando de sua mente e de sua vontade. Não é produto de um instante, mas acompanha o ser a todas as partes, porque fez dele sua presa e não o abandona até acabar com ele.

O descontentamento é um tóxico psíquico que age como um entorpecente; o conhecimento logosófico, ao contrário, é um desintoxicante psicológico. Quem o aplicar a si mesmo se verá livre deste incômodo inimigo; livre de suas travas; e só então poderá conservar sua liberdade interna tal como ela é e deve ser conservada.

Aquele que em algum momento se sinta descontente deverá usar sua razão e se perguntar por que seu ânimo se mostra ressentido e que benefícios esse fato lhe pode trazer. Isto o conduzirá a muitas reflexões e a se fazer sérias censuras, ao constatar em si mesmo tal anomalia psíquica.

Se analisarmos as possíveis causas do descontentamento, concluiremos que elas não existem em realidade, porquanto tal estado de ânimo provém de um acentuado debilitamento da vontade, que, por sua vez, obedece à influência predominante de pensamentos inibidores da inteligência. O fato, por exemplo, de crer que tudo é impossível de alcançar ou realizar; de julgar invariavelmente as coisas com ceticismo, ou de olhar com os olhos do preconceito cada palavra ou ato do semelhante, define esse estado anormal que caracteriza o descontentamento. Se, pelo contrário, diante de uma circunstância, um fato ou um propósito qualquer, concentra-se o ânimo na direção do propósito de evitar todo possível desvio, o peso morto, opressor e angustiante do descontentamento será eliminado, precisamente, pela

ação decidida do pensamento, estimulado e sustentado em virtude da mudança experimentada, tão reconfortante como promissora.

Diz o homem com suma frequência: “Eu poderia ter isto ou aquilo, e não tenho.” Pois que se empenhe em alcançá-lo; enquanto isso, seu pensamento estará em atividade, procurando consegui-lo e, enquanto faz isso, a posse já será dele, porque sua vontade irá até ela, e ele estará desfrutando da posse enquanto caminha em direção à sua conquista. Porém, se nada faz pelo fato de estar descontente, a posse não virá até ele, pois sem sua solicitude ele mesmo afastará toda possibilidade de alcançá-la.

De modo que não há nada que justifique o descontentamento. Quem estiver descontente se terá desconectado do Autor de sua existência, e reclamará para si algo que ele mesmo afastou de seu lado. Por acaso sabia, ao nascer, como haveria de ser e o que iria possuir? O homem deve contemplar a si mesmo e também aos demais e, ao fazê-lo, experimentar a grata sensação de que vive, pensa e é capaz de conter a vida dentro de si pela consciência, sem a qual não poderia recordar o que foi ou o que fez até ontem. Porque a verdade é, sem dúvida alguma, que todo o passado do ser humano está contido na consciência, e esse armazenamento de vida é o que aviva o fogo inextinguível da própria existência, já que é a permanência da vida na própria vida. Mas se a vida por viver – que haverá de ser igualmente contida ou, melhor ainda, conservada na consciência – é revivida, é exaltada, poderá ela manifestar-se de outra maneira; o ser experimentará outras alegrias e sentirá surgir nele o conhecimento da razão de ser de sua existência.

Trate o homem de que essa vida futura, que a consciência deverá conter, seja muito melhor do que a anterior, porque assim, ao evocá-la, experimentará em sua revivência a verdadeira felicidade, e viverá pela recordação ativa uma vida, enquanto continua vivendo a existência.

Quando o homem aprender bem estas lições que o conhecimento logosófico ministra, terá assegurado para si um futuro venturoso, já que nada pode, como o saber, favorecer o desenvolvimento feliz da vida humana.

Representantes Regionais

Belo Horizonte

Rua Piauí, 742 - Funcionários
30150-320 - Belo Horizonte - MG
Fone (31) 3218 1717

Brasília

SHCG/NORTE - Quadra 704 - Área de Escolas
70730 730 - Brasília - DF
Fone (61) 3326 4205

Chapecó

Rua Clevelândia, 1389 D - Saic
89802-411 - Chapecó - SC
Fone (49) 3322 5514

Curitiba

Rua Almirante Gonçalves, 2081 - Rebouças
80250-150 - Curitiba - PR
Fone (41) 3332 2814

Florianópolis

Rua Deputado Antonio Edu Vieira, 150 - Pantanal
88040-000 - Florianópolis - SC
Fone (48) 3333 6897

Goiânia

Av. São João, 311 - Q 13 Lote 23 E - Alto da Glória
74815-280 - Goiânia - GO
Fone (62) 3281 9413

Rio de Janeiro

Rua General Polidoro, 36 - Botafogo

22280-001 - Rio de Janeiro - RJ

Fone (21) 2543 1138

São Paulo

Rua Gal. Chagas Santos, 590 - Saúde

04146-051 - São Paulo - SP

Fone (11) 5584 6648

Uberlândia

Rua Alexandre de Oliveira Marquez, 113 - Vigilato Pereira

38400-256 - Uberlândia - MG

Fone (34) 3237 1130

Composto em Berkeley Oldstyle Medium
Impresso em Pólen Soft 80g/m² (miolo) e
Supremo alta alvura 250g (capa)

COLETÂNEA DA
REVISTA
Logosofia



*Nas entranhas
da América
gesta-se o futuro
da humanidade.*

www.editoralogosofica.com.br

